

**UEM**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**JORDANA FERREIRA DE FARIA**

**A CULTURA ESCOLAR COMO PRODUTO DE UM LUGAR: UMA  
ESCOLA PRIMÁRIA RURAL DO INTERIOR PARANAENSE  
(1950-1970)**

**JORDANA FERREIRA DE FARIA**

**MARINGÁ  
2018**

**2018**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**A CULTURA ESCOLAR COMO PRODUTO DE UM LUGAR: UMA ESCOLA  
PRIMÁRIA RURAL DO INTERIOR PARANAENSE (1950-1970)**

Dissertação apresentada por JORDANA FERREIRA DE FARIA, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: EDUCAÇÃO.

Orientador (a):

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> EDNÉIA REGINA ROSSI

MARINGÁ  
2018

## Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

F224c Faria, Jordana Ferreira de  
A cultura escolar como produto de um lugar : uma escola primária rural do interior paranaense (1950-1970) / Jordana Ferreira de Faria. - Maringá, 2018.  
220 f. : il. algumas color.

Orientadora: Prof.a Dr.a Ednéia Regina Rossi.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2018.

1. Educação - História. 2. Educação - Historiografia. 3. Educação - História - Paraná (1950-1970). 4. Escola isolada. 5. Grupo escolar. 6. Cultura escolar. I. Rossi, Ednéia Regina, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 21. ed. 379.8162

JORDANA FERREIRA DE FARIA

**A CULTURA ESCOLAR COMO PROUTO DE UM LUGAR: UMA ESCOLA  
PRIMÁRIA RURAL DO INTERIOR PARANAENSE (1950-1970)**

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr.<sup>a</sup> Ednéia Regina Rossi (Orientadora) – UEM**

**Prof. Dr.<sup>a</sup> Vera Teresa Valdemarin – UNESP**

**Prof. Dr.<sup>a</sup> Elaine Rodrigues – UEM**

Maringá, 17 de Abril de 2018.

Dedico este trabalho aos **meus pais**, Ademir e Lucia Aparecida.

Dedico, ainda, a todas as **professoras primárias**.

À **Professora Maria de Lourdes Souza Sontag** (*in memoriam*), que trabalhou para que as crianças de Nova Altamira tivessem acesso ao Ensino Primário.

À **Professora Lourdes Soares Farias** (*in memoriam*), que foi minha professora no Curso de Formação de Docentes, deixou um legado na história da educação do Município de Faxinal e as melhores lembranças na vida de uma aluna.

## AGRADECIMENTOS

**Gratidão** por ter vivido momentos que me fizeram ser quem sou. Entre dores e alegrias.

**A Deus** por ter me sustentado em todos os momentos, muitos os quais julgava minhas forças terem se esgotado. Sempre há um caminho. Sempre há um recomeço. Sempre Deus se faz presente de alguma forma.

**Aos meus pais, Ademir Moraes de Faria e Lucia Aparecida Ferreira**, meus alicerces, meus exemplos, minhas inspirações. Tudo que considero de mais valioso. Amores de muitas vidas.

**A José Maria Anacleto** (*in memoriam*), que poderia ter sido apenas o marido de minha mãe, mas escolheu ser um pai para nós. Deixou-nos ensinamentos, valores humanos e o gosto pelo conhecimento. Gratidão eterna!

**A minha orientadora, Professora Dr.<sup>a</sup> Ednéia Regina Rossi**, que desde o primeiro momento me acolheu e me mostrou que eu poderia trilhar esse caminho. Obrigada pelo incentivo, sua espiritualidade, nossas longas conversas e, principalmente, pela parceria na construção desse trabalho. Obrigada por trazer vida aos meus dias.

**A minha irmã, Giovana Ferreira de Faria**, por ser a luz da nossa família. Nossa historiadora. Por compartilhar de um mesmo amor comigo: o amor à História. Por sempre me ver mais além do que sou.

**Aos meus avôs, João Dias da Silva** (*in memoriam*) e **Alzira Moraes de Faria**, por todo amor, auxílio material e espiritual. O amor dos avôs é único.

**Ao meu melhor amigo e amor, Luiz Gustavo de Mello**, por sempre me incentivar a buscar meus sonhos, a estudar e seguir em frente. Por ser abraço que acolhe, ser meu refúgio e por sempre caminharmos juntos.

**A todos os irmãos da Casa Assistencial Bezerra de Menezes.** Gratidão, caridade e amor definem tudo. Alegria de nosso (re) encontro.

Agradeço à **Professora Dr.<sup>a</sup> Vera Teresa Valdemarin**, à **Professora Dr.<sup>a</sup> Elaine Rodrigues** e ao **Professor Dr. Célio Juvenal Costa** pelas significativas contribuições, sugestões e leitura atenciosa do meu trabalho na banca de qualificação. Grande satisfação por fazerem parte da construção dessa pesquisa.

**A todas as professoras e funcionárias da Escola Municipal do Campo Eptácio Pessoa**, pelo acolhimento e auxílio para a realização do meu trabalho. Minha gratidão à **diretora Maricelma Ruthes Egredia**, por sua humanidade e generosidade, se disponibilizando no que fosse necessário. **A Eliane Socorro Bento**, por me auxiliar nas visitas às professoras e por sempre me receber com um sorriso. **À Professora Daiane Aparecida Sontag**, que sempre me auxiliou em tudo que precisei. Em minhas dúvidas e com a disponibilidade de fotos.

**Ao Rivadal Donizete Padilha** agradeço por sua disponibilidade em fornecer algumas fotos antigas de Nova Altamira.

**A todos os funcionários da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Faxinal** que me auxiliaram na busca de fontes e na localização de tudo que fosse necessário para minha pesquisa. Agradeço, especialmente, à **Maria Vilani da Silva Oliveira** que me auxiliou a encontrar os dados referentes às escolas rurais de Faxinal.

**Agradeço à Vera Lúcia Pratezi Galvão**, Secretária Municipal de Educação e Cultura de Faxinal – Gestão 2013/2016, que autorizou minhas buscas pelo arquivo inativo da Secretaria de Educação.

**À Eliane Felício de Souza Tonin**, Secretária Municipal de Educação e Cultura da atual gestão em Faxinal, por também autorizar a realização de minha pesquisa, bem como o acesso aos documentos.

**Meu profundo agradecimento às professoras da Casa Escolar Eptácio Pessoa e Grupo Escolar Eptácio Pessoa**, que gentilmente me receberam, compartilharam

suas vivências dentro dessa instituição e suas experiências como professoras primárias. Nunca esquecerei nossos encontros.

**A todos meus familiares** que sempre me dedicaram palavras de carinho e incentivo.

**A minha amiga (e sempre professora), Simone Burioli Ivashita**, que sempre viu em mim muito mais do que eu consideraria ser capaz. Por sua amizade e por tudo que aprendi contigo.

**Aos meus colegas de turma** os quais tive o privilégio de conhecer nesse período de mestrado. Foi maravilhoso compartilhar essa trajetória com vocês. Em especial a minha querida e doce amiga, **Letícia Cristina Franco**, que sempre esteve comigo em todos os momentos, uma apoiando e torcendo pela outra, sempre. Uma amizade para o resto da vida.

**A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação**, que fizeram parte de minha trajetória acadêmica na Universidade Estadual de Maringá, seres humanos extraordinários e de uma sabedoria ímpar. Ensinarão-me sobre teorias e sobre a vida. Quando iniciei o Mestrado, ouvi em uma palestra a seguinte frase: “As pessoas mais sábias são as mais generosas”. Assim são esses professores.

**Ao Secretário do Programa de Pós-Graduação em Educação, Hugo Alex da Silva**, por ser sempre solícito e atencioso com todos os alunos.

**Gratidão!**



### *Mãos Mestras*

*Aquelas mãos  
Aquelas mãos e suas marcas no tempo  
Aquelas mãos de giz e afeto  
Aquelas mãos de luta e afago  
Aquelas mãos de sonhos e medos  
Aquelas mãos nos dizem tanto  
Aquelas mãos e suas marcas no tempo  
Na vida...  
Na memória...  
As mestras primárias e suas mãos  
Aquelas mãos que já não são como antes  
Mas o que construíram está eternizado  
Nem o tempo apaga  
Os traços que ficaram naquelas mãos.*

*Jordana F. de Faria (2017)*

FARIA, Jordana Ferreira de. **A CULTURA ESCOLAR COMO PRODUTO DE UM LUGAR: UMA ESCOLA PRIMÁRIA RURAL DO INTERIOR PARANAENSE (1950-1970)**. 219f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Ednéia Regina Rossi. Maringá, 2018.

## RESUMO

Essa pesquisa está inserida na área de História e Historiografia da Educação e vinculada ao “Grupo de Pesquisa em História da Educação Brasileira, Instituições e Cultura Escolar – HEDUCULTES”, tendo como *lócus* de investigação uma escola primária rural denominada Eptácio Pessoa, localizada em Nova Altamira, Distrito do Município de Faxinal no Paraná, nas décadas de 1950 a 1970. Tomando a cultura escolar e seus sujeitos, a pesquisa propõe identificar o que era ser uma escola isolada na década de 1950/1960 no interior paranaense e observar o que rompeu e o que permaneceu com a mudança de Casa Escolar Eptácio Pessoa, para o modelo de escola graduada, ou seja, quando ela foi transformada em Grupo Escolar Eptácio Pessoa. O recorte temporal se justifica pela data de criação da instituição na década de 1950, mais especificamente em 1955, em uma propriedade rural, e 1978 marca a mudança para Grupo Escolar Eptácio Pessoa com a construção de um novo espaço físico. Como aporte teórico, utilizei autores como: Certeau (1979; 1982; 2014); Julia (2001); Viñao Frago (2000; 2005) e Magalhães (2004). A pesquisa é de caráter bibliográfico e documental, tendo utilizado também a pesquisa oral por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com ex-professoras da instituição. As fontes utilizadas foram a Legislação Educacional, o discurso de Presidentes da República e Governadores do Estado do Paraná, dados estatísticos do IBGE, documentos da escola como: Atas de Reunião, Atas de Exame, Registro de Matrícula, Livro de Planejamento do Ensino Primário e depoimentos de professoras. A narrativa foi construída com base nessa documentação, sendo possível verificar o índice de analfabetismo que existia na época e as dificuldades enfrentadas no processo de democratização do Ensino Primário no interior paranaense, assim como identificar que na escola analisada havia um hibridismo entre o modelo de organização da escola isolada e o modelo de organização da escola graduada, sendo que, segundo a percepção das entrevistadas, a mudança de um modelo para outro não representou grandes transformações nas práticas escolares das professoras, elas continuaram a planejar suas aulas com as mesmas orientações e a ensinar os alunos da mesma maneira que antes. Contudo, sentiram mudanças em termos da melhoria no desenvolvimento das atividades com a construção de um prédio maior e em alvenaria, assim como perceberam um melhor desenvolvimento das atividades nas classes seriadas e um maior acompanhamento do trabalho realizado em sala. A instituição estudada continua em funcionamento até os dias atuais, configurada como Escola Municipal do Campo Eptácio Pessoa – Ensino Fundamental I.

**Palavras-chave:** História da Educação Primária do Paraná; Escola Isolada; Grupo Escolar; Cultura Escolar; Paraná (1950-1970).

FARIA, Jordana Ferreira de. **THE SCHOOL CULTURE AS A PRODUCT OF A PLACE: A PRIMARY SCHOOL OF THE INTERIOR PARANAENSE (1950-1970)**. 219f. Dissertation (Master in Education) – State University of Maringá. Advisor: Ednéia Regina Rossi. Maringá, 2018.

### **ABSTRACT**

This research is inserted in the area of History and History of Education and linked to the "Research Group on History of Brazilian Education, Institutions and School Culture - HEDUCULTES", having as a locus of research a primary school called rural Epitacio Pessoa, located in Nova Altamira District of the Municipality of Faxinal in Paraná, in the decades of 1950 to 1970. Taking the school culture and its subjects, the research proposes to identify what it was to be an isolated school in the decade of 1950/1960 in the interior of Paraná and observe what broke and what remained with the change of Epitácio Pessoa School House, for the model of graduate school, that is, when it was transformed into Grupo Escolar Epitácio Pessoa. The temporal cut is justified by the date of creation of the institution in the 1950s, more specifically in 1955, in a rural property, and 1978 marks the change to Grupo Escolar Epitácio Pessoa with the construction of a new physical space. As a theoretical contribution, authors such as: Certeau (1979, 1982, 2014); Julia (2001); Viñao Frago (2000; 2005) and Magalhães (2004) were used. The research is of bibliographic and documentary nature, having also used the oral research through semi-structured interviews with former teachers of the institution. The sources used were the Educational Legislation, the speeches of Presidents of the Republic and Governors of the State of Paraná, IBGE statistical data, school documents such as: Minutes of Meeting, Examination Records, Registration of Registration, Primary Education Planning Book and testimonies of teachers. The narrative was constructed based on this documentation, and it was possible to verify the illiteracy index that existed at the time and the difficulties faced in the process of democratization of primary education in the interior of Paraná, as well as to identify that in the analyzed school there was a hybridism between the model of organization of the isolated school and the model of organization of the graduate school, and according to the interviewees perception, the change from one model to another did not represent major changes in the teachers' school practices, they continued to plan their classes with the same orientations and teach students the same way as before. However, changes were felt in terms of improvement in the development of activities with the construction of a larger building and masonry, as well as perceived a better development of the activities in the series classes and a greater monitoring of the work done in the room. The studied institution continues in operation until the present day, configured as Municipal School of the Field Epitacio Pessoa - Elementary School I.

**Key Words:** History of Primary Education in Paraná; Isolated School; School Group; School Culture; Paraná (1950-1970).

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b>	Primeiros desbravadores de Faxinal - Década de 1930.....	101
<b>Figura 2:</b>	Mapa de Divisão Política dos Municípios do Paraná com a localização das cidades de Maringá; Apucarana; Londrina; Faxinal e Curitiba.....	102
<b>Figura 3:</b>	Localização do Município de Faxinal e Distrito de Nova Altamira.....	103
<b>Figura 4:</b>	(1) Diaconia São João Batista (2) Escola Municipal do Campo Epitácio Pessoa.....	107
<b>Figura 5:</b>	Professoras da Casa Escolar Epitácio Pessoa (1960/1970).....	129
<b>Figura 6:</b>	Alunos da Casa Escolar Epitácio Pessoa (Década de 1960).....	132
<b>Figura 7:</b>	Livro de Planejamento do Ensino Primário – 1967.....	138
<b>Figura 8:</b>	Índice do Livro de Planejamento do Ensino Primário – 1967.....	139
<b>Figura 9:</b>	Resumo Final da turma de 4ª série - Casa Escolar Epitácio Pessoa 1977.....	147
<b>Figura 10:</b>	Registro de alunos da Casa Escolar Epitácio Pessoa em Festa Junina (Década de 1960).....	150

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b>	Número de pessoas residentes no Brasil no ano de 1950, 1960 e 1970 – área urbana e rural.....	49
<b>Gráfico 2:</b>	Pessoas presentes de 10 anos e mais no Brasil quanto ao nível de instrução em 1950; 1960; 1970: quadro geral.....	50
<b>Gráfico 3:</b>	Pessoas presentes com 10 anos e mais no Brasil que não sabiam ler nem escrever no ano de 1950 – quadro geral, urbano, suburbano e rural.....	53
<b>Gráfico 4:</b>	Número de pessoas residentes no Paraná no ano de 1950, 1960 e 1970 – área urbana e rural.....	72
<b>Gráfico 5:</b>	Percentual de pessoas presentes com 10 anos e mais no Paraná quanto o nível de instrução em 1950.....	77
<b>Gráfico 6:</b>	Pessoas presentes com 10 anos e mais no Paraná que não sabem ler e nem escrever no ano de 1950 – quadro geral, quadro rural, quadro urbano e quadro suburbano.....	77

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b>	Relação dos documentos encontrados sobre à Casa Escolar Epitácio Pessoa e Grupo Escolar Epitácio Pessoa.....	31
<b>Quadro 2:</b>	Pesquisas sobre as produções em torno da escola pública primária no Paraná (1950 - 1970).....	35
<b>Quadro 3:</b>	Número de unidades escolares de ensino primário comum e número de alunos matriculados – Brasil (1950-1970).....	51
<b>Quadro 4:</b>	Percentual de pessoas presentes de 10 anos e mais que sabem ler e escrever no Brasil em 1950 – por sexo/quadro geral, urbano, quadro suburbano e quadro rural.....	52
<b>Quadro 5:</b>	Mensagens Presidenciais (1950-1970).....	55
<b>Quadro 6:</b>	Número de unidades escolares primárias e de alunos matriculados no Paraná (1949 - 1970).....	79
<b>Quadro 7:</b>	Mensagens dos Governadores do Estado do Paraná (1950-1970).....	80
<b>Quadro 8:</b>	Distribuição de professores no Estado do Paraná – 1967.....	93
<b>Quadro 9:</b>	Relação de turmas por ano da Casa Escolar Epitácio Pessoa e Grupo Escolar Epitácio Pessoa.....	115
<b>Quadro 10:</b>	Orientações e comportamentos recomendados aos professores pela Inspetoria Auxiliar de Ensino de Faxinal nas Reuniões Pedagógicas (1971 - 1977).....	121
<b>Quadro 11:</b>	Matrícula dos alunos do Grupo Escolar Epitácio Pessoa no ano de 1978 – 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série – quantidade de alunos por idade.....	133

<b>Quadro 12:</b> Assuntos abordados nas Reuniões Pedagógicas coordenadas pela Inspeção Auxiliar de Ensino de Faxinal (1970 – 1978).....	146
--	-----

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b>	Matrículas de alunos em 1967 (Estadual, Municipal, Particular).....	91
<b>Tabela 2:</b>	Matrícula geral do ano de 1967, de acordo com as séries.....	92



## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACARPA	–	Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná
AEB	–	Anuário Estatístico do Brasil
ANPED	–	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
CANGO	–	Colônia Agrícola Nacional General Osório
CAPES	–	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBHE	–	Congresso Brasileiro de História da Educação
COPEP	–	Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CTNP	–	Companhia de Terras Norte do Paraná
EJA	–	Educação de Jovens e Adultos
EMCEP	–	Escola Municipal do Campo Eptácio Pessoa
FUNDEPAR	–	Fundação de Desenvolvimento Educacional do Paraná
GT	–	Grupo de Trabalho
HEDUCULTES	–	Grupo de Pesquisa “História da Educação Brasileira, Instituições e Cultura Escolar”
HISTEDBR	–	Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”
IAE	–	Inspetoria Auxiliar de Ensino
IBGE	–	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	–	Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
LDB	–	Lei de Diretrizes de Bases
LEPHE	–	Laboratório de Ensino e Pesquisa em História da Educação
MEC	–	Ministério da Educação e Cultura
PPE	–	Programa de Pós-Graduação em Educação

PR	_	Paraná
SMECF	_	Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Faxinal
UEL	_	Universidade Estadual de Londrina
UEM	_	Universidade Estadual de Maringá
UNIOESTE	_	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
USAID	_	United States Agency for International Development
UTP	_	Universidade Tuiuti do Paraná

## SUMÁRIO

1	<b>RELICÁRIO: QUESTÕES SOBRE TEMPO E MEMÓRIA.....</b>	20
1.1	TRAJETÓRIA DE PESQUISA EM DIREÇÃO À ESCOLA PRIMÁRIA.....	24
1.2	A ESCOLA PRIMÁRIA DO INTERIOR PARANAENSE COMO TERRENO FÉRTIL DE PESQUISA: RECONHECIMENTO E BUSCA DE FONTES.....	29
1.3	REVISÃO DE LITERATURA.....	34
1.4	ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO TRABALHO.....	46
2	<b>METADE DA POPULAÇÃO NÃO SABE LER NEM ESCREVER: O CONTEXTO SOCIAL E A ESCOLARIZAÇÃO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA.....</b>	48
2.1	O ENSINO PRIMÁRIO NO BRASIL (1950 - 1970).....	48
2.1.1	<b>Discursos nas Mensagens Anuais dos Presidentes da República (1950-1970): o Ensino Primário em Pauta.....</b>	54
2.2	O ESTADO DO PARANÁ E A ESCOLARIZAÇÃO DA POPULAÇÃO: CONTEXTO POPULACIONAL E CONDIÇÕES DE ACESSO AO ENSINO PRIMÁRIO.....	72
2.2.1	<b>Discursos nas Mensagens Anuais dos Governadores do Estado do Paraná (1950-1970): o Ensino Primário.....</b>	80
3	<b>UMA ESCOLA... SEUS MODELOS... UM RETRATO DA EDUCAÇÃO PRIMÁRIA DO INTERIOR PARANAENSE.....</b>	98
3.1	UM LUGAR E UM TEMPO: O MUNICÍPIO DE FAXINAL E O DISTRITO DE NOVA ALTAMIRA.....	100
3.2	CASA ESCOLAR E GRUPO ESCOLAR: RETRATOS DA ESCOLA PRIMÁRIA RURAL.....	106
4	<b>OS SUJEITOS E AS PRÁTICAS DA ESCOLA.....</b>	117
4.1	O CORPO DOCENTE.....	119

4.2	OS ALUNOS.....	129
4.3	ORGANIZAÇÃO E PLANEJAMENTO.....	134
4.4	ORIENTAÇÕES... FISCALIZAÇÕES... FESTEJOS.....	145
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>152</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>156</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>172</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>219</b>

## 1 RELICÁRIO: QUESTÕES SOBRE TEMPO E MEMÓRIA<sup>1</sup>

Há uma frase que sempre está presente no dia a dia de muitas pessoas: *O tempo passa rápido!* No mestrado o tempo não passa, voa. São dois anos que passam num piscar de olhos e chega a dar a impressão de que o tempo é seu inimigo, pois junto com ele vêm os prazos e as obrigações acadêmicas. O tempo vai se estreitando cada dia mais e você precisa *dar um corpo* para tudo que reuniu durante o processo.

Quando você começa, sabe que não será uma tarefa simples e que exigirá muito de você. E, realmente, chega a doer às vezes, porque escrever dói. É uma dor de cansaço e rompimento. Cansaço mental e físico. Rompimento com o que você era antes de iniciar esse ciclo. Por mais que você tenha lido todo o referencial teórico, quando você se senta para escrever o que acontece: nada. E a apreensão não está em apenas ver páginas em branco, mas no conteúdo do seu trabalho. Você toma um café, uma água, respira fundo. As ideias estão ali, mas o número de páginas continua o mesmo. Lembrei-me de um texto de Machado (2008) *Pânico da folha em branco? Para entender e superar o medo de escrever*, esse foi o primeiro texto que li no mestrado na Disciplina *Escola Pública e Pensamento Educacional na Contemporaneidade*, ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Analete Regina Schelbauer. Foi um alívio saber que o medo de se expor por meio da escrita, mesmo sendo inevitável, faz parte do processo, faz com que você aprenda, enxergue as coisas de outra forma e saia da sua zona de conforto. É uma questão de organização e persistência. Creio que essas são as palavras-chave quando se propõe a fazer qualquer coisa.

A ideia de resgatar as memórias para compor e, de certa forma, dar abertura ao trabalho de dissertação, além dos aspectos introdutórios, possibilitaram-me responder algumas questões interiores que, até então, estavam aguardando uma resposta.

Além da trajetória de pesquisa em si, lembrar o que me trouxe até aqui só me fez ser mais uma vez grata ao ressignificar minhas concepções, bem como, ser uma forma de me aproximar do leitor, por meio de minhas memórias.

---

<sup>1</sup> O trabalho está apresentado na primeira pessoa do singular.

Fui uma criança que cresceu em meio aos livros de minha mãe, Lucia, professora de Língua Portuguesa da rede estadual de ensino e que atuou como professora primária por dez (10) anos. Entre muitas histórias, muitos livros, meus olhos se encantavam com as poesias. Sempre fui apaixonada pela palavra escrita, pelas letras no papel, pelas rimas e seus sentidos, admirando os poetas de várias escolas literárias: Casimiro de Abreu, Cecília Meireles, Fernando Pessoa, Adélia Prado, Lygia Fagundes Telles.... Recordo que uns dos primeiros sonetos que li quando pequena, vasculhando os livros de Literatura de minha mãe, foi do poeta barroco Gregório de Matos Guerra (1636-1696):

### **AMOR FIEL**

Ó tu do meu amor fiel traslado  
 Mariposa entre as chamas consumida,  
 Pois se à força do ardor perdes a vida,  
 A violência do fogo me há prostrado.

Tu de amante o teu fim hás encontrado,  
 Essa flama girando apeteçada;  
 Eu girando uma penha endurecida,  
 No fogo que exalou, morro abrasado.

Ambos de firmes anelando chamas,  
 Tu a vida deixas, eu a morte imploro  
 Nas constâncias iguais, iguais nas chamas.

Mas ai! Que a diferença entre nós choro,  
 Pois acabando tu ao fogo, que amas,  
 Eu morro, sem chegar à luz, que adoro.

Sem muito entender as palavras que compõem o soneto, decorei essa poesia e me encantei pela escrita, suas expressões de tanto sentimento, imaginando um dia escrever algo tão expressivo assim. Jamais a esqueci com o passar dos anos. A escrita desse trabalho traduz esses sentimentos que foram despertados em mim há muito tempo atrás.

Minha brincadeira preferida: ensinar meus alunos imaginários. Meu quadro de giz: companheiro inseparável. O meu “faz de conta”: ser professora. Mesmo quando não sabia nem ler e escrever. E fui sendo criança assim, entre brincadeiras, papéis, canetinhas, cadernos, livros e histórias.

No ano de 2005, depois de muitos anos sem a oferta do curso, o Governo do Estado do Paraná organizou uma nova proposta curricular para o Magistério, sendo denominado de Curso de Formação de Docentes da Educação Infantil e das Séries Iniciais do Ensino Fundamental. O Curso começou a ser implantado em vários colégios estaduais do Paraná, dentre eles o Colégio Estadual Érico Veríssimo na cidade de Faxinal/PR. Fiz parte da segunda turma, ingressando no ano de 2006.

Foram quatro anos de curso. Em minha pouca experiência de vida pude aprender muitas coisas e ter meu primeiro contato com a sala de aula e com os alunos, sentindo a dinâmica do espaço escolar (dessa vez os alunos eram reais). Confesso que minha primeira experiência em sala de aula foi trágica. Era uma turma de 1ª série (na época). Recordo-me que cheguei em casa chorando e arrependida de ter iniciado o curso. Até desabafei com minha mãe, dizendo que não seria mais professora. Ali foi minha primeira desconstrução histórica e de vida. Pude ver o que é lidar com seres humanos que trazem consigo, muitas vezes, uma bagagem pesada demais e que talvez você seja o seu único momento de alento. Lidar com alunos imaginários era a minha diversão e, estando ali, dentro daquele lugar da sala de aula, percebi o quanto precisava estudar e compreender mais o que era ser professora.

O Curso de Formação de Docentes foi uma época muito importante. Cheguei praticamente uma criança, com quatorze (14) anos e saí com muitos projetos e muitos sonhos. Um discurso que muito ouvíamos na época era: “O Magistério não prepara apenas para ser professora, ele prepara para a vida”.

Hoje eu entendo (um pouco) a cultura escolar que era produzida ali naquele lugar, naquele momento e que transpassa o tempo e as atividades que realizávamos (Momento Poético, Chá das Mães, Jantar dos Pais, Semana da Criança, Semana da Mulher, Seminários, Teatro Infantil das Histórias Clássicas, Rua de Recreio, as reuniões com as professoras, a postura que deveríamos ter por fazer parte do curso, o uniforme escolar diferenciado dos alunos do Ensino Médio, o Manual de Estágio Supervisionado, entre outras coisas).

Logo chegou a época de vestibular e um turbilhão de interrogações começaram a surgir: *Em qual curso prestar? Em qual universidade? Como será o ano que vem? O que fazer?*

Sempre ligada à área acadêmica, de uma coisa eu sabia: seria professora, apesar de tantos desafios. E entre dúvidas em cursar Biologia ou Pedagogia, escolhi

a Pedagogia. Fiz o vestibular em três faculdades diferentes para o curso de Pedagogia e fui aprovada. O sonho de ingressar na universidade pública estava próximo. No 3º ano do Curso de Formação de Docentes, fizemos uma carta para uma espécie de “caixa do tempo”. Deveríamos escrever ali os nossos sonhos para o futuro e eu escrevi: passar no vestibular de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina/UEL.

O ano de 2010 marca minha primeira experiência como professora do Ensino Fundamental I e no ambiente universitário. Iniciei o curso de Pedagogia na UEL e comecei a trabalhar como professora em um município próximo à Faxinal, em Mauá da Serra. A escola recebia alunos que moravam na zona rural, em assentamentos e nas proximidades. As marcas desse encontro jamais serão esquecidas. Em poucos meses tive uma aula de vida, de coragem e esperança (espero ter contribuído positivamente na vida daquelas crianças).

Por motivos familiares, optei por trabalhar em Faxinal, em um colégio particular confessional católico, Colégio São Domingos, ainda no Ensino Fundamental I. Fui conciliando trabalho e estudo, meu curso era noturno e precisava pegar o ônibus todos os dias (quatro (4) horas de viagem, entre ida e volta).

Na universidade descobri as inúmeras lentes que podemos utilizar para ver o mundo. História sempre foi uma das disciplinas que eu mais gostava de estudar quando criança e tornou-se também a minha preferida nas aulas da graduação. Assistindo às aulas da Professora Dr.<sup>a</sup> Marta Regina Gimenez Fávaro que me encantei ainda mais com o universo da sala de aula e com o que ela ensinava.

Para aprender sobre esse universo, de uma forma específica, em 2012 iniciei como colaboradora do LEPHE – Laboratório de Ensino e Pesquisa em História da Educação da UEL. Os professores da área de História da Educação do curso de Pedagogia eram responsáveis pelas atividades do grupo (Professora Dr.<sup>a</sup> Simone Burioli Ivashita, Professor Dr. Celso Luiz Jr., Professora Dr.<sup>a</sup> Maria Luiza Macedo Abbud, Professora Dr.<sup>a</sup> Marta Regina Gimenez Fávaro, Professora Dr.<sup>a</sup> Thais Bento Faria, Professora Dr.<sup>a</sup> Vanessa Campos Mariano Ruckstadter). Fizemos um trabalho muito bacana de organização e catalogação do acervo do laboratório, além das reuniões, leituras de textos, discussões, confraternizações. Foi uma ótima experiência dentro da universidade. Estar com esses professores e colegas de projeto foi essencial para o meu percurso.



Já formada em Pedagogia, no ano de 2015, retornei a lecionar para o Ensino Fundamental I em uma turma de 3º ano do Colégio São Domingos. Só tenho lembranças maravilhosas desse período, estar com as crianças diariamente me ensinou muito. Nesse mesmo ano, busquei realizar um desejo antigo, cercado por uma grande oportunidade: fazer Mestrado em Educação na Universidade Estadual de Maringá-UEM.

Muita coisa que parece estar longe de nosso alcance aproxima-se de nós, em algum momento, de alguma forma. Desde a época da graduação em Pedagogia sempre entrava no site do Programa de Pós-Graduação da UEM para ler o nome dos professores, as disciplinas e ficava imaginando como seria incrível fazer o mestrado na UEM. Decidi fazer o processo de seleção para a turma de 2016 e fui aprovada. Foi um dos dias mais importantes da minha vida.

Maringá, cidade maravilhosa, que me acolheu, trouxe-me outros significados e novos sonhos.

Nesse trabalho, apresento o resultado de todo o meu percurso, das minhas inquietações, minhas concepções históricas e do que a escola primária e do que ser professora significa em minha vida.

As páginas dessa dissertação exalam minhas alegrias, minhas lágrimas e o que sou: a mesma menina que ensinava alunos imaginários, agora apresenta o real e concreto resultado de pesquisa, estudo e sensibilidade.

## 1.1 TRAJETÓRIA DE PESQUISA EM DIREÇÃO À ESCOLA PRIMÁRIA

O presente estudo é resultado de uma trajetória de descobertas e conhecimentos que só foram possíveis com o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (PPE-UEM). Percebo, também, que todo esse caminho me direcionou de uma forma positiva, pois realmente pude questionar-me sobre o que gostaria de pesquisar e sobre as contribuições significativas que traria para o campo e para a educação.

A primeira tarefa complexa: definição do tema de pesquisa. Nesse sentido, me recordo de Julia (2001, p. 17) quando considera que “o historiador sabe fazer flechas com qualquer madeira [...]”, e assumindo o papel de historiadora da educação, na linha de pesquisa de História e Historiografia da Educação, busquei

fazer minhas flechas e direcioná-las ao estudo da organização da escola primária no interior paranaense.

Ao olhar o caderno contendo o diário de anotações das orientações e das pesquisas, pude ver detalhadamente meus pensamentos, minhas indagações, as instruções recebidas e o que foi construído e desconstruído nesse percurso. Realmente muita coisa foi sendo desconstruída, dando lugar a novos conhecimentos e novas perspectivas teóricas. Descobri na Nova História Cultural o aporte teórico que poderia direcionar e dar condições para a análise do objeto e de futuras pesquisas.

Esse processo de construção e as aulas para o cumprimento dos créditos direcionaram-me a pesquisar a escola primária no interior do Paraná, mais especificamente, para as mudanças estruturais na perspectiva de professores e o reflexo dessas mudanças em seus fazeres cotidianos. Com a leitura de várias produções que discutem o processo de escolarização primária, alguns questionamentos tornaram-se constantes:

- Como se organizava a escolarização primária na cidade de Faxinal nos primeiros anos de sua fundação?
- Que tipos de escolas eram predominantes nessa época?
- Quem eram esses professores e quais eram suas formações?
- Qual o perfil dos alunos do interior paranaense?
- Como eram as práticas escolares?

Certeau (1982, p. 21) afirma que, como “já o dizia Lucien Febvre no seu estilo muito próprio: ‘o Passado’, escrevia ele, é uma reconstituição das sociedades e dos seres humanos de outrora por homens e para homens engajados na trama das sociedades humanas de hoje”. Assim, as questões que direcionam uma pesquisa não são as questões do passado, mas as interrogações de nosso tempo presente. A profissão de professor/a foi sendo desvalorizada com o tempo, mesmo com a mudança estrutural e de organização educacional. Pensando no que é ser uma professora do Ensino Fundamental I, hoje, busquei ouvir de professoras de outrora como elas se organizavam naqueles modelos escolares e de que forma concebiam

as transformações que aconteciam dentro da escola, suas vivências e suas memórias.

Havia traçado um objetivo: ouvir pessoas, ouvir os protagonistas dessas inúmeras histórias, acolher e registrar a contribuição desses profissionais para com a educação do Paraná. Retirar do esquecimento professoras e sua vivência no espaço escolar e ver além do que está escrito e formalizado em documentos oficiais, podendo construir um retrato da escola do interior paranaense entre as décadas de 1950 a 1970. Concordo com Werle (2004) quando expõe que:

[...] aqueles que viveram e trabalharam naquela instituição têm contribuições a dar para a história da instituição; formas diferenciadas de apropriação indicam o quanto a história das instituições escolares pode beneficiar-se da consideração dessas visões em seu processo narrativo (WERLE, 2004, p. 26).

Ouvir essas profissionais trouxe outro significado para a pesquisa, ao ver a fonte oral não como um complemento da fonte escrita, mas como um elemento revelador de uma realidade que não está registrada no papel, mas registrada na memória dessas professoras. Na construção de uma narrativa histórica, essas personagens tomam um papel importante, trazendo considerações sobre aquele lugar, aquele tempo e aquela vivência, sobre as condições de seus fazeres cotidianos e das práticas escolares que auxiliam a compreender como se estruturava o Ensino Primário em pequenos povoados.

No Brasil, muitos foram os desdobramentos no final do século XIX e início do século XX para a sistematização de uma modelo escolar que pudesse educar a população brasileira predominantemente rural e dispersa em seu território. Escolas isoladas, escolas reunidas, grupos escolares, escolas rudimentares, escolas noturnas, escolas ambulantes, escolas promíscuas<sup>2</sup>, casas escolares, escolas rurais<sup>3</sup>... Muitas são as denominações que podem ser encontradas nos documentos<sup>4</sup> relacionadas aos modelos de escolas públicas primárias no período estudado.

---

<sup>2</sup> Misturadas com meninos e meninas.

<sup>3</sup> Ver mais sobre em: SOUZA, Rosa Fátima; PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira; LOPES, Antônio de Pádua Carvalho (Org.). **História da Escola Primária no Brasil**: investigações em perspectiva comparada em âmbito nacional. Aracaju: Edise, 2015.

<sup>4</sup> Documentos, na colocação desta frase, referem-se tanto aos documentos oficiais, como aos arquivos encontrados nas instituições escolares.

Ao buscar mais elementos que possibilitem discutir a constituição histórica da escola primária e procurar responder como era organizada a escolarização primária da minha região, essa pesquisa coloca luz no interior do Estado do Paraná e para dois modelos de escola: as casas escolares, como modelo de escola isolada, e os grupos escolares, como modelo de escola graduada.

A estrutura graduada de ensino teve início ainda nas décadas finais do século XIX, com as chamadas escolas modelos e foi se consolidando ao longo do século XX, sendo nos dias atuais o modelo hegemônico de organização escolar. Segundo Souza (2014a, p. 57) “a forma escolar destinada à grande obra de difusão da escolarização em massa consolidou a estrutura da escola graduada na educação brasileira cujos vestígios permanecem até o presente”.

Na historiografia da educação brasileira existe uma produção significativa de estudos relacionados com a constituição da escola pública primária em nível nacional, regional e local. Muitos trabalhos sobre a constituição da escola graduada já foram desenvolvidos com foco em outras localidades<sup>5</sup>. Essa pesquisa se volta para o interior paranaense.

A problemática de investigação se inscreve em torno de três questões principais: nas décadas de 1950 e 1960 é possível identificar, ainda, no interior paranaense, o modelo de escola isolada, bem como a sua transformação num grupo escolar, na década de 1970, o que corresponderia ao modelo graduado. Como eram esses dois modelos no interior paranaense nas décadas de 1950, 1960 e 1970? Qual a percepção dos sujeitos escolares, mais especificamente, das professoras que atuaram na escola em relação a essa mudança de modelo? O que se altera ou não no fazer cotidiano da escola com a mudança de Casa Escolar para Grupo Escolar?

Assim, essa pesquisa, partindo da cultura escolar e de seus sujeitos, propõe identificar o que era ser uma escola isolada nas décadas de 1950 e 1960 no interior paranaense e observar o que rompeu e o que permaneceu com a transição do modelo isolado, a Casa Escolar, para o modelo de escola graduada, o Grupo Escolar.

Para tanto, o *lócus* de pesquisa é a Escola Municipal do Campo Epitácio Pessoa (EMCEP), instituição fundada em 1955 dentro de uma propriedade rural pertencente ao Senhor Fernando Sontag que, por iniciativa de sua esposa; Dona

---

<sup>5</sup> Souza (1998); Faria Filho (2000); Bencostta (2001); Schueler, Sá e Ferro (2011); Pinheiro (2002); Vidal (2006); Castro (2008); entre outros.

Maria de Lourdes Souza Sontag, construiu o primeiro espaço físico em que funcionou a escola: uma casa de madeira com um cômodo. Essa instituição está localizada em Nova Altamira, Distrito do Município de Faxinal, no Estado do Paraná.

O recorte temporal compreende as décadas de 1950 a 1970. A década de 1950 pelo fato da instituição ter sido fundada como em 1955. Em 1962, a escola é transferida do sítio da família Sontag para o Patrimônio de Faxinalzinho (antigo nome do Distrito de Nova Altamira), funcionando em uma casa improvisada. Logo após, em 1964, há a inauguração de outro espaço, uma casa de madeira com duas salas de aula. Já a década de 1970 é reconhecida por marcar a mudança para Grupo Escolar e o ano de 1978 pela construção de um novo espaço físico para a inserção do Ensino de 1º grau de 5ª à 8ª série de acordo com as delimitações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5.692/1971.

Busca, também, contribuir para a área de História da Educação ao trazer elementos que possibilitarão a continuidade de pesquisas com essa temática, que se interesse por fazer uma relação do espaço micro (espaço regional) com o macro (espaço nacional), percebendo o contexto histórico de escolarização da época e de que forma esses elementos do âmbito macro influenciaram a educação dessa região do norte do Paraná.

A definição do *lócus* de pesquisa foi ao encontro de um desejo pessoal em contribuir para o registro histórico da educação da região de Faxinal, cidade em que nasci, estudei e passei a maior parte de minha trajetória de vida, demonstrando, assim, o meu orgulho em ser faxinalense. Trata-se, ainda; de uma forma de reconhecimento do trabalho desses profissionais da educação que contribuíram e buscaram condições de acesso à escolarização a sua comunidade, mesmo com todas as dificuldades de infraestrutura da época.

Essa pesquisa intenciona somar esforços junto aqueles que se preocupam com o incentivo, cuidado com a guarda e a preservação dos documentos e materiais escolares. Eles são os vestígios a partir dos quais os historiadores da educação realizarão suas investigações e produzirão diferentes narrativas históricas. Além disso, visa contribuir para a construção de uma história do ensino primário rural no Paraná.

## 1.2 A ESCOLA PRIMÁRIA NO INTERIOR PARANAENSE COMO TERRENO FÉRTIL DE PESQUISA: RECONHECIMENTO E BUSCA DE FONTES

A partir da definição do objeto de pesquisa, a escola primária, mais especificamente; a escola primária rural, e do lugar em questão, o Município de Faxinal e o Distrito de Nova Altamira, iniciei a busca dos registros referentes à estrutura e ao funcionamento das escolas primárias. Essa investigação ocorreu nos registros da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Faxinal (SMECF) e auxiliou na construção da pesquisa.

Em 2016 ocorreram os primeiros contatos com os documentos. Com a autorização da então Secretária da Educação do Município, Professora Vera Lúcia Pratezi Galvão, pude vasculhar o que havia de material e no que eles poderiam ajudar, pois compreendo que os documentos “só falam quando sabemos interrogá-los, logo toda investigação histórica supõe, desde seus primeiros passos, que a investigação já tenha uma direção” (LE GOFF, 2001, apud BLOCH, 2001, p. 27). A principal questão era encontrar uma instituição que teria transitado de um modelo escolar isolado para um modelo de escola graduada, os grupos escolares.

Na pesquisa científica o reconhecimento e organização das fontes são partes estruturais e fundamentais na construção do trabalho. Dessa forma, contei com três bases de dados: os documentos da SMECF, os depoimentos das professoras que atuaram na instituição entre a década de 1960 e 1970 e documentos da EMCEP. Como essa pesquisa tem como *lócus* de observação uma instituição educativa, focalizei na busca de fontes próprias da escola que pudessem fornecer elementos para a problematização do tema e, também, sobre a estrutura educacional do Município de Faxinal.

A SMECF tem uma boa organização interna, os documentos são armazenados em armários de arquivo devidamente nominados com as respectivas escolas, contendo os registros dos alunos e o que fosse referente a cada instituição. Remeto-me ao historiador francês Certeau (1979, p. 30) quando alerta que “em história, tudo começa com o gesto de selecionar, de reunir, de, dessa forma, transformar em ‘documentos’ determinados objetos distribuídos de outra forma”, esta seria a direção, todas essas ações sendo trabalhadas em conjunto, transformando em fontes necessárias para a construção dessa narrativa. Sobre a questão das fontes, compreendo que

[...] é uma construção do pesquisador, isto é, um reconhecimento que se constitui em uma denominação e uma atribuição de sentido; é uma parte da operação historiográfica. Por outro lado, a fonte é o único contato possível com o passado que permite formas de verificação. Está inscrita em uma operação teórica produzida no presente, relacionada a projetos interpretativos que visam confirmar, contestar ou de aprofundar o conhecimento histórico acumulado. A fonte provém do passado, é o passado, mas não está mais no passado quando é interrogada. A fonte é uma ponte, um veículo, uma testemunha, um lugar de verificação, um elemento capaz de propiciar *conhecimentos acertados* sobre o passado (RAGAZZINI, 2001, p. 14).

O meu trabalho seria buscar essa ponte, esse veículo que trouxesse condições de responder aos objetivos de pesquisa e trazer novos elementos sobre a história do ensino primário rural paranaense.

Além desses arquivos que ficam dentro da SMECF, há uma sala de arquivo inativo, em que os documentos são guardados em caixas de papelão e em estantes de madeira. Nesse local são armazenados documentos antigos das escolas do Município, além de funcionar como um “depósito” de materiais de outras finalidades. Para fazer a busca de fontes, tive, juntamente com os funcionários da SMECF, que retirar todos esses materiais que estavam empilhados e dificultando a entrada no espaço; e após limpeza do local, pude iniciar a busca de documentos. As caixas, em sua maioria, encontram-se desgastadas pelo tempo e necessitam de troca e outra identificação. Quando iniciei o trabalho, começamos a troca das caixas de papelão e das etiquetas por caixas de arquivo novas. Foram trocadas 17 caixas, mas ainda há trabalho a ser feito.

Com relação à eleição das fontes, Certeau (1979, p. 32) ensina que essa ação:

[...] requer igualmente um gesto fundador, significado, como no passado, pela combinação de um lugar, um “aparelho” e técnicas [...] Não é somente fazer falar esses “imensos setores adormecidos da documentação”, e dar a voz a um silêncio, ou sua efetividade a um possível. É transformar alguma coisa, que possuía seu estatuto e seu papel, numa *outra coisa* que funciona de forma diferente.

Buscando essa significação, lancei-me nesse terreno fértil e que ainda tem muito a dizer, considerando que muitas histórias de instituições escolares acabam ficando como incógnitas ou até mesmo sendo esquecidas e perdidas no tempo.

Após essa primeira parte da investigação, já sabendo como os arquivos da Secretaria Municipal da Educação e Cultura de Faxinal estavam sistematizados, direcionei minha busca à Escola Municipal do Campo Epitácio Pessoa. Na escola ficam guardados os documentos e materiais mais recentes da instituição, o material mais antigo fica nos arquivos da SMECF. Miguel (2012, p. 244) apresenta que:

As informações contidas nas fontes servem enquanto contributos para se conhecer o que foi privilegiado em determinado momento histórico, como e por que tais conhecimentos foram considerados relevantes, quais métodos e práticas fizeram parte do ideário pedagógico do período em questão, e como foram justificadas suas permanências ou ausências do conjunto de conhecimentos trabalhados. Mas, servem principalmente, para propiciar maior e melhor entendimento das questões e problemas da educação hoje.

A autora mostra a importância de olhar as fontes por meio das indagações do presente, podendo verificar o que permanece e o que foi modificado no decorrer do tempo.

No quadro abaixo, apresento o mapeamento dos documentos encontrados sobre a Casa Escolar Epitácio Pessoa e Grupo Escolar Epitácio Pessoa, conforme recorte temporal da pesquisa:

**Quadro 1:** Relação dos documentos encontrados sobre a Casa Escolar Epitácio Pessoa e Grupo Escolar Epitácio Pessoa

LOCAL	TIPO DE DOCUMENTO	ANO	QUANTIDADE
Livro Ata	Ata de Reunião Pedagógica	1970 – 1978	56 atas
Livro Ata	Registro de Matrícula	1968 – 1978	32 atas
Livro Ata	Ata de Exame – Descrição	1960 – 1974	25 atas
Livro Ata	Ata de Exame – Médias finais	1962 – 1976	49 atas
Livro Ata	Resumo Final	1968 – 1977	20 resumos
Livro Ata	Certificado de Conclusão de Curso	1972 – 1977	37 certificados
Livro (EMCEP)	Livro de Planejamento do Ensino Primário	1967	1 exemplar

**Fonte:** elaborado pela autora (2017) de acordo com as fontes encontradas na SMEC (1970-1978) e na EMCEP (1967).

As fontes sobre a instituição foram encontradas em sua maioria em Livros-Ata encapados com papel de presente vermelho, que ficam guardados em armários no próprio departamento da SMECF.

Outra questão verificada foi sobre as professoras que lecionaram na instituição e que poderiam dar seu depoimento, contando suas experiências e suas



memórias. Identifiquei quatro professoras que trabalharam na escola e que poderiam fornecer depoimentos orais.

Nesse processo de localização das professoras para a entrevista, a equipe da EMCEP me auxiliou indicando a moradia (levando até a casa), fornecendo o número de telefone ou contato pela internet, para que pudesse solicitar a participação das mesmas.

Para a coleta dos depoimentos, utilizei as bases metodológicas da História Oral, para tanto, organizei um roteiro de entrevista semiestruturada com questões norteadoras que ajudassem a compreender como era a dinâmica de funcionamento da Casa Escolar Epitácio Pessoa e Grupo Escolar Epitácio Pessoa e de que forma as professoras compreenderam as mudanças de modelo escolar.

Para que pudesse colher os depoimentos orais, encaminhei o projeto de pesquisa com a documentação requerida ao COMITÊ PERMANENTE DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS (COPEP)<sup>6</sup> da UEM, para que pudessem ser analisados e aprovados de acordo com suas determinações.

O projeto, bem como a finalidade da pesquisa, já havia sido apresentado às professoras quando solicitei a contribuição das mesmas para o trabalho. Para a realização das entrevistas, um horário foi marcado de acordo com a preferência de cada uma para a nossa conversa. Os áudios foram gravados por um gravador portátil e posteriormente transcritos<sup>7</sup> para a utilização no trabalho.

Como mencionado anteriormente, ouvir esses protagonistas era um dos objetivos traçados e torna-se interessante verificar “[...] a possibilidade de os professores não se constituírem somente em colaboradores das nossas pesquisas, mas também, em “pesquisadores de si” (OLIVEIRA, 2005, p. 92). Contribuindo com seu depoimento oral, essas professoras puderam voltar o olhar para si mesmas, resgatar memórias de suas vivências esquecidas no tempo. No decorrer da entrevista o “[...] o não-dito, a hesitação, o silêncio, a repetição desnecessária, o lapso, a divagação e a associação são elementos integrantes e até estruturantes do discurso e do relato” (VOLDMAN, 2006, p. 38). Esses elementos compõem a dinâmica que envolve o depoimento oral e constituíram a maioria dos depoimentos colhidos.

Todo esse movimento

---

<sup>6</sup> Protocolo de aprovação do COPEP – nº 64652017.9.0000.0104.

<sup>7</sup> As transcrições completas encontram-se no Apêndice.

Por meio da memória, das lembranças dos mais velhos, os professores e pesquisadores mais jovens conhecem os significados construídos historicamente, reconstruindo aspectos da vida pública de pessoas que, na concepção fundadora da história oficial – a qual se traduz na história de “grandes nomes”, de heróis e mártires –, não teriam direito à voz (OLIVEIRA, 2005, p. 102).

Uma história feita apenas por “grandes nomes” está no consciente coletivo, uma vez que as professoras que colaboraram com a pesquisa não acreditaram que poderiam falar algo significativo para a construção histórica. A história oral, como aspecto metodológico, “recupera aspectos individuais de cada sujeito, mas ao mesmo tempo ativa uma memória coletiva, pois, à medida que cada indivíduo conta a sua história, esta se mostra envolta em um contexto sócio-histórico que deve ser considerado” (OLIVEIRA, 2005, p. 94).

Compreendo o fato de que a história oral não é uma metodologia “tapa-buraco”, como sendo a última alternativa quando não há o registro de fontes escritas, mas sim, uma possibilidade de “[...] obter e desenvolver conhecimentos novos e fundamentar análises históricas com base na criação de fontes inéditas ou novas” (LOZANO, 2006, p. 16). Entendo, concordando com Lozano (2006, p. 24) que

Nesse estilo de trabalho, a tarefa de produzir conhecimentos históricos se torna válida, especialmente rica e atual, já que implica: reflexão teórica, trabalho empírico e de campo; maior ligação e vínculo pessoal com os sujeitos estudados; um processo de produção de conhecimentos científicos, isto é, um processo que permite ao pesquisador se transformar no que pretendeu ser, um historiador.

Estar com essas professoras foi uma experiência incrível, elas se sentiram integrantes da pesquisa, valorizadas e fazendo parte da história da EMCEP. Elas são atuantes na construção dessa narrativa com o seu depoimento e demonstraram interesse e valorização nessa pesquisa, destacando a importância da universidade na realização de um trabalho dessa natureza.

As mesmas mãos que ensinaram muitos alunos do Distrito de Nova Altamira já apresentam as marcas de um tempo que passou, mas; suas vozes revelam uma trajetória de professoras que se comprometeram com sua função profissional, para que outras pessoas pudessem construir uma história de vida com maior dignidade.

### 1.3 REVISÃO DE LITERATURA

Iniciei um mapeamento das produções em torno da história da escola primária, mais especificamente da temática das casas escolares, escolas isoladas e dos grupos escolares entre as décadas de 1950 a 1970, no Estado do Paraná. Para tal, defini algumas categorias que auxiliassem no reconhecimento das produções já apresentadas em torno dessa temática:

- Produções dos cinco (5) últimos anos de publicação;
- Pesquisas envolvendo: grupo escolar; escola isolada; casa escolar;
- Período: 1950 a 1970;
- Pesquisas envolvendo o Estado do Paraná;
- Pesquisas envolvendo o Ensino Público.

Com os termos de pesquisa já definidos, realizei um rastreamento no Banco de Dissertações e Teses da CAPES (2012-2016), nos Anais do Congresso Brasileiro de História da Educação – CBHE (2011-2015), nos Anais das Reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação/ANPED (2010-2015) e ANPED-SUL (2008-2016) no GT02 de História da Educação, nas produções apresentadas no Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil do HISTEDBR (2003-2016) e no site *Google*.

Apresento a seguir um quadro dessas produções que se enquadram nos termos de pesquisa:

**Quadro 2:** Pesquisas sobre as produções em torno da escola pública primária no Paraná (1950-1970)

TERMOS DE PESQUISA / LOCAL DE PESQUISA	AUTORES	NÚMERO DE PRODUÇÕES
Grupo Escolar/Escola Isolada/Casa Escolar <b>Banco de Dissertações e Teses/CAPES (2012 a 2016)</b>	Cattelan (2014); Eckstein (2013).	2 - dissertações
Grupo Escolar/Escola Isolada/Casa Escolar – <b>Anais do Congresso Brasileiro de História da Educação (2011 a 2015)</b>	Faria (2013); Schelbauer e Corrêa (2013).	2 – produções
Grupo Escolar/Escola Isolada/Casa Escolar <b>Google</b>	Ritt (2009); Bertonha (2010); Faria (2010); Nath e Silva (2010); Huss (2012); Emer (2012); Abreu (2014); Schelbauer (2014); Cornicelli (2015); Lima (2015).	6 – dissertações 2 – artigos de periódico online 2 – trabalhos apresentados em evento
Grupo Escolar/Escola Isolada/Casa Escolar – <b>Anais das Reuniões da ANPED – GT 02 - História da Educação (2010 a 2015)</b>	Não há publicações de acordo com os termos de pesquisa	-
Grupo Escolar/Escola Isolada/Casa Escolar – <b>Anais das Reuniões da ANPED SUL – GT 02 - História da Educação (2008 a 2016)</b>	Andrade e Andrade (2014); Bertonha (2010)	2 produções
Grupo Escolar/Escola Isolada/Casa Escolar – <b>Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” – HISTEDBR (2003 a 2016)</b>	Não há publicações de acordo com os termos de pesquisa	-

Fonte: elaborado pela autora (2017) de acordo com Natali (2016).

Ao todo foram verificadas 16 produções. Vale salientar que muitas pesquisas em torno desse tema foram desenvolvidas em vários Estados do Brasil e em diversos recortes temporais, mas, para essa análise; optei por focalizar as produções referentes ao Estado do Paraná entre as décadas de 1950 a 1970, reconhecendo as pesquisas que já realizadas.

No Banco de Dissertações e Teses da CAPES foram possíveis verificar dois trabalhos de acordo com os quesitos de seleção, sendo duas dissertações. A de Cattelan (2014), apresentada pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, com o título “*Educação Rural no Município de Francisco Beltrão entre 1948 a 1981: a Escola Multisseriada*” e a de Eckstein (2013), apresentada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná – UTP, intitulado de “*In Der Schule: a Cultura Escolar das Escolas Primárias Isoladas de Entre Rios, de 1951 a 1974*”.

A pesquisa de Cattelan (2014) baseou-se na seguinte questão: “Como as escolas rurais multisseriadas se estabeleceram e se mantiveram em Vila Marrecas, e posteriormente em Francisco Beltrão, entre os anos de 1948 e 1981?”. O trabalho objetivou investigar como as escolas rurais multisseriadas foram se estruturando no município de Francisco Beltrão, nesse recorte temporal, verificando os desafios enfrentados e toda questão estrutural que envolveu esse processo. O ano de 1948 foi intitulado como o período de construção da primeira escola, o marco final, de 1981, foi definido quando se dá a emissão do decreto nº365, que ratifica os atos de criação dos estabelecimentos escolares na zona rural, já criados até aquele momento e que encontravam-se em atividade.

Para a realização da pesquisa, Cattelan (2014) utilizou o materialismo histórico dialético como base analítica, contando com fontes documentais, depoimentos orais, fotos, matérias de jornais e revistas, bem como, bibliografia referente à região de Francisco Beltrão. A autora destaca que ainda foram desenvolvidas poucas pesquisas envolvendo a temática do ensino primário rural no Paraná.

A autora verificou que o início da escolarização primária de Francisco Beltrão, ocorreu devido à CANGO – Colônia Agrícola Nacional General Osório, organização ligada ao governo federal e que se fixou em Vila Marrecas em 1948 e foi

responsável pela abertura de turmas primárias multisseriadas e pela construção das primeiras escolas da região.

Cattelan (2014) mostra, também, o auge das escolas multisseriadas rurais em 1981, em que a maioria das crianças do campo teve acesso ao ensino primário. No referido ano, com a expedição do decreto nº365, 92 escolas tiveram seus registros regulamentados. De maneira geral, a autora verificou com a pesquisa que as escolas mantidas pela CANGO não eram precárias e que os materiais eram de qualidade.

Em 1952, Francisco Beltrão eleva-se à categoria de município e em seus primeiros anos de emancipação não tinha condições financeiras de criar mais escolas. Para tanto, o auxílio da comunidade foi primordial, com a doação de trabalho e do material para a criação de mais instituições. A prefeitura deveria pagar o salário dos professores.

Entre as décadas de 1960 e 1980, as escolas rurais funcionavam em todas as comunidades do interior de Francisco Beltrão, em maior número do que na cidade. Na zona urbana as escolas eram graduadas, no modelo dos grupos escolares. Pode-se concluir que com a modernização da agricultura e devido ao êxodo rural, muitas comunidades foram mudando e, por consequência, essas escolas rurais foram fechadas paulatinamente por falta de alunos.

Eckstein (2013), em seu trabalho de dissertação, objetivou investigar como se constituía a cultura escolar (criação, organização, evolução, funcionamento e os elementos da cultura escolar que foram construídos nesses espaços escolares) das Escolas Primárias Isoladas de Entre Rios, centro-oeste do Paraná, entre 1951 a 1974. A vinda de imigrantes suábios (de origem alemã) para a região marca a fundação das primeiras escolas primárias que atendiam os filhos desses imigrantes.

A pesquisa procurou, também, fazer conexões entre a História das Instituições Escolares com a História da Educação de Imigrantes, nesse caso, imigrantes alemães. O recorte temporal de 1951 a 1974 refere-se à chegada dos primeiros imigrantes a Entre Rios, localizado a 25 km da cidade de Guarapuava e o ano de 1974 quando ocorre, provavelmente, a desativação da maioria das escolas e a sua centralização em uma única unidade.

A Nova História Cultural foi a base teórica utilizada para analisar a documentação escolar; Leis e Diretrizes da Educação no Paraná; imprensa escolar; fotografias e entrevistas com ex-alunos e ex-professores. Em 1951, quinhentas

(500) famílias de imigrantes suábios, vindos da Iugoslávia, estabeleceram-se na região de Entre Rios. Ao chegarem à localidade, fundaram a Cooperativa Agrária e organizaram a estrutura de cinco colônias: Samambaia, Jordãozinho, Vitória, Cachoeira e Socorro.

Em cada colônia havia uma escola que atendia à demanda local e, com a vinda de trabalhadores brasileiros, essas escolas também atendiam aos filhos desses trabalhadores. A manutenção dessas escolas era feita em regime de cooperação entre a Prefeitura de Guarapuava e a Cooperativa Agrária.

Para iniciar sua investigação, a autora analisou o processo de políticas imigratórias no Brasil e o processo de imigração dos suábios. Eckstein (2013) constatou que a educação escolar já era uma prática da cultura desse povo e com a vinda dos mesmos ao Brasil, houve a implantação dessas práticas de educação escolarizada, mesmo que de forma improvisada, inicialmente.

Como o governo paranaense havia aceitado a entrada desses imigrantes, era necessário tornar essas crianças cidadãos brasileiros e a escola seria o veículo para esse processo. Mesmo o alemão sendo o idioma praticado no ambiente familiar, a Língua Portuguesa era ensinada obrigatoriamente na escola. De uma forma geral, a pesquisa mostrou que essas Escolas Isoladas de Entre Rios construíram uma cultura escolar muito peculiar, seguindo as normatizações brasileiras, mas permeadas pela cultura alemã.

Nos Anais do Congresso Brasileiro de História da Educação (2011-2015), temos dois trabalhos apresentados. Intitulado de *“Escolas Isoladas Rurais Londrinenses (PR): primeiras reflexões”*, o artigo de Faria (2013) tem como objetivo compreender a constituição da escolarização primária do município de Londrina, nos seguintes modelos de escola: grupo escolar, escola étnica e escola isolada rural.

O trabalho volta-se especificamente para a criação de escolas isoladas rurais, entre os anos de 1937 a 1970. O ano de 1937 refere-se à criação das primeiras escolas de Londrina/PR até 1970, quando se tornam escolas de 1º Grau com a LDB Nº5692/71. A autora expôs que o foco foi dado a década de 1950, pelo fato de ser uma análise inicial e pela maioria das fontes serem datadas nessa década.

As fontes consultadas foram localizadas no Acervo Histórico de Londrina, como: livros atas de reunião pedagógica, atas de exames finais, relatórios, leis e decretos. Além desse material, foram utilizadas fontes iconográficas e bibliográficas sobre a educação no Paraná. A autora verificou com o trabalho que o processo de

instituição das escolas rurais em Londrina contou com muitos desafios, como por exemplo, a permanência do aluno na escola. Como alternativa, a estratégia foi organizar um calendário que assistisse às necessidades da localidade rural e das atividades do campo.

Faria (2013) apresenta que os resultados ainda são preliminares, mas esboçam que a escola rural foi um meio de minimizar o inchaço das cidades e o aumento da pobreza na cidade de Londrina, expressando também a necessidade de formar o professor da própria localidade e adequar sua estrutura ao tempo do campo.

O trabalho de autoria de Schelbauer e Corrêa (2013) intitula-se *“Expansão e modalidade de Escola Primária Rural do Estado do Paraná: iniciativas de Governos Estadual e Federal de 1930-1960”*. Este artigo visa analisar a expansão da escola primária rural entre década de 1930 a 1960, verificando de que forma essas escolas foram sendo criadas de acordo com a demanda do Estado. As autoras explicam que a expansão econômica no Paraná não se deu pela indústria, como em outros Estados, mas pela lavoura, em específico, pelo cultivo do café a partir de 1940. Apresentam, também, um quadro contendo o demonstrativo da expansão do ensino primário no Paraná de 1930 a 1960, com as seguintes modalidades: grupos escolares, grupos escolares rurais, escolas isoladas, casas escolares, escolas rurais subvencionadas, escolas agrupadas, escolas de trabalhadores rurais, escolas complementares, escolas municipais isoladas.

Schelbauer e Corrêa (2013) observam a grande expansão de grupos escolares e de escolas isoladas no Paraná neste período. Como modalidades de escolas primárias rurais, destacam-se: escolas de trabalhadores rurais e de pescadores, grupos escolares rurais e casas escolares rurais. Essas modalidades evidenciam que a questão do ensino rural no Estado acompanhou o debate nacional que ocorria na época, de uma educação que mantivesse e preparasse o homem para a vida no campo.

As pesquisas pelo site *Google* resultaram nas seguintes produções: seis (6) dissertações, (2) dois trabalhos apresentados em evento e (2) dois artigos de periódicos online.

Iniciando pelas dissertações, o trabalho de Ritt (2009) foi apresentado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UEM (PPE/UEM). O trabalho intitulado *“Da Escola Isolada ao Grupo Escolar Marechal Rondon de Campo Mourão,*



*PR – 1947 a 1971*”, têm como foco o processo de escolarização primária do município de Campo Mourão – PR, por meio da investigação do Grupo Escolar Marechal Rondon, entre os anos de 1947 a 1971.

O recorte temporal refere-se ao seu marco inicial de funcionamento da instituição como Escola Isolada e ao final pela extinção dos grupos escolares com a LDB N°5692/71. A autora objetivou fazer a reconstrução histórica do Grupo Escolar Marechal Rondon e verificar de que forma a instituição teve papel na consolidação do município de Campo Mourão. A pesquisa contou com fontes bibliográficas, documentais e qualitativas, com a realização de entrevistas com ex-professores, ex-alunos e ex-funcionários.

Verificou-se que o Grupo Escolar Marechal Rondon teve importante papel como instituição de modelo graduado da zona urbana, na produção e perpetuação de uma cultura cívica e patriótica, em consonância com as perspectivas da escola graduada nesse período. Constituiu-se, também, como uma oportunidade de acesso à educação escolar pública primária dessa localidade. Sua elevação de Escola Isolada para Grupo Escolar possibilitou a ampliação da escolarização em Campo Mourão, sendo que essas mudanças acompanharam o crescimento do município.

A dissertação produzida por Bertonha (2010a) e apresentada pelo PPE/UEM com o título *“Da Escola Isolada ao Grupo Escolar: o processo de escolarização primária em Sarandi – PR (1953-1981)”* objetivou investigar a história da Escola Isolada de Sarandi, primeira escola primária do município. O ano de 1953 marca a fundação da instituição e o ano de 1981 a emancipação do Patrimônio de Sarandi. A pesquisa de caráter bibliográfico e documental também contou com entrevistas semiestruturadas com ex-alunos, ex-professores e moradores pioneiros de Sarandi.

A autora constatou com a pesquisa que a escolarização primária em Sarandi, no início de sua formação não foi uma realidade para todas as crianças em idade escolar, devido à necessidade de auxílio junto à família para o trabalho. Como a escola não contava com auxílio para os materiais escolares nem do governo estadual e nem municipal, o acesso e permanência desses alunos ficava ainda mais restrito, restando o acesso à escola aos filhos de famílias com melhores condições financeiras. Verificou-se que essa instituição escolar auxiliou no processo de formação do cidadão por meio de sua prática civilizadora, deixando um legado para a comunidade.

Faria (2010), em sua dissertação apresentada pelo PPE/UEM com o título *“Em traços de modernidade: a história e a memória do Grupo Escolar “Hugo Simas” (Londrina – PR, 1937-1972)*, teve como objetivo reconstruir a história e a memória do 1º Grupo Escolar da cidade de Londrina, no Paraná, entre os anos de 1937 a 1972. Como instituição de modelo graduado, a autora almejou verificar se o Grupo Escolar Hugo Simas também acompanhou os ideais difundidos no período republicano e as perspectivas da Educação Nova. Para a pesquisa foram utilizadas fontes documentais, orais (entrevistas semiestruturadas com ex-alunos e ex-professores) e iconográficas, para o detalhamento da criação do município de Londrina, o contexto de criação dos grupos escolares e a educação primária no Estado do Paraná.

A construção do Grupo Escolar Hugo Simas, segundo Faria (2010), representou o que tinha de mais moderno em termos de estrutura na época, uma arquitetura que demonstrava modernidade, civilidade e racionalização. Com a grande quantidade de imigrantes que viviam em Londrina nesse período, essa instituição também desempenhou a função de homogeneizar diferentes culturas. A autora verificou que os ideários escolanovistas marcaram a trajetória da instituição e que a mesma cumpriu com os objetivos republicanos de instituições consideradas como templos de saber.

*“O processo de escolarização do município de Mandaguari (1949-1988)”* é o título da dissertação apresentada por Huss (2012) pelo PPE/UEM. Com esse trabalho, a autora objetivou investigar o processo de escolarização do município de Mandaguari no Paraná. O recorte temporal foi definido pelo ano de 1949, ano de criação do Ginásio Estadual de Mandaguari nº9. 137/1950 e também de outras instituições de ensino que foram sendo fundadas no período, até o ano de 1988, quando o Complexo Escolar Professora Hilda de Oliveira (criado em 1977) encerra suas atividades no município. A pesquisa de caráter bibliográfico utilizou fontes documentais, iconográficas e orais, com a participação de ex-alunos e ex-professores por meio de entrevistas semiestruturadas. O materialismo histórico foi utilizado como fundamento teórico para a análise das fontes.

No decorrer desse período, algumas ações em prol da educação do município foram destacadas por Huss (2012): a criação do primeiro Grupo Escolar da localidade. Verificou-se, também, que na década de 1970 a escola isolada ainda era o modelo que predominava, mas; todavia, na década de 1940, o município já

contava com Ginásio, Escola Normal Regional, Escola Normal Secundária e sediou (na década de 1960) a 28ª Inspeção Regional de Ensino. Huss (2012) verificou como a educação de Mandaguari estava ligada a interesses políticos, haja vista que para ser professor era necessária a indicação do prefeito. De uma forma geral, a realização da pesquisa contribuiu para a história da educação de Mandaguari, do Paraná e para o processo de escolarização do país.

O trabalho de Cornicelli (2015), *“História da Educação Rural de Astorga – práticas educativas e organização institucional da Escola Rural Água Astorga (1957-1980)”* é também apresentado pelo PPE/UEM. Esse trabalho objetivou investigar a história da educação rural do município de Astorga por meio da Escola Rural Água Astorga, de 1957 a 1980. O recorte temporal inicial refere-se ao começo das atividades da instituição e ao final dessa, devido às mudanças educacionais ocorridas com a promulgação da LDB N°5692/71.

Além de documentos relacionados com a organização da instituição, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com ex-professores com o intuito de verificar como eram as práticas escolares, a cultura escolar e o cotidiano escolar dessa instituição.

O trabalho possibilitou verificar que o comportamento que era exigido pelo professor era diferente das práticas que aconteciam em sala de aula. Com as exigências da nova LDB 5.692 de 1971, havia a preocupação de que os professores que não tinham a formação mínima exigida se adequassem com a formação pela Escola Normal. No contexto das escolas rurais dessa localidade, a implantação da nova LDB aconteceu em 1980 e os professores puderam ingressar no Projeto Logos, que era ofertado para regularizar a situação dos professores leigos. Cornicelli (2015) verificou que mesmo com a formação desses profissionais eles realizavam as mesmas funções nas escolas isoladas e recebiam o mesmo salário. Dessa forma, concluiu-se que mesmo com as mudanças normativas as práticas escolares desses profissionais continuaram as mesmas.

Encerrando a parte das dissertações, Lima (2015) produziu o trabalho *“História do Ensino Primário Rural em Cianorte – PR (1950-1990)”* que foi apresentado pelo PPE/UEM. Com o trabalho, a autora objetivou compor uma representação da história do ensino primário rural em Cianorte, no Estado do Paraná entre as décadas de 1950 a 1990, procurando investigar de que forma as escolas primárias rurais contribuíram para a escolarização do município.

A definição do recorte temporal da década de 1950 até a década de 1990 refere-se, primeiramente, à criação do Patrimônio de Cianorte em 1953, a criação do município de Cianorte em 1955 e a fundação das primeiras instituições em 1956.

A década de 1990 marca a nucleação das escolas rurais e logo a extinção das mesmas. A última escola e seus alunos foram transferidos para a zona urbana. Para a realização da pesquisa, a autora utilizou fontes bibliográficas e documentais, acervos esses que se encontravam dispersos e foram organizados para a realização do trabalho.

Durante a pesquisa sobre a escolarização primária do município, a pesquisadora verificou nos arquivos, entre as décadas de 1950 e 1990, diversas denominações de escolas: Escola Isolada, Escola Rural, Escola Rural Municipal, Escola Municipal ou apenas Escola, sendo que as mesmas possuíam o modelo multisseriado de ensino. Ela, ainda, apresenta que as primeiras, por serem de baixo custo, disseminaram-se no interior paranaense e sustentaram a expansão da escolarização primária no Estado.

Lima (2015) verificou que o trabalho exercido por essas escolas primárias rurais foi muito significativo, tendo em vista que foram realizados mais de noventa e nove (99) mil atendimentos de acordo com os dados obtidos, representando, assim; o papel relevante dessas instituições para a população de Cianorte.

O trabalho apresentado em evento *“História e Memória: a constituição histórica da Rede Municipal de Ensino de Cascavel (1950-1980)”*, elaborado por Nath e Silva (2010), procurou investigar como se deu a consolidação das primeiras escolas criadas em Cascavel/PR entre 1950 a 1980, resultando na organização da rede municipal de ensino de Cascavel. Para a pesquisa, foram utilizados documentos da Secretaria de Educação do município e da Documentação Escolar.

Os autores apontam que a primeira “escolinha” de Cascavel era uma típica escola de colonos. No ano de 1932 uma Capela que foi construída, passa a ser Casa Escolar para a escolarização das crianças da localidade, sendo que o professor era mantido pela própria população.

Em 1938 a Casa Escolar é instituída em ato oficial e no ano de 1947 é elevada à condição de Grupo Escolar. Com o trabalho, os autores verificaram que o processo de escolarização e a constituição da Rede Municipal de Ensino de Cascavel é resultado da colonização e ocupação de seu território. A escolarização dessa região também marca a existência de escola de colonos, que depois

transformou-se nas escolas rurais municipais. Com a emancipação do município, outras instituições foram sendo criadas, ainda com a participação da população na manutenção de muitas escolas. A Rede Municipal de Ensino de Cascavel foi sendo estruturada no decorrer do tempo com a abertura, manutenção e estruturação dessas escolas.

Abreu (2014), em seu trabalho apresentado em evento, intitulado “*A Escola Consolidada como política de solução para a educação rural no Estado do Paraná*” discute o processo de consolidação das escolas isoladas rurais no Paraná na década de 1970, também denominado de nucleação ou nuclearização. Buscou, além disso, analisar os impactos da mudança dessas escolas isoladas multisseriadas para maiores e de sistema seriado.

A autora mostra, que o ensino na zona rural se instaura na precariedade de recursos materiais e físicos, baixo salário de professores e falta de apoio pedagógico. A consolidação das escolas rurais isoladas, nessa época, seria vista como uma melhora do ensino e racionalização dos recursos, tendo em vista a concentração de vários alunos no mesmo espaço escolar.

O artigo publicado em periódico online: *Um pouco da História da Educação no Oeste do Paraná*, escrito por Emer (2012), objetiva trazer considerações sobre a história da educação da região oeste do Paraná, em sua ocupação com início na década de 1930 e sua colonização de forma mais abrangente depois de 1950.

O autor apresenta os modelos de instituições primárias: a primeira prática de escolarização da região foi com a “escolarização particular domiciliar”, como “Casa Escolar particular”, mantida pelos próprios moradores. Também apresenta outra configuração como Casa Escolar pública – onde já havia a organização e manutenção pelo poder público, o Grupo Escolar público – construído em núcleos de maior povoamento e mais desenvolvidos.

O final da década de 1950 marca a crise da escola dos colonos, sendo transformadas em escolas rurais municipais. Essas mudanças mobilizaram os colonos a incentivarem a construção de escolas confessionais. Os colonos também construíam suas escolas, mas a prefeitura pagava os professores. A escolarização foi seguindo a demanda de colonização dos municípios, pois com o povoamento dos municípios, também foi se exigindo a existência de escolas.

*Da roça para a escola: institucionalização das escolas primárias rurais no Paraná (1930-1960)* é o artigo de Schelbauer (2014) publicado em periódico online.

Esse trabalho objetiva compreender o processo de criação e expansão das escolas primárias rurais no Paraná no período de 1930 a 1960. Para a análise, foram utilizados relatórios e mensagens dos Governadores do Estado e Interventores Federais.

A autora destaca as seguintes instituições de educação primária rural nesse período: escolas isoladas rurais, grupos escolares rurais e escolas de trabalhadores rurais e pescadores. Com essa pesquisa a autora salienta que a criação dessas instituições escolares acompanhou a emergência de desenvolvimento do Estado do Paraná. O elevado número de pessoas que não sabiam ler e escrever demonstrava a urgência de organização do ensino primário no Estado. No caso do ensino primário rural, a preocupação voltou-se para a formação de professores com a criação das Escolas Normais Regionais, focando na formação do professor para o meio rural.

Os Anais das Reuniões da ANPED no GT02 de História da Educação não apresentaram resultados que se enquadrassem nos termos de pesquisa. Nos Anais das reuniões da ANPED da região Sul, temos dois trabalhos: Bertonha (2010), Andrade e Andrade (2014). No artigo *Da Escola Isolada ao Grupo Escolar: o processo de escolarização primária em Sarandi – PR (1953-1981)*<sup>8</sup>, Bertonha (2010b) propôs investigar sobre a história da Escola Isolada de Sarandi, sendo a primeira escola de ensino primário mantida pelo governo estadual no Patrimônio de Sarandi.

O artigo de Andrade e Andrade (2014) *Escola Isolada de Xaxim (1952): história da implantação de uma instituição escolar rural no contexto de colonização da região Oeste do Paraná* tem como objetivo estudar a Escola Isolada Xaxim, fundada em 1952 e localizada no povoado de Xaxim, área rural do município de Toledo no oeste do Estado do Paraná. A criação da Escola Isolada Xaxim relaciona-se com a fundação da cidade de Toledo e com o processo de colonização do oeste do Paraná.

A escola foi fundada para atender os filhos dos moradores dessa localidade e demonstrava o projeto do governo federal da época de difundir o ensino primário em todo território nacional. A instituição também fez parte dos ideais do ruralismo

---

<sup>8</sup> Este artigo aborda o tema da dissertação apresentada pela autora e que foi analisado nas linhas anteriores.

pedagógico que vigorava na época, procurando desenvolver valores associados ao trabalho cívico, patriótico e de fins econômicos.

Nos anais do Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” – HISTEDBR também não foram encontrados trabalhos que estivessem dentro do quadro de seleção de produções.

Fazer o panorama dessas produções demonstra a escassez de trabalhos sobre o ensino primário no Paraná, envolvendo casas escolares, escolas isoladas e grupos escolares entre as décadas de 1950 a 1970, o que impulsiona a organização de mais pesquisas com esse foco e para a construção de mais narrativas que contribuam para a história da educação e do ensino primário do Estado do Paraná. Destaca-se também, a participação da sociedade civil na manutenção e, por vezes, na criação de instituições escolares de Ensino Primário no Estado do Paraná, buscando condições de acesso à escolarização de sua comunidade.

#### 1.4 ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

Para apresentação dos resultados da pesquisa, o trabalho está organizado em capítulos. O primeiro capítulo do trabalho foi direcionado a apresentar algumas memórias e minha trajetória acadêmica, como componentes da parte introdutória, pois creio que não conseguimos separar a nossa essência do trabalho que realizamos. Também apresento neste, o processo de coleta e análise das fontes da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Faxinal, da Escola Municipal do Campo Epitácio Pessoa, bem como o depoimento das professoras. Nessa primeira parte organizo, ainda, um quadro de revisão de literatura com as publicações já produzidas sobre o tema e o detalhamento do percurso de pesquisa que me direcionou a pesquisar sobre a escola primária rural do interior paranaense.

O segundo capítulo refere-se à instrução da população em âmbito macro (nacional e estadual), estabelecendo conexões entre os aspectos sociais, à distribuição da população no território, às condições de acesso à educação escolar e aos dados estatísticos sobre a população e sobre a escolarização entre 1950 a 1970. Também abordo o panorama apresentado pelos governos federal e estadual, por meio das Mensagens Anuais quando o assunto é o ensino primário.

O capítulo três apresenta o *lócus*, objeto de pesquisa e a análise em torno de seus modelos escolares: a Casa Escolar Epitácio Pessoa e Grupo Escolar Epitácio Pessoa, trazendo considerações em âmbito micro, abordando sobre o lugar de onde falo: o município de Faxinal, o Distrito de Nova Altamira, bem como a instituição em seu panorama atual, configurada como Escola do Campo, salientando, também, de que maneira a mesma foi fundada em 1955, na propriedade rural da família Sontag.

O capítulo quatro apresenta aspectos da cultura escolar da instituição, seus sujeitos e suas práticas escolares. O primeiro item aborda sobre as professoras que lecionaram na escola entre as décadas de 1960 e 1970, sua formação acadêmica, o início das atividades como educadoras da escola e os desafios enfrentados nessa época. O segundo item retrata sobre características dos alunos, como a aprendizagem e a organização das classes. O terceiro e o quarto item tratam sobre os fazeres e práticas cotidianas da escola, a forma com que elas organizavam e planejavam suas aulas, como era a dinâmica de funcionamento da instituição, como seu trabalho era fiscalizado e quais as datas comemorativas que marcavam os festejos da instituição.

O quinto e último capítulo é destinado às considerações finais, no qual abordo as contribuições da pesquisa e a sistematização dos resultados da análise do objeto de estudo.



## **2 METADE DA POPULAÇÃO NÃO SABE LER NEM ESCREVER: O CONTEXTO SOCIAL E A ESCOLARIZAÇÃO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA**

Para adentrar nas problematizações em torno da Casa Escolar Epitácio Pessoa, fundada em 1955, faz-se necessário localizar-se na história da educação brasileira desse período. O ponto chave que conduz esse capítulo é pensar como estava organizada a educação escolar primária no Brasil e no Paraná entre as décadas de 1950 a 1970, sendo que metade da população brasileira da década de 1950 não sabia ler e escrever. O objetivo é verificar como estava organizado o Ensino Primário e trazer considerações sobre o contexto populacional e sobre as condições de acesso à escolarização.

No primeiro item será abordada a educação primária no Brasil na década de 1950 a 1970 e seus desdobramentos de uma forma geral. O segundo item é direcionado ao Ensino Primário no Paraná, procurando organizar um “pano de fundo” para o detalhamento do objeto e as representações de professoras primárias. Cada item também apresenta as estatísticas, dados e considerações sobre o Ensino Primário nas Mensagens Anuais dos Presidentes do Brasil e dos Governadores do Estado do Paraná.

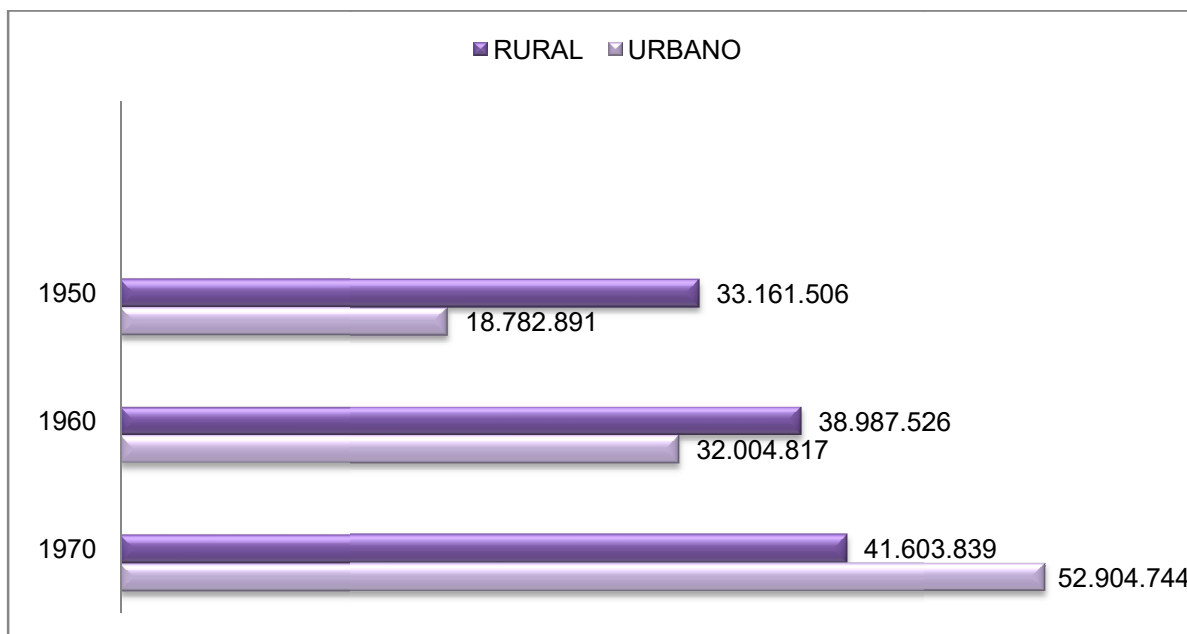
### **2.1 O ENSINO PRIMÁRIO NO BRASIL (1950 - 1970)**

A década de 50 do século XX é marcada por acontecimentos que afetaram, de alguma forma, a sociedade brasileira, como o final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e suas consequências, a volta de Getúlio Vargas ao poder e, posteriormente; seu suicídio, a efervescência dos movimentos culturais e artísticos e a ampliação da produção industrial no Brasil.

Identificando os dados populacionais do Brasil nesse período, temos em 1950 uma população de 51.944.397 habitantes. Em 1960 essa quantidade sobe para 70.992.343 e no ano de 1970 os dados apontam para 94.508.583 (IBGE, 2000).

No gráfico, podemos verificar como esses números estão divididos entre a população residente na área rural e na área urbana:

**Gráfico 1:** Número de pessoas residentes no Brasil no ano de 1950, 1960 e 1970 – área urbana e rural



**Fonte:** elaborado pela autora (2017) de acordo com dados do Censo Demográfico – Séries Históricas - População (1950-2010) - (IBGE, 2000).

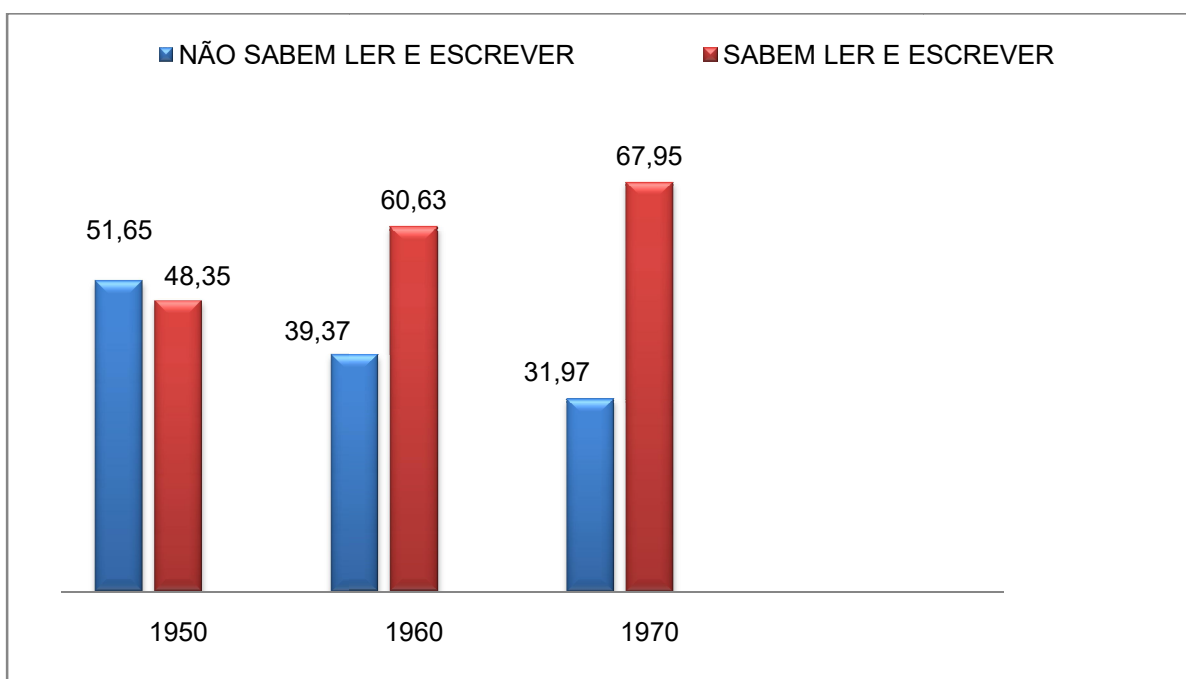
Com base nos dados do gráfico, observa-se que nas décadas de 1950 e 1960 a população residente na área rural era maior do que a residente na área urbana. Na década de 1950, a diferença entre a população residente na área rural e urbana chegava a mais de 14 milhões de habitantes, essa diferença cai para menos da metade na década de 1960, chegando à década de 1970 com a mudança desse quadro, a população residente na área urbana é maior do que a residente na área rural, com uma diferença de mais de 11 milhões de pessoas.

Tratando-se da quantidade de crianças no Brasil de 5 a 9 anos, conforme o Anuário Estatístico do Brasil – AEB (IBGE, 1950), esse número era de 7.015.527 e de crianças de 10 a 14 anos era de 6.308.567, totalizando a soma de 13.324.094 pessoas. Para a década de 1960 o número de crianças de 5 a 9 anos era de 10.158.423 e de 10 a 14 anos era de 8.560.956 crianças, resultando em 18. 719.379 crianças (IBGE, 1960).

Em 1970, o número de crianças de 5 a 9 anos figurava a casa de 13.459.508 e de 10 a 14 anos era de 11.859.119, em um total de 25.318.627 (IBGE, 1970). De 1950 a 1970 o número de crianças de 5 a 9 anos saltou mais de 6 milhões e o de crianças de 10 a 14 anos para mais de 5 milhões. O Brasil estava com um grande número de crianças que precisava de escolas.

Quando o tema é a instrução da população brasileira nessas décadas, temos os seguintes dados em relação ao nível de instrução, como podemos visualizar no gráfico a seguir:

**Gráfico 2:** Pessoas presentes<sup>9</sup> de 10 anos e mais no Brasil quanto ao nível de instrução em 1950; 1960<sup>10</sup>; 1970: quadro geral



**Fonte:** elaborado pela autora (2017) de acordo com dados do Anuário Estatístico do Brasil (IBGE, 1955; 1965; 1978).

Na década de 1950, temos um percentual de 51,65% da população brasileira que não sabia ler e nem escrever e com relação às pessoas que sabiam ler e escrever esse percentual era de 48,35%. É importante ressaltar que esse índice já estava em processo de alteração, pois em 1900, por exemplo, a taxa de analfabetismo no Brasil chegava a 65,3% (INEP, 2003).

A diminuição desses números é vista no decorrer das décadas, sendo que em 1960 o percentual de pessoas que não sabiam ler e escrever era de 39,37% e os que sabiam era de 60,63%. Essa taxa também sofre alteração na década de 1970, com um percentual 31,97% das pessoas que não sabiam ler e escrever e 67,95% no quadro das pessoas que sabiam ler e escrever.

<sup>9</sup> Os gráficos apresentados nesta seção contêm os índices com o percentual de pessoas presentes, ou seja, conta com a quantidade de pessoas que responderam ao Censo organizado pelo IBGE.

<sup>10</sup> O percentual apresentado é estimado de acordo com quantidade de pessoas que sabiam ler e escrever.

De acordo com os dados dessas três décadas, o impulso para a diminuição do percentual de pessoas analfabetas no Brasil ocorreu entre a década de 1950 e 1960, com um aumento de mais de 12% no percentual de pessoas consideradas alfabetizadas. Entre as décadas de 1960 e 1970 esse percentual é de um pouco mais de 7%. A crescente urbanização e a industrialização podem ser uns dos fatores que impulsionaram a redução desse percentual de pessoas que não sabiam ler e escrever, além de iniciativas que foram tomadas pelo poder público para mudar esse quadro, como veremos posteriormente.

Observemos no quadro abaixo, o número de escolas de ensino primário comum e o número de alunos matriculados no Brasil de 1950 a 1970:

**Quadro 3:** Número de unidades escolares de ensino primário comum e número de alunos matriculados – Brasil (1950-1970)

ANO	UNIDADES ESCOLARES DE ENSINO PRIMÁRIO	NÚMERO DE ALUNOS MATRICULADOS EM ESCOLAS PRIMÁRIAS
1950	78.340	5.175.887
1960	95.938	7.458.002
1970	146.136	12.812.029

**Fonte:** elaborado pela autora (2017) de acordo com os dados das “Estatísticas do Século XX” – IBGE (1950-1955; 1960-1969; 1970-1979).

Considerando que o número de unidades escolares de ensino primário comum e de alunos matriculados aumentou durante as décadas de 1950 a 1970, surge o questionamento: quais os modelos de escola primária que tinham maior amplitude nessa época?

Temos, nesse período, que a educação brasileira ainda não estava regulamentada em uma Lei Nacional que organizasse os níveis de ensino. A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 4.024, foi promulgada em 20 de dezembro de 1961, após um período de intensos debates. Assim, a partir da década de 1960 que a educação brasileira contou com um dispositivo regulamentar nacional, para todos os seus níveis, dando início a ideia de organicidade para o sistema de ensino.

De acordo com a nova Lei, o Ensino Primário deveria ser ministrado, no mínimo, em quatro (4) séries anuais e com obrigatoriedade a partir dos sete (7) anos de idade. Souza (2008) explica que

[...] no início dos anos 60, a rede de ensino primário brasileiro não chegava a atender 60% das crianças em idade escolar, ou seja, os 12 milhões de crianças de 7 a 14 anos de idade. Essa situação era agravada pelo fato de apenas 18% dos matriculados no primeiro ano chegarem à 4ª série, dois terços não ultrapassarem as duas primeiras séries e uma terça parte das matrículas concentrar-se em escolas rurais precárias (BRASIL, 1961 *apud* SOUZA, 2008, p. 243).

Além de pouco mais da metade da população ter acesso ao Ensino Primário, a evasão escolar era um fator agravante, pois das crianças matriculadas na primeira (1ª) série, apenas 18% conseguia concluir o curso. Esse fator era mais acentuado nas áreas rurais, que contavam com pouca infraestrutura e muitas vezes com a falta de professores em decorrência da localidade.

A taxa geral de analfabetismo no Brasil, no geral, na década de 1950, era de 51,65%, mas, voltando o olhar para a *zona rural*, o percentual salta para 67,76%. No quadro abaixo, podemos verificar esses dados distribuídos por sexo (homens; mulheres) e área (urbana; suburbana; rural)<sup>11</sup>:

**Quadro 4:** Percentual de pessoas presentes de 10 anos e mais que não sabem ler e escrever no Brasil em 1950 – por sexo/quadro geral, quadro urbano, quadro suburbano e quadro rural

	EM GERAL	URBANO	SUBURBANO	RURAL
<b>HOMENS</b>	23,44	7,40 %	15,44%	32,13%
<b>MULHERES</b>	28,21	13,97 %	22,59%	35,63%
<b>TOTAL</b>	51,65	21,37 %	38,03%	67,76%

**Fonte:** elaborado pela autora (2017) de acordo com dados do Anuário Estatístico Brasileiro (IBGE, 1955).

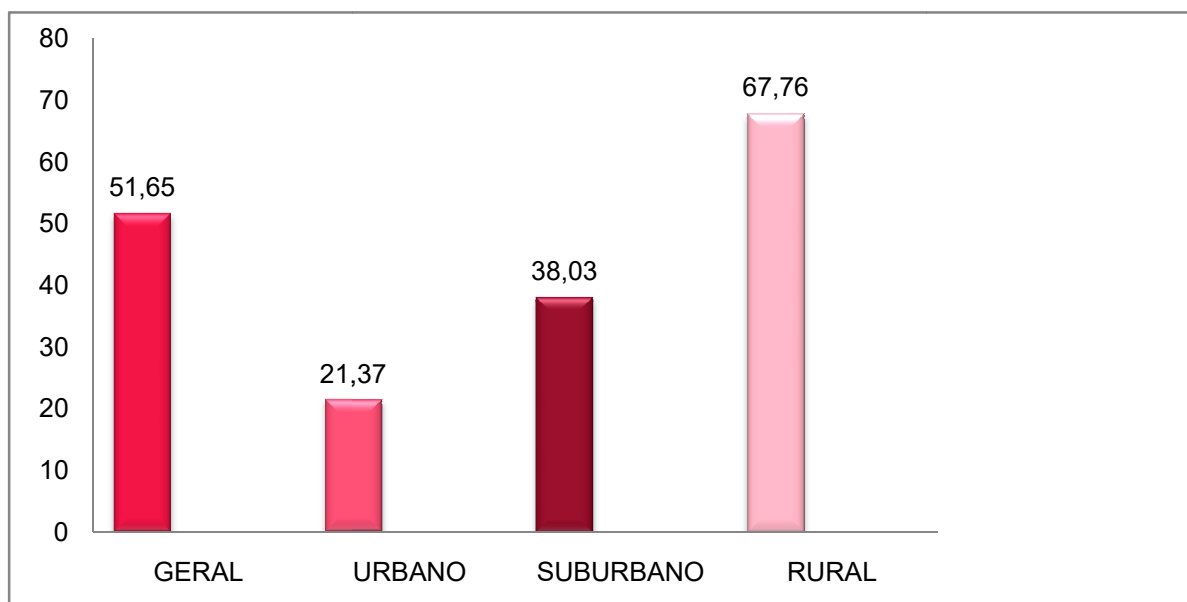
De acordo com dados do Anuário Estatístico do Brasil – AEB (IBGE, 1955), o percentual de homens residentes na área rural que não sabiam ler e escrever era de 32,13% e para as mulheres esse percentual era de 35,63%.

Também de acordo com o AEB (IBGE, 1955, p. 429), somando o percentual de homens (7,40%) e de mulheres (13,97%) que não sabiam ler e escrever residentes na área urbana tem-se um total de 21,37% de pessoas analfabetas. Na área suburbana, a soma do percentual de homens (15,44%) com o de mulheres (22,59%) totaliza 38,03%.

<sup>11</sup> De acordo com informações do Anuário Estatístico do Brasil “[...] nos recenseamentos, a população é classificada segundo a localização do domicílio nas áreas urbanas, suburbanas e rurais, definidas por Lei Municipal. Como quadros urbano e suburbano (entendido o último como prolongamento do primeiro) considera-se as áreas das cidades (sedes dos Municípios) e das vilas (sede dos Distritos). O quadro rural abrange toda a área situada fora dos limites das cidades e vilas.” (IBGE, 1978, p. 15)

No gráfico podemos visualizar, em destaque, os percentuais de pessoas que não sabiam ler e escrever no quadro geral, na área urbana, suburbana e rural:

**Gráfico 3:** Pessoas presentes com 10 anos e mais no Brasil que não sabiam ler nem escrever no ano de 1950 – quadro geral, urbano, suburbano e rural<sup>12</sup>



**Fonte:** elaborado pela autora (2017) de acordo com dados do Anuário Estatístico Brasileiro (IBGE, 1955).

A educação primária das áreas rurais enfrentava alguns percalços, com

[...] problemas de natureza pedagógica e administrativa, como a falta de provimento de professores para as escolas criadas, a precariedade dos locais de funcionamento das escolas, as condições de organização das escolas isoladas, a baixa frequência dos alunos e o abandono escolar, devido ao trabalho nas lavouras (SOUZA; ÁVILA, 2014, p. 15).

Podemos ver que problemas de ordem estrutural e organizacional do ensino primário e das escolas primárias rurais, de uma forma geral, vão acompanhar a educação brasileira no decorrer de sua história, para tanto, analisei as Mensagens Anuais proferidas pelos Presidentes do Brasil, focalizando nos aspectos educacionais e de estrutura do ensino primário, questões que serão abordadas no próximo item.

<sup>12</sup> Esses percentuais são calculados tomando como base o **percentual total** de pessoas que **não sabem ler e escrever**.

### 2.1.1 Discursos nas Mensagens Anuais dos Presidentes da República (1950-1970): o Ensino Primário em Pauta

Antes de adentrar nas questões que objetivam a escrita desse item, torna-se necessário evidenciar alguns elementos importantes quanto à análise do documento. Para tanto, utilizo-me de Le Goff (1990, p. 289), que em relação ao documento explica que:

[...] não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo.

Esse trecho auxilia na compreensão do documento como monumento, como uma construção humana feita de maneira objetiva (ou não) e que representa o que foi construído pelas sociedades em determinado tempo histórico. Para analisar os documentos “[...] é preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e *analisar as condições de produção dos documentos-monumentos*” (LE GOFF, 1990, p. 289, grifo meu).

Com relação às condições de produção dos documentos, verifica-se que as Mensagens Anuais são apresentadas pelos Presidentes da República a um tipo de público específico, ou seja, ao Congresso Nacional (Senadores e Deputados) na abertura das sessões legislativas de cada ano, cumprindo uma função legal. Estas são apresentadas pelos Presidentes da República desde a época de Marechal Deodoro da Fonseca (1890), com o intuito de prestar contas das medidas tomadas no ano anterior e explicar as estratégias pensadas para o ano que se inicia em cada governo.

Dessa forma, as Mensagens representam a visão do governo e apresentam um panorama do país em relação a: política interna, política externa, política social,

política econômica/financeira e defesa nacional, isto é, um conjunto elementos que demonstram como estava a situação do país no decorrer de mais um ano de mandato, de acordo com as perspectivas, organização, estruturas de poder vigente e com aquilo que cada Governo Federal objetivou dar visibilidade em sua administração.

Corroboro com os apontamentos de Araújo, Souza e Nunes Pinto (2015, p. 82) quando mencionam que a utilização de Mensagens Governamentais, as quais contêm muitos dados estatísticos, possibilitam, além dos dados em si, verificar “mais as maneiras como são arrançados no discurso dos governantes quando analisam ou informam sobre os fenômenos sociais da escolarização e/ou da sua precariedade” (ARAÚJO; SOUZA; NUNES PINTO, 2015, p. 82), ou seja, visualizar de que forma os governantes em sua estrutura de poder utilizam esses dados em suas ações em prol da educação.

Foram analisadas as Mensagens apresentadas pelos Presidentes da República entre as décadas de 1950 e 1970, focalizando no discurso referente ao Ensino Primário no país.

No quadro abaixo temos os Presidentes de acordo com o ano das mensagens:

**Quadro 5:** Mensagens Presidenciais (1950-1970)<sup>13</sup>

ANO	PRESIDENTE	GESTÃO	QUANTIDADE
1950	General Eurico Gaspar Dutra	1946 – 1951	1 mensagem
1951 – 1954	Getúlio Dornelles Vargas	1951 – 1954	4 mensagens
1955	João Fernandes Campos Café Filho	1954 – 1955	1 mensagem
1956 – 1960	Juscelino Kubitschek de Oliveira	1956 – 1961	5 mensagens
1961	Jânio da Silva Quadros	1961	1 mensagem
1962 - 1964	João Belchior Marques Goulart	1961 - 1964	3 mensagens
1965 - 1967	General Humberto de Alencar Castello Branco	1964 - 1967	3 mensagens
1968 - 1969	General Arthur da Costa e Silva	1967 - 1969	2 mensagens
1970	General Emílio Garrastazu Médici	1969 - 1974	1 mensagem

**Fonte:** elaborado pela autora (2017) de acordo com as mensagens presidenciais (BRASIL, 1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1955, 1956, 1957, 1958, 1959, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964, 1965, 1966, 1967, 1968, 1969, 1970).

<sup>13</sup> Apresento no quadro, os nomes completos dos Presidentes da República, mas, no corpo do texto, apresento como são geralmente mencionados.



O General Eurico Gaspar Dutra em Mensagem do ano de 1950 apresenta, segundo as perspectivas de seu governo, as precariedades do ensino no Brasil com relação à quantidade de unidades escolares, dizendo que:

Desde o início do atual Governo, reconheci a insuficiência do sistema de educação primária, salientando mesmo, em minha primeira Mensagem anual, o fato alarmante de as unidades escolares que em 1942 chegavam a 43.975, estarem diminuindo, gradualmente, numa redução alarmante, que atingiu mais de 3.500 unidades num quinquênio, regressão que se acusa também, conforme estatísticas apuradas, em extraordinário coeficiente de evasão escolar (BRASIL, 1950, p. 114).

Nesse trecho podemos verificar a questão da evasão escolar, problema que vai acompanhar a educação primária no Brasil nos anos seguintes como também é apresentado nas Mensagens dos próximos Presidentes.

Em 1951, o Presidente Governo de Getúlio Vargas intenciona, segundo ele, gerar mais oportunidade de vagas ao Ensino Primário e de tornar a estrutura educacional mais eficiente para atingir um maior número de pessoas. Em seu discurso, Vargas defende que:

Um grande país é, em última análise, uma comunidade de homens de forte capacidade de iniciativa individual e de um vivo espírito de cooperação. Sem o desenvolvimento dessas duas qualidades, a solução dos desequilíbrios sociais passa a depender, integralmente, de um Estado hipertrófico e onipresente, que deverá tudo prever, de quem todos esperam tudo e ao qual se opõem óbices pela proposição de problemas particulares, que não podem ser enquadrados em esquemas de soluções gerais. A escola é o instrumento insubstituível na formação dessas duas qualidades, sobretudo a escola que vá além da simples alfabetização e prepare o homem para a solução dos problemas do meio onde vive. Sem esse instrumento, ou com sua existência em grau escasso, ocorre a desigualdade de oportunidades, alarga-se a área de injustiças e de insatisfações (BRASIL, 1951, p. 209).

Percebe-se com esse trecho que a escola, de acordo com o Presidente, era vista como um veículo de transformação social, sendo sua função entendida muito além das práticas escolares e que a sua falta significaria um reforçador das desigualdades sociais. O indivíduo deveria ser preparado para viver em seu meio social. Também aponta iniciativas de sistematizar uma Lei de Diretrizes e Bases da

Educação, plano iniciado no governo Vargas, mas que só iria se concretizar em 1961 com a LDB nº 4.024.

As Mensagens Presidenciais proferidas pelo Presidente Getúlio Vargas vão de 1951 a 1954. Em 1952, ele destaca a insuficiência do sistema educacional em atender a demanda existente e menciona que:

De norte a sul, nas grandes cidades ou nos centros de fraca densidade demográfica, nos núcleos industriais ou nas regiões agro-pastoris, nas zonas de colonização ou fronteiriças, a população em idade escolar não é absorvida pela rêde do sistema oficial ou particular. Fica, assim, de ano para ano, apesar dos esforços dos educadores e administradores, aumentando o contingente de crianças que fazem parte do que se chama, usualmente, de “deficit escolar”, ou seja, a massa de alunos que não encontra oportunidade para aprender a ler, escrever e contar (BRASIL, 1952, p. 273-274).

De acordo com esse trecho, o governo estaria ciente da real situação de acesso à escolaridade, sendo que a mesma não atingia um percentual significativo da população. A preocupação se voltaria para a zona rural, uma vez que a maioria da população residia nessa área e mais de 2,5 milhões de crianças residentes nessas localidades estavam sem acesso ao ensino nesse período (BRASIL, 1952).

Para Vargas, a melhoria do quadro educacional estaria relacionada a fatores externos ao próprio sistema de ensino, mas que seriam decisivos no conjunto de melhoria da qualidade de vida da população e que criariam as condições de fundo para possibilitar essas melhorias educacionais. Ele faz menção a:

[...] transportes, saneamento, irrigação, fomento à agricultura, imigração. Assim, a supressão do “déficit” exigirá simultâneamente a inversão de bilhões de cruzeiros no reaparelhamento dos transportes e vias de comunicações, no saneamento das zonas derrotadas pela malária e verminoses, no fomento da produção das utilidades fundamentais à vida (BRASIL, 1952, p. 274).

Observa-se que na visão do Presidente Getúlio Vargas a questão era sistêmica, ou seja, trazia à tona uma perspectiva de conjunto, em que seriam analisados os múltiplos fatores envolvidos na problemática educacional, como a questão sanitária que seria também trabalhada nas escolas.

Voltando a análise para o sistema educacional e, especificamente, para as crianças em idade escolar (de acordo com a Lei Orgânica do Ensino Primário – Lei

n. 8.529 de 1946 (BRASIL, 1946), o ensino primário era destinado a crianças de 7 a 12 anos), os dados revelam que 90% não estavam matriculadas no ensino primário. (BRASIL, 1952). O Presidente expõe também que toda essa dificuldade enfrentada pelo Ensino Primário seria:

[...] em parte, reflexo da carência de prédios escolares adequados e da falta de professôres habilitados, para aludirmos apenas dois importantes aspectos. De acôrdo com o inquérito realizado há pouco pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, ficou apurado que dos 28.302 prédios escolares destinados ao ensino primário apenas 4.927 pertencem aos poderes públicos, e dêsses somente 70% foram construídos especialmente para fins escolares. Mais ainda: 360 municípios não dispunham, até bem pouco, de um único prédio especialmente construído para o ensino primário (BRASIL, 1952, p. 275).

A precariedade dos prédios escolares e a formação de professores são questões bem frisadas na Mensagem e consideradas fatores primordiais para o progresso do ensino. Em relação ao quadro de professores, o Presidente Vargas relata que:

Dos 78.000 professôres em exercício em 1943, 31.000 não possuíam formação adequada. Nessa época, não eram portadores de diplomas de normalista 90% do professôres do Território do Acre, 74% de santa Catarina, 65% do Rio Grande do Sul, 60% do Paraná, 59% do maranhão, 58% do Pará, 57% do Rio Grande do Norte, 56% de Goiás e Ceará, 54% de Pernambuco, 51% do Piauí e Paraíba, 49% do Espírito Santo e 43,5% de Alagoas (BRASIL, 1952, p. 275).

Getúlio Vargas evidencia dois problemas da educação: a falta de estrutura física e a falta de formação dos professores, questões que atravessam a história da educação nacional em seus mais diferentes períodos. Com relação à formação de professores do Estado do Paraná, o dado apresentado conta que 60% dos docentes não possuíam uma formação adequada. Se comparado a outros Estados da federação, o Paraná figurava entre os índices mais alarmantes.

Em 1953, Getúlio Vargas apresenta o quadro situacional da educação primária no Brasil, alertando que iniciativas estariam sendo tomadas pelo poder público, mas haveria a necessidade de compreender que a mudança ocorreria em longo prazo, de forma gradativa e lenta (BRASIL, 1953).

Dessa forma, mesmo a situação da educação sendo considerada grave pelo poder público, o governo esperava a compreensão da população, pelo fato das mudanças ocorrerem paulatinamente. Observa, ainda, que a Campanha de Educação Rural<sup>14</sup> iniciada em 1951 e incrementada em 1952 continuaria em vigor, procurando “melhorar os males e o abandono na população rural” (BRASIL, 1953, p. 245). Em 1954, a Mensagem apresenta as Missões Rurais<sup>15</sup> como atividades da Campanha de Educação Rural, que estariam gerando melhorias nas condições de saneamento básico das comunidades rurais.

Em 1955 a Mensagem fica a cargo do Presidente Café Filho, que já começa sua mensagem destacando que, com relação ao Ensino Primário, o caráter de responsabilidade da União era “supletivo”, mas que mesmo assim o governo necessitaria ampliar sua colaboração buscando melhores resultados (BRASIL, 1955). Apresenta, ainda, que em 1954, 482 escolas rurais tiveram suas instalações concluídas, 668 estariam em construção e 261 escolas seriam construídas posteriormente.

Com a relação aos grupos escolares, registrou que 110 prédios foram construídos no ano citado, 180 estariam em processo e haveria o planejamento para a construção de mais 60 grupos escolares (BRASIL, 1955). Percebe-se nesse ano, o foco na construção de grupos escolares.

No período de Juscelino Kubitschek, em 1956, 40% da população não tinha acesso à instrução elementar, considerando que as oportunidades eram insuficientes e a instrução ministrada insatisfatória (BRASIL, 1956, p. 210). Ele também aponta que:

Esse “déficit” de matrículas apresenta agravantes, por deficiências quantitativas e qualitativas: a escolaridade média da criança brasileira é das mais baixas do mundo, não vai além de um ano e quatro meses \_\_, funcionando as aulas em reduzido número de dias por ano e em períodos diários de curta duração: a evasão escolar é acentuadíssima, bastando mencionar que, em média, de cada 100 alunos que se matricularam na 1ª série, apenas 16 atingem a quarta série; as instalações e equipamentos das escolas são muito deficientes; o preparo dos professores é, em geral, bastante precário,

---

<sup>14</sup> Para saber mais sobre a Campanha de Educação Rural, o livro de Barreiro (2010) “Política de Educação no Campo – para além da alfabetização (1952-1963)”, apresenta um capítulo sobre o seu processo de estrutura e funcionamento.

<sup>15</sup> Para compreender mais sobre o processo de formação das Missões Rurais, ver o livro de Barreiro (2010) “Política de Educação no Campo – para além da alfabetização (1952-1963)”.

e os currículos, programas e métodos de ensino não estão ajustados às condições de nossa época e às peculiaridade de cada meio (BRASIL, 1956, p. 210).

Nesses apontamentos o Presidente fala de questões que colocariam em cheque o melhor funcionamento das escolas primárias. Kubitschek, em sua Mensagem de 1956, ainda destaca que o Ensino Primário seria limitado, sendo que seu objetivo seria de ampliar as capacidades humanas, mas estaria apenas direcionado ao exercício de ler, escrever e contar (BRASIL, 1956). Também nesse contexto, expõe que a proposta do Ensino Primário seria educar para o trabalho, mas que seria pertinente que ocorresse em escolas elementares de 2º grau (BRASIL, 1956).

Na Mensagem de 1957, o Presidente Juscelino abre a seção sobre as questões do Ensino Primário com os valores de recursos que foram destinados aos convênios estabelecidos para os programas das Escolas Normais, Grupos Escolares e Escolas Rurais. Para as primeiras foram destinados Cr\$ 41.058.310.00, para os grupos escolares foram enviados Cr\$ 58.039.502.00 e para as escolas rurais um valor de Cr\$ 13.580.668.00.

Os dados apresentados por Kubitschek mereceriam uma melhor análise se aliarmos a esses dados à informação de que a maioria da população, nesse período, encontrava-se nas zonas rurais. O que justificaria essa inversão quantitativa nos investimentos priorizando os grupos escolares, que se localizavam em sua maioria em zona urbana? Verifica-se que os grupos escolares, como instituições modelares e símbolos de modernidade do ensino, recebiam os maiores recursos.

O Presidente também aprovaria, em seu discurso, a continuidade do que foi acordado na Lei de nº 59, do ano de 1947 durante o Governo de Eurico Gaspar Dutra, sobre o convênio estabelecido entre o Estado Nacional, Unidades Federativas, Municípios, Distrito Federal e particulares, em prol da ampliação e melhoria da estrutura escolar primária, secundária e normal nas localidades rurais. Apresenta que “ter-se-á em vista a construção de galpões para montagem de pequenas oficinas, nos grupos escolares, e a organização, em caráter experimental, de cursos primários de cinco e seis anos, com o mínimo de seis horas diárias, quatro de escolaridade e duas de artes industriais ou de artesanato” (BRASIL, 1957, p. 444).

Essas ações são incentivadas como uma forma de resolver o que Kubitschek chamava de “grave problema”: o hiato nocivo<sup>16</sup>, durante esse período de transição entre o ensino elementar primário e o ensino elementar secundário, em que essas crianças poderiam tornar-se propensas à “vadiagem” (BRASIL, 1957).

No ano de 1958 o discurso não muda muito de foco quanto às perceptivas em relação ao Ensino Primário. A escola no Brasil ainda não é uma realidade para todos. Dos 5 milhões e 400 mil matriculados, apenas 3 milhões estão nas escolas públicas do Estado, desse percentual apenas 320.000 alunos chegavam à 4ª série primária. Kubitschek também apresenta, em um teor comparativo, que enquanto no Brasil um aluno tem 2.7000 horas letivas, na Suíça um aluno dispõe de 11.000 horas (BRASIL, 1958, p. 244).

Na continuidade da Mensagem ele faz um alerta, para que não houvesse ilusão com as estatísticas de matriculados e para se ater ao grande índice de repetência desses alunos, além do quadro de evasão escolar (BRASIL, 1958). Ao dizer que “a ausência de sistematização e grave desordem em nossa escola fundamental” (BRASIL, 1958, p. 246), já demonstraria sua insatisfação com a realidade do ensino no Brasil, sendo que a não existência de vagas suficientes para todos os alunos resultava em um funcionamento de até quatro turnos das escolas.

No ano seguinte, em 1959, a Mensagem ainda apresenta que as taxas de analfabetismo e de abandono escolar, sem a adesão de técnicas necessárias de leitura, contagem e escrita são situações presentes no contexto educacional do país.

Em 1958, a Mensagem apresenta que apenas 18,2% dos matriculados concluíram a 4ª série. Fatores como o crescimento demográfico da população, a falta de recursos, também contribuiriam para essa defasagem, que seria ainda mais acentuada nas áreas rurais.

Kubitschek destaca que a escola primária seria vista como “uma instituição sem finalidade própria, mero estágio introdutório ao curso secundário” (BRASIL, 1959, p. 217). Enfatiza que organizar a estrutura educacional não é o único passo que deveria ser tomado, pois, segundo ele:

---

<sup>16</sup> Segundo Campos (2007), o “hiato nocivo” é uma expressão do jurista Almeida Junior, que defendia que no período dos 11 aos 14 anos os jovens estariam mais propensos à delinquência e à vadiagem, independente de sua classe social.

Não mais se acredita, hoje, que basta abrir escolas para semear progresso e desenvolvimento. Tão pouco se admite que o desenvolvimento, por si só, espontaneamente, faça surgir o sistema educacional que o sustente e consolide. A idéia dominante, entre os educadores do nosso tempo, é de que cumpre criar escolas adequadas, capazes de transmitir as experiências, atitudes e habilidade, requeridas em cada estágio de desenvolvimento. Considerada a situação do ensino no Brasil, em ampla perspectiva, a educação ministrada pela escola primária apresenta-se como tarefa precípua do Governo, o problema, por excelência, a ser equacionado e resolvido. Se não lhe imprimirmos a amplitude e eficácia necessárias, o nosso homem comum não poderá alcançar o grau de produtividade que a sociedade industrial de nossos dias exige, nem será possível descobrir-se, estimular-se e cultivar-se, devidamente, o elemento mais apto, destinado a compor as elites nacionais (BRASIL, 1959, p. 215).

Nesse trecho, percebe-se a compreensão do governo em relação à educação como forma de produtividade da sociedade e aperfeiçoamento de seus meios de produção.

A Mensagem do ano de 1960 destaca que a União teria mera assistência supletiva aos Estados e Municípios em relação ao Ensino Primário. De 1956 a 1959 o aumento das matrículas foi de 1,5 milhão e a rede de Ensino Primário obteve um aumento de 30% (BRASIL, 1960). Os problemas educacionais não seriam situações que poderiam obter um resultado positivo e imediato, todas essas ações seriam vistas em longo prazo. Esta Mensagem também apresenta as dificuldades dos estudantes em concluírem o ensino, mesmo considerando que o ano letivo nessa época não chegava há 150 dias.

Desde 1958, seriam destinados à educação uma parcela de 10% dos impostos arrecadados. A formação adequada dos professores também é uma questão que continuaria em pauta, com incentivo à participação de cursos, estágios e seminários por parte dos professores (BRASIL, 1960). A Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo seria destinada a procurar soluções para esse problema.

No ano de 1961, Jânio da Silva Quadros, inicia a parte sobre as questões educacionais do país, mencionando que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação encontrava-se em apreciação no Congresso Nacional, com o objetivo de “[...] completar os dispositivos constitucionais e a colocar a legislação ordinária em consonância com os princípios da Constituição Federal” (BRASIL, 1961, p. 57).

Apresenta, também, que o auxílio da União seria de forma indireta, como uma maneira de unir esforços às iniciativas tomadas por Estados e Municípios. Sinaliza que uma medida de emergência seria tomada em âmbito nacional. Para ele, com essa ação deveria ser criado “[...] um movimento de âmbito nacional, mobilizando todos os recursos existentes e apelando para todas as pessoas de boa-vontade, com o fim de combater, de forma inapelável, o analfabetismo” (BRASIL, 1961, p. 58). Além das estratégias que deveriam ser tomadas pelo poder público, fica claro, com esse trecho, o incentivo para a colaboração da sociedade para combater o analfabetismo.

Quadros menciona o fato de que não prometeria empregar maiores verbas na educação e iludir a população, considerando a situação dos cofres públicos no período. Finalizando, expôs que esse planejamento de atividade poderia dar o “arranque decisivo para livrar o nosso país dos males da ignorância e do analfabetismo” (BRASIL, 1961, p. 61)

As Mensagens de 1962 a 1964 são do Presidente João Belchior Marques Goulart, mais conhecido como João Goulart ou Jango pela população brasileira.

O Presidente João Goulart, em 1962, apresenta em sua Mensagem a situação do Ensino Primário no Brasil como “calamitosa” (BRASIL, 1962, p. 18), considerando que apenas mais da metade da população em idade escolar (7 a 11 anos) teria acesso à escolarização primária.

De acordo com o Presidente, os problemas com as instalações escolares também seriam alarmantes, sobretudo as rurais, sendo que muitas teriam sido construídas e estariam inutilizadas por falta de recursos para sua manutenção.

Em continuidade com as Mensagens do Presidente João Goulart, este apresenta que no ano de 1963:

[...] sete milhões de crianças em idade escolar (entre 7 e 14 anos) não freqüentam escolas. Metade delas estão compreendidas na idade de 7 e 11 anos. Tôdas estarão condenadas a engrossar a massa de analfabetos adultos, se providências imediatas não forem tomadas, ainda que em caráter de emergência. A complexidade do problema é agravada pela desigualdade entre as diversas regiões do país, umas mais, outras menos desenvolvidas (BRASIL, 1963, p. 121).

Ele aborda a questão do acesso da população à educação escolarizada, que ainda em 1963, sete (7) milhões de crianças não estariam frequentando a escola, em uma faixa etária de sete (7) e onze (11) anos.



João Goulart apresenta, também, um discurso voltado para a escolarização direcionada à formação para o trabalho, explicando a necessidade de progresso de técnicas de produção. Aponta, ainda, que a população estaria aspirando por uma educação de qualidade e que o Brasil teria deixado de ser uma sociedade conformada com o atraso e almejaría uma educação baseada na ciência e em tecnologias desenvolvidas (BRASIL, 1963). Para essa finalidade, o Presidente explica que seria necessário:

[...] reorientar a educação brasileira para o atendimento das necessidades do sistema produtivo. Se a escola primária é inadequada, nos cursos de nível médio é ainda mais evidente essa inadequação. Até há pouco, na escola média brasileira, nove de cada dez crianças estavam frequentando cursos de caráter acadêmico, em vez de preparar-se para as atividades do trabalho. A reorientação desta escola média e seus reajustamento às condições defato, permitirá que passe a exercer um papel da mais extraordinária importância no processo nacional de desenvolvimento (BRASIL, 1963, p. 121-122).

Goulart expõe que a nova e recente Lei de Diretrizes e Bases da Educação, abriu a oportunidade de formulação de um Plano Nacional de Educação, considerado por ele, como um programa que asseguraria amplas oportunidades aos brasileiros (BRASIL, 1963). A Mensagem também apresenta a criação de um Programa de Emergência e de um Plano Trienal.

Quando se refere ao Programa de Emergência, o Presidente explica que seis (6) bilhões de cruzeiros seriam destinados ao Ensino Primário e Médio, permitindo o aumento de instituições escolares em 1.400 salas de aula com capacidade para cerca de 112.000 novas matrículas para o ensino primário, 4 milhões de cartilhas de alfabetização e 150.000 manuais do alfabetizador (BRASIL, 1963).

Com relação ao Plano Trienal (1963 – 1965), Jango apresenta que suas ações deveriam disciplinar as atividades governamentais, aumentando a cota mínima de 10% destinados à educação, para 15% em 1964 e 20% em 1965.

Em síntese, sobre o campo de ensino elementar, o Presidente menciona algumas realizações que seriam permitidas com esse plano:

1º) Construir e equipar 3.000 Escolas Integradas e 3.474 Grupos Escolares num total de 40.500 salas de aula que assegurarão mais de dois e meio milhões de novas matrículas;

2º) Recuperar 5.000 prédios escolares em condições precárias de conservação e reequipar 50.000 salas de aula;

3º) Assegurar subsídios aos Estados e Município, para a manutenção, expansão e aprimoramento de suas redes de ensino, no montante de 36 bilhões de cruzeiros;

4º) Contribuir com 5 bilhões de cruzeiros para a implantação nos centros urbanos, da 5ª e 6ª séries primárias, sendo a última delas equivalente à primeira ginásial;

5º) Destinar à escolarização de emergência e à alfabetização de adolescentes e adultos cerca de 20 bilhões de cruzeiros;

6º) Construir e equipar 18 grandes centros de formação e especialização do magistério primário e utilizar a rede nacional de escolas normais para formar, no triênio, 48.000 professores e 10.000 supervisores que, por sua vez, ministrarão cursos intensivos de aperfeiçoamento a 69.000 professoras leigas (BRASIL, 1963, p. 126).

Podemos verificar que o Presidente João Goulart não faz menção às escolas isoladas e nem ao ensino primário rural. Apresenta que as melhorias aconteceriam nos grupos escolares e escolas integradas, na alfabetização de adultos, na formação de professores e no aperfeiçoamento de professores leigos.

Nessa Mensagem, Jango também faz referência (como na Mensagem anterior) à educação elementar no que tange às oportunidades de acesso ao ensino primário de crianças entre sete (7) e onze (11) anos de idade, considerando que ainda seis (6) milhões estariam fora da escola. Nesse aspecto, faz menção ao ensino elementar das zonas rurais e até urbanas, em que as condições seriam consideradas precárias, apresentando que o governo continuaria a empenhar-se na concretização de metas qualitativas (BRASIL, 1964).

Sobre o aperfeiçoamento e especialização de professores primários, Goulart expõe que seria:

[...] condição indispensável para a realização de todos os objetivos quantitativos e qualitativos que nos propomos no campo da educação elementar -, de tal forma que o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos deverá, em 1964, preparar 2.000 professores-supervisores e especialistas em educação elementar e o Departamento Nacional de Educação, mais 1.150 professores-supervisores (BRASIL, 1964, p. 164)

A Mensagem também destaca os salários dos professores primários brasileiros que seriam “um dos mais baixos do mundo” (BRASIL, 1964, p. 165).

A seguir, podemos verificar como o governo de Jango concebia a necessidade de alfabetização da população, quando expõe que ainda no ano de 1964 pretendia-se:

[...] promover ampla mobilização para alfabetizar mais de 5 milhões de brasileiros que vivem marginalizados por não possuírem o mínimo para participar do sistema de produção e do processo político que, cada vez mais, exigem cidadãos capazes de velar pelos interesses da comunidade. Nessa mobilização dever-se-á desenvolver ação cuidadosamente planejada, para que sejam utilizadas técnicas modernas e meios suficientes, aptos não apenas a levar o analfabeto ao domínio do mecanismo da leitura e da escrita, mas também a habilitá-lo a participar conscientemente da vida política (BRASIL, 1964, p. 165).

Percebe-se a influência de dois objetivos com relação à alfabetização: dar à população condições de inserir-se adequadamente ao processo de produção e participar do processo político do país.

Os militares assumem o poder em 1964, após o Presidente João Goulart ser deposto no dia 31 de Março, instaurando, assim; o regime militar<sup>17</sup> no país. Dessa forma, sua última Mensagem como Presidente da República é datada neste ano. Quem assume o poder em 15 de Abril de 1964 é o General Humberto de Alencar Castello Branco.

As Mensagens do Presidente General vão do ano de 1965 a 1967, o qual abriu seu posicionamento sobre o desenvolvimento social do Brasil, atentando sobre a situação que “recebeu” o país com o início de seu governo. Sobre as questões educacionais, expôs os problemas que seriam considerados os impasses para o progresso e desenvolvimento da estrutura educacional no país, como o elevado número de analfabetos (apresentando o número de 30 milhões de pessoas), falta de especialização pedagógica, falta de aproveitamento escolar dos estudantes para a formação de mão-de-obra, regime escolar com horários reduzidos (BRASIL, 1965).

Para Castello Branco, essas precariedades seriam resultado, também, da má administração do governo anterior e que a “revolução” tomaria medidas buscando reverter esse quadro. Podemos perceber que o golpe de 1964 era visto como a solução para os problemas da nação.

---

<sup>17</sup> Sobre a história do regime militar no Brasil, consultar o livro História do Brasil (FAUSTO, 1995). Nessa obra, o autor apresenta um panorama histórico do Brasil desde a chegada dos portugueses até a década de 1980. O capítulo 9 refere-se ao regime militar no Brasil.

Ele apresenta que, com a aprovação do salário-educação<sup>18</sup> pelo Congresso, toda a comunidade poderia participar da luta contra um dos problemas nacionais: o analfabetismo. Nas questões sobre o ensino primário, aponta que:

[...] além de acentuado incremento de matrículas propiciado pelo recolhimento do salário-educação, proceder-se-á à intensificação do aperfeiçoamento do magistério não titulado, especialmente através da ação de 900 supervisores formados nos Centros de Treinamento, inaugurados em 1964. A construção das escolas de fronteira, a apuração final e a análise dos resultados do Censo Escolar e o prosseguimento dos programas específicos destinados a dotar o País de administradores e pesquisadores educacionais serão outras atividades relevantes em 1965 (BRASIL, 1965, p. 171).

Mais uma vez, destacam-se nas Mensagens Presidenciais questões envolvendo o analfabetismo e a formação de professores. Verifica-se, também, a importância dada às estatísticas, como mencionado, os dados do Censo Escolar. Sperrhake (2013, p. 48) explica que “para que o Estado pudesse ser governado era preciso conhecer suas diferentes forças e recursos, e esses dados produzidos pela estatística vão se constituir no conteúdo essencial do saber do soberano”.

Dando sequência à análise das Mensagens e em continuidade aos apontamentos de Castello Branco, em 1966, o Presidente inicia seu pronunciamento sobre as questões educacionais mencionando que encontrou, ao assumir o poder, uma “situação delicada, sujeito que estava a um processo de deterioração progressiva” (BRASIL, 1966, p. 108).

Ele aponta, também, que a realização do Censo Escolar permitiu verificar os problemas que ainda atingiam a educação brasileira. No Ensino Primário, a desistência, reprovação e baixo índice de aproveitamento dos alunos eram considerados pelo Presidente, como alguns dos problemas que necessitariam ser corrigidos. De acordo com Castello Branco, alguns pontos positivos foram obtidos:

---

<sup>18</sup> Em 1964 é criado o Salário-Educação, por meio da Lei nº 4.440/1964, tendo como objetivo a suplementação das despesas públicas com a educação elementar (ensino fundamental), adotando como base de cálculo 2% do Salário Mínimo local, por empregado, mensalmente. Em seguida, em 1965, a alíquota dessa contribuição social passou a ser calculada à base de 1,4 % do salário de contribuição definido na legislação previdenciária e mais tarde, em 1975, por meio do Decreto-Lei nº 1.422/1975 e do Dec. 76.923/1975, novas alterações foram implantadas no contexto do Salário-Educação, passando sua alíquota a ser calculada à base de 2,5% do salário de contribuição das empresas, situação que perdura até os dias atuais (FNDE, 2017).

[...] com os programas de treinamento de administradores escolares e aperfeiçoamento intensivo de professores leigos, iniciados em 1964. Dentro desses programas, foram formados mais de quinhentos supervisores e promovidos cerca de uma centena de cursos, interessando a 12.600 mestres sem especialização pedagógica, provenientes de todas as unidades da Federação. A Comissão Nacional de Alimentação Escolar, agindo igualmente no sentido de dar melhores condições de aproveitamento à população brasileira, ampliou suas atividades, atendendo a mais de 7 milhões de crianças (BRASIL, 1966, p. 109).

Em 1967, a última Mensagem do Presidente General Humberto de Alencar Castello Branco ao Congresso Nacional apresentou, o que seriam para o governo, os pontos que foram objetivados no setor educacional:

[...] o aprofundamento do conhecimento do sistema de ensino e sua planificação conseqüente; a expansão do atendimento escolar; a utilização efetiva da educação como instrumento de aperfeiçoamento do processo de democratização de oportunidades; a formação, através da educação, de uma estrutura mais adequada de recursos humanos, imprescindível ao desenvolvimento nacional (BRASIL, 1967, p. 101).

Com relação à expansão do atendimento escolar, como apresentado anteriormente, consta que as matrículas do Ensino Primário tiveram um aumento de cerca de 3% entre os anos de 1964 e 1965, passando 10.217.000 a 10.500.000 matrículas; para o ensino normal esse percentual foi de 26% (BRASIL, 1967).

Para o Presidente Castello Branco, algumas melhorias qualitativas foram atingidas no setor de ensino primário no Brasil, como a ampliação da educação básica para seis (6) anos; o aumento do número de cursos para a formação de professores e de especialistas em administração escolar e o reequipamento dos prédios escolares (BRASIL, 1967). Quanto à intensa desistência e reprovação de alunos do Ensino Primário, Castello Branco expõe que foram trabalhadas ações para a expansão do Programa de Alimentação Escolar e da Campanha Nacional de Material Escolar:

[...] em 1965 foram distribuídas 5,3 milhões de merendas e 2,2 milhões de almoços diários, atendendo 7,5 milhões de crianças; em 1966, ampliada a ação ao ensino ginásial público, foram atendidos por dia 11,3 milhões de estudantes. A Campanha Nacional de Material Escolar, igualmente, intensificou a produção de cadernos e a aquisição de outros artigos, para distribuição a baixo custo aos jovens brasileiros (BRASIL, 1967, p.103).

O governo, de uma forma geral, objetivava cumprir as metas do Plano Decenal de Educação, promovendo uma “estrutura de recursos humanos impulsionadora do progresso nacional, e orgulhar-se de atingir um estágio de justiça social digno de suas tradições históricas” (BRASIL, 1967, p. 105).

Em 1968 e 1969, as Mensagens são apresentadas ao Congresso Nacional pelo Presidente General Arthur da Costa e Silva. Dentre as ações que mobilizaram o país no ano de 1967, nos quesitos educacionais, Costa e Silva, apresenta que os mesmos, encontraram-se, “dentro do objetivo prioritário de valorização do homem brasileiro” (BRASIL, 1968, p. 103), em que “ampliaram-se as oportunidades de acesso ao sistema de ensino, no intuito para formar os recursos humanos necessários aos setores de produção, colocando-se a educação a serviço do desenvolvimento integral do País” (BRASIL, 1968, p. 103).

Sobre o Ensino Primário, o Presidente já esclarece, de antemão, que o auxílio da União seria de forma supletiva, sendo uma competência dos Estados, mas que incentivos seriam destinados às causas educacionais. O Presidente Costa e Silva, exprime que o repasse de recursos destinados à rede escolar primária, estaria acima de 29 milhões de cruzeiros novos, aí incluídos 15 milhões de cruzeiros novos do salário-educação (BRASIL, 1968).

No setor de formação de professores e profissionais da área, o Presidente aponta que:

[...] Os cursos intensivos de recuperação de professores leigos atenderam 17 mil mestres, os dirigidos ao pessoal administrativo e docente especializado do nível de ensino primário treinaram e aperfeiçoaram outros 1.429 profissionais, e os especialistas em educação e assistência alimentar prepararam 3.862 técnicos (BRASIL, 1968, p. 104).

Além das questões de aprimoramento do campo dos profissionais da área, Costa e Silva também abordou em sua Mensagem sobre a distribuição de merendas escolares e de material escolar (cadernos de exercícios, obras de consulta e de outros artigos) e completou explicando que “[...] na implementação dos programas de treinamento de pessoal, alimentação escolar e livros-texto, o Governo brasileiro recebeu ajuda de outros países e de organismos internacionais” (BRASIL, 1968, p. 104).

Em sua última Mensagem ao Congresso Nacional, o Presidente General Arthur da Costa e Silva inicia expondo sobre o compromisso que teria assumido seu governo com a formação de recursos humanos necessários para o progresso econômico da nação (BRASIL, 1969). Ainda sobre esta questão, Costa e Silva expõe que:

Ultimaram-se estudos complementares ao Programa Estratégico de Desenvolvimento, definindo linhas de ação e programas prioritários para a consecução dos objetivos da Educação nacional. E com a finalidade de planejar a política nacional de recursos humanos, envolvendo educação e preparo de mão-de-obra, criou-se o Centro Nacional de Recursos Humanos. Foram igualmente elaborados os vários projetos que consubstanciam a Reforma Administrativa do Ministério da Educação e Cultura e a Reforma Universitária. (BRASIL, 1969, p. 82).

Mais uma vez temos ênfase nas questões envolvendo educação e formação de mão-de-obra. Ressalta, também, a ação supletiva da União com relação ao ensino primário, apresentando que o aumento de matrículas com relação ao ano de 1967 teria sido de 3%, totalizando em um repasse de recursos de 33,8 milhões de cruzeiros novos.

De acordo com o Presidente, os programas para o aperfeiçoamento docente teriam prosseguido com a formação de mais de 2 mil profissionais da área, além da continuidade do programa de alimentação escolar (distribuídos em 3.436 municípios) e do material didático (venda a preço de baixo custo de 490 mil cadernos de exercício; 535 mil obras de consulta; 23,5 milhões de outros materiais) (BRASIL, 1969, p.84).

Para finalizar essas questões, Costa e Silva, expôs a criação de um projeto especial, a “Operação-Escola”, que atenderia um objetivo constitucional e seria destinado ao “[...] cumprimento da obrigatoriedade escolar e à reforma do ensino primário, nas capitais e cidades de maior desenvolvimento” (BRASIL, 1969, p. 85).

A última Mensagem analisada nesse quadro apresentado pelos Presidentes do Brasil é a do ano de 1970, ano em que o General Emílio Garrastazu Médici governava o país.

No início de seu parecer sobre as questões educacionais, Médici apresenta alguns reveses que ainda estariam assolando a educação do país:

A desconexão entre os diversos graus de ensino; a alarmante evasão do ensino primário e, nele, a repetência em taxa muito alta; a falta de planificação da oferta; a seletividade antidemocrática, sobretudo do ensino médio; o fenômeno dos excedentes; o despreparo de grande parcela do magistério e sua baixa remuneração; e o elevadíssimo índice de analfabetismo [...] (BRASIL, 1970, p. 53).

Outra situação abordada pelo Presidente Médici foi a falta de entrosamento entre os currículos dos diversos graus, “a que se soma o seu caráter tipicamente propedêutico” (BRASIL, 1970, p. 53).

Esclarece também, de acordo com as perspectivas de seu governo, que os currículos exigiam forte carga “horária de informações puramente acadêmicas, sem qualquer preocupação de qualificação gradativa da mão-de-obra nacional ao longo das diversas etapas dos cursos” e completa que tendo em vista a produtividade do ensino, já estaria pronto o “estudo para a integração do curso primário com o primeiro ciclo do atual curso médio, de modo a criar-se o conceito da educação fundamental, que virá corrigir os defeitos de desconexão hoje existentes entre os currículos desses graus de ensino” (BRASIL, 1970, p. 53).

O Presidente já daria indícios que essa proposta seria aprovada logo em 1971 e seria implantada uma nova sistemática para o Ensino Fundamental, o que aconteceu com a promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Na Mensagem, também expôs que 40% dos professores primários em exercício nesse período eram leigos e que seriam tomadas medidas de incremento do plano decenal para o treinamento desses profissionais (BRASIL, 1970).

No caso do Ensino Fundamental, a reformulação dos currículos buscava amenizar os índices de evasão escolar e repetência dos alunos, trabalhando juntamente com uma política “[...] bem mais atuante da Campanha Nacional de Alimentação Escolar, de par com a construção das escolas nas áreas periféricas dos grandes aglomerados humanos, bem como sua interiorização nos municípios, poderá ser a solução adequada para o problema (BRASIL, 1970, p.56).

Nesse primeiro subcapítulo, o intuito foi organizar um panorama geral do ensino primário e da escolarização da população da década de 1950 a 1970, tendo em vista o recorte temporal, procurando elementos que auxiliassem a verificar de que forma o Ensino Primário em âmbito nacional estava organizado, quais as ações que foram destinadas para sua melhoria ou se seriam apenas apontamentos das



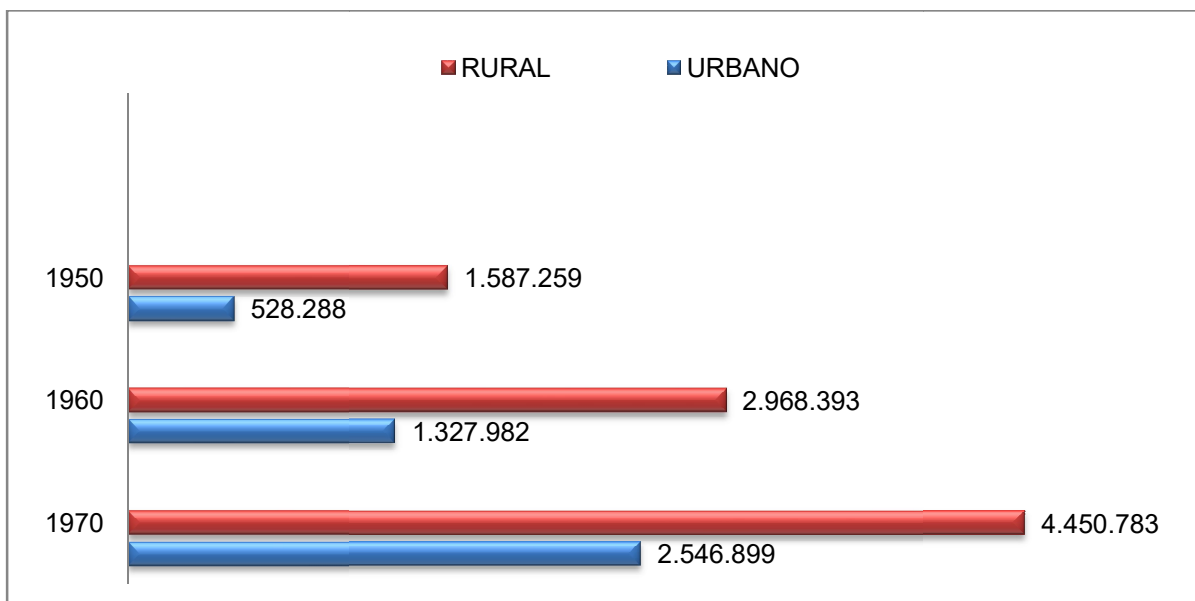
insuficiências. No próximo subcapítulo apresento algumas considerações em âmbito estadual.

## 2.2 O ESTADO DO PARANÁ E A ESCOLARIZAÇÃO DA POPULAÇÃO: CONTEXTO POPULACIONAL E CONDIÇÕES DE ACESSO AO ENSINO PRIMÁRIO (1950-1970)

Nesse subcapítulo trago considerações acerca do Ensino Primário no Estado do Paraná, o contexto populacional urbano e rural, condições de acesso às escolas primárias, as taxas de analfabetismo do Estado, o número de unidades escolares e sobre a emergência da organização de uma estrutura educacional primária nas áreas rurais.

Início traçando um panorama populacional do Estado. Na década de 1950 possuíamos 2.115.547 de habitantes. Já em 1960, uma quantia de 4.296.375 habitantes e em 1970, 6.997.682 habitantes. Desses totais temos uma quantidade de habitantes por área como apresento no gráfico abaixo:

**Gráfico 4:** Número de pessoas residentes no Paraná no ano de 1950, 1960 e 1970 – área urbana e rural



**Fonte:** elaborado pela autora (2017) de acordo com dados do Censo Demográfico – Séries Históricas (IBGE, 2000).

Analisando o gráfico de uma forma comparativa, percebe-se que além do crescimento populacional do Estado no decorrer dos anos, a concentração de pessoas na área rural era maior em relação à quantidade da área urbana, com seu ápice na década de 1970. Panorama diferente dos números nacionais, que no decorrer das décadas, a população residente na área urbana só aumentou. Esses dados nos possibilitam perceber o panorama da composição do Estado do Paraná, onde cada vez mais pessoas estabeleciam-se na área rural.

Corroborando no sentido de observar o grande fluxo de pessoas se deslocando para o interior do Estado, Bareiro (2007, p. 50) afirma que a “[...] colonização do Paraná passou a ser uma preocupação do Estado, tendo em vista que as regiões norte e sudoeste do Estado eram desprovidas de núcleos urbanos [...]”. A mudança desse quadro só aconteceria no decorrer da década de 1970 “[...] com o auge do processo de urbanização, industrialização e o êxodo rural [...]” (FURTADO; SCHELBAUER; SÁ, 2015, p. 103).

Nesse aspecto, a produção agrícola foi uma das grandes responsáveis pelo desenvolvimento do Estado e pela sua ocupação territorial, gerando grande movimento migratório e fortalecimento da economia paranaense. Destacando o papel de grandes empresas na expansão do Estado, temos que:

O estímulo econômico para essa colonização baseou-se na facilidade de aquisição e pagamento de propriedades rurais e a principal empresa colonizadora que atuou no Norte do Paraná foi a Companhia de Terras Norte do Paraná que posteriormente passou a denominar-se Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. (BAREIRO, 2007, p. 50).

Assim, as iniciativas de colonização das regiões norte, noroeste, oeste e sudoeste, por intermédio de companhias particulares, como a Companhia Terras Norte do Paraná (CTNP); provocou um grande movimento migratório no Estado que, atraídos pela propaganda de sua produtividade, encontraram nessas terras um lugar fértil para a produção agrícola. Como foi o caso do cultivo do café, “o cultivo desse produto, presente no estado desde a primeira República, sustentou a sua economia até a década de 1960, período em que se deu início à diversificação das atividades agrícolas e à intensificação do processo de industrialização” (AKSENEN; MIGUEL, 2017, p. 802).

Completando sobre essa questão territorial, temos que:

Um dos grandes desafios enfrentados pelo estado também era o povoamento, tendo em vista a vasta extensão rural. As práticas administrativas dos governos de Manoel Ribas (1932-1945), Moysés Lupion (1947-1951 e 1956-1961) e Bento Munhoz da Rocha Netto (1951 – 1955) foram, sobretudo, voltadas ao povoamento do território [...] Com este intuito, o povoamento de parte do território paranaense foi realizado por intermédio de companhias particulares que detinham, durante a década de 1930, o controle das iniciativas de colonização das regiões Norte, Oeste e Sudeste do estado (FURTADO; SCHELBAUER; SÁ, 2015, p. 110).

O novo fluxo de pessoas para interior do Estado cria uma demanda de desenvolvimento social e cultural. Furtado, Schelbauer e Sá (2015, p. 123) consideram que:

[...] a emergência da expansão do ensino primário rural acompanhou o desenvolvimento econômico do estado e seu processo de interiorização, com a colonização das regiões Norte, Oeste e Sudeste. O potencial agrícola do Paraná, o forte impulso migratório de corrente da cultura do café na região Norte e da pecuária na região Oeste e Sudeste nos fizeram refletir sobre as particularidades do estado em relação ao país e, internamente, em suas regiões.

Impulsionados pelas possibilidades de trabalho e por melhores condições de vida, muitos sujeitos deslocaram-se para o interior paranaense para fixarem-se na área rural. Essa questão migratória resultou na geração de possibilidades para se estruturar a vida nesses lugares. A criação de escolas nessas localidades se tornou um imperativo, tendo em vista o maior número de crianças em idade escolar e que necessitavam de escolarização, já que:

A urgência com a educação primária para a infância se tornava primordial diante do alto número de analfabetos que vivia nas áreas rurais. Embora houvesse nas cidades um crescimento da oferta educacional, a elitização do ensino urbano, com a criação dos grupos escolares, dificultava o acesso das classes populares ao introduzir a frequência obrigatória, o uniforme e o uso de materiais pedagógicos. A frequência irregular da criança trabalhadora seria inconcebível e o espaço escolar estaria cada vez mais distante da criança da zona rural que participava dos trabalhos, especialmente em tempos de colheita. (FURTADO; SCHELBAUER; SÁ, 2015, p. 134).

Sobre as ações destinadas às escolas primárias rurais pelo Governo do Paraná, Schelbauer (2014, p. 80) apresenta que:

A denominação Escola Primária Rural foi apresentada, pela primeira vez, em mensagem referente ao exercício nos anos de 1924 a 1928 e apresentada, pelo presidente de Estado, Caetano Munhoz da Rocha, ao Congresso Legislativo, indicando as 120 escolas primárias rurais subvencionadas pela União, em conformidade com o decreto n. 13.014, de 13 de maio de 1918 (Paraná, 1928). Sobre esta questão é interessante observar as prescrições da Reforma João Luíz Alves da Rocha Vaz, instituída pelo decreto n. 16.782, de 13 de janeiro de 1925, que estabelecia a participação da União para a difusão do ensino primário, bem como criava as bases sobre as quais a União subvencionaria os Estados na difusão da escola primária rural [...].

Com esses apontamentos de Schelbauer (2014) verifica-se que as primeiras iniciativas em prol da escola primária, especificamente rural, ocorrem na década de 1920, período de colonização do Estado, processo que continuará presente no decorrer da década de 1950, como será possível verificar com a análise das Mensagens dos Governadores do Estado no próximo item.

Sobre a criação de escolas na zona rural, Bareiro (2007, p.43) explica que:

As escolas rurais existentes no Paraná, estavam instaladas nas propriedades rurais e eram de responsabilidade dos proprietários. Poucos ficavam nas confluências das estradas ou nos bairros e vilas rurais. Eram dirigidas por professores leigos ou por professores que vinham da cidade e estavam nessa situação transitoriamente até conseguirem uma vaga na escola da cidade. (BAREIRO, 2007, p. 43)

Vale ressaltar que nesse contexto a instituição primária, lócus dessa pesquisa, é uma escola primária rural, que foi fundada dentro de uma propriedade rural na década de 1950, evidenciando essa realidade de mobilização da sociedade civil em prol da educação primária para os seus.

Com relação à criação de escolas primárias no Paraná, as escolas isoladas, monitoradas por um professor, eram presenças marcantes no ensino do meio rural. Nesse contexto da década de 1950, com a importância que a produção cafeeira lança ao Estado, há um investimento para a construção de casas escolares (CORNICELLI, 2015, p. 32).

Muitas escolas rurais do Estado ainda enfrentavam alguns problemas em relação ao ensino destinado à população campestre, já que muitas dessas instituições “[...] funcionavam em condições precárias, sem estrutura física e material, seguindo os mesmos conteúdos e ideologias das escolas urbanas,

fomentando ainda mais a discrepância existente entre o urbano e o rural [...]” (RODRIGUES, 2017, p. 68).

Furtado, Schelbauer e Sá (2015, p. 134), em estudo sobre a escola primária rural no Paraná e no Mato Grosso, entre a década de 1930 a 1961, abordam que:

[...] a escola primária rural foi pensada como uma política estadual, por dois fatores: o primeiro relacionava-se à demanda criada, à formação das novas gerações que pudessem garantir a riqueza do estado associada ao rural; segundo, civilizar a população que habitava no meio rural, ensinar não só a ler, escrever e contar, mas hábitos de higiene e valorização da vida no campo. Manter o homem do campo no campo, mas em condições de tornar o campo moderno, de modo a implementar a economia associada ao rural (FURTADO; SCHELBAUER; SÁ, 2015, p. 134).

As autoras explicam dois fatores importantes com relação à escola primária rural, o objetivo de permanência no homem do campo no ambiente rural e questões para além do ensino em si, como a aquisição de hábitos de higiene, primordiais para a saúde e para a vida diária, evitando a proliferação de doenças que eram muito constantes na época. Podemos compreender, de acordo com os apontamentos de Furtado, Schelbauer e Sá, que a expansão da escola primária rural ocorreu:

[...] sobretudo a partir da década de 1930, motivada, de um lado, pelo ruralismo pedagógico<sup>19</sup> e, de outro, pelo processo de colonização empreendido pelas companhias colonizadoras, o que desencadeou um amplo movimento em prol da formação do professor rural, impulsionado pela Lei Orgânica do Ensino Normal de 1946 (FURTADO; SCHELBAUER; SÁ, 2015, p. 134).

A formação do professor rural seria dada nas Escolas Normais Regionais, criadas com o intuito de formar o professor para a realidade do campo.

Outro dado importante seria com relação aos índices de alfabetização do Estado. Nesse sentido, construí um gráfico com os percentuais da população paranaense que não sabia ler e nem escrever nesse período.

---

<sup>19</sup> Segundo Calazans (1993 *apud* TIBUCHESKI, 2011, p. 63) o ruralismo pedagógico, movimento que teve sua maior abrangência a partir da década de 1930, “consistia na defesa de uma “escola rural típica”, com currículos adequados às peculiaridades regionais, com a preocupação de ajustar ou enraizar o homem ao campo, de forma a atender à vocação rural do país e que o livrasse do inchaço urbano e da iminência de uma desordem social”.

**Gráfico 5:** Percentual de pessoas presentes com 10 anos e mais no Paraná quanto o nível de instrução em 1950

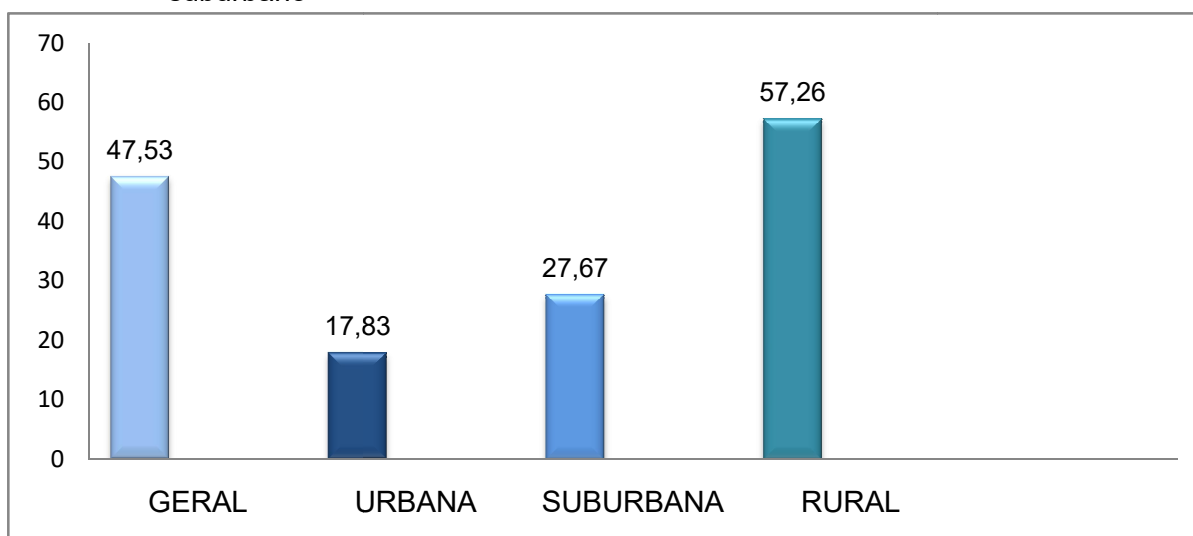


**Fonte:** elaborado pela autora (2017) de acordo com dados do Anuário Estatístico Brasileiro (IBGE, 1955).

Pelos dados, observa-se que 47,53% da população paranaense, acima de 10 anos, não sabia ler e escrever. Se compararmos com os dados gerais do país, que era de 51,65% nesse período, o Paraná apresentava um maior índice de alfabetização de aproximadamente 4,2% em relação à federação.

Do total de 47,53% de analfabetos no Estado, observemos como esse total se distribuía entre as populações que residiam na área rural, na área urbana e suburbana, vejamos os índices:

**Gráfico 6:** Pessoas presentes com 10 anos e mais no Paraná que não sabem ler e nem escrever no ano de 1950 – quadro geral, quadro rural, quadro urbano e quadro suburbano



**Fonte:** elaborado pela autora (2017) de acordo com dados do Anuário Estatístico Brasileiro (IBGE, 1955).

O Anuário Estatístico do Brasil (IBGE, 1955) apresenta que, em 1950, 75,03% da população paranaense residiam na área rural, ou seja, a maioria da população paranaense. Ao analisar o gráfico e observar as diferenças percentuais entre a área urbana, suburbana e rural, verifica-se que os quadros suburbanos e rurais apresentam maior quantidade de analfabetos, sem esquecer que a maioria da população estava concentrada na área rural.

O Professor Erasmo Pilotto que foi Secretário de Educação do Estado do Paraná (1949-1951), ao sistematizar um documento sobre a educação pública no Estado (1954), faz os seguintes questionamentos com relação à criança paranaense nesse período:

[...] quem é essa criança de 12 a 15 anos e que faz ela no Paraná? 37.000 moram em cidades; 20.000 na zona suburbana; 190.000 na zona rural. É preciso dizer-se que as nossas estatísticas consideram cidades, agrupamento mais ou menos densos também em plena zona rural. A porcentagem de analfabetismo na zona rural é de mais de 60 %, nessa idade. E que fazem as crianças de 12 a 15 anos na Paraná? 45.000 trabalham na agricultura: 38.000 m; 7.000 f. 5.000 trabalham na indústria: 2.200 m; 2.800 f. 1.900 trabalham no comércio: 100 m; 1.000 f. 4.500 trabalham em outras atividades: 1.300 m; 3.200 f. 130.000 estão na escola ou em atividades domésticas não remuneradas: 45.000 m; 85.000 f. 65.000 não fazem nada: 38.000 m; 27.000 f. As estatísticas do SENAI davam, para menores trabalhando na indústria, no Paraná, 3.853 (PILOTTO, 1954, p. 122).

Pilotto (1954) traz dados de uma faixa etária da população paranaense, a dos 12 aos 15 anos, que contribuem para montar um quadro da população infantil da década de 1950. Esses dados auxiliam na compreensão de que o trabalho infantil era uma prática social e não apenas da área rural. As crianças estavam envolvidas nas mais diferentes práticas de trabalho. Por outro lado, os dados corroboram com a construção do quadro social em que a vida acontecia predominantemente na área rural. Também ajuda a compor o quadro de analfabetismo da área rural que, segundo Pilotto (1954, p. 124), chegaria a 60%. Analisemos:

Em todo o caso, se considerarmos que aos 12 anos, um pouco menos de 40 % das crianças da zona rural já estão alfabetizadas, podemos calcular que das 45 mil que trabalham na agricultura, teremos de nos haver apenas com umas 27 mil. Dado o fato que a agricultura não é uma ocupação de tempo integral durante o ano,

podemos contar, dentro de uma bem estudada distribuição do tempo escolar e de uma ampla flexibilidade de planos de duração da vida letiva, acomodados às várias regiões do Estado [...].

Observa-se que a preocupação de Erasmo Pilotto seria com as crianças que trabalham, tendo em vista o seu menor tempo de dedicação aos estudos. No entanto, no olhar desse autor; o problema se amenizaria com a flexibilização do trabalho agrícola e dos tempos escolares.

Ainda na perspectiva de montar um mosaico com as diferentes peças que compõem o cenário educacional da década de 1950 no Paraná, volto-me para os dados relacionados à sua organização e estrutura.

Schelbauer (2014, p. 81) explica que em relação às escolas isoladas no Paraná, “[...] apesar de não termos dados precisos, podemos considerar que uma parte significativa estava instalada na zona rural, tendo em vista que a maior parte da população se concentrava no campo”. Sobre outros modelos de escolas existentes na área rural, podemos verificar que:

Em relação ao Paraná, além da escola isolada da zona rural, também denominada de casa escolar rural, coexistiram mais dois modelos: a escola de trabalhadores rurais e de pescadores e o grupo escolar rural, com programas semelhantes aos dos grupos escolares urbanos, mas com a oferta de ensino agrícola profissionalizante. Assim como São Paulo, o Paraná experimentou modelos alternativos na oferta do ensino primário rural (FURTADO; SCHELBAUER; SÁ, 2015, p. 135)

Quando o assunto é o número de unidades escolares de ensino primário comum e de alunos matriculados nas escolas primárias, temos os seguintes dados de acordo com a visão geral dos anos de 1949, 1960, 1970:

**Quadro 6:** Número de unidades escolares primárias e de alunos matriculados no Paraná (1949-1970)

ANO	UNIDADES ESCOLARES DE ENSINO PRIMÁRIO	NÚMERO DE ALUNOS MATRICULADOS EM ESCOLAS PRIMÁRIAS
1949	2.216	155.519
1960	5.816	398.619
1970	12.086	973.110

**Fonte:** elaborado pela autora (2017) de acordo com dados das “Estatísticas do Século XX” – IBGE (1941-1949; 1960-1969; 1970-1979).



No período de 1949 a 1970, verifica-se que tanto o número de unidades escolares quanto o número de alunos matriculados obtiveram um crescimento acentuado, mas; como vimos anteriormente, o número de matrículas até poderia ser alto, contudo; o percentual que conseguia concluir o curso era muito reduzido, devido às condições de permanência desse aluno na escola.

Após a verificação desses dados estatísticos, passarei para a análise das Mensagens dos Governadores do Estado do Paraná.

### 2.2.1 Discursos nas Mensagens Anuais dos Governadores do Estado do Paraná (1950-1970): o Ensino Primário

Na primeira parte, direcionei-me a analisar o que as Mensagens Presidenciais apontavam com relação ao Ensino Primário no Brasil, sua estrutura e organização, de acordo com a perspectiva de cada governo. Em consonância com essa proposta de análise de *documentos/monumentos*, coloco em pauta as Mensagens dos Governadores do Estado do Paraná entre a década de 1950 e 1970. Seguindo as determinações da Constituição Estadual, o governador, a cada abertura de sessão legislativa; deveria proferir uma mensagem expondo a situação do Estado em todos os seguimentos do serviço público, as ações realizadas e as intenções para o próximo ano de mandato.

A análise dessas Mensagens propõe identificar de que forma os governadores do Estado abordaram aspectos situacionais e organizacionais da educação primária, a formação de professores primários e as ações em prol da educação no Paraná. No quadro abaixo temos a relação das mensagens utilizadas com os referidos Governadores do Estado:

**Quadro 7:** Mensagens<sup>20</sup> dos Governadores do Estado do Paraná (1950-1970)<sup>21</sup>

ANO	GOVERNADOR	GESTÃO	QUANTIDADE
1950 1956 1957 1958	Moysés Wille Lupion de Tróia	1947-1951 1956-1961	4 mensagens

<sup>20</sup> Algumas mensagens, de acordo com a sequência dos anos de mandato dos governadores, não constam no Arquivo Público do Paraná, como pode ser observado no quadro.

<sup>21</sup> No quadro apresento o nome completo dos Governadores, na descrição do texto apresento, também, a forma como os mesmos são conhecidos no Estado do Paraná.

1951	Bento Munhoz da Rocha Netto	1951-1955	1 mensagem
1961 1962 1963 1964 1965	Ney Aminthas de Barros Braga	1961-1965	5 mensagens
1967 1968 1970	Paulo Cruz Pimentel	1966 - 1971	3 mensagens

**Fonte:** elaborado pela autora (2017) de acordo com as mensagens dos governadores (PARANÁ, 1950, 1951, 1956, 1957, 1958, 1961, 1962, 1963, 1964, 1965, 1967, 1968, 1970).

Ao iniciar sua Mensagem em 1950, o Governador Moysés Lupion ao destinar-se às questões da educação pública, abre sua fala referindo-se, em primazia, ao intuito de aumentar e ampliar a rede de ensino primário rural (PARANÁ, 1950). Para essa finalidade, fala do acordo estabelecido entre o Estado e Municípios, em que o primeiro assumiu “a responsabilidade financeira pela abertura de escolas na zona rural, pagando os professores, dotando-as de material e assistindo-as tecnicamente” (PARANÁ, 1950, p. 29).

Tratando-se também das escolas primárias rurais no Estado, o Governador apresenta a frequência escolar das crianças dessas localidades, colocando que:

As escolas da zona rural, com uma frequência alarmante, eram escolas apenas de 1º ano primário e as nossas crianças da zona rural só tinham, na maioria das vezes, assim, uma formação de 1º ano primário. Assim é que em 1948 ainda, para 32.000 alunos matriculados no primeiro ano em todo o Estado na zona rural tínhamos apenas 7.000 alunos aproximadamente, no segundo ano, ou seja, uma porcentagem de menos de 22% de alunos de segundo ano em relação à matrícula no 1º ano (PARANÁ, 1950, p. 30).

Com esse trecho da Mensagem, temos que, segundo o Governador, muitas escolas da área rural ofertavam apenas o 1º ano do ensino primário com uma diferença da quantidade de alunos matriculados nas escolas rurais em relação ao total de todo o Estado.

Lupion também apresenta que, em 1949, cerca de 500 escolas rurais foram criadas no Estado e que em 1950 esperava-se que esse número atingisse a quantidade de 1.200 unidades escolares rurais.

Com relação aos materiais didáticos, o Governador expõe que distribuiu a quantia de 25.000 cartilhas de método simples, “adequado à incipiente formação da maioria de nosso professorado dessas escolas” (PARANÁ, 1950, p. 30). Moysés Lupion coloca, também, a oferta de cursos de professores para a adesão de

técnicas mais simples de leitura, escrita e cálculo, ministradas pelas inspetorias de ensino dos municípios. Além desses cursos, outra iniciativa tomada pelo governo do Estado foi à criação de Escolas Normais Regionais<sup>22</sup> para a formação do mestre rural em sua própria localidade.

Essas primeiras colocações da Mensagem do Governador Moysés Lupion em 1950 focam nas questões das escolas primárias rurais no Estado, principalmente com relação à frequência escolar e formação de professores.

Com relação à escola primária urbana, Lupion referia-se ao alto índice de reprovações desses alunos, destacando; de acordo com ele, um avanço de 52% de aprovados, em 1948, para 67%, em 1949 (PARANÁ, 1950). Ressalta, ainda, com relação aos grupos escolares; que os programas desenvolvidos para os mesmos estariam em consonância com os padrões de grupos escolares dos grandes Estados do Brasil e que, em 1949, foram construídos 18 novos prédios e estariam em andamento mais 35 unidades (PARANÁ, 1950).

A Mensagem de 1951 fica a cargo do Governador Bento Munhoz da Rocha Netto, que assumiu o governo do Estado no ano em questão. Nessa explanação, Rocha Netto não expõe muitos detalhes em relação ao ensino primário e ao ensino primário rural. Para o Governador, a situação preocupante seria a falta de amplitude de atendimento escolar a uma maior parte da população. Ele coloca que na época:

[...] só uma terça na população escolar do Paraná está sendo atendida, permanecendo cerca de 300.000 crianças sem assistência educacional. O déficit se manifesta mais grave nas regiões norte e oeste do Estado, carência que temos procurado abrandar concentrando as poucas vagas que dispomos para nomeações para essas zonas. Tal providência poderá ser solicitada simultaneamente com a elevação a “Grupo Escolar” de cerca de 140 escolas, que funcionam com centenas de matrículas sem que essa indispensável atualização tenha sido providenciada [...] (PARANÁ, 1951, p. 112).

Nesse contexto apresentado, as regiões que precisariam de maior atendimento seriam as regiões norte e oeste do Estado e para procurar amenizar a situação de falta de atendimento escolar, vários grupos escolares seriam criados nessas regiões.

---

<sup>22</sup> Como sugestão sobre o tema, a dissertação de Hervatini (2011) apresenta um estudo sobre duas Escolas Normais Regionais localizadas no Norte do Estado do Paraná, a Escola Normal Regional Pestalozzi, em Apucarana, e na Escola Normal Regional Eduardo Claparèd, em Maringá; a dissertação de Gonçalves (2016) apresenta a Escola Normal Regional de Cianorte no Paraná.

Moysés Lupion, em Mensagem de 1956, apresenta que o Ensino Primário seria ministrado em 226 grupos escolares e 1.712 escolas isoladas oficiais com matrícula aproximada de 134.286 alunos, além de 1.036 escolas primárias mantidas pelo Estado com uma matrícula de 22.148 crianças, “escolas essas concernentes ao acôrdo firmado com 116 municípios para a ampliação da rêde do Ensino Primário Rural” (PARANÁ, 1956, p. 157). Além dessas já citadas, ainda contariam com mais 168 escolas primárias particulares registradas. Com o acordo estabelecido entre o Ministério da Educação e Cultura e o Estado do Paraná, seriam construídas 16 escolas rurais e 2 grupos escolares, sendo que em 1955, 55 novos grupos escolares foram construídos.

No ano seguinte, em 1957, a Mensagem também está a cargo do Governador Moysés Lupion. Sua explanação faz menção à formação de professores do Estado:

Comecemos com os estabelecimentos de ensino normal, um problema cuja gravidade fica evidente quando se sabe que mais de metade do nosso magistério primário não tem formação secundária nem formação profissional especializada e, que as nossas exigências, neste campo, crescem dia a dia, em grandes proporções (PARANÁ, 1957, p. 129).

Para Lupion não seria suficiente apenas obter a quantidade de professores necessária para atender à demanda, mas, de uma formação adequada, considerada primordial para a boa qualidade do ensino.

Na Mensagem de 1957 não constam muitas informações sobre a situação do Ensino Primário, contudo, expõe também a falta do número de vagas nos grupos escolares, este já verificado logo no começo de 1956. A Mensagem apresenta com relação às obras e edificações, a construção, reparo e/ou melhoria de Casas Escolares e Grupos Escolares no Estado.

Prosseguindo com as Mensagens, temos a do ano de 1958, em continuidade ao mandato de Moysés Lupion. O Governador declara que:

Estiveram ativos 288 grupos escolares, 1.796 escolas isoladas e 8 casas escolares, os quais abrigaram uma matrícula de 297.816 alunos de ambos os sexos, número que corresponde a cerca de 10% da população total, e quase a 80% da população escolar primária. Esta cadeia de estabelecimentos recebeu inspeção dos Delegados de Ensino e respectivos Inspetores Auxiliares, os quais agora disciplinados pelo regulamento baixado com o decreto n. 12.894, de

21-10-57, têm melhores condições de desenvolver sua missão (PARANÁ, 1958, p. 147).

Essas delegacias seriam responsáveis pelo levantamento escolar e patrimonial no ensino. Lupion também retrata sobre o congestionamento dos prédios escolares, que funcionariam concomitantemente com o Grupo Escolar, o Ginásio, o Curso Normal Regional, a Escola Normal e; ainda, às vezes, a Escola de Comércio (PARANÁ, 1958).

Ney Aminthas de Barros Braga em Mensagem do ano de 1961 abre sua fala sobre as questões educacionais com a seguinte frase: “A educação é talvez, entre todas, a mais importante das funções do Estado” (PARANÁ, 1961, p. 33). Completa dizendo também que “[...] os princípios fundamentais da democracia exigem igualdade de oportunidade e essa será um mito enquanto parte da população estiver privada do acesso à escola (PARANÁ, 1961, p. 33). Observa, ainda, que mesmo com todas as iniciativas que seriam tomadas pelo poder público, a questão de igualdade de oportunidade educacional ainda não era uma realidade para todos (PARANÁ, 1961).

Esse Governo também concebe a educação como um instrumento de transformação social capaz de romper com o “círculo vicioso da pobreza” (PARANÁ, 1961, p. 33). Para Ney Braga, nesse contexto, a situação da educação no Paraná era considerada caótica, considerando os investimentos feitos na administração anterior, mas que os recursos foram gastos sem o devido planejamento.

Apresenta que “a rede de ensino foi usada para fins quase que exclusivamente políticos” (PARANÁ, 1961, p. 33) e; por este fato, expõe que desejaria “[...] administrar para o homem, e temos certeza que apenas através de educação, orientada e planejada, visando objetivos claros e específicos, poderemos realizar essa tarefa” (PARANÁ, 1961, p. 35).

Em Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Estado, pelo Governador Ney Aminthas de Barros Braga, em 1º de maio de 1962, o tema gira em torno da organização do ensino de acordo com as disposições da recente Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional do ano de 1961. Ney Braga enfatiza o déficit de estrutura de ensino do Estado. Alerta, ainda, sobre problemas como: a evasão escolar, a insuficiência de escolas e a falta de compreensão dos pais sobre a importância de permanência das crianças na escola. Na Mensagem, enfatiza que a

rede de ensino primário paranaense não atenderia a uma grande parte da população em idade escolar, sendo que  $\frac{1}{3}$  dos alunos estariam matriculados em escolas isoladas rurais com recursos precários e falta de professores habilitados (PARANÁ, 1962).

Em 1963, Ney Braga apresenta que a mudança do Ensino Primário de quatro (4) para seis (6) séries promoveu a inclusão de algumas metas quantitativas e qualitativas, “como a reformulação dos programas de ensino, o projeto, construção e equipamento das oficinas de arte industriais, a formação de professores especializados para os dois últimos anos [...]” (PARANÁ, 1963. p. 50). O Governador também expôs que essas transformações ainda não haviam chegado ao conhecimento do povo brasileiro e dos paranaenses, entretanto, que chegariam devido à profundidade e ao alcance dessa obra educacional (PARANÁ, 1963).

Ney Braga enfatizou, também, que os paranaenses; compreendendo a reforma do ensino, deveriam dizer aos outros brasileiros o que havia sido realizado em nosso Estado e explicar que a ampliação do curso primário almejou o melhor aproveitamento das escolas primárias e ocorreu pelo fato do Paraná ter atingido um grau de desenvolvimento que lhe permitiu essa alteração (PARANÁ, 1963).

Os novos programas de ensino para o curso primário, que seriam elaborados pela Secretaria de Educação e Cultura, criariam “[...] novos atrativos no curso primário, capazes de corrigir em parte a grande evasão escolar [...]” da época (PARANÁ, 1963. p. 51). Com as oficinas de artes industriais, os alunos da 5ª e 6ª séries do novo curso primário, poderiam tornar-se aptos de para o exercício de algumas funções em nível elementar, sendo preparados para o exercício profissional remunerado de acordo com as permissões da Constituição Federal (PARANÁ, 1963).

O Governador também comenta que essas transformações iniciadas em 1963 seriam concretizadas em 1967/1968 com o funcionamento de 5<sup>os</sup> e 6<sup>os</sup> anos do curso primário em todos os grupos escolares, para tanto, como meta do Plano Estadual de Educação, até 1968, todos os grupos escolares deveriam ter oficinas de artes industriais.

Como forma de consolidar a reforma, o Governador Ney Braga explica que para a nova estrutura do ensino primário, a Secretaria de Educação e Cultura do Estado reformulou os programas para escolas isoladas e para os grupos escolares,

além de lançar o Manual do Professor Primário do Paraná com orientações pedagógicas sobre os programas de ensino da 1ª série primária.

Como órgãos recém-criados pelo Governo do Estado, Ney Braga destaca a instituição da: “[...] Divisão do Ensino Primário, a Divisão do Ensino Municipal e Particular, o Centro Áudio-Visual, o Serviço de Ensino Profissional, o Serviço de Merenda Escolar, o Serviço de Higiene e Saúde Escolar, o Serviço de Prédios e Aparelhamento Escolar [...]”, destinados a desempenhar ações primordiais no desenvolvimento do Estado (PARANÁ, 1963, p. 55).

A Divisão de Ensino Primário estaria a cargo de todas as atividades do ensino primário do Estado e deveria contar com uma equipe de técnicos e profissionais almejando equacionar os problemas educacionais paranaenses.

Além desses serviços, o Governador destaca o Serviço de Merenda Escolar, com o propósito de que todas as escolas primárias estaduais, bem como pequenas escolas isoladas, pudessem distribuir a merenda escolar gratuitamente a todos os alunos (PARANÁ, 1963).

Por fim, o Governador expôs que a criação da FUNDEPAR<sup>23</sup> seria um dos grandes instrumentos para a reforma de ensino, apresentando que somente com a “criação e funcionamento de uma fundação educacional [...], é que podemos dar validade ao princípio adotado por nosso governo de que a <<educação é investimento>>, ou seja aplicação produtiva de capital” (PARANÁ, 1963, p. 57).

Em continuidade, temos a Mensagem de 1964, em que Ney Braga inicia mencionando o fato de a educação ser um “setor dos mais importantes” e que a demanda escolar no Estado estava em crescimento, devido ao fato de que, na última década, o percentual de crescimento populacional atingiu “7,2%” (PARANÁ, 1964, p. 67).

O Governador também expôs a questão de as ações serem destinadas ao fortalecimento do ensino público, facilitando o ensino particular por meio de convênios com o governo do Estado (PARANÁ, 1964).

Outro ponto destacado por Braga foi a necessidade de uma educação que pudesse oferecer melhores condições de emprego à população, dizendo que:

---

<sup>23</sup> Fundação de Desenvolvimento Educacional do Paraná - FUNDEPAR, órgão público instituído com a finalidade de construir prédios escolares para instituições públicas, fornecer equipamentos para as salas de aula e distribuir a merenda escolar.

O ingresso, nas escolas primárias, de grande parte dos alunos – alguns em idade escolar fora da faixa regular, isto é, numa idade já avançada – tem sido favorecido por um ensino especializado a partir da 5ª série do curso primário. As estatísticas demonstram que a procura se concentra entre a idade de 11 aos 37 anos e que a maior concentração se localiza entre os 11 e os 28 anos. Isto vale dizer, que a população necessita de um ensino que lhe ofereça melhores condições e possibilidade de emprêgo adequado (PARANÁ, 1964, p. 67).

Ney Braga menciona o fato de que, ao verificar a situação do Estado na época, notou-se uma crescente demanda para aumentar os núcleos urbanos, o que favoreceria a “[...] implantação de um setor da economia – o secundário – que exige mão-de-obra capacitada para enfrentar a estrutura industrial” (PARANÁ, 1964, p. 67-68). Nesse sentido, o Estado organizou essa nova estrutura de ensino, mudando de quatro (4) para seis (6) séries do curso primário, com a inclusão de artes e ofícios industriais, favorecendo, segundo o governador, “[...] a mão-de-obra existente e por outro, permitindo o acesso à 2ª série do ciclo secundário àqueles que tivessem concluído a 6ª série do curso primário” (PARANÁ, 1964, p. 68).

Novamente o Governador menciona que a criação da FUNDEPAR teria possibilitado a melhoria das condições dos prédios escolares em situação precária, na construção de novas salas de aula e na aquisição de outros tipos de equipamentos (PARANÁ, 1964).

Sobre o Ensino Primário no interior do Estado, apresenta que funcionaram “[...] 520 Grupos Escolares, dos quais 20 no período noturno. As escolas de aplicação somaram 51. O total de alunos matriculados atingiu a cifra dos 200.000 e as classes ultrapassaram os 6.000” (PARANÁ, 1964, p. 71). Já na Capital do Estado os resultados foram de “[...] 174 unidades, sendo 62 diurnas, além de escolas profissionais, isoladas, matriculando 50.000 alunos nos estabelecimentos em apreço” (PARANÁ, 1964, p. 71). Para atender aos fins desejados pelo Estado, o governo pretendia aprimorar os novos métodos de ensino com a publicação de manuais que auxiliassem a reestruturação que estaria ocorrendo no Paraná.

Quanto à formação de professores primários, o Governador apresenta alguns dados, constando que: “[...] através dos Cursos Normais, matriculou em 1963, nas suas 80 Escolas Normais de Grau Colegial, 5.661 alunos e nas 120 Escolas Normais de Grau Ginásial, 11.063 alunos” (PARANÁ, 1964, p. 72). Ao dar continuidade à reforma do ensino primário, buscaria; com os órgãos competentes do Estado, “[...]”



uma série de atividades no sentido de fornecer maior conhecimento de técnicas exigidas modernamente ao ensino normal” (PARANÁ, 1964, p. 72).

Com relação à Merenda Escolar, Braga apresentou que “foram atendidos 167 municípios, num total de 300.000 alunos, em 2.750 unidades escolares” (PARANÁ, 1964, p. 73).

Em sua última Mensagem desse mandato como Governador do Estado do Paraná, Ney Braga apresenta, em 1965, um panorama geral das ações realizadas em prol da educação em seu governo. Sobre as unidades escolares, ele discorre os seguintes dados:

Em 1960 existiam no ensino primário 5.987 unidades escolares, das quais 3.579 eram estaduais; em 1964 o número de unidades escolares passou a 12.570, das quais 5.949 estaduais, com um acréscimo no período de 2.370 (Dados provisórios) (PARANÁ, 1965, p. 85).

Com relação à formação do professorado, Braga apresenta que o total de normalistas subiu de 33% para 47% no quadro do corpo docente do Estado e que:

Em 1960 o Paraná possuía 17.612 professôres no ensino primário, sendo 5.332 normalistas e 12.280 não normalistas; em 1964 o número de professôres normalistas passou a 12.355 e o de não normalistas a 13.791, num total de 26.196 professôres (PARANÁ, 1965, p. 85).

Foram realizados em 1964 cursos para aperfeiçoamento de professores leigos com a participação de 1.426 profissionais de mais de 50 municípios do Estado. O programa de supervisão de professores das Escolas Isoladas realizou mais um curso de formação com a participação de 45 professores (PARANÁ, 1965).

No ano de 1960, a matrícula geral era de 410.776 alunos no Ensino Primário, passando para 616.000 em 1964, sendo 62% em instituições estaduais, 28% em instituições municipais e 10% em instituições particulares (PARANÁ, 1965).

Segundo o Governador, com a realização do Censo Escolar em 1964, verificou-se uma população em idade escolar na faixa etária de 7 a 14 anos de mais de 1 milhão de crianças, ainda demonstrando um déficit no número de matrículas. Essa dificuldade, conforme Ney Braga é mais acentuada nas zonas rurais, onde “[...] ocorre grande excedente de crianças sem escolas” (PARANÁ, 1965, p. 86). As condições financeiras dos municípios não acompanhariam a demanda escolar,

apesar do crescimento de escolas municipais entre 1961 e 1964, que foram de 2.198 para 5.900 unidades escolares. Para melhorar esse quadro, o governo menciona que faria um plano de auxílio para esses municípios manterem novas escolas primárias (PARANÁ, 1965).

Como obra de seu mandato, o Governador Ney Braga explicita a mudança de estrutura do ensino primário, que foi de quatro (4) para seis (6) anos com a inclusão do ensino de artes e ofícios industriais que poderiam assegurar um preparo elementar para os menores que, constitucionalmente, poderiam trabalhar em atividade remunerada acima dos quatorze (14) anos de idade, além de prever o acesso à 2ª série do ensino secundário dos que tivessem concluído a 6ª série do ensino primário, uma vez que aprovados pelo exame de admissão (PARANÁ, 1965).

Reafirma, também, que a concretização dessas mudanças iniciadas em 1963 se completariam em 1967/1968, quando em todos os Grupos Escolares estivessem funcionando a 5ª e 6ª série do Ensino Primário.

Em Mensagem do ano de 1967, o Governador Paulo Cruz Pimentel, apresenta alguns pontos relacionados à educação no Estado do Paraná em seu segundo ano de mandato.

Quanto à escolarização primária, o governador menciona que:

“[...] à extensão da escolaridade primária de quatro para seis anos, diligenciou-se no sentido de implantar artes industriais e economia doméstica, dentro do que permitem as atuais limitações de pessoal, ao mesmo tempo em que foi reformulado o convênio celebrado com a USAID<sup>24</sup> em 1963.

Podemos verificar que a transformação da estrutura do Ensino Primário, iniciada no governo de Ney Braga, estava em continuidade no governo de Paulo Pimentel, além de continuar o auxílio dos organismos internacionais.

Sobre as instituições escolares no Estado, Paulo Pimentel expõe que “durante o ano findo, foi coordenado o funcionamento de 34 Ginásios, 52 Escolas Normais e

---

<sup>24</sup>MEC-USAID: Série de acordos produzidos, nos anos 1960, entre o Ministério da Educação brasileiro (MEC) e a *United States Agency for International Development* (USAID). Visavam estabelecer convênios de assistência técnica e cooperação financeira à educação brasileira. Entre junho de 1964 e janeiro de 1968, período de maior intensidade nos acordos, foram firmados 12, abrangendo desde a educação primária (atual ensino fundamental) ao ensino superior. O último dos acordos firmados foi no ano de 1976 (MINTO, Lalo Watanabe. GLOSSÁRIO – HISTEDBR).

216 Escolas primárias da rede de ensino particular, bem como 3.495 Escolas primárias mantidas pelas Municipalidades” (PARANÁ, 1967, p. 95).

Quando o assunto são as instituições de formação de professores, a Mensagem do Governador mostra que nesse período:

Por motivo de ordem técnico-administrativa, entraram em fase de extinção, 24 Escolas Normais de Grau Ginásial, dentro da orientação que visa substituir esses tipos de Escolas pelas de Grau Normal Colegial, de maior nível (PARANÁ, 1967, p. 96).

Em 1966, o Paraná manteve em funcionamento 3 Institutos de Educação e 193 Escolas Normais com 21. 981 alunos matriculados, 253 professores efetivos e 1.548 suplementaristas (PARANÁ, 1967).

O programa de Merenda Escolar também continuava a atender a demanda escolar; em 1966, 4.547 escolas de 254 municípios, em uma quantidade de 523.666 alunos, bem como o fornecimento de almoço a 137.709 alunos de 740 escolas de 59 municípios (PARANÁ, 1967).

Em 1968, o Governador Paulo Pimentel inicia sua Mensagem, no que refere-se ao quesitos educacionais, apresentando que teriam sido construídas 2.862 novas salas de aula no ano de 1967 (PARANÁ, 1968). Revela, também, como empreendimentos realizados, o encaminhamento à Assembleia Legislativa do Estatuto do Magistério, a reorganização estrutural da Secretaria de Educação e Cultura e o seu levantamento patrimonial:

“[...] nomeação de 3.600 novos professores normalistas e regionalistas, habilitados em teste de seleção; a realização do concurso para provimento de cargos de professor de ensino médio licenciado, com 700 aprovados entre 1.240 inscritos e a realização da matrícula provisória, em cumprimento a determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (PARANÁ, 1968, p. 91).

As pesquisas realizadas pelo Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais, com o intuito de verificar o desenvolvimento do ensino primário no Estado, relacionadas à mudança de estrutura de quatro (4) para seis (6) anos e sobre a matrícula de crianças com seis (6) anos de idade, obteve, segundo o governador, um crescimento de matrículas, que pela reforma passou a admitir crianças de seis (6) anos de idade na 1ª série do curso primário. Além disso, houve o aumento nas

matrículas nas séries subsequentes, apontando os resultados das ações em prol da diminuição da evasão escolar no Estado (PARANÁ, 1968).

A seguir, podemos observar duas tabelas que constam na Mensagem de 1968. A primeira apresenta o número de alunos matriculados no interior e na Capital do Estado no ano de 1967, entre ensino estadual, particular e municipal:

**Tabela 1** – Matrículas de alunos em 1967 (Estadual, Municipal, Particular)

<b>Entidade Mantenedora</b>	<b>Capital</b>	<b>%</b>	<b>Interior</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Estadual .....	65.557	83	421.939	56	487.496	59
Municipal .....	2.688	3	290.889	39	293.577	36
Particular .....	10.995	14	33.845	5	44.840	5
<b>TOTAL .....</b>	<b>79.240</b>	<b>100</b>	<b>746.673</b>	<b>100</b>	<b>825.913</b>	<b>100</b>

Fonte: extraído de (PARANÁ, 1968, p. 92)

O Governador traz uma observação com relação a esses dados, explicando que “praticamente 60% da rede de ensino primário é mantida pelo Estado, representando um custeio em torno de 46% do orçamento de 1967” (PARANÁ, 1968, p. 92). Podemos verificar, também, por meio dessa tabela, que nesse período o número total de matrículas no ano de 1967 foi de 825.913, com a maior quantidade concentrada no interior do Estado.

A segunda tabela que consta na Mensagem apresenta o total de matrículas distribuídas de acordo com a série do curso primário, distribuídas entre a Capital e o interior do Estado:

**Tabela 2** – Matrícula geral do ano de 1967, de acordo com as séries

<b>Séries</b>	<b>Capital</b>	<b>%</b>	<b>Interior</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
1ª	22.840	31	352.955	47	375.795	46
2ª	15.262	20	152.028	21	167.210	21
3ª	14.803	20	116.964	16	131.767	16
4ª	14.869	20	77.573	10	92.442	11
5ª	7.096	9	23.449	3	30.545	4
<b>Sem informação</b>	<b>77</b>	<b>—</b>	<b>19.571</b>	<b>3</b>	<b>19.820</b>	<b>2</b>
<b>TOTAL</b>	<b>74.947</b>	<b>100</b>	<b>742.720</b>	<b>100</b>	<b>817.667</b>	<b>100</b>

Fonte: extraído de (PARANÁ, 1968, p. 92)

Paulo Pimentel explica que, observando a tabela, verifica-se o:

[...] mesmo fenômeno nacional, de grande concentração de crianças na 1ª série, decrescendo a medida que avançam as séries. A pouca freqüência de crianças na 5ª série é devida ao ingresso diretamente na 4ª série do curso ginasial, enquanto que o aumento da matrícula na 1ª série se deve, em parte, ao ingresso de crianças com seis anos de idade, dentro da nova sistemática que aumenta as séries de quatro para seis anos (PARANÁ, 1968, p. 92-93).

A possibilidade de ingresso da criança de seis (6) anos na 1ª série do curso primário gerou um aumento do número de matrículas, apresentado pelo Governador como “estrangulamento da 1ª série” (PARANÁ, 1968, p. 92), sendo que na abordagem desse quadro temos a maior concentração no interior do Paraná, chegando a 742.720 matrículas. Devido à essa situação, Pimentel explica que o Estado já havia progredido para diminuir esse “estrangulamento” da 1ª série na Capital do Estado, mas que ainda havia muito a se fazer para melhorar os índices de repetência e evasão escolar (PARANÁ, 1968).

Com base nos dados apresentados pelo Governador Paulo Pimentel, na Mensagem de 1968, organizei um quadro com os percentuais de professores estaduais, municipais e particulares, contendo também o percentual de formação pedagógica, distribuídos entre normalistas, regionalistas, profissionais sem habilitação e os que não constavam informações:

**Quadro 8** – Distribuição de professores no Estado do Paraná - 1967

QUADRO DO MAGISTÉRIO							
TOTAL	INSTITUIÇÕES			FORMAÇÃO PEDAGÓGICA			
<b>35.046</b> professores	ESTADUAIS	MUNICIPAIS	PARTICULARES	NORMALISTAS <sup>25</sup>	REGIONALISTAS <sup>26</sup>	SEM HABILITAÇÃO	SEM INFORMAÇÃO
TOTAL %	<b>71%</b>	<b>27%</b>	<b>2%</b>	<b>35%</b>	<b>12%</b>	<b>37%</b>	<b>17%</b>
CAPITAL %	<b>92%</b>	<b>2%</b>	<b>6%</b>	<b>73%</b>	<b>10%</b>	<b>10%</b>	-
INTERIOR %	<b>68%</b>	<b>31%</b>	<b>1%</b>	<b>28%</b>	<b>12%</b>	<b>41%</b>	-

**Fonte:** quadro elaborado pela autora de acordo com dados da Mensagem do Governador Paulo Cruz Pimentel (PARANÁ, 1968, p. 93).

<sup>25</sup> Formação em Escola Normal.

<sup>26</sup> Formação em Escola Normal Regional.

Analisando o quadro, temos que em 1967 o Estado contava com 35.046 profissionais, distribuídos em instituições estaduais, municipais e particulares, tendo a maior concentração de professores estaduais. O percentual de professores estaduais é maior tanto na Capital quando no interior, mas quando se observam os dados dos professores municipais, temos na Capital um percentual de 2%, enquanto no interior esse percentual é de 31%.

Sobre a formação desses profissionais, temos, segundo a Mensagem, que a Capital do Estado concentrava o maior percentual de professores formados em Escolas Normais, em um total de 74%. No interior, esse percentual resultava em 28%. “Do total geral, 35% são normalistas de grau colegial e 12% de grau ginásial, concentrando a Capital 73% dos professores normalistas de grau colegial” (PARANÁ, 1968, p. 93). A diferença de professores regionalistas entre a Capital e o interior era de apenas 2%, estando o primeiro com 10% e o segundo com 12%. O que mais uma vez chama a atenção é o percentual daqueles que atuavam sem formação, sendo apenas 10% na Capital e 41% no interior. O que ressalta que ainda havia neste período um grande número de profissionais sem habilitação adequada nas regiões interioranas do Estado.

No ano de 1967, formaram-se no Curso Normal 6.269 novas professoras, sendo 2.132 nos Cursos Normais Ginásiais e 4.137 professoras nos Cursos Normais Colegiais. Foram criadas 11 escolas Normais Ginásiais, 17 Escolas Normais Colegiais e o Instituto de Educação de Maringá. Para o ano de 1968, a previsão seria para a criação de 22 Escolas Normais Colegiais e os Institutos de Educação de Paranaguá e Jacarezinho (PARANÁ, 1968).

O Governador expôs que foram realizados vários cursos de aperfeiçoamento para os professores sobre o ensino de matemática, técnicas de alfabetização, ciências físicas e naturais. Também apresenta algumas ações realizadas, segundo ele, durante o ano: distribuição aos professores de 30.000 exemplares do Programa de Ensino Primário do Paraná para todas as instituições oficiais do Estado, revisão e distribuição do Manual do Professor Primário do Paraná, reorganização do Boletim Escolar para Casas e Grupos Escolares, elaboração para a publicação de “Atividades para a Melhoria da Aprendizagem” e a continuidade de atendimento de vários municípios com a Merenda Escolar, além de cursos de educação sanitária, técnica de preparo de refeição escolar, formação de hortas escolares e individuais

(com o auxílio da ACARPA<sup>27</sup>) para professores e supervisores e realização da Semana da Alimentação (PARANÁ, 1968).

A última Mensagem analisada é do ano de 1970, no penúltimo ano de mandato do governador Paulo Cruz Pimentel. O Governador já assinala inicialmente em sua Mensagem a realização, no ano de 1969, do I Simpósio de Ensino do Paraná – SENPAR. Este foi realizado com o objetivo de discutir o panorama educacional do Estado, conscientizar os professores sobre as mudanças e reestruturação do ensino e recomendar as medidas necessárias para a sua implantação.

Um dos subitens da Mensagem chama-se “Interiorização”, explanando o fato de que a valorização do indivíduo do interior seria um ponto chave do governo de Paulo Pimentel, podendo estender “[...] às cidades mais longínquas do Estado as possibilidades culturais até então restritas quase que somente à Capital” (PARANÁ, 1970, p. 113). Na Mensagem, essas questões de interiorização são abordadas no ensino de nível superior com a criação de várias instituições de ensino, como a Universidade Estadual de Maringá (PARANÁ, 1970).

O Governador apresenta que uma série de medidas foram tomadas em prol do Ensino Primário Estadual, de acordo com seu governo, como: a criação de novos Grupos Escolares, convênios com 212 municípios para remuneração de professores da rede municipal e estadual. Tratando-se do ensino nas zonas rurais, Paulo Pimentel apresenta que:

A introdução do calendário agrícola adaptado às exigências do sistema estadual de ensino representou uma inovação revolucionária que faz do Paraná vanguardeiro no setor, concorrendo para reduzir o índice de evasão escolar e inclusive de repetência, uma vez que agora as crianças matriculadas em escolas da zona rural dispõem de um ano-letivo ajustado às particularidade de seu meio ambiente (PARANÁ, 1970, p. 115).

Como veremos no próximo capítulo, essa situação também era decorrente na organização das escolas sob orientação da Inspetoria Auxiliar de Faxinal, também adequada ao calendário agrícola de acordo com a demanda da região.

---

<sup>27</sup> ACARPA - Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná (Com a criação da EMATER - Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural – em 1977 a ACARPA iniciou seu processo de encerramento das atividades.



Paulo Pimentel apresenta que por meio da Lei nº 5.871 de 1968, a admissão para o cargo de professor aconteceria por concurso, com duas fases para os professores primários. Explica que a primeira teria encerrado em 1969 com a realização de uma prova didática, ou seja, um estágio de cem dias letivos. Aponta, também, que o setor pesquisas educacionais continuariam com seus trabalhos, para acompanhar as transformações ocorridas na estrutura do ensino primário em meados da década de 1960 (PARANÁ, 1970).

Os cursos de aperfeiçoamento de professores continuaram a serem realizados de acordo com a Mensagem: “[...] nos quais o professor foi sempre eixo central das atividades, tendo em vista a educação da infância e da adolescência, como parte do Programa de Aperfeiçoamento do Magistério Primário que tem como uma de suas finalidades básicas a capacitação dos professores não titulados [...]”, que ainda apresentava um percentual considerável no Paraná (PARANÁ, 1970, p. 116-117).

Assim como nas Mensagens dos Presidentes do Brasil, também os Governadores do Estado do Paraná esboçaram o que era considerado como a realidade educacional nessa época, conforme a perspectiva e sistematização de cada governo.

Em síntese, com esses dados da população, do território, da organização do ensino em âmbito nacional e paranaense, do que consta nas Mensagens dos Presidentes da República e Governadores do Estado do Paraná e de acordo com o que apresenta a literatura sobre a história da escola primária; algumas questões se sobressaem nesse panorama histórico educacional da década de 1950 a 1970:

- A maioria da população brasileira e paranaense era residente na zona rural. Essa configuração muda no Brasil na década de 1970 e no Estado do Paraná após década de 1970;
- Além de condições precárias de aparato escolar, as crianças tinham poucas condições de acesso ao ensino primário;
- São poucas as Mensagens que apresentam perspectivas para o ensino na zona rural;
- As Mensagens dos Presidentes da República procuram ressaltar a participação apenas supletiva da União em prol da educação, que seria responsabilidade dos Estados e Municípios;

- Mesmo apresentando preocupação com o ensino na área rural, os recursos destinados à construção de escolas rurais aparecem como menores em relação aos recursos destinados aos grupos escolares;
- Algumas Mensagens se utilizavam para atacar o governo anterior e culpar pelo fracasso da educação;
- Mesmo com um grande número de alunos matriculados, apenas uma parcela conseguia concluir o curso primário, conseguindo cursar, muitas vezes, apenas o primeiro ano primário;
- As Mensagens procuravam propagar a ideia de mudança na educação, mas como uma questão que aconteceria de forma lenta e gradativa;
- Os índices de analfabetismo continuaram a ser percalços na educação de uma forma geral;
- Os professores que atuavam nessas escolas primárias não tinham uma formação considerada adequada; as Mensagens apresentam a mobilização para a mudança desse quadro com a criação de cursos de aperfeiçoamento;
- Muitas das crianças em idade escolar estavam trabalhando com alguma atividade para auxiliar sua família concomitantemente com as atividades escolares;
- Além da evasão escolar, os índices de repetência dos alunos eram preocupantes;
- Quando havia escolas, não havia vagas suficientes para atender a demanda em idade escolar.
- O maior percentual de professores sem habilitação estava concentrado no interior.

Essas ponderações possibilitaram compreender que “[...] o que é necessário é revelar tais fatores, encontrá-los e revelá-los, colocá-los no jogo dos elementos que temos de ponderar, [...]” (PILOTTO, 1954, p. 124).

No próximo capítulo apresento o *lócus* e objeto de estudo, a Casa Escolar Epitácio Pessoa e Grupo Escolar Epitácio Pessoa, como modelos escolares do Ensino Primário.

### 3 UMA ESCOLA ... SEUS MODELOS... UM RETRATO DA EDUCAÇÃO PRIMÁRIA DO INTERIOR PARANAENSE

Esse capítulo apresenta a Casa Escolar Eptácio Pessoa e o Grupo Escolar Eptácio Pessoa, fazendo uso de fontes localizadas e das entrevistas<sup>28</sup> realizadas com professoras da instituição. Para tanto, inicio adentrando no âmbito da história das instituições educativas, pensando na escola como um lugar de tradição e de representação (MAGALHÃES, 2004). Pesquisar a história de uma instituição educativa é mergulhar na história da própria comunidade na qual se insere, é perceber por meio das fontes encontradas o:

[...] que foi privilegiado em determinado momento histórico, como e porquê tais conhecimentos foram considerados relevantes, quais métodos e práticas fizeram parte do ideário pedagógico do período em questão, e como foram justificadas suas permanências ou ausências do conjunto de conhecimentos trabalhados. Mas, servem principalmente, para propiciar maior e melhor entendimento das questões e problemas da educação hoje (MIGUEL, 2012, p. 244).

O foco da pesquisa não está diretamente relacionado em escrever uma história institucional da Casa Escolar Eptácio Pessoa e do Grupo Escolar Eptácio Pessoa, contudo, é necessário salientar alguns elementos, uma vez que possibilitam pensar esse espaço, relacionando as suas condições de criação, os professores, o público-alvo e os aspectos da cultura escolar.

Magalhães (2004, p. 58) auxilia a compreender que:

Conhecer o processo histórico de uma instituição educativa é analisar a genealogia da sua materialidade, organização, funcionamento, quadros imagético e projetivo, representações, tradição e memórias, práticas, envolvimento, apropriação.

Quando me propus a realizar uma pesquisa em torno de uma temática que recorre à história de uma instituição educativa, deparei-me com muitos elementos que vão além da condição histórica. Elementos que fazem ver a instituição educativa

---

<sup>28</sup> Conforme os termos para a participação nas entrevistas, das quatro professoras entrevistadas, duas concordaram em constar o nome na íntegra no trabalho e duas preferiram manter o sigilo. As duas professoras que preferiram não serem identificadas são denominadas como **Professora Maia** e como **Professora Hera**, nomes de deusas da mitologia.

em sua materialidade, na sua origem e continuidade no tempo, fazendo parte de um conjunto de tradições e práticas que compõem sua identidade.

Nesse sentido, Werle (2004, p. 29) mostra a produção nesse âmbito como:

Sendo um texto e articulando todos os elementos apresentados em variadas formas, não há como considerar que se construirá narrativamente “a” história da instituição escolar que se tem como foco. Ao contrário, quem se dedica a fazer história das instituições escolares parte do pressuposto que há muitas histórias, mesmo que de uma só instituição escolar. Histórias em decorrência de quem as narra, de quando as narra, de que tema está sendo colocado em foco. Destacar que não temos a história das instituições escolares, mas que são muitas as histórias, indica também que não se pretende compor uma visão única, fixista, verdadeira. Esta pluralidade de histórias e a multiplicidade de fontes indicam a multidimensionalidade daquilo que é chamado história das instituições escolares.

As considerações da autora auxiliam na compreensão de que a história da instituição, por mim produzida; é apenas uma possibilidade de construção, que no momento histórico atual, com as indagações e condições que possuo, fui motivada a questionar sobre os modelos de organização da escola primária paranaense nas décadas de 1960 e 1970, destacando os modelos escolares que predominaram na instituição analisada. Intenciono que outras pesquisas possam ser realizadas com o objetivo de melhor compreensão dos modelos de organização escolares.

Quando pesquisamos uma instituição educativa, não podemos fazê-la de maneira isolada de seu contexto, sendo que a mesma:

[...] apresenta uma identidade que não varia significativamente com as circunstâncias geográficas ou com as circunstâncias históricas. É, porém, na relação que estabelece com o público e com a realidade envolvente, na forma como a cultura escolar interpreta, representa e se relaciona com o contexto na sua multidimensionalidade, como na medida em que o público se apropria e se relaciona com as estruturas e órgãos de uma mesma instituição, que as instituições educativas desenvolvem a sua própria identidade histórica. Deste modo, ainda que segmentadas e especializadas, articuladas ou não de forma sistêmica, as instituições educativas desenvolvem uma identidade com base na relação com o contexto (MAGALHÃES, 2004, p. 68).

Dessa forma, fazendo relação com o contexto em que a instituição foi criada, antes de adentrar ao ponto principal do capítulo, considerarei necessário apresentar

de antemão o local em que a escola foi criada, o Distrito de Nova Altamira e o Município de Faxinal, situando esse contexto no tempo e no espaço.

Também apresento essa escola como um lugar que é produto das ações de seus sujeitos e que continua suas atividades, configurada como Escola Municipal do Campo Epitácio Pessoa, a realizar o trabalho iniciado em 1955 no Sítio Nossa Senhora da Guia.

### 3.1 UM LUGAR E UM TEMPO: O MUNICÍPIO DE FAXINAL E O DISTRITO DE NOVA ALTAMIRA<sup>29</sup>

Em 2018 o Município de Faxinal completará no dia 14 de dezembro, 67 anos de instalação oficial, com estimativas de uma população de aproximadamente 17.306 habitantes, de acordo com IBGE (2017). A população urbana do município conta com 12.739 habitantes e a população rural com 3.575 habitantes (IBGE, 2010).

A história do Município começa em 1926 com a criação do Distrito Policial de São Sebastião, em 27 de janeiro, por meio do Decreto/Lei Estadual nº 85. Posteriormente, em 1931, o Decreto de nº 1.435 cria o Distrito Judiciário de Faxinal de São Sebastião, pertencente ao Município de Tibagi. Em 1938 passa do Município de Tibagi a pertencer ao Município de Londrina. O Decreto/Lei nº 199, de 30 de dezembro de 1943 altera o nome da localidade para Faxinal, desmembrando-se de Londrina e passando para o Município de Apucarana.

Em 1932, Manoel Carvalho Ribas tornou-se Interventor Federal e determinou que fosse demarcada uma área de quarenta (40) mil alqueires de terras na região atual do Município de Faxinal. A intenção era fundar uma cidade na região. Não demorou muito e a área de terras demarcada foi desmembrada e transformada em lotes rurais. Após a década de 1930 é que a concessão de terras, pelo governo do Estado à colonizadora Companhia de Terras Norte do Paraná, propiciou a ocupação do território.

---

<sup>29</sup> As informações sobre o histórico do município de Faxinal foram extraídas do site da prefeitura municipal, Disponível em: <<http://faxinal.pr.gov.br/index.php?sessao=b05460336813b0>>. Acesso em: 15 mar. 2017 e do site do IBGE – cidades. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/pr/faxinal/historico>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

Em 14 de novembro de 1951, por meio da Lei nº 790, foi criado o Município e o dia 14 de dezembro do mesmo ano marca sua instalação oficial, tendo como primeiro prefeito o Senhor Pedro Gonçalves da Luz.

Em divisão territorial de 15/07/1999, o município é constituído de 2 distritos: Faxinal e Nova Altamira, assim permanecendo em divisão territorial datada de 14/05/2001.

São consideradas pioneiras do município as famílias Olegário de Proença, Santos, Vacheski, Vekerlin e Leocádio dos Santos, e que teriam edificado suas casas onde hoje encontra-se a sede municipal. Assim como outros desbravadores, essas famílias foram atraídas pela terra roxa e muito fértil da região.

A colonização da região de Faxinal é relativamente recente, embora existam indícios históricos de ocupação jesuíta às margens do Rio Ivaí. Na figura a seguir podemos observar o registro dos primeiros desbravadores do que se tornaria o Município de Faxinal:

**Figura 1:** Primeiros desbravadores de Faxinal - Década de 1930



**Fonte:** Museu Virtual de Faxinal – MUVIFAX (2014).

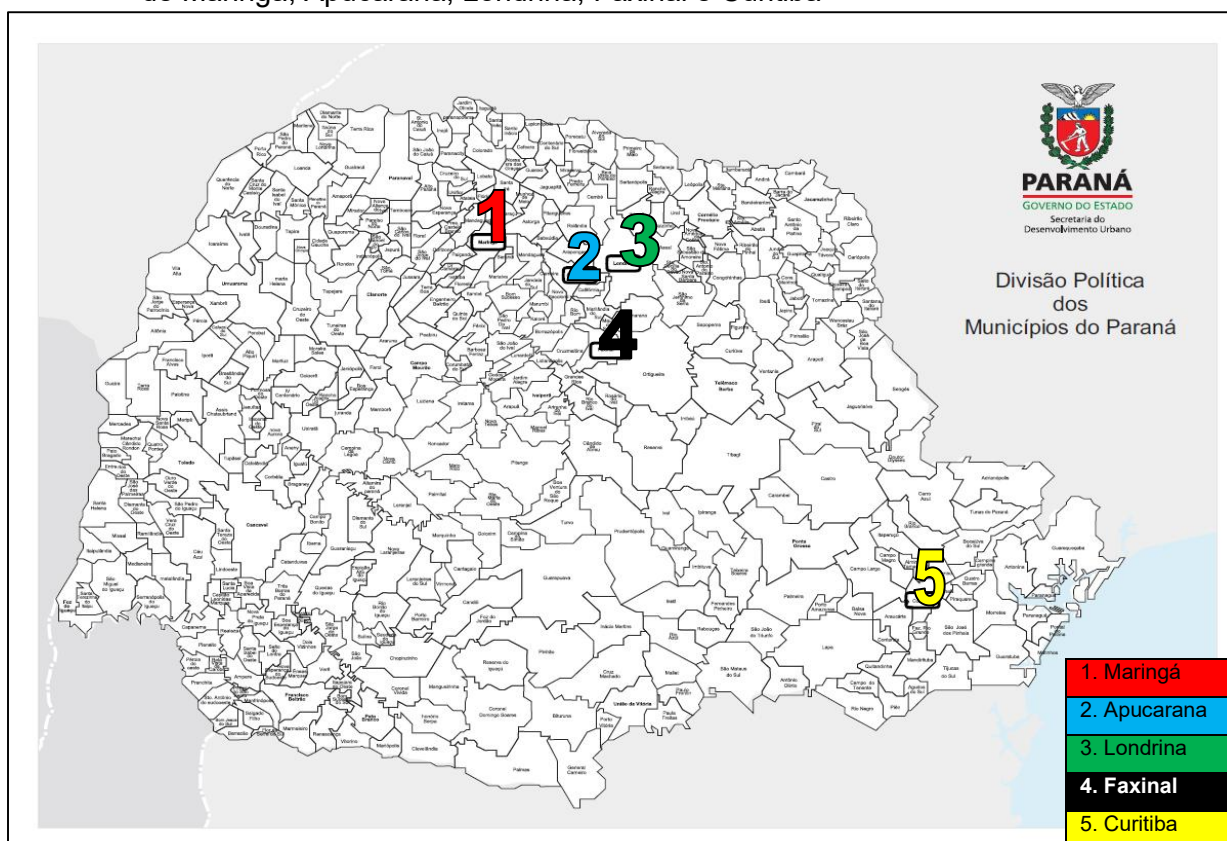
Podemos verificar com a imagem, o contexto de formação habitacional da época, uma construção simples em madeira, cercada pela mata, mas evidenciando o surgimento de um novo tempo para esses habitantes.

A principal fonte de renda da população faxinalense provém da agricultura, da pecuária e do comércio. O município é conhecido como a “Capital do Tomate em Estufa”, devido ao número de estufas que foram construídas nos últimos anos.

Faxinal também se destaca por suas belezas naturais, que cada vez mais atrai visitantes que buscam conhecer a grande quantidade de cachoeiras da região, fortalecendo as atividades turísticas do município e trazendo novas oportunidades aos moradores.

No mapa a seguir podemos visualizar a localização do município de Faxinal em relação às cidades de Maringá, Apucarana, Londrina e a capital Curitiba:

**Figura 2:** Mapa de Divisão Política dos Municípios do Paraná com a localização das cidades de Maringá; Apucarana; Londrina; Faxinal e Curitiba



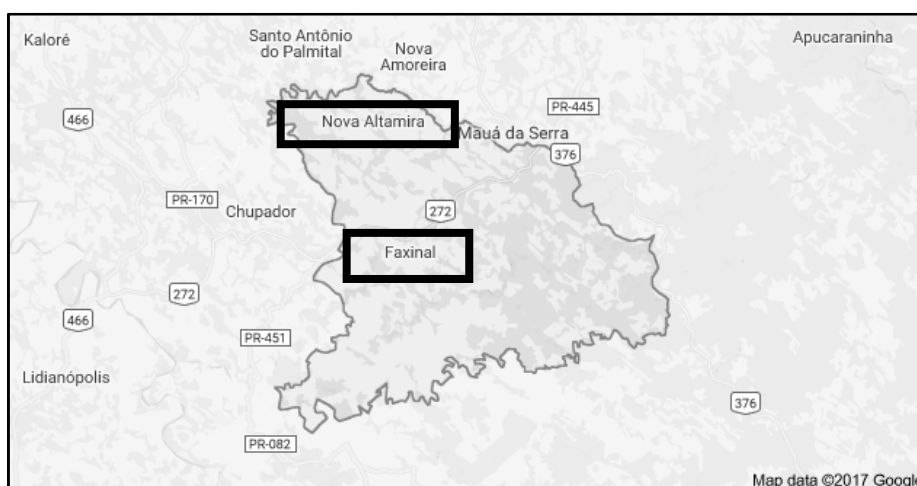
**Fonte:** elaborado pela autora (2017) de acordo com a Secretaria de Desenvolvimento Urbano do Paraná (2017).

No mapa de divisão política dos municípios do Paraná podemos observar a localização de Faxinal em relação às cidades de Apucarana e Londrina, que fizeram parte da constituição histórica do município, em relação à capital do Estado, Curitiba, e em relação à cidade de Maringá.

A Cidade de Maringá fica a 124,5 quilômetros de distância do Município de Faxinal, a Cidade de Londrina fica a 100,3 quilômetros, Apucarana a uma distância de 75,8 quilômetros e em relação à capital Curitiba a distância fica em 323,85 quilômetros. Apontei esses dados a fim de dar maior clareza à localização espacial do Município de Faxinal em relação ao território que compõe o Estado do Paraná e algumas cidades mais próximas à cidade em questão.

O Distrito de Nova Altamira, que pertence ao Município de Faxinal, é o lugar onde está localizada a Escola Municipal do Campo Eptácio Pessoa (EMCEP). No mapa abaixo podemos situá-la geograficamente, visualizando os limites e a sua localização:

**Figura 3:** Localização do Município de Faxinal e Distrito de Nova Altamira



Fonte: Google Maps (2017).

Localizado a dezesseis (16) quilômetros de Faxinal, o Distrito de Nova Altamira e sua fundação entrelaça-se com a história do Município de Faxinal. Sobre a constituição histórica dessa localidade utilizei como base o livro escrito e publicado por um antigo morador de Nova Altamira, o Senhor Rivadal Donizete Padilha, que em 2001 publicou o livro “Minha Terra, eu seu povo”<sup>30</sup>, resultado de suas pesquisas, de conversas com os primeiros moradores e pioneiros da região e de sua própria vivência com a comunidade.

<sup>30</sup> O livro foi doado gentilmente pela diretora da Escola Municipal do Campo Eptácio Pessoa, Maricelma Ruths Egredia, durante visita à escola.



Como já mencionado anteriormente, a região onde encontra-se Faxinal e Nova Altamira faz parte do processo de colonização pelo qual passou o Paraná desde a década de 1920 com a vinda da Colonizadora de Terras Norte do Paraná. Entre o Rio das Antas e Três Barras viviam vários moradores em posses de terras, em condições difíceis e de extrema necessidade com dificuldade de transporte e locomoção, como aponta Padilha (2001, p. 7-8) por meio dos depoimentos dos primeiros moradores do distrito:

No início do desbravamento da região cada membro da família tinha uma tarefa. Os filhos, de acordo com a idade e tamanho, ajudavam nos serviços da roça ou afazeres domésticos. Os homens se encarregavam das construções de moradias, derrubadas de árvores, queimadas dos roçados e preparação das terras para o plantio de lavouras, feitiço de gamelas, monjolos, pontes, pinguelas e demais serviços considerados pesados. Às mulheres cabia a educação e cuidado com os filhos, preparação de refeições, consertos e confecções de vestes da família, ensinamentos e doutrina religiosa, tratamentos e cuidados dos animais domésticos, e quando necessário ajudavam no preparo, plantio e colheita das lavouras.

Com essas considerações do autor, verifica-se que cada grupo residente no povoado era responsável por um tipo de trabalho. Aos homens, destinavam-se trabalhos braçais, às crianças, pequenas atividades diárias e, às mulheres, ficavam as atividades manuais, como: educação, cuidado com os filhos e o trabalho com a lavoura. Completa, também, sobre as condições das primeiras habitações do local, destacando que:

Os primeiros ranchos, palhoças e casas rudimentares construídos na região pelos pioneiros, foram levantados próximos as nascentes de minas de águas, de córregos ou rios para facilitar nas tarefas domésticas. Na maioria das vezes estas moradias eram feitas de pau a pique ou de tábuas brutas tiradas na base do traçador<sup>31</sup>. Para cobri-las, usavam folhas de coqueiros e palmeiras, taboinhas de paineiras e pinheiros. O mais usado era o sapé, mato comum em toda região (PADILHA, 2001, p. 8).

Os moradores construíam suas moradias com os próprios recursos naturais de seu meio e as edificavam em locais próximos às nascentes de água, pensando no bem-estar, na praticidade da família e nas atividades agrícolas.

---

<sup>31</sup> Um tipo de serra.

Como uma área rural as atividades eram concentradas na produção agrícola e criação de animais. Sendo que “as bases das primeiras lavouras cultivadas foram: milho, feijão, arroz, fumo, erva-mate, também batata doce, abóbora, moranga, mandioca, cana-de-açúcar” (PADILHA, 2001, p. 9).

Conhecido primeiramente como Freguesia do Rio das Antas, o Distrito de Nova Altamira começa a ser povoado por volta de 1927 com a chegada dos primeiros pioneiros. Entre os anos de 1930 e 1942 de Freguesia do Rio das Antas a localidade passa a denominar-se Quarteirão do Rio das Antas e após a última data como Faxinalzinho do Rio das Antas (PADILHA, 2001).

O comércio funcionava com o sistema de venda de secos e molhados e com os “mascates”<sup>32</sup> que vendiam uma variedade de objetos, como: remédios, roupas, materiais de costura e outros. A primeira capela foi construída nas terras de um morador, Sr. Antônio Félix Machado, conhecido como Antônio Chanda. O povoado seguia todas as atividades litúrgicas da Igreja Católica.

Logo após, em “[...] 1944, o Sr. João ‘Chanda’ Félix Machado, proprietário das terras onde está a sede do povoado começa a vender parte delas em formas de lotes e assim Faxinalzinho começa a ganhar novas moradias, pequenos botecos e casa de secos e molhados” (PADILHA, 2001, p. 17).

No ano de 1947, mesmo com toda modificação e devastação da mata nativa para a expansão do povoado e produção agrícola, a região possuía uma grande quantidade de araucárias e por esse motivo incitou a vinda de uma serraria para a localidade, a Serraria Schimith. Essa ação acabou movimentando a comunidade e atraindo mais famílias a se instalar em Faxinalzinho. Na serraria chegou a funcionar uma venda de secos e molhados e até foi utilizado como um local onde uma professora<sup>33</sup> dava aulas para algumas pessoas da comunidade.

Devido às dificuldades de acesso e locomoção até a cidade de Faxinal, foi criado em Faxinalzinho a função de Inspetor de Quarteirão, uma espécie de autoridade policial para evitar possíveis conflitos.

Outras famílias foram motivadas a mudar para a região, principalmente devido ao cultivo de café, muito propício nessas terras. Por volta da década de 1970:

---

<sup>32</sup> Vendedor ambulante.

<sup>33</sup> Não constam informações específicas como eram essas aulas, apenas que a professora foi Dona France e que dava aulas para algumas pessoas nesse local.

[...] os moradores de Faxinalzinho começavam a notar e perceber de fato as transformações que estavam ocorrendo com a chegada dos fazendeiros que, após comprar pequenas propriedades, formavam grandes fazendas e com uso de tratores e novas técnicas agrícolas, as tradicionais lavouras de café, milho, feijão e arroz, começaram a dar lugar às grandes plantações de trigo e soja. Com isso, o grande êxodo rural no povoado e a surgir os famosos “bóias frias” que ao serem contratados pelos GATOS<sup>34</sup>, inclusive eu, eram transportados em cima de carretas, puxadas por tratores para trabalhar nas fazendas ALVORADA, MOURA E CHAPARRAL (PADILHA, 2001, p. 42).

Em 1975, ocorre uma grande geada na região, a conhecida “geada negra”<sup>35</sup>, fazendo com que os produtores perdessem toda a produção de café e, como consequência, vendessem suas propriedades, deixando a comunidade.

No final da década de 1970, por volta de 1978/1979, Faxinalzinho do Rio das Antas passa a ser Distrito do Município de Faxinal, denominando-se Nova Altamira; de acordo com as instruções do então prefeito de Faxinal, Senhor Moacyr Paulo Segá.

### 3.2 CASA ESCOLAR E GRUPO ESCOLAR: RETRATOS DA ESCOLA PRIMÁRIA RURAL

Embora o tempo atual não esteja nos marcos cronológicos da pesquisa, considero pertinente tecer algumas considerações sobre a escola nos dias atuais pelo fato da mesma encontrar-se em funcionamento. Além disso, vejo a necessidade de situar o leitor num lugar que possui uma historicidade de construção e que se encontra conectado com a história da educação paraense, além de dar visibilidade de um lugar-comum em que a vida escolar acontece.

Após um processo de mudanças educacionais e estruturais, a instituição, *lócus* de minha pesquisa continua em funcionamento, atualmente denominada como Escola Municipal do Campo Epitácio Pessoa (EMCEP). Ela é resultado das ações em prol da educação escolar primária rural que foram desencadeadas na década de

---

<sup>34</sup> Pessoas que contratam trabalhadores braçais para o trabalho na lavoura.

<sup>35</sup> A geada negra assolou o Estado do Paraná no dia 18 de julho de 1975 e queimou todas as plantações de café. Nessa época, o Paraná concentrava cerca de 50% da produção cafeeira do país. Para saber mais sobre a geada negra, verificar o artigo de Oliveira e Arruda (2016) “Memórias e histórias de um desastre sócio-ambiental: a geada de 1975 no estado do Paraná”.

1950, não tendo encerrado suas atividades como ocorreu com a maioria das escolas rurais de Faxinal e muitas do Estado do Paraná<sup>36</sup>.

A EMCEP atende crianças do 1º ao 5º Ano do Ensino Fundamental I com um público alvo que advém de fazendas, sítios, chácaras, assentamentos, vila rural e uma pequena quantidade que reside na sede do Distrito (PPP, 2016). Segundo consta no Dicionário da Educação do Campo, a educação rural é destinada à “[...] população agrícola constituída por todas aquelas pessoas para as quais a agricultura representa o principal meio de sustento” (PETTY, TOMBIM E VERA, 1981 *apud* RIBEIRO, 2012, p. 295).

Com relação a seu espaço físico atual, a escola possui três salas de aula consideradas adequadas, duas salas improvisadas, uma cantina com refeitório, sala dos professores e uma sala onde funciona a direção e secretaria (PPP, 2016). Esta, ainda, não possui biblioteca e laboratório de informática. A estrutura da EMCEP funciona de forma compartilhada com o Colégio Estadual do Campo Fernando Sontag. Podemos visualizar na figura a seguir o local em que a escola foi construída em relação ao território de Nova Altamira:

**Figura 4:** (1) Diaconisa São João Batista (2) Escola Municipal do Campo Eptácio Pessoa



**Fonte:** acervo de Rivaldal Padilha.

<sup>36</sup> A partir da década de 1980, com mais intensidade na década de 1990, as escolas rurais do Paraná sofrem um processo de nuclearização. Segundo Bareiro (2007, p. 58) “a nuclearização consiste no agrupamento de pequenas escolas uni docentes de uma região rural em uma Escola-Núcleo, com características próprias de organização e funcionamento, a ideia é proporcionar um ensino de qualidade com instalações e materiais didáticos concentrados em uma única sede escolar”.

Como já mencionado anteriormente, os dias atuais não são a temporalidade central desse estudo, mas compartilho da ideia de que o passado e o presente são inseparáveis e que sua relação é fundamental para a construção histórica, uma vez que é o tempo presente do pesquisador que move sua pesquisa e direciona o seu olhar ao passado. Conhecer o espaço, no tempo atual, do lugar de onde falarei do ensino primário, é um exercício interessante para se voltar ao passado.

Compartilho com o pensamento de Bloch (2001, p. 55) quando escreve que História não é estudar o que se passou, mas é a “ciência dos homens no tempo”. Por isso, retornarei algumas décadas, procurando retirar do esquecimento a fundação dessa instituição destinada ao Ensino Primário das crianças do Distrito de Nova Altamira.

A organização e fundação de um lugar destinado à educação primária no Distrito de Nova Altamira devem-se às iniciativas de uma das famílias pioneiras, a família Sontag, precisamente do Senhor Fernando Sontag e sua esposa Dona Maria de Lourdes Souza Sontag, que, devido à falta de escola no povoado e, por iniciativa própria, criaram uma escola em sua propriedade rural.

Eny Terezinha Sontag Ferreira foi aluna e professora da escola por trinta e oito (38) anos e, sendo uma das filhas do casal Fernando e Maria de Lourdes Sontag, relatou em seu depoimento como a escola foi fundada no sítio da própria família:

O meu pai Fernando Sontag mandou construir a escolinha com madeira serrada na serraria do Senhor Schimith, derrubada no próprio terreno que tinha pinheiros. Construiu uma escolinha com mais ou menos 7 metros por 7. Com 17 carteiras duplas para 2 alunos sentarem, uma mesa de 1x80 metros, uma cadeira para a professora e um quadro negro. Construiu um sanitário que se dava o nome de privada, com 2 partes masculino e feminino.

A escolinha ficava no meio de um gramado onde as crianças brincavam na hora do recreio. A diretora do município na época era a saudosa professora Iany de Oliveira Munhoz, que deu o nome a escola de Eptácio Pessoa. Casa Escolar né? Casa Escolar Eptácio Pessoa. A escolinha foi construída na época do então primeiro prefeito de Faxinal, Senhor Pedro Gonçalves da Luz, ele que nomeou a mãe Maria de Lourdes Souza Sontag como primeira professora da escola. A Casa Escolar foi fundada no ano de 1955, eu tinha 8 anos.

A escolinha funcionou no sítio até o ano de 1962, ano em que meu pai comprou um sítio no outro lado da estrada que ia para Faxinalzinho e nós nos mudamos de lá. O pai tinha uma casa no Patrimônio. Essa casa se transformou em sala de aula, até a prefeitura construir uma nova escola de madeira com 2 salas de aula,

aí funcionava 2 turmas de alunos pela manhã e 2 à tarde. Não sei se ficou bem certo aqui.

Como podemos observar, o ano de 1955 marca o início das atividades escolares da instituição. Nessa época havia muitas crianças em idade escolar, como os filhos de Dona Maria de Lourdes que, preocupada com a possibilidade de os filhos ficarem sem aprender a ler e escrever; construiu com a colaboração de seu esposo, Sr. Fernando Sontag, a primeira instalação da instituição em seu próprio sítio. Era uma casa de madeira com um cômodo, no Sítio Nossa Senhora da Guia, ela, então; começou a ministrar aulas para as crianças, em maio de 1955 com 35 alunos na 1ª série.

De acordo com a Professora Eny Terezinha, em 1962 a escola muda-se para outro espaço, devido à compra de outra propriedade por sua família. Assim, em outro lugar pertencente à família Sontag, a escola começa a funcionar no Patrimônio de Faxinalzinho (antigo nome de Nova Altamira) em uma casa de madeira improvisada. Contudo, devido ao grande número de alunos, foi realizada; com auxílio da prefeitura municipal, a construção em madeira de outro local mais adequado, com duas salas de aula para o funcionamento da escola. Essa foi inaugurada no dia 15 de setembro de 1964.

No entanto, para adequar-se às determinações da LDB nº 5.692 de 1971 para o Ensino de 1º Grau, em 1978 um novo prédio é inaugurado em alvenaria pela prefeitura de Faxinal em convênio com a FUNDEPAR - Fundação de Desenvolvimento Educacional do Paraná (três salas em alvenaria, instalação sanitária e cozinha)<sup>37</sup>, vindo a funcionar, também, o ensino de 5ª a 8ª série, sendo implantado gradativamente. Deu-se, então, início às atividades do Grupo Escolar Epitácio Pessoa pelo Decreto Municipal nº 381 de 14 de setembro de 1978.

Como foi possível verificar, a instituição funcionou em quatro (4) espaços diferentes. Inicialmente com uma casa de madeira com um cômodo, construída no Sítio Nossa Senhora da Guia, que funcionou por sete (7) anos, depois em uma casa improvisada (1962), em seguida em uma construção de madeira com duas (2) salas de aula (1964) e, por fim, o prédio em alvenaria com três (3) salas de aula construído com apoio da FUNDEPAR pela Prefeitura Municipal (1978).

---

<sup>37</sup> A EMCEP mantém essa instalação, apenas com o acréscimo de outros cômodos.

É possível observar que a instituição estudada passou por duas mudanças em sua nomenclatura. Ela foi denominada de “casa escolar” ou “escola isolada” e “grupo escolar”. Qual a diferença entre essas instituições em termos de funcionamento e organização?

As instituições de Ensino Primário receberam denominações diferentes ao longo da história da educação primária no Brasil. A historiografia tem destacado que essas têm marcado modelos de organização e funcionamento da escola. A casa escolar, por exemplo, caracterizou-se por um modelo isolado de funcionamento. Ela se organizava com alunos de séries e faixas etárias diferentes em uma mesma sala e com apenas um professor. Esse modelo firmou suas raízes e foi responsável pela educação escolar da população em muitas regiões do Brasil. Com seu modo próprio de organização, as escolas isoladas também fizeram parte do contexto educacional paranaense, estando localizadas em áreas rurais, na maioria das vezes; núcleos distantes das áreas urbanas ou em pequenas localidades, constituídas por uma igreja ou comércio de pequeno porte (ROSSI, 2003).

Com relação à escola isolada, Araújo, Valdemarin e Souza (2015, p. 33) apresentam que este modelo que “[...] se caracterizava como unitária, não seriada e não graduada”. A instalação dessa escola isolada era composta, geralmente, por uma sala de aula, construída em madeira e com um único professor, que lecionava para vários alunos de turmas diferentes nesse único espaço, além de realizar inúmeras outras atividades além do ensino, como: fazer a merenda e a limpeza da escola.

Das quatro (4) professoras entrevistadas, apenas duas (2) lecionaram por mais tempo na escola e acompanharam a criação do Grupo Escolar Epitácio Pessoa em 1978 (Professora Eny Terezinha e Professora Hera), ou seja, a mudança de casa escolar para grupo escolar. As outras duas (2) fizeram parte da trajetória da instituição entre os anos finais da década de 1960 e iniciais da década de 1970, vivenciando apenas a dinâmica de funcionamento da Casa Escolar Epitácio Pessoa (Professora Maia e Professora Maria Aparecida)<sup>38</sup>.

De acordo com o Anteprojeto da Lei Orgânica da Educação do Estado do Paraná (1949, p. 32), as instituições escolares paranaenses poderiam ser denominadas de: Escolas Isoladas (com uma sala de aula e apenas um professor),

---

<sup>38</sup> Como todas as professoras lecionaram na Casa Escolar Epitácio Pessoa, foi natural nos depoimentos, que elas expusessem mais sobre a dinâmica de funcionamento da Casa Escolar.

Escolas Reunidas (de duas a quatro salas de aula e número correspondente de professores) e Grupos Escolares (com cinco ou mais salas de aula e número igual ou superior de professores).

O primeiro grupo escolar foi construído no Estado de São Paulo ainda em 1893 (SOUZA, 1998). No Paraná, o ano de 1903 marca a primeira construção desse prédio escolar na capital do Estado. O grupo escolar de São Paulo foi considerado modelo de modernidade e, com o tempo, outras instalações foram sendo construídas em nosso território nesse mesmo segmento, com base nas modernas construções e organização de ensino paulista.

Os grupos escolares, resultado do agrupamento de escolas isoladas da mesma região em um mesmo espaço, denotavam de uma organização própria, de grandiosos prédios construídos especialmente para a atividade educativa, organização de uma racionalidade pedagógica (a presença do diretor organizador da dinâmica escolar e do trabalho do professor), a divisão do trabalho (organização do tempo, espaço e seriação das classes e homogeneidade dos alunos), a utilização do método intuitivo<sup>39</sup>; hierarquização dos conhecimentos e o trabalho de um professor para cada classe de alunos (SOUZA, 2014a).

Na História da Educação de diferentes Estados da Federação podemos encontrar, além dos grupos escolares e escolas isoladas, instituições denominadas de: escolas rudimentares, promíscuas, ambulantes, noturnas, preliminares, casas escolares, combinada e entre outras denominações (ARAÚJO; VALDEMARIN; SOUZA, 2015). Com relação a diferentes denominações do ensino primário, percebemos que “essa diferenciação envolveu aspectos administrativos, organizacionais e pedagógicos; incluindo diferentes propostas de ensino, de programas, de condições materiais e de tempo de duração do curso primário” (ARAÚJO; VALDEMARIN; SOUZA, 2015, p. 34).

Essa questão demonstra o fato de que por mais que os grupos escolares tenham surgido como expressões de modernidade e como escolas modelares, não eliminaram a existência de outros modelos de escola. Esses autores ainda esclarecem que:

---

<sup>39</sup> O método intuitivo “pretende direcionar o desenvolvimento da criança de modo que a observação gere o raciocínio e o trabalho prepare o futuro produtor, tornando indispensáveis pensar e construir” (VALDEMARIN, 2014, p, 88). Para saber mais sobre o método de ensino intuitivo, consultar Valdemarin (2014).



[...] a expansão dos grupos escolares foi lenta em muitas unidades de federação e que a expansão do ensino ter-se-ia processado por um conjunto variado de escolas. No entanto, o exame de organização pedagógica remete a dois modelos fundamentais: a *escola unitária* – regida por um único professor ministrando o ensino primário para as crianças de diferentes níveis de adiantamento em uma sala de aula -, e a *escola graduada* caracterizada pela divisão dos alunos em classes supostamente homogêneas, isto é, com o nível de adiantamento; cada classe correspondendo a uma série, funcionando a escola em um prédio com várias salas de aula e vários professores, cada um responsável por uma turma de alunos considerada a relação classe/série (ARAÚJO; VALDEMARIN; SOUZA, 2015, p. 35, grifo meu).

Verifica-se, assim, que a hegemonia do Ensino Primário não ficou a cargo somente dos grupos escolares, mas estava concentrada nas escolas isoladas. A criação dos grupos escolares se fez em contraposição a outros modelos de escola primária, ou seja:

Trata-se, na verdade, de uma antítese materializada em torno dos modos de ser da escola primária: o novo – grupo escolar – se manifesta, mas não anula o velho; o novo irá tomando corpo, mas o velho permanecerá por várias décadas ao lado do novo, constituindo como resistência, mas firmado em um estado de incompatibilidade com o novo. Para abusar dos sinônimos, pode-se inclusive considerar que houve necessariamente uma contraposição entre o novo e o velho, mas que não eliminou a convivência dos modos de ser da escola primária fundados na justaposição e na contiguidade (ARAÚJO; VALDEMARIN; SOUZA, 2015, p. 33).

Essas considerações de Araújo, Valdemarin e Souza (2015) auxiliam a verificar que ao olhar o panorama histórico da educação brasileira, percebe-se que mesmo com a construção dos grupos escolares<sup>40</sup>, outros modelos de escola continuaram a ser o local de aprendizagem em diferentes localidades do território nacional. No entanto, as escolas isoladas; quando comparadas aos grupos escolares, acabavam sendo vistas como desajustadas, como símbolo de precariedade e baixo rendimento (ROSSI, 2003).

Contudo, é importante considerar que essa pesquisa se volta para outra temporalidade, qual sejam as décadas de 1950, 1960 e 1970. Em relação a esse contexto, Souza (2014b, p. 118) esclarece que:

---

<sup>40</sup> Após a construção do grupo escolar de São Paulo (1893), outros grupos escolares foram sendo construídos posteriormente no país. No Rio de Janeiro em 1897, Maranhão em 1903, Paraná (1903), Minas Gerais em 1906, Rio Grande do Norte em 1908, Mato Grosso em 1910, Piauí (1910), Sergipe (1911), Bahia (1913), Território do Acre (1915), Goiás (1918) (ARAÚJO, SOUZA, NUNES PINTO, 2012).

O debate educacional dos anos 1950 e 1960 reatualizou no Brasil o problema da democratização do ensino. O clamor contra a insuficiência da escola primária alfabetizante e o ensino seletivo e de má qualidade ministrado nas escolas isoladas e grupos escolares esteve no centro das representações propostas que redefiniram o ensino primário no país a partir da década de 1970. O novo conceito de escola primária que emergiu nesse período buscou, de certa forma, retomar a rota dos ideais republicanos de educação popular – a escola integral, obrigatória e gratuita, de oito anos de duração. Não se tratava de implantar um novo modelo de organização escolar como na transição do século XIX para o século XX, mas de ajustar o modelo existente às necessidades contemporâneas.

Para década de 1970, o modelo graduado não era uma novidade enquanto modelo de organização de ensino, ele existia desde o final do século XIX e convivia com os outros modelos, como procurei demonstrar. Contudo, para o local por mim pesquisado, era uma mudança. A questão é saber em que medida a alteração de escola isolada para grupo escolar significou uma alteração para as professoras da escola. E também refletir: Teria havido alguma influência de um modelo sobre o outro nessa convivência entre os modelos?

As professoras que vivenciaram a criação do Grupo Escolar Epitácio Pessoa, em 1978, relataram suas experiências diante da transição desses modelos escolares. Uma das questões da entrevista, realizada com as professoras, era verificar o que havia mudado em seus afazeres cotidianos com a transição de Casa Escolar para Grupo Escolar, com a adesão de uma nova estrutura de organização das práticas escolares.

Para a Professora Eny Terezinha, a escola ficou mais importante com a mudança do nome para Grupo Escolar. A aprendizagem dos alunos e a forma de planejamento das aulas continuaram sendo a mesma, segundo ela. Quando perguntei se com o passar do tempo havia mudado a forma de percepção em relação ao grupo escolar, ela questiona se nesse contexto entraria o ginásio, demonstrando a sua percepção que a mudança ocorreu devido à inserção das turmas de 5ª a 8ª série, pois se fosse apenas com relação ao ensino primário, não haviam mudanças significativas.

Ela destaca que a mudança para Grupo Escolar possibilitou maior orientação e reuniões para os professores:

Eu acho que continuou o mesmo, não tenho lembrança que mudou muita coisa não. Talvez mudou assim que a gente tinha mais, reunião assim com os professores, com a diretora né, isso acho que mudou. A gente tinha mais reuniões, reuniões mais seguidas, é. Mais orientação também daí né, isso nesse ponto mudou.

A Professora Hera também concordou com a Professora Eny Terezinha que a criação do Grupo Escolar não trouxe grandes mudanças no funcionamento da escola. Ela também relata que não era muito difícil trabalhar em turmas multisseriadas, mas que a mudança ajudou para melhor. A questão de organização do espaço de uma estrutura de madeira para uma estrutura em alvenaria foi visto de forma positiva pela Professora:

Olha, não mudou muita coisa, melhorou porque daí a gente tinha mais espaço né, melhorou bastante né, mas e, a diferença quase que não tinha assim os alunos mesmo eles aprendiam da mesma forma, sempre tinham alguns que tinham dificuldade pra aprender, mas não dependia da, eu acho assim, da Casa, né?! Eu acho que dependia não.

Esse posicionamento da Professora enfatiza, segundo ela, que a questão da aprendizagem continuou da mesma forma, não sendo um fator estritamente relacionado ao fato da instituição ser uma “Casa Escolar” os alunos terem dificuldade ou não de aprendizagem. A construção de um espaço maior, em alvenaria melhorou, para ela, o funcionamento da escola.

Após verificar a documentação encontrada na SMECF, referente à Casa Escolar Eptácio Pessoa e ao Grupo Escolar Eptácio Pessoa, montei um quadro contendo as classes multisseriadas e classes seriadas entre os anos de 1960 a 1978. Vejamos:

**Quadro 9:** Relação de turmas por ano da Casa Escolar Epitácio Pessoa e Grupo Escolar Epitácio Pessoa<sup>41</sup>

ANO	CLASSE MULTISSERIADA							CLASSE SERIADA			
	1 <sup>a</sup> , 2 <sup>a</sup> e 3 <sup>a</sup>	1 <sup>a</sup> e 2 <sup>a</sup>	1 <sup>a</sup> e 4 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup> e 3 <sup>a</sup>	4 <sup>a</sup> e 2 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup> e 4 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup> , 3 <sup>a</sup> e 4 <sup>a</sup>	1 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup>	4 <sup>a</sup>
1960	X										
1962	X										
1963	X										
1965	X										
1966			X	X				X			
1967				X				X			
1968				X	X	X	X	X			
1969			X	X				X			
1970			X	X				X	X		X
1971	X			X				X			X
1972				X	X			X			X
1973						X		X	X	X	X
1974		X						X	X	X	
1975								X	X	X	X
1976								X	X	X	X
1977								X	X	X	X
1978								X	X	X	X

**Fonte:** organizado pela autora de acordo com as Atas de Matrícula e Atas de Exame/Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Faxinal.

Com base nesses dados podemos visualizar que as turmas totalmente multisseriadas funcionaram até o ano de 1965. No ano de 1966, temos a organização de turma seriada de 1<sup>a</sup> série, lembrando que no final do ano de 1964 foi inaugurada a nova sede da escola no Patrimônio de Faxinalzinho, agora com duas salas de aula, conforme mencionado acima. Além disso, no ano de 1966, a Professora Eny Terezinha e a Professora Maria Aparecida começaram a trabalhar na escola, ajudando a Professora Maria de Lourdes; que até então era a única professora.

Observa-se que, durante a década de 1960, havia muitos alunos na escola, sendo que em certa época funcionavam três turmas de 1<sup>a</sup> série e necessitava de professores para atender a essa demanda. Voltando a observar o quadro acima, é possível verificar que até 1974 a escola funcionou com turmas multisseriadas e turmas seriadas e que em 1975, antes da criação oficial do Grupo Escolar, a escola funcionava com todas as turmas organizadas de forma seriada de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série.

<sup>41</sup> As séries que constam no quadro são as séries que constam nos Livro-Ata, com uma organização não sequencial e com lacunas nos livros.

Com o detalhamento desse subitem sobre os modelos de escola isolada e escola graduada, no contexto da instituição em estudo, evidencia-se que esses modelos de organização nem sempre estiveram tão nitidamente definidos nos anos 1960 e 1970 na zona rural.

Como é possível identificar nos depoimentos e fontes, a instituição observada nesse estudo revela um “hibridismo” entre o modelo de organização da escola isolada e o modelo de organização do grupo escolar, na zona rural do interior paranaense. Pode-se dizer que os modelos de organização possuem uma relação direta com o contexto de inserção da instituição.

As professoras que lecionaram na escola fazem parte do contexto social da localidade, da história da comunidade e até mesmo da mesma família. Podemos inferir que a criação de classes seriadas e a inserção do trabalho de outras professoras na escola deram-se mais em questão da necessidade em organizar o grande número de alunos, principalmente alunos de 1ª série, do que ser uma ordem diretamente normativa.

A Professora Maria de Lourdes, com seu trabalho na comunidade, foi inserindo outras mulheres da localidade para lecionar na escola. Assim, foi-se identificado que algumas práticas do Grupo Escolar já estavam presentes na Casa Escolar, como por exemplo, a existência de salas em que todos os alunos possuíam o mesmo nível de ensino.

## 4 OS SUJEITOS E AS PRÁTICAS DA ESCOLA

*“[...] são imensas as dificuldades para nomearmos a complexidade e a riqueza que estão mais próximas de nós, impregnadas da aparente banalidade do cotidiano” (DEL PRIORI, 1997, p. 376).*

Del Priori (1997), ao escrever sobre a História do Cotidiano e da Vida Privada, demonstra que não identificamos a complexidade e riqueza do cotidiano por estar impregnada de uma aparente banalidade. Nesse capítulo irei adentrar na cultura escolar da instituição, os sujeitos escolares, seus fazeres cotidianos e usos dentro desses modelos de educação escolar primária e dentro do contexto de organização da educação do Município de Faxinal, buscando extrair a riqueza presente no cotidiano escolar.

A escola, em seus múltiplos ângulos, dá a possibilidade de análise de diversos enfoques. A cultura escolar é um elemento chave para que se possa compreendê-la como um lugar que produz comportamentos nos indivíduos.

Para compreender o conceito de cultura escolar, reporto-me a Julia (2001, p. 9), que a define “como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”. Nesse mesmo viés, Viñao Frago (2000, p. 100) explica que “a cultura escolar pode ser definida como um conjunto de ideias, princípios, critérios, normas e práticas sedimentadas ao longo do tempo das instituições educativas”.

Julia (2001, p. 13) exemplifica, metaforicamente, que “a cultura escolar é a caixa preta da escola, fazendo menção a este compartimento dos aviões, traz a identidade e que faz com que a escola seja o que ela é”. Se interessar pela cultura escolar é procurar adentrar essa “caixa preta” em seus múltiplos elementos, responsáveis pela conservação, reprodução ou mudanças no interior do espaço escolar.

Essa pesquisa assume a compreensão de que a escola não é apenas um veículo de transmissão e os indivíduos não são passivos dentro dessa trama. Pensar a cultura escolar é também colocar em evidência a ação dos sujeitos em seu interior e, “[...] juntamente com a distribuição e os usos do tempo, os discursos e as

tecnologias da conversação e comunicação nela utilizados, e a distribuição e os usos do espaço, ou seja, a dupla configuração deste último como lugar e como território” (VIÑAO FRAGO, 2005, p. 17).

Nesse sentido que a cultura escolar de cada instituição se inscreve no seu fazer cotidiano, no saber-fazer de cada instituição, na ação dos sujeitos escolares que a movimentam, dando seguimento às normas e estratégias postas em jogo e produzindo táticas em suas práticas cotidianas.

Certeau (2014, p. 95), ao postular o conceito de tática, explica que “[...] comandada pelos acasos do tempo, a tática é determinada pela *ausência de poder*, assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder” (grifo do autor). O autor também explica que:

[...] as táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez dos movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um “golpe”, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos (CERTEAU, 2014, p. 96).

Sobre a estratégia, Certeau (2014, p. 93) a identifica como:

[...] o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica pode ser isolada. A estratégia postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com *uma exterioridade* de alvos ou ameaças (os clientes ou concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e os objetos da pesquisa etc.) (grifos do autor).

Os conceitos de tática e estratégia auxiliam a verificar de que forma os sujeitos escolares se movimentam dentro da escola e da organização do ensino, como estruturas de poder, por meio de suas práticas cotidianas.

Essa pesquisa faz relações com o que não é produzido pelo cálculo, pela racionalidade e pela estratégia. Pretendo tocar no universo do saber-fazer cotidiano. Assim, a noção de cultura escolar, na sua vertente antropológica, oferece os aportes para pensar a escola em seus fazeres cotidianos, em seus espaços de recepção e de produção de práticas educativas. Antes de adentrar nesse vasto universo da cultura escolar, direciono a pensar, primeiramente, sobre o que é a cultura.

O antropólogo Geertz (2008, p. 4) em sua explicação sobre o conceito de cultura expõe:

[...] Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

Esse autor estabelece o conceito de cultura como teias de significados que são construídas pelo próprio homem. Para Laraia (2001), estudar a cultura é propor uma investigação de um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura.

Dentro dessa teia, os vários sujeitos escolares com suas subjetividades, seus hábitos e comportamentos movimentam e dão significado ao fazer escolar. Identifico, assim, a cultura escolar como um tipo de cultura específica, produzida por intenções reguladoras da escola, mas também, pelos usos e apropriações feitas pelos sujeitos dessas normalizações. Por cultura escolar é preciso considerar, além disso, tudo aquilo que os sujeitos desses espaços produzem como prática em seu interior, que podem ser diferentes das normas de regulação.

A partir desse entendimento, trarei alguns aspectos relacionados à cultura escolar da instituição e as atividades inerentes a ela por meio de seus fazeres cotidianos e da organização escolar do Município de Faxinal, bem como sobre os sujeitos escolares, professoras e alunos, que dão significado ao que é produzido nesse lugar.

#### 4.1 O CORPO DOCENTE

*[...] Não era brincadeira não a nossa vida, Deus do céu. Como nós lutava. Mas foi assim nossa vida...*

*Professora Maia*

Início o presente subcapítulo com a fala da Professora Maia que atuou na Casa Escolar Epitácio Pessoa entre os anos de 1967 a 1971. Esse trecho evidencia o sentimento da professora diante da sua realidade: uma vida de luta, como a vida



de muitos brasileiros, de muitas professoras que se dedicaram ao ensino em uma época em que nem sempre as condições eram favoráveis.

Conforme as fontes analisadas, os nomes de *dez* docentes<sup>42</sup> constam em documentos da escola no período delimitado (sendo em registros de matrícula ou atas de exames), mas; por motivo de falecimento ou por dificuldade de localização, foram entrevistadas *quatro* professoras. Saliento a presença marcante das mulheres no trabalho docente da escola pesquisada. No caso dessa escola, nenhum professor ministrou aulas de ensino primário.

A atividade docente tornou-se essencialmente feminina com o passar do tempo, dando lugar à chamada “feminização do magistério”. Os homens, movidos pela crescente urbanização, industrialização, novas propostas de atividades e melhor remuneração, cada vez mais deixavam o trabalho na sala de aula, o que hoje é visto, quase exclusivamente, como um trabalho de mulheres (LOURO, 2017).

Essa mudança gerou debates de dois lados. No início do processo de inserção das mulheres no magistério com a criação das escolas normais, duas argumentações estavam postas: uma de que as mulheres seriam incapazes de realizar tal função, sendo considerado uma “[...] completa insensatez entregar às mulheres usualmente despreparadas, portadores de cérebros “pouco desenvolvidos” pelo seu “desuso” a educação das crianças” (LOURO, 2017, p. 449). Outros também se opunham a esse posicionamento pelo fato de argumentar que as mulheres tinham, “[...] “por natureza”, uma inclinação para o trato com as crianças, que eram elas as primeiras e “naturais educadoras’, portanto, nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos” (LOURO, 2017, p. 450).

Esse último posicionamento foi legitimando o trabalho das mulheres no exercício do magistério no decorrer do tempo, sendo sempre relacionado ao espírito materno, delicado, dócil e de questão vocacional. Um trabalho de amor.

Ao analisar o Livro-Ata de Reuniões Pedagógicas<sup>43</sup> das Escolas de Faxinal<sup>44</sup> entre os anos de 1970 a 1978 (APÊNDICE E), algumas orientações e lembretes dados pela Inspeção Auxiliar de Ensino do Município demonstram qual o

---

<sup>42</sup> Sendo essas: Maria de Lourdes; Marta; Maria Aparecida; Eny Terezinha; Sonia; Ione; Eunice; Edna; Marineide e Dora Lúcia.

<sup>43</sup> As professoras da Casa Escolar Epitácio Pessoa e Grupo Escolar Epitácio Pessoa participavam assiduamente das reuniões, como observado na lista de presença da documentação analisada.

<sup>44</sup> Foram encontradas Atas de Reuniões Pedagógicas das Escolas de Faxinal do final da década de 1970 até o início de 1978.

comportamento esperado das professoras<sup>45</sup> e como deveria ser a sua atuação em sala de aula para com seus alunos:

**Quadro 10:** Orientações<sup>46</sup> e comportamentos recomendados aos professores pela Inspetoria Auxiliar de Ensino de Faxinal nas Reuniões Pedagógicas (1971-1977)

<b>ORIENTAÇÃO/COMPORTAMENTO</b>
Deveres dos professores
Responsabilidades dos professores
Os Professores devem dar bons exemplos a seus alunos
Uso do guarda-pó para todos os professores
Frequência dos professores
Pontualidade dos professores
Ensinar as crianças a amar a Deus e ao próximo
Boa apresentação da professora na escola com seus alunos
Tratar os escolares com carinho
Responsabilidade dos professores pelo movimento de sua escola
Aproveitamento do aluno em todos os sentidos, como também do professor
Necessidade de amor para com as crianças
Obrigatório comparecimento às reuniões
Trabalhar muito e com entusiasmo para podermos elevar o nome de Faxinal
Educar as crianças que estão sob a nossa responsabilidade
O êxito dos alunos depende dos professores
O professor é o espelho do aluno
Descanso para os professores trabalharem com coragem e amor no próximo ano
Desejo de Feliz Natal e Próspero Ano Novo
A nossa criança precisa de amor

**Fonte:** dados extraídos do Livro-Ata de Reuniões Pedagógicas (1970-1987) /Secretaria Municipal de Educação de Faxinal.

Com base no quadro, pode-se perceber qual era o perfil almejado para os professores. O bom profissional seria aquele cumpridor de seus deveres, ciente de suas responsabilidades, trabalhador assíduo, que buscasse sempre o melhor para a educação do Município, além de ser visto como exemplo e espelho de seus alunos, sempre reforçando os laços afetivos e uma ação de amor. Destaca-se a importância de comparecimento às reuniões, o uso do guarda-pó e a boa apresentação da professora diante de seus alunos, dando uma ideia de asseio, organização e boa aparência. O trabalho docente era visto como um ato de coragem e comprometimento.

<sup>45</sup> Nas Atas, pode-se verificar que o corpo docente do Município de Faxinal era formado, em sua maioria, por mulheres, mas, em algumas atas, aparecerem o nome de professores. Por exemplo, em uma reunião com a participação de 60 professores, 4 eram homens.

<sup>46</sup> Destaquei nesse quadro os temas centrais das orientações dadas pela Inspetoria Auxiliar de Ensino de Faxinal, os quais alguns se repetem no decorrer das Atas.

Pode-se dizer que a instituição escolar tem como base para sua organização as intenções, as estratégias e toda racionalidade estruturada pelo sistema de ensino. As relações, em seu interior, estruturam-se no sentido de tornar possível a reprodução desses objetivos, nesse sentido os pesquisadores franceses apontam que:

A escola – como instituição na qual se fazem presentes formas de relações sociais baseadas em um enorme trabalho de objetivação e de codificação – é o lugar da aprendizagem de formas de exercício do poder. Na escola, não se obedece mais a uma pessoa, mas a regras supra-pessoais que se impõem tanto a alunos quanto aos mestres (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001, p. 30).

Todos os sujeitos que movimentam o universo escolar estão ligados por situações de poder, que vão muito além da relação professor-aluno, professor-equipe pedagógica. Na organização escolar os alunos precisam seguir as regras impostas pelo professor que, por sua vez, deve seguir as regras impostas pela instituição e pelo sistema de ensino.

Contudo, vale destacar que a cobrança por determinado comportamento não vem apenas de quem está na esfera superior na escala de poderes instituídos no interior da escola, mas ela ocorre, simultaneamente, entre todos os sujeitos pertencentes aquela comunidade ou não.

Assim, os pais, por exemplo, possuem uma expectativa e cobram por isso, em relação às ações e práticas dos professores e diretores de seus filhos. Da mesma maneira os alunos também esperam um tipo de comportamento de seus professores e possuem mil maneiras de dizerem se estão satisfeitos ou não.

Vale lembrar que, a sociedade como um todo possui uma expectativa em relação ao comportamento de um professor, de um diretor e do funcionamento de uma escola. Todas essas expectativas são, na verdade, cobranças, criam uma rede de relações de poderes, como bem destacou Foucault em seu livro *Vigiar e Punir* (1999).

Em estudo sobre a presença das mulheres em sala de aula, Louro (2017, p. 454) destaca que a professora seria produzida em meio a “aparentes paradoxos”, “já que ela deve ser, ao mesmo tempo, dirigida e dirigente, profissional e mãe espiritual, disciplinada e disciplinadora”.

Nesse aspecto, ao compartilhar a ideia de que a instituição escolar se constitui por aquilo que lhe é estruturante e por aquilo que fazem os seus sujeitos com o que

lhes é imposto, que é o que estou procurando evidenciar nessa pesquisa, temos que os sujeitos reagem e modificam as condições existentes e as estruturas que são impostas. É esse ponto que me interessei e venho a destacar, dizer quem foram as professoras que colaboraram com outros agentes para a produção de uma cultura de escola (BARROSO, 2013). Para tanto, ressaltam-se outros questionamentos relacionados ao corpo docente da instituição estudada: Quem eram as professoras da Casa Escolar Epitácio Pessoa e Grupo Escolar Epitácio Pessoa? Qual a sua formação escolar? Como era ser uma professora primária naquela época? Quais os desafios enfrentados por essas mulheres?

Como já apresentado anteriormente, a criação dessa instituição escolar deve-se às iniciativas de uma família pioneira da localidade, mas fundamentalmente pelo desejo e esforço da matriarca da família, Maria de Lourdes Souza Sontag (1923 – 2011). Ela foi a primeira professora da instituição, tendo nascido na cidade de Cerro Azul/PR, região metropolitana de Curitiba e cursado o Ensino Primário no Grupo Escolar da cidade, chegando a concluir a 5ª série.

A importância da educação escolar fica evidente quando, Professora Hera, nora de Dona Maria de Lourdes, relata como surgiu a ideia de criar uma escola no Distrito, por iniciativa de sua sogra:

É, ela que.. partiu dela. Porque aqui não tinha escola, os filhos dela crescendo, e ela tinha dez filhos, aí ela falou: “Como que meus filhos vão ficar tudo analfabeto?” E é porque ela também tinha vindo de uma cidade grande, porque os daqui, nem estava aí. Porque os moradores daqui estavam tranquilos sabe, e nem pensavam nessa possibilidade de que poderia ter uma escola aqui. Aí ela teve essa ideia, o marido ajudou e os dois construíram a casa, e daí com a ajuda da prefeitura, porque a prefeitura que pagava ela no início e daí fez tudo que era preciso fazer pra abrir a escola sabe? Foi conversar com o prefeito, daí ele permitiu e ajudou no que fosse possível e deu tudo certo, graças a Deus.

Segundo a depoente, a Professora Maria de Lourdes por ter nascido em uma localidade maior, onde teve acesso à educação escolar, concluindo assim o Ensino Primário em um Grupo Escolar, teria a percepção da importância da escolaridade e preocupou-se como seria o futuro de seus filhos, já que não havia escolas nas proximidades e as crianças já estavam em idade escolar.

A Professora Hera também comentou as dificuldades de Dona Maria de Lourdes em conciliar os afazeres do lar com as atividades da escola, pois além de realizar esse trabalho, as atividades domésticas e a educação dos filhos, ela também cozinhava para os empregados que trabalhavam no sítio da família.

No início das atividades, a instituição funcionava até a 3ª série do Ensino Primário, em classe multisseriada, sendo Dona Maria de Lourdes a única professora da escola nesses primeiros anos de funcionamento. No ano de 1966, de acordo com as fontes, a escola começou a contar com o trabalho de outras professoras. Das dez professoras que lecionaram na escola no período delimitado, cinco (5) são da família Sontag: a matriarca da família, três de suas filhas e sua nora.

É importante ressaltar que tanto as filhas como a nora da Professora Maria de Lourdes concluíram o Ensino Primário na Casa Escolar Epitácio Pessoa. Assim, existe uma particularidade na instituição estudada, a presença marcante da família Sontag na fundação e funcionamento da escola. Pode-se perceber que a escola era uma extensão da família, havendo uma relação familiar que antecedia a relação profissional de suas professoras.

A importância dessa escola na vida dessas mulheres foi perceptível no olhar e na voz durante as entrevistas, os momentos em que voz embargava com determinada lembrança, a alegria ao lembrar-se daquela casinha de madeira, das situações enfrentadas, das crianças e da presença marcante de Dona Maria de Lourdes como liderança respeitada pela comunidade. A tradição da família na atividade docente da instituição segue com o trabalho da neta da Professora Maria de Lourdes, Professora Daiane Aparecida Sontag, que trabalha atualmente na EMCEP e já foi diretora da escola. Outra filha da Dona Maria de Lourdes, Reny Sontag, também trabalha na EMCEP, preparando a merenda para os alunos.

Nos depoimentos, as entrevistadas expuseram qual era a sua formação acadêmica quando começaram a lecionar na Casa Escolar Epitácio Pessoa. A Professora Eny Terezinha, filha do casal Sontag, que estudou e lecionou na instituição por trinta e oito (38) anos, lembrou que o início de seu trabalho como professora, em 1966, ocorreu após visita do Inspetor de Ensino Primário de Apucarana, Professor José Berton, onde pode verificar a grande quantidade de alunos (quase 80 crianças, segundo ela) e solicitou para que ela terminasse a 4ª série e auxiliasse sua mãe nas atividades da escola.

A Professora Hera é a única das entrevistadas que continua atuando na área (faz parte do corpo docente da EMCEP), com uma trajetória de quarenta e cinco (45) anos dedicados ao magistério. Ela explicou que começou a lecionar na instituição no ano de 1973, apenas com a formação escolar de 4ª série do Ensino Primário, pois não havia professoras para lecionar. O mesmo aconteceu com a Professora Maria Aparecida que iniciou com dezesseis (16) anos de idade, havendo cursado também até a 4ª série do Ensino Primário.

A Professora Maia mencionou em seu depoimento como começou a trabalhar na escola, ressaltando a atividade como professora leiga:

É a Maria. A Lourdes Sontag lá, me arrumou esse serviço pra mim, esse trabalho né. Eu tava desempregada e tava precisando de professora e naquele tempo a professora que não era formada em estudo podia dar aula. Podia ajudar né e assim...

Como apresentado no capítulo 2, a presença do professor leigo não era uma realidade específica da instituição por mim estudada, essa era a da educação brasileira ainda nas décadas de 1960 e 1970, uma vez que os Estados contavam, em sua maioria, com o chamado professor leigo. Uma das estratégias, nesse período, para mudar esse quadro, foi a realização de um projeto denominado de Projeto LOGOS, que “[...] entre os selecionados esteve o Paraná, atendido já na primeira etapa do Logos II, entre os anos de 1975 e 1978” (PEREIRA, 2015, p. 45). Sobre a criação do projeto LOGOS, Pereira (2015, p. 33) destaca que:

[...] nesse período havia um grande número de professores que não tinham formação específica atuando nas séries primárias, os chamados professores leigos, o que motivou o governo a criar os Projetos Logos I e II cujo objetivo era formar professores em um primeiro momento em nível de 1º grau, pois alguns sequer tinham a formação fundamental e em um segundo momento no curso de magistério em nível de 2º grau.

Esse projeto também chegou ao Município de Faxinal como meio de possibilitar formação aos professores que trabalhavam com crianças de 1ª a 4ª série. As professoras da Casa Escolar Epitácio Pessoa participaram desse projeto. A Professora Eny Terezinha, relembra essa fase do projeto LOGOS, comentando que todas as professoras da escola e do Município começaram a fazer o curso, por

incentivo do então prefeito do Município de Faxinal, Sr. Moacyr Paulo Segal. Na época, a Professora Maria de Lourdes também havia iniciado o projeto LOGOS, mas aposentou-se antes de concluir. Quem concluiu o projeto foi a Professora Hera<sup>47</sup>, que relatou que:

[...] a gente ia toda semana fazer prova e a prova valia 80, se não tirasse 80 tinha que estudar novamente os livros, é por isso que eu acho que era muito bom, porque você aprendia o que tinha no livro, estudava até aprender e ia lá e se não conseguia alcançar os 80, pode voltar e estudar de novo que você não passou. Aí a gente estudava novamente e tinha até a 3ª pós, aí a gente ia fazer a 1ª, não passou, a 2ª não passou, na 3ª tinha que passar. Se não passasse tinha que abandonar. Foi por isso que muita gente começou e pouca gente terminou.

Pelo relato, a professora Hera considerava o projeto bom, porque o professor era forçado a aprender o que estava nos livros, mas, por outro lado, achava muito difícil, pela quantidade de livros para estudar e pelas provas que realizavam na sala do projeto, que ficava em Faxinal, sob a orientação de duas professoras, tendo que obter nota 80.

Contudo, observa-se que fora bastante enfatizada, na fala das depoentes, a vontade de continuar os estudos, de fazer uma faculdade, mas que, pelas condições familiares, preocupadas em deixar o marido e os filhos, e pela dificuldade de traslado a outra cidade, deixaram de dar continuidade a sua formação. A Professora Maria Aparecida, que atuou como professora por oito (8) anos na Casa Escolar Eptácio Pessoa, de 1966 até o ano de 1971, também vivenciou esse impasse: sua vontade em fazer graduação em Direito e o cuidado de sua família, mas optou pelo cuidado com a família.

A Professora Maia trabalhou na Casa Escolar Eptácio Pessoa no final da década de 1960 e anos iniciais da década de 1970, depois parou de lecionar. Ficou marcada em suas memórias a vontade de ter continuado o seu trabalho como professora e de ter prosseguido sua formação:

Sabe, aí ficou difícil, ficou difícil, porque nós tinha que estudar lá em Faxinal, e naquele tempo não tinha carro como hoje né, hoje tá fácil, todo mundo, cada família quase tem um carro, naquele tempo só

---

<sup>47</sup> A Professora Hera graduou-se em Geografia em 1992 e concluiu quatro cursos de Pós-Graduação.

tinha um carro que era o irmão da Sonia, marido da Sonia, Toninho Sontag, ela é a Sonia né, que você fez com ela. Então, o Toninho que levava as professoras pra ir receber, pra ir numa reunião, quando tinha uma reunião nós ia também né, era assim, era difícil, e por isso que a gente, daí o marido não aceitou que a gente tinha as crianças pequeninha, mas a vontade era de estudar, nossa, como eu tinha vontade de estudar.

Eu era inteligente, eu tinha o dom pra estudar mesmo, mas só que naquele tempo as mulher casava parece que tinha medo dos maridos, não queria estudar também, e eles não aceitava né, eles não aceitava e a gente também não fazia o contrário. Que nem hoje né, hoje as meninas falam eu vou eu vou e vai mesmo, as mulher casada vai mesmo. Elas são assim decide e vai né a gente não a gente tinha medo de às vezes dar separação ou uma coisa e outra e não contrariava. Mas o meu pensamento era de estudar mais. Aí assim...

No relato se misturam as vivências do presente da depoente e o vivido em seu passado, qual seja, as mudanças ocorridas com relação à submissão da mulher ao esposo e as suas obrigações domésticas. No relato é possível verificar o conflito vivenciado entre o desejo de se profissionalizar e as obrigações como responsável por um lar e família. Conflito enfrentado pela depoente, e que a fez definir por abrir mão de seus sonhos e da sua intenção de dar continuidade à carreira, para não gerar atritos familiares, e assumir, exclusivamente, o cuidar da família. Para a Professora Maia, os homens não queriam estudar e por isso também não queriam que as mulheres estudassem.

Com o mesmo sentido do conflito relatado anteriormente, entre as memórias da família, a Professora Eny Terezinha comentou sobre a visão de seu pai em relação aos estudos de sua mãe:

Meu pai não gostava de ver ela estudando. Não gostava de ver ela estudando (risos) Ele pegou e falou assim: *Eu vou te dar uma , uma vaca aí no..aí no pasto pra você, pra você parar de estudar.* (risos)

Percebe-se a presença de conflito quando o assunto era assumir uma atividade, uma ocupação fora de casa e daquilo que era tradicionalmente aceito como obrigação da mulher. Embora contrariando a vontade do marido, a Professora Maria de Lourdes só encerrou sua atividade como professora com sua



aposentadoria. A ação e reação dessa professora mudaram a história de muitas crianças e famílias da região.

Outra questão evidenciada sobre a vontade de dar prosseguimento aos estudos, além da relação entre marido e mulher, foi o relacionamento entre pai e filha. A Professora Hera expôs esse fato ao relatar que seu pai queria que ela tivesse feito apenas até a 3ª série do Ensino Primário. Ela relembra que na época ele disse:

*Não, agora você não precisa mais estudar, porque você já fez o terceiro ano e já está de bom tamanho e aí não precisa mais estudar.*

Como consequência da reação de seu pai, ela comentou que:

*Aí isso me magoou. Eu sofri muito. Chorei, fiquei triste, mas pensei no momento que ia voltar ao estudo. Eu não vou parar. Mas eu quis falar pro meu pai, porque ele queria que eu parasse, que eu era a mais velha da turma e eu tinha que ficar pra ajudar a cuidar dos irmãos. Aí, a minha mãe teve dez filhos e eu era a mais velha, então eu precisava ajudar. Aí eu fiquei boa, aí eu pensei: Bom, no próximo ano a minha irmã sai, que ela ia fazer o quarto ano e eu entro. Beleza. Meu pai não mandou ainda. Depois, uma outra irmã saiu, terminou o quarto ano, saiu. Também, não mandou ainda, e eu esperando que ele mandasse que eu era muito obediente ao meu pai e a minha mãe. Aí, mais uma terminou o quarto ano, saiu e meu pai não mandou estudar. Aí eu falei pra minha mãe: *Ó mãe, eu quero estudar. A senhora pergunta pra ele se eu posso entrar, que se ele falar que eu não posso, eu vou ficar muito chateada.* Aí ela perguntou e ele falou que podia. Foi que daí eu voltei pra escola. Daí eu voltei, terminei o quarto ano e logo comecei a trabalhar.*

Temos aqui, o desabafo da Professora Hera, que teve que parar de estudar para poder auxiliar sua mãe com o cuidado de seus irmãos. Nesse contexto, aprender os conhecimentos básicos já estava de “bom tamanho” para o pai da entrevistada. Nessa fala a professora ficou muito emocionada, lembrando a tristeza que passou por ter que parar os estudos e também expressa o seu posicionamento em não parar e na primeira oportunidade continuar de onde parou.

Dentro da peculiaridade do espaço estudado, temos a história de uma instituição, a das mulheres de uma família, das moças de uma comunidade e a construção de um lugar responsável pela educação escolar. Ao pôr em evidência os sonhos, limites e superação dessas professoras, essa narrativa as compreende

como construtoras da História e, embora os limites fossem postos pelas estruturas e circunstâncias, trazem em suas memórias, repletas de saudades, os caminhos trilhados pelas suas ações, compondo a história da educação no interior paranaense.

Identifiquemos, na imagem abaixo, algumas das professoras da instituição em estudo:

**Figura 5:** Professoras da Casa Escolar Epitácio Pessoa (1960/1970)



**Fonte:** acervo da Família Sontag (Da esquerda para direita: Professora Eunice Sontag; Professora Eny Sontag; Professora Maria de Lourdes Sontag; Professora Maria Aparecida Kuhl e Professora Marta Garcia com sua filhinha ao lado).

Nesse registro podemos ver algumas professoras que lecionaram na Casa Escolar Epitácio Pessoa. Juntas pelo laço familiar, pelo trabalho, pela amizade e pela educação primária do Distrito de Nova Altamira.

## 4.2 OS ALUNOS

Assim como busquei identificar quem eram as professoras da Casa Escolar Epitácio Pessoa e do Grupo Escolar Epitácio Pessoa, para assim identificar suas trajetórias dentro da escola, compreendendo seus papéis na composição desse espaço como um lugar destinado ao Ensino Primário, nesse viés, algumas fontes auxiliaram na identificação de um perfil dos alunos dessa instituição escolar. Intencionalmente ou não, as professoras trazem em suas memórias a saudade dessa época e da vivência com seus alunos.

Como vimos anteriormente, a produção agrícola e a extração de madeira de pinheiros movimentavam a economia familiar do Distrito de Nova Altamira. Até 1955, quando há a criação da escola no sítio da família Sontag, não havia escolas no local, o que não significa que não havia crianças em idade escolar. A Professora Eny Terezinha relembra que:

E no instante quando construiu a escolinha encheu de aluno, porque tava cheio assim de criança lá, que os pais queriam né que aprendesse a ler e escrever também, que nem meu pai não sabia ler e escrever né e assim era muita, muita gente aqui não sabia ler e escrever, mas queriam que os filhos aprendessem e eles não, então ficaram muito contentes né. Teve uma família lá que estudou todos os filhos ali.

Pelo depoimento, havia um grande número de crianças que moravam na localidade quando a escola foi construída. E, assim como o pai da Professora Eny Terezinha, Sr. Fernando Sontag, não sabia ler e escrever, os demais pais também não sabiam. Essa era a realidade da maioria dos moradores da localidade e também do Estado do Paraná e do Brasil, como procurei demonstrar nos capítulos anteriores.

Ao questionar sobre o comportamento e aprendizagem dos alunos, as professoras compartilharam algumas memórias exemplificando características do público alvo da instituição. Quando o assunto era a vontade de aprender, a Professora Eny Terezinha comenta que os alunos tinham muita curiosidade de aprender a ler e escrever.

A Professora Maia, destaca em seu depoimento, como era a aprendizagem de seus alunos, principalmente em relação à leitura e à matemática. Segundo ela, os alunos passavam para o 2º ano sabendo ler e fazer as quatro operações, pois para ela, a matemática “era em primeiro lugar”.

Sobre o comportamento das crianças em sala de aula, a professora ressaltou que não havia muito problema, já que as crianças do sítio eram todas muito quietas. Relata que, algumas vezes, quem fazia bagunça eram os alunos maiores, que ficavam balançando as carteiras.

Esse relato já nos dá a ideia de que havia faixas etárias diferentes dos alunos, os menores sendo vistos como mais comportados e os maiores mais agitados. Sobre a questão da idade dos alunos, a Professora Maia comentou que sente muita saudade de trabalhar com as crianças e que era:

[...] engraçado que pegava aluno dos 7 anos, naquele tempo de 7/8 anos, talvez eu pegava aluno com 14/15 nos ele não sabia fazer o nome dele, precisa de ver e eu tinha uns par dele de alunos de 15 anos rapaz, de 15 anos e estava na primeira série já era adolescente e não sabiam nada, iam junto com as criança pequena Tinha criança de 7 anos/8 anos tudo misturado com aqueles de 15, 14 era assim uns par de menino de 14 anos tinha.

Podemos verificar essa questão, por exemplo, na turma de 1ª série da Professora Maia em 1971 que, de acordo com Ata de Exame da instituição, contava com 24 alunos com: 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13 anos de idade, ou seja, uma grande variação de faixa etária numa mesma sala de aula de 1ª série. Essa situação ocorria com outras turmas da escola. Ela ressaltava que, de certo modo, os pais levavam os filhos para a roça, o que acabava atrapalhando os estudos das crianças.

Quem não sabia ler e escrever, independentemente da idade, já ia direto para a 1ª série. A Professora Maia também lembra que quando os alunos não se comportavam ou quando não completavam a tarefa de casa, os deixava de castigo sem brincar na hora do recreio para que ficassem fazendo a atividade. Tarefa sem resposta não era admitida.

Quando fala dos alunos nessa época, a Professora Hera lembra que as crianças eram muito comprometidas com o estudo, que todos entravam para sala, não “matavam” aula e tinham o compromisso com a escola. Além das crianças estudarem, também ajudavam os pais no trabalho, ou seja, a rotina era diferente. Hoje ela lamenta que os alunos mudaram muito e tem saudade daquele tempo.

A Professora Eny Terezinha traz em sua memória a alegria sentida em perceber-se como membro de um grupo, da convivência entre colegas e amigos

propiciada pela escola e seus modos de socialização, imprimindo nos alunos muitos modos de compartilhar e de existir:

É né. Lá no sítio, na escolinha do sítio, que lembro que a minha mãe, meu pai plantava abacaxi, aí lá de vez em quando a minha mãe pegava abacaxi e descascava uma baciada de abacaxi pra distribuir pras crianças e era gostoso comer abacaxi na escola (risos). E o lanche na escola era gostoso, trazia de casa né, mas eu morava pertinho da escola eu tinha que levar o meu lanche pra mim comer lá junto com os outros (risos). Porque parece que ficava mais gostosa a comida comer junto com, no grupo. Tudo junto.

Essa fala representa as sensações que a forma de socialização escolar imprime em seus sujeitos. Para a Professora, a alegria não estava tão somente em comer o abacaxi, mas em poder compartilhar momentos como esse com seus amigos da escolinha.

Na imagem a seguir podemos visualizar os alunos em frente à Casa Escolar Epitácio Pessoa, vejamos:

**Figura 6:** Alunos da Casa Escolar Epitácio Pessoa (Década de 1960)



**Fonte:** acervo da família Sontag.

Na foto podemos notar vários meninos e meninas em frente à escola, com uma variedade de tamanhos, alunos maiores e alunos menores. Podemos visualizar como era a Casa Escolar Epitácio Pessoa com duas salas de madeira com varanda, janelas com vitrais e um grande espaço de terra.

No quadro abaixo é possível visualizar as séries e o número alunos de acordo com a idade. Esses dados datam do ano de 1978, ou seja, ano de criação oficial do Grupo Escolar Epitácio Pessoa:

**Quadro 11** - Matrícula dos alunos do Grupo Escolar Epitácio Pessoa no ano de 1978 – 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> série – quantidade de alunos por idade

Séries	IDADE E QUANTIDADE DE ALUNOS											Total
	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos	11 anos	12 anos	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	Sem inform. 48	
1 <sup>a</sup> série	7	10	10	7	5	2	---	---	---	---	2	43
2 <sup>a</sup> série	---	1	2	8	4	2	1	2	---	1	5	26
3 <sup>a</sup> série	---	---	---	3	6	3	6	2	---	---	---	20
4 <sup>a</sup> série	---	---	---	---	4	5	9	5	1	1	---	25

**Fonte:** quadro organizado pela autora de acordo com as atas de matrícula da instituição/Secretaria de Educação e Cultura de Faxinal.

De acordo com a documentação analisada, no ano de 1978 estavam matriculados na 1<sup>a</sup> série 43 alunos, na 2<sup>a</sup> série 26 alunos, na 3<sup>a</sup> série 20 alunos e na 4<sup>a</sup> série 25 alunos. Percebe-se a variação de idade dos educandos, entre os 8 e os 16 anos de idade, um maior número de alunos concentrados na 1<sup>a</sup> série e a diminuição dessa quantidade de alunos a partir da 2<sup>a</sup> série. Na 1<sup>a</sup> série a idade dos alunos figurava-se em 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14 e 16 anos. Na 2<sup>a</sup> série entre os 8, 9, 10, 10, 11, 12, 13, 14 e 16 anos. Na 3<sup>a</sup> série entre os 10, 11, 12, 13 e 14 anos. Na 4<sup>a</sup> série entre 11, 12, 13, 14, 15 e 16 anos. Esse contexto permite observar que mesmo com a organização dos alunos de forma seriada, ou seja, organizados segundo o nível de ensino, no Grupo Escolar estudado, as idades variavam muito, havendo a convivência de crianças e adolescentes no mesmo espaço.

<sup>48</sup> Sem informação.

Segundo a LDB nº 5692/1971, o Ensino Primário passou a corresponder ao Ensino de 1º Grau com duração de oito (8) anos letivos (1ª a 8ª série), sendo obrigatório dos sete (7) aos quatorze (14) anos de idade. Essa diferença de idade entre as crianças e também entre o que a Lei prescrevia como idade inicial da educação primária obrigatória, pode nos revelar as dificuldades do país para efetivar a obrigatoriedade de ensino e diminuir o número de analfabetos. Essa diferença de idade dos alunos esteve presente em toda a trajetória da instituição no período estudado, qual seja no modelo de Casa Escolar como no modelo de Grupo Escolar.

### 4.3 ORGANIZAÇÃO E PLANEJAMENTO

A Professora Hera que foi aluna da Casa Escolar Epitácio Pessoa, explicou como sua sogra organizava o trabalho nesse modelo de escola primária em seus primeiros anos de atividade:

E aí foi quando eu entrei estudar, eu entrei estudei minha 1ª série foi no ano de 62 e eu estudei com ela e a turma toda. Quando eu passei do 1º pro 2º e o 3º ano, quando eu já estava no 3º ano era muito aluno, não cabia mais nessas, nessas salas. Aí o que que ela fez, como não tinha nenhuma outra professora pra trabalhar, ela dividiu assim: um dia trabalhava o 1º e o 2º ano, no outro dia o 3º ano. Então assim, o *3º ano estudava 2 vezes na semana*, e o 2º e o 1º, *3 vezes na semana*, mas a gente estudou e aprendeu bem. Era muito bom, ela era ótima professora, ela, ela era uma pessoa bem responsável, a gente, era incrível até contar, mas a gente estudava a gente fazia comemoração do dia 7 de setembro, tinha educação física aos sábados, porque naquele tempo tinha aula nos sábados, ela dava educação física, ela dava artes, ensinava fazer trabalhos manuais na escola, tudo isso a gente teve.

Observa-se a adequação relatada pela professora para possibilitar o funcionamento da escola. Assim, as escolas isoladas, “[...] embora houvesse uma regulamentação que estabelecesse parâmetros para seu funcionamento, elas não apresentavam rigidez, mostrando-se, na maioria das vezes, flexíveis às necessidades locais” (ROSSI, 2017, p. 168). Dessa forma, a prática contada pela ex-aluna e professora Hera, revela essa flexibilidade identificada por Rossi (2017). A alternância dos dias de aula entre as turmas, devido às condições de funcionamento da escola, é um exemplo dessas ações. Esse relato também evidencia outras

práticas da escola, como: as aulas no sábado, as comemorações cívicas, as aulas de artes, educação física e trabalhos manuais (realizados apenas pelas meninas).

A Casa Escolar<sup>49</sup> Epitácio Pessoa, inicialmente, funcionava com a 1ª, 2ª e 3ª série, em classe multisseriada e com uma professora, Dona Maria de Lourdes e com o passar dos anos outras professoras fizeram parte do corpo docente, também trabalhando em classe multisseriada. A Professora Eny Terezinha que trabalhou em séries multisseriadas retrata que era um pouco complicado trabalhar com duas turmas diferentes, enquanto passava atividade para uma turma a outra ia respondendo as questões. Ela considerava que sempre uma turma acabava ficando defasada em relação à outra e que ficou mais fácil trabalhar com classe individual.

Tratando-se dos fazeres cotidianos da Casa Escolar Epitácio Pessoa, algumas falas das professoras expõem as dificuldades enfrentadas, inicialmente, nesse modelo de escola, como por exemplo: os seus múltiplos afazeres além das práticas de ensino.

A Professora Maia e Professora Maria Aparecida relembram que eram responsáveis por fazer a merenda e pela limpeza da escola, funcionando nesse sistema até arrumarem uma servente para ajudar. A Professora Maia aponta como sendo uma dificuldade realizar várias funções:

Dificuldade que teve vez da gente trabalhar e ainda precisar fazer a merenda, que não tinha merendeira nos primeiros meses que a gente começou, até organizar. Então, às vezes, a gente tinha que fazer até a merenda pros alunos. As dificuldades mais grande era essa.

Tem, tinha dias que nós tinha que tirar as professoras, nós limpava até que arrumamos uma servente pra ajudar ali, mas nos primeiros, nos 2 meses foi assim, que não tinha ainda, e daí já foi arrumando servente ali pra nós e já melhorou mais. Merendas boas vinha lá de Faxinal pra nós, vinha a prefeitura mandava. Depois de uns 5 meses que eu tava trabalhando veio merenda.

A Professora Maria Aparecida também relata que quando começou a trabalhar na escola tinha que fazer a faxina e que depois de batalharem junto à Inspetoria Auxiliar de Ensino de Faxinal (IAE), a prefeitura começou a auxiliar com a

---

<sup>49</sup> Nos arquivos aparece também como Escola Estadual Epitácio Pessoa (essa denominação pode ser pelo fato da Professora Maria de Lourdes passar a ser remunerada pelo Estado anos após a fundação da escola), Escola Isolada Epitácio Pessoa ou apenas Escola Epitácio Pessoa.



distribuição de merenda. No começo das atividades da escola, como não havia um local próprio para se fazer a merenda dos alunos, a Professora Hera conta que:

[...] começou a merenda, aí ela (sua sogra), fazia a merenda lá na casa dela e trazia, as crianças dela que traziam um pegando de um lado de uma chaleira, uma enorme de uma chaleira, colocava a merenda ali dentro e quando era qualquer, uma merenda, assim que era só líquida, aí vinha numa chaleira, se não era um caldeirão e eles colocavam assim uma vara e cada um pegava de um lado e traziam lá do sítio que é uns 2km de distância daqui.

Essa prática não era uma realidade apenas dessa escola, era o retrato do funcionamento de muitas escolas isoladas em que os professores realizavam inúmeras funções<sup>50</sup>. Outro fator revelado pela Professora Maria Aparecida era a falta de sanitários na instalação da escola com duas salas de madeira, no Patrimônio de Faxinalzinho:

Na época não existia nada, sabe?! Aí de tanto a gente batalhar porque, ou... eu sempre fui meio "crica" (risos), então falava: precisamos disso, precisamos... Porque do lado dos fundos era só mato, a criançada ia pro mato. Eu falava: - Mas isso não existe?! - Até que também a gente conseguiu uma patente, simples, lá fora, como se chamava na época "casinha". Certo?

A Professora Maia também contribui em seu depoimento relatando sobre suas práticas cotidianas. Ela expôs que na época levava seu filho para trabalhar junto com ela e que:

O meu menino pequeno, pequeno, hoje ele é vó também, eu levava ele e amarrava ele na carteira pra mim dar aula, as carteira grande que vinha pros alunos, sentava bastante sabe? Não é que nem agora que tem as carteirinhas que é sentado de um a um né, naquele tempo sentava bastante numa carteira grande, aqueles bancão grande, daí eu pegava e amarrava ele ali no meio dos alunos, pra você vê, ficava amarradinho, daí a servente quando entrou trabalhar a servente pegava ele e ela também estava dando mamá pra uma criança, dava mamá pra ele, pra poder deixar eu mais a vontade com os alunos. Aí tinha o quadro de giz. Dava as 4 matérias da primeira série né. E daí em engraçado que a gente às vezes ficava duas professoras assim numa sala só, não sei como que nós conseguia dividir as lição pras criança conversar com os alunos é até engraçado viu.

---

<sup>50</sup> A dissertação de Cornicelli (2015) também aborda essa realidade.

Esse relato revela também o mobiliário da escola, composto por carteiras grandes, em que sentavam mais de um aluno. Com o filho pequeno, para poder continuar lecionando, a Professora encontrou como alternativa levá-lo para sala de aula, em que acabava deixando ele “amarrado” junto aos alunos. Outra prática interessante revelada por ela é que, devido ao tamanho da escola, com apenas duas salas de aula e o número de professoras, às vezes, ocorria de duas professoras com suas turmas ficarem juntas na mesma sala de aula.

As escolas isoladas rurais revelam um contexto de dificuldades em suas condições materiais, mas podem também mostrar outro conceito quando o assunto é o material didático.

No processo de inventariar as fontes localizei, na EMCEP, um livro de Planejamento do Ensino Primário (2ª edição) que teria sido usado pelos professores durante a gestão do prefeito de Faxinal, Sr. Dealcides Bahls, datado do ano de 1967. Há apenas um exemplar desse livro na escola, guardado há cinquenta e um (51) anos. Vejamos a capa do livro na figura a seguir:

**Figura 7:** Livro de Planejamento do Ensino Primário – 1967



**Fonte:** acervo da pesquisadora/arquivo da EMCEP (2017).

A capa contém o título do livro “Planejamento do Ensino Primário” e a identificação da Prefeitura Municipal de Faxinal - Aperfeiçoamento do Ensino Municipal - Gestão Dealcides Bahls. A primeira folha de abertura do livro consta o seguinte título: “Trabalho e Eficiência na Escola Primária; Planos de Unidade de Experiências; Planos Semanais – Planos de Aula”. O livro foi organizado por professoras<sup>51</sup> de Práticas de Ensino do Instituto de Educação do Estado da Guanabara<sup>52</sup>. Na abertura do livro há o texto “Oração da Mestra” (ANEXO A) de

<sup>51</sup> Sendo essas: Adélia de Campos Carregal; Aldina Pereira Azevedo; Anna Maria Dinis Porto Passos; Ely Lassange Gusmão e Déa Hanszmann de Souza Neves.

<sup>52</sup> O Estado da Guanabara foi extinto em 1975, após junção do mesmo com o Estado do Rio de Janeiro, formando onde hoje localiza-se o Rio de Janeiro. Após 1975 ficou denominado como Instituto de Educação do Rio de Janeiro e atualmente é denominado de Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro.

Gabriela Mistral<sup>53</sup>, contemplando o trabalho docente de “Mãe e Mestre”, em espanhol e português. Em seguida o prefácio de autoria da professora Haydée Gallo Coelho<sup>54</sup>. Nas próximas imagens podemos verificar o índice com o conteúdo do livro:

**Figura 8:** Índice do Livro de Planejamento do Ensino Primário - 1967

<b>UNIDADE I — PLANEJAMENTO DO ENSINO</b>			
A — Considerações .....	19	a. Os Animais .....	61
B — Vantagens .....	19	b. Os Vegetais .....	65
C — Características .....	19	c. Água .....	68
D — Tipos .....	19	d. Eletricidade .....	72
1 — Planejamentos Gerais .....	19	e. Magnetismo .....	75
2 — Planejamentos Particularizados .....	20	B — Planejamentos semanais em torno de uma idéia central .....	77
a. Plano Anual ou de Curso .....	20	Justificativa — Modelos — Sugestões Práticas .....	77
— Métodos de trabalho mais usuais .....	20	1 — Páscoa (Início das aulas) .....	83
x Centro de Interesse .....	21	2 — Natal (Encerramento das Aulas).....	95
x Projeto .....	22	3 — Dia das Mães .....	105
x Unidade de Experiências .....	24	4 — Dia do Papai .....	105
b. Plano Semanal .....	28	5 — Festas Juninas .....	120
c. Plano Diário .....	33	6 — Dia do Soldado .....	126
— Registro .....	33	7 — Dia do Aviador .....	133
d. Plano de Aula .....	35	8 — Semana da Pátria .....	140
		9 — Proclamação da República e Dia da Bandeira...	149
		C — Planos de Aula .....	157
<b>UNIDADE II — SUGESTÕES DE PLANEJAMENTO</b>		1 — Linguagem .....	157
A — Unidades de Experiências .....	37	a. Leitura .....	157
1 — Estudos Sociais na Escola Primária .....	37	b. Composição .....	162
a. Nossa Vida na Escola .....	39	c. Caligrafia e Ortografia .....	164
b. Nossa Vida no Lar .....	43	d. Gramática .....	168
c. Como Vivemos em Nosso Bairro? .....	45	2 — Matemática .....	173
d. Vamos Conhecer Nosso Estado? .....	49	a. Estudo de diversas áreas do programa .....	173
e. A Vida na Região .....	53	b. Aplicação, em problemas, dos assuntos estudados .....	180
f. O Mundo em que vivemos .....	57	3 — Estudos Sociais e Ciências .....	188
2 — Ciências na Escola Primária .....	61	Bibliografia .....	193

**Fonte:** acervo da autora (2017) extraído de CARREGAL et al., (1967).

Sobre a utilização desse livro pelas professoras da Casa Escolar Epitácio Pessoa, a Professora Eny Terezinha explicou:

A gente se, se, como que se diz, a gente se orientava por aquele livro, pra preparar as aulas, tinha ali já alguma coisa preparada né... A gente usou assim. Aí passava no quadro... No quadro pros alunos

<sup>53</sup> Gabriela Mistral, pseudônimo escolhido de Lucila de María del Perpetuo Socorro Godoy Alcayaga. Foi uma poetisa, educadora, diplomata e feminista chilena.

<sup>54</sup>“Haydée Gallo Coelho, que concluiu o magistério no Instituto de Educação, em 1934, e foi professora de sua Escola Primária daquele momento até sua aposentadoria” (VIDAL, 2005, p. 14)

copiarem e estudarem né. As matérias que estudava pra prova né. Tinha prova. Todo mês tinha prova pras crianças.

O trabalho com esse material também foi lembrado pela Professora Maria Aparecida que, quando questionada se havia utilizado esse livro para preparar suas aulas, comentou que:

Sim, Jordana. Cheguei a trabalhar com esse livro e com outros que daí eles também é, mandaram a gente comprar. Porque nós comprava e eles mandavam. E eu trabalhei muito nisso daí. Eu tinha todos eles. Até quando eu vim embora tinha muito tempo guardado, certo? Mas aí quando a gente foi fazer, reformar a nossa casa, os pedreiros queimaram sem a minha ordem.

A Professora Maria Aparecida também recorda que havia outros livros como esse do Planejamento do Ensino Primário, de outras cores que eram utilizados para o preparo das aulas.

Outro material que foi utilizado por elas, segundo a Professora Eny Terezinha, chamava-se “Livros Débora”<sup>55</sup>:

Os livros Débora eram os livros de ensino. As professoras usavam pra ensinar os alunos. *Era na época, era o livro mais moderno que tinha.* Então tinha o livro de matemática, português, história, geografia, tudo num livro só. E era muito bom os livros. Eu lembro que eu resolvia os problemas que, a gente preparava aula com esses livros pra gente dar aula. Resolvia os problemas ali, passava no caderno né, resolvia os probleminhas, tinha resposta pra gente ver quem acertou, certinho. Eles tinham resposta já (grifos meus).

Assim, pode-se observar que a Casa Escolar Eptácio Pessoa utilizava materiais impressos de grande destaque na época, como o livro organizado pelo Instituto de Educação do Estado da Guanabara e os livros de ensino da Professora Déborah Pádua Mello Neves. Considero essa documentação um importante achado, merecedora de maior discussão e aprofundamento para pesquisas futuras.

---

<sup>55</sup> Pode-se inferir que esses “Livros Débora” sejam os livros didáticos elaborados pela Professora Déborah Pádua Mello Neves e impressos pelo Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas. A Revista Comunicação e Educação (USP) publicou em 2008 um depoimento dado pela Professora Déborah Pádua Mello Neves (NEVES, 2008, p. 77 – 82).

Todas as professoras ressaltam, de uma forma geral, que as aulas eram organizadas de acordo com o programa de ensino, que era distribuído pela IAE, assim como outras orientações, como: o calendário escolar, as datas dos exames, as datas comemorativas que deviam ser celebradas, a quantidade de dias letivos que deveriam ser cumpridos, os livros de chamada, a organização dos diários de classe e outras orientações gerais. A Professora Hera destaca que as professoras participavam das reuniões e acompanhavam as transformações que aconteciam na educação: “E todo o pessoal daqui também, então ninguém ficou assim pra trás, de falar assim, não, aquela escolinha é, é uma escolinha fraca, não, a gente sempre acompanhou e fez tudo que era pra fazer.”

No contexto desse relato, pode-se identificar o desejo da professora que a escola não fosse vista com inferioridade por ser uma escola rural, mas que elas acompanhavam as mudanças educacionais.

Percebe-se nesse contexto de organização das aulas, que as professoras utilizavam somente o quadro negro, que passavam as atividades para as crianças copiarem e responderem. A Professora Maia realizava ditado com seus alunos todos os dias, ditando palavras e letras. Tratando-se dos métodos de ensino, a Professora Eny Terezinha relata que:

Olha, eu, método? A gente trabalhava no começo a gente trabalhou assim, conforme nós aprendeu ler e escrever a gente trabalhou né, não tinha né, mas depois surgiu método de 1ª série, 1º ano, tinha um método de ensino. Na época em que eu trabalhei não tinha. Mas depois quando a Sonia começou trabalhar, logo já apareceu um, um, método que tinha até uns livros lá, uns livros da capa verde que eram de alfabetização. Aquilo ajudou muito os professor, tinha cartilha, a cartilha Caminho Suave que era, foi muito importante na época pra alfabetização dos alunos. Na época que a Sonia trabalhou já. Quando eu estudei era a Cartilha Ensino Rápido, depois essa cartilha desapareceu, surgiu essa Caminho Suave.

É, e eu estranhei uma coisa também que eu estranhei também quando comecei trabalhar que daí a gente não tinha experiência né. Pegar uma sala de aula sem ter experiência né, de, por exemplo, quem faz o magistério, vai pra sala de aula sabendo o que que vai fazer né. E a gente só com a experiência que a gente estudou. Então isso que, que eu achei dificuldade também. Trabalhar com 2 séries, 1ª e 4ª série, sem ter uma formação, isso dificultou também pra gente. Ensinar as crianças.

A Professora Eny Terezinha retrata que ensinava seus alunos imitando a sua própria professora e que foi difícil quando ela começou a trabalhar iniciando em turma multisseriada sem ter nenhuma experiência ou formação específica para a prática docente. A Professora Hera também contribui nesse sentido ao contar sua primeira experiência em sala de aula:

Eu comecei numa 1ª série com 40 alunos e eu, eu organizei a minha aula, a primeira vez foi uma professora que já trabalhava, que era a lone, filha da Dona Lourdes e ela que me ajudou, é assim, preparar as aulas, as primeiras aulas. E ela me ensinou como que preparava, aí a partir dali eu mesmo preparava. E ela ficou comigo na sala acho que uns 3 dias, porque até então eu não tinha feito nada que eu, eu imitava a minha primeira professora. Eu trabalhando no primeiro ano, eu lembro que eu fazia igualzinho a professora tinha feito e eu gostava.

Aí sempre teve, tinha, era a Dona Lourdes Farias que vinha aqui orientava logo, depois foi ela e ela sempre falava assim pra gente: “Olha, professor tem que dar conta daquilo que ele tem que ensinar pro aluno, a forma como ele vai ensinar não é tão importante, ele tem que se apegar no que ele deve trabalhar e o aluno tem que saber no final do ano”.

Como as professoras não tinham nenhuma formação específica para a prática docente, baseavam-se nas memórias vividas como alunas, tendo como exemplo as práticas já vivenciadas como estudantes primárias.

Por meio dos Livros-Ata de Exame e de Chamada, foi possível verificar as disciplinas escolares trabalhadas, sendo: Comunicação e Expressão (Língua Portuguesa), Estudos Sociais (Geografia, História e Organização Social e Política do Brasil) e Iniciação às Ciências (Matemática e Ciências Físicas e Biológicas). Nas atas de exame constam as disciplinas de Português, Matemática e Estudos Sociais, sendo que a média geral do aluno era obtida por meio da soma e divisão das três avaliações realizadas. Sobre os exames, as professoras ressaltam a importância desse procedimento avaliativo, em que a criança tinha que saber tudo para realizar a prova, segundo a Professora Hera.

O mesmo currículo que era trabalhado nas escolas de Faxinal era o trabalhado nas escolas rurais, não havia um trabalho direcionado aos saberes da escola do campo. Marinho (2008 *apud* CORNICELLI, 2015) explica que durante muito tempo a educação do meio rural esteve sob os moldes da educação da

cidade, sem respeitar as particularidades de seu meio. Nos documentos em que tive acesso, em prol da escola rural, consta a utilização do calendário agrícola. Esse tipo de calendário foi utilizado no ano letivo de 1969/1970, de 1970/1971 e 1971/1972. Nesses anos as aulas iniciavam em setembro ou outubro, respeitando a época de plantio e colheita para que os alunos não faltassem à escola para ajudar seus pais no trabalho da roça. Nos anos seguintes, já se verifica a utilização do calendário tradicional, segundo as determinações da LDB em vigência.

A Professora Maria Aparecida faz um relato de sua prática docente com relação ao planejamento de suas aulas. Por meio de seu depoimento é possível observar as ações dos sujeitos diante das estratégias impostas, criando táticas em seus fazeres cotidianos (CERTEAU, 2014), analisemos:

Seguindo o programa que eles passavam nós mensalmente, certo? É... Que sempre... É... Na época existia, não sei como que é hoje, mas nós tinha o programa do mês, então você seguia aquilo e eu ainda fazia, é.... Diário de todas as aulas que eu passava pros alunos, desde a classe A até a C. Tudo! Tudo!Tudo! Diversificado, além do mais, no programa não tinha pra que a gente ensinasse, é, desenho e nem caligrafia. E isso eu coloquei por conta própria. E até, até fui elogiada pela caligrafia que meus alunos obtiveram lá. Que inclusive tenho alunos que hoje já são casados, que tem uma caligrafia muito linda, que fui eu que ensinei. Certo?

A Professora Maria Aparecida considerava o programa “fraco” para o ensino dos alunos e por vontade própria acrescentou as aulas de desenho e de caligrafia. Como havia aula no sábado, ela alternava e cada semana trabalhava uma atividade diferente com as crianças. Ela completa essa questão, mostrando que a sua ação com a inserção de novas atividades com os alunos, acabou motivando outros professores a fazerem o mesmo. Vejamos:

[...] é o que marcou muito eles, porque eles não tinham, não era feito e isso não constava no programa, que eu já te falei que era a caligrafia, mas é, como eu te disse, eu fazia também desenhos, eu fazia, é cartazes e eu nunca me esqueço que eu fazia cartazes pro dia das mães e dos pais, formando como se fosse uma casinha, uma janela e ensinava eles fazerem pra dar presente pros pais. Então eu era muito criativa e ensinava eles, e aí os outros foram aprendendo, e as outras professoras vinham e falavam pra mim: -Mas como que você faz isso?- Eu disse: -Isso é criatividade da gente-, então eles foram pegando o jeito e foram também fazendo, mas fui eu que comecei...



Segundo a Professora, essa alteração não foi bem vista pela Inspetora Auxiliar de Ensino do Município que sempre fazia visitas em todas as escolas, acompanhando o trabalho desenvolvido pelos professores do município:

[...] tem uma passagem que aconteceu com a Dona Iany que não lembro que ano foi, que foi feito prova final, que na época, eles diziam exame final, foi reunido todas as turmas, da da manhã e da tarde e ela dividiu numa sala só pra fazer o exame final de todos. Então daí ela dividiu de cada professora, duas filas de carteira de assim sucessivamente. Aí ela ficou olhando aluno por aluno e aí veio e falou pra Dona Lourdes: - *Puxa vida! Mas que crianças que tem uma caligrafia linda, aquela turma ali, foi você que ensinou?*- Daí ela disse não, não fui eu, foi a Maria, a Maria Aparecida. -*Mas não pode, eu achei que era você*-. Daí um dos meus alunos disse: - Não senhora, é a Dona Maria que ensinou nós e nós sabemos fazer direitinho, por isso nós temos a letra bonita. - Foi o menino que falou pra ela. Aí a Dona Lourdes confirmou - Não, é a Maria que ensina -. Porque um dia eu estava ensinando no sábado, ela foi lá constatar que eu estava dando aula, que estava fora do programa. Eu disse: - Eu venho, não me custa nada, sei que eu não recebo isso, mas o quero ensinar eles-. E ela não queria que eu fizesse isso. Eu disse - Eu vou fazer porque eles gostam e porque é bom ter uma caligrafia melhor e mais bonita. Eu disse: -Se agora a senhora faça o favor, olha a caligrafia dos meus alunos e olha a dos outros, porque eles seguem corretamente o programa de vocês que deixa muito a desejar. E eu acrescento, então por isso que elas estão começando igual, aonde que daí ela deixou. E por ali, por esse caminho, Jordana, a escola começou a desenvolver, a desencadear aquilo que tava parado, certo?!

Com o depoimento da professora Maria Aparecida é possível observar que os sujeitos não são passivos diante das estruturas que impõem um modo de ser e fazer. Os usos que a professora fez com aquilo que lhe era imposto, no caso o programa de ensino, foram diferentes do pretendido, inicialmente, pela Inspetora de Ensino. Observa-se que, embora haja uma estrutura, que impele os sujeitos a seguirem as regras, esses agem de forma tática, criando um espaço de manobra, como nos indica Certeau (2014), alterando a proposta inicial.

Nas linhas anteriores procurei evidenciar, a partir do que a documentação permitiu, alguns aspectos das práticas presentes na Casa Escolar Epitácio Pessoa, ou seja, como as professoras organizavam suas aulas e o funcionamento da instituição no modelo de escola isolada. Convém lembrar que das minhas

entrevistadas (quatro), duas delas acompanharam a criação do Grupo Escolar Epitácio Pessoa em 1978, sendo as professoras Eny Terezinha e Hera.

No entanto quando questionadas o que mudara nas práticas escolares com a mudança de escola isolada para grupo escolar, o que fora destacado foi a ampliação dos níveis de ensino, que antes era apenas de 1ª a 4ª séries e que passou a ter de 5ª a 8ª séries, e o fato dos professores passarem a ter um maior acompanhamento na realização de seu trabalho, assim como mais reuniões que visavam uma melhor formação. Com relação à prática de sala de aula, de materiais utilizados não houve nenhum destaque pelas entrevistadas.

#### 4.4 ORIENTAÇÕES...FISCALIZAÇÕES...FESTEJOS

Todo o trabalho de orientação e fiscalização das escolas do Município de Faxinal estava a cargo da Inspeção Auxiliar de Ensino<sup>56</sup> (IAE), pertencente à 22ª Delegacia Regional de Ensino de Apucarana. Nas entrevistas as professoras também relataram como acontecia a fiscalização do trabalho. A Inspectora Auxiliar de Ensino de Faxinal, Professora Iany de Oliveira Munhoz, era a responsável pelo cargo. A Professora Maia lembra que a Inspectora sempre visitava a escola, comentando que naquele tempo eles tinham vacinas e provas no final do mês. Por meio das reuniões realizadas em Faxinal, as professoras recebiam as orientações, o planejamento e o calendário.

Foram encontradas Atas de Reuniões Pedagógicas<sup>57</sup> do final da década de 1970 até o início do ano de 1978, que possuem elementos que auxiliam a identificar quais as orientações dadas pela IAE, tanto para professores como para serventes, quais os temas mais abordados nessas reuniões, quais as orientações pedagógicas, já que a Casa Escolar Epitácio Pessoa e Grupo Escolar Epitácio Pessoa faziam parte desse sistema municipal.

Tratando de uma maneira específica, no contexto de produção desses documentos foram encontradas 56 atas de reunião na SMECF, sendo 2 de 1970; 9

---

<sup>56</sup> As Inspeções Regionais e Auxiliares de Ensino foram extintas em 1983 com a criação dos Núcleos Regionais de Educação – Governo de José Richa no Paraná.

<sup>57</sup> A sistematização das atas foi organizada por meio de tabela. Verificar o Anexo C.

de 1971; 2 de 1972; 5 de 1973; 9 de 1974; 12 de 1975; 8 de 1976 e 1 de 1978. Como participantes das reuniões, de uma forma geral, constam os seguintes nomes: Inspetora Auxiliar de Ensino do Município de Faxinal; Professores (das escolas estaduais; das escolas estaduais rurais; dos grupos escolares; das escolas municipais; da zona rural); Serventes; Supervisora da Campanha Nacional de Alimentação Escolar; Autoridades Municipais; Supervisora do MOBREAL. Como locais em que aconteciam essas reuniões, também de uma forma geral, temos: Câmara Municipal; Inspeção Auxiliar de Ensino de Faxinal; Colégio São Domingos; Grupo Escolar Ouvidor Pires Pardini; Escola Normal; Sala do Legislativo Municipal; Prefeitura Municipal; Não consta.

Vejamos no quadro os assuntos mais abordados nas atas de Reuniões Pedagógicas:

**Quadro 12:** Assuntos abordados nas Reuniões Pedagógicas coordenadas pela Inspeção Auxiliar de Ensino de Faxinal (1970 – 1978)

<b>ASSUNTOS</b>
Orientações para professores
Dias letivos/ Ano letivo
Datas comemorativas
Higiene/limpeza (higiene pessoal, higiene na escola, higiene no lar, higiene na alimentação escolar)
Merenda Escolar
Alimentação Escolar/ Campanha Nacional da Alimentação Escolar
Provas (mensais, bimestrais, semestrais)
Calendário/Calendário agrícola
Programa bimestral/Programa anual
Boletins/Notas
Resumos mensais/resumos finais
Associação de Pais e Professores - A.P.P.
Livros de Chamada
Datas (férias, feriados, início das aulas)
Matrículas dos alunos
Orientações gerais e/ou comunicados
Orientações para serventes

**Fonte:** quadro organizado pela autora por meio dos Livros-Ata de Reunião Pedagógica/ Secretaria de Educação e Cultura de Faxinal.

De acordo com as atas, percebe-se que o trabalho dos professores era fiscalizado rigorosamente, sempre frisando a importância de estar com o diário de classe em dia. Tudo que era realizado passava primeiramente pela IAE, para que

puдesse ser visado e assinado. As condições das estradas atrapalhavam o trabalho na vistoria, mas a aquisição de uma Kombi no ano de 1975 auxiliou nesse processo. Nota-se, também, a importância de registro do movimento escolar das instituições do município. Cada professora deveria fazer o resumo final de sua turma com a situação de cada aluno e com as médias após o exame final. Na figura abaixo temos um exemplo de como foi sistematizado o resumo final de uma das turmas da Casa Escolar Epitácio Pessoa do ano de 1977, contendo as notas e a identificação da situação do aluno:

**Figura 9:** Resumo Final da turma de 4ª série - Casa Escolar Epitácio Pessoa 1977

4ª			
Secretaria de Educação e Cultura 22ª Inspeção Regional de Ensino de Apucarana Inspeção Auxiliar de Ensino de Fossorial			
Resumo final do ano 1977			
Casa Escolar Epitácio Pessoa - Altamira Profª Eunice de Carmo Costa			
4ª Série			
Alunos		masculino	Feminino
matriculados	35	12	23
Presentes	23	7	16
n/comparação	12	5	7
Aprovados	22	6	16
Reprovados	1	1	-
Excluíram-se	22	6	16
Nº	nome do Aluno	Idade	Situ. Repet. Observações
1	Adrievaldo dos S. Silva	13	4º N 59-72-65-67
2	Antônio O. Costoso	14	4º N Reprovado
3	Adão R. Machado	15	4º N Persistente
4	Samuel C. da Rosa	13	4º N 75-90-91-85
5	Francisco da S. Junior	13	4º N 59-80-57-65
6	Jose Antonio Alves	12	4º N Persistente
7	Jayme Kuhl Filho	13	4º N 59-86-53-66
8	Jorge L. de Oliveira	14	4º N Persistente
9	Joel Munhoz	13	4º N Persistente
10	João B. Junqueira	13	4º N Transferida
11	Oemar Jarias	12	4º N 68-80-71-73
12	Silvestre Pasesti	13	4º N 57-73-61-63
13	Angela Mª da Silva	14	4º N Transferida
14	Olga Garcia	13	4º N Persistente
15	Aliane R. Machado	12	4º N Transferida
16	Edna Maria Pilgama	14	4º N Transferida
17	Tatiana Ap. Silva	13	4º N Persistente
18	Geni Aparecida Baldini	14	4º N 57-69-69-65
19	Terminia Ap. P. Gomes	14	4º N 53-50-59-54
20	Helena da R. Carvalho	14	4º N Transferida
21	Jaci Kuhl	11	4º N 64-72-51-62
22	Janetela Mucian	14	4º N 57-57-65-59
23	Marli T. de Sousa	13	4º N 69-76-62-69
24	Marli Sp. Fontoura	12	4º N 75-62-64-67
25	Marlene O. da Silva	13	4º N
26	Musa de Lima	13	4º N 65-81-66-70
27	Roscher Padilha	14	4º N 88-74-81-87
28	Rosini Padilha	15	4º N 58-53-59-56
29	Rosilda R. da Cruz	12	4º N 61-59-64-61
30	Selange R. da Silva	12	4º N Transferida
31	Sueli L. de Oliveira	10	4º N 75-75-75-76
32	Sonia S. de Oliveira	12	4º N 58-65-59-60
33	Sueli M. da Silva	11	4º N 90-89-89-89
34	Sonia M. da Silva	12	4º N 70-63-68-67
35	Suzi R. M. Rodrigues	13	4º N 84-79-69-77
Final, 13 de dezembro 1977			
professora		Profª Eunice de Carmo Costa	

**Fonte:** acervo da pesquisadora com base nas pesquisas feitas na SMECF (2017).

A figura mostra como era estruturado o resumo final das turmas. Todos os registros sempre iniciavam com esse cabeçalho com a identificação da Secretaria de Educação e Cultura, da 22ª Inspeção Regional de Ensino de Apucarana e da

Inspetoria Auxiliar de Ensino de Faxinal. O quadro contém o número dos alunos, o nome, a idade e a série. Se não era repetente a indicação seria pela letra N, caso contrário, seria pela letra S, de sim. Em seguida as médias finais ou a indicação se o aluno havia reprovado, havia sido transferido ou se era desistente. Havia também a separação da quantidade de alunos e alunas. As professoras passavam esses dados para a IAE que, posteriormente, calculava o percentual de aproveitamento da educação do Município de Faxinal.

Com base no quadro apresentado anteriormente sobre os assuntos que eram abordados junto aos professores nas reuniões, nota-se que um tema muito recorrente na cultura escolar são as festas e datas comemorativas. Rossi (2003, p. 183-184) explica o fato de que desfiles cívicos, festas, homenagens, comemorações são parte integrantes do aspecto formativo da escola, capaz de imprimir e produzir uma memória coletiva, ditando o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido. Sobre essa questão, Cândido e Catani (2017, p. 43) explicam no contexto educativo das instituições escolares que:

As festividades que ganharam espaço no calendário das escolas primárias foram distintas e representaram funções, sentidos e modos de celebrar diferentes. Festejava-se para civilizar, divulgar, inaugurar e encerrar o ano letivo. Dentre tais celebrações ainda cabem outras distinções: as festas cívicas, as de inauguração dos grupos escolares e de encerramento do ano letivo quando se realizavam os exames e se entregavam prêmios aos melhores alunos, além das comemorações das aves e das árvores. Os tempos dos festejos não eram menos rígidos do que o tempo da escola, eles tinham hora de início, de fim, das homenagens, das apresentações dos alunos, dos discursos dos professores e autoridades, enfim, tudo era devidamente programado (CÂNDIDO; CATANI, 2017, p. 43).

Conforme o quadro apresentado, a marca das festas escolares também é perceptível tanto como um assunto das reuniões de professores, como nas falas das professoras entrevistadas. Como festas escolares que deveriam ser comemoradas nas escolas de Faxinal, temos: *Dia do Professor; Dia do aniversário de Faxinal; Dia do aniversário do Paraná; Dia das Mães; Dia da Proclamação da República; Dia da Proclamação da Independência (Semana da Pátria; Desfile Cívico); Dia das Crianças; Dia da Azeiteira; Dia da Árvore; Dia do Funcionalismo Público; Início da Primavera; Dia do Aviador* e outras datas comentadas pelas professoras.

Com a Proclamação da República, essas comemorações tomaram um objetivo específico de enaltecer o novo regime, favorecendo o fortalecimento do

sentimento de patriotismo e de exaltação dos nomes considerados importantes para a nação. Enraizadas na cultura escolar, essas comemorações aconteciam na escola no seu período de funcionamento e continuam sendo trabalhadas e apresentadas até hoje, ocupando grande espaço de seus fazeres cotidianos. Gallego e Cândido (2006, p. 4268) apresentam que:

Desse modo, as instituições escolares integram esse projeto modernizador e difunde valores, a exemplo do calendário escolar que, ao eleger e selecionar datas a serem festejadas, homens a serem considerados heróis, indica o que deve ser lembrado, e, conseqüentemente produz esquecimentos. Heróis e mitos foram criados e cultivados, era necessário desencadear emoção, encontrar símbolos dos fatos que desejava recordar e provocar sentimentos para que as crianças aderissem a eles com paixão (GALLEGO; CÂNDIDO, 2006, p. 4268).

Conforme os depoimentos das professoras, as comemorações mais importantes estavam relacionadas à comemoração da pátria e aos “grandes nomes da História”. A Professora Eny Terezinha contou que sua mãe, Professora Maria de Lourdes era “a cantora da escola”, que sabia cantar todos os hinos e os ensinava para as crianças:

Ah tinha, fazia, comemorava o dia da da... Dia do descobrimento do Brasil a gente comemorava com as crianças, dava poesia pras crianças decorar ou ler a poesia, fazer leitura né, cantava com as crianças. A minha mãe gostava muito de cantar, então ela que era a cantora da escola, que ensinava cantar. A gente cantava o hino nacional, o hino da bandeira, o hino nacional e outros hinos que ela cantava que achava importante. Ela ensinava, ela sabia cantar.

A Professora Hera expôs que todas as datas comemorativas eram trabalhadas com as crianças, considerando o Dia do Descobrimento do Brasil, o Dia de Abolição da Escravidão e o Dia de Tiradentes muito importantes. O sentimento de amor à pátria revela-se nesse trecho em que Professora Hera comenta que:

A professora, nossa, como ela falava sobre isso. Como ela deu importância pras pessoas que lutaram para que o nosso país ficasse livre né. Então ela deu muita importância. Era o dia do descobrimento do Brasil muito importante, o dia da escravidão, 13 de maio né. A gente comemorava todas as datas. Muito comemorado por ela. Ensinava música sobre isso, fazia apresentação, teatro, assim sabe. Ela era ótima nisso daí. Nunca deixou passar nenhuma data. Deixa eu ver qual que é a outra data que ela ... ahh. Sete de Setembro a

gente fazia o desfile aqui na rua, eu lembro disso quando eu estudava.

Quando a Professora Hera estudou na escola, apenas Dona Maria de Lourdes trabalhava como professora e, segundo ela, mesmo assim não deixava de realizar o desfile do dia 07 de Setembro na própria localidade. A Professora Eny Terezinha também recorda que quando não realizavam o desfile no Distrito, a Professora Maria de Lourdes os levava até Faxinal para a comemoração:

Tinha, lá na quando...a minha mãe fazia. Quando a gente não vinha aqui em Faxinal a mãe fazia desfile na rua lá, eu lembro quando nós era criança. E tinha, e outra, as professoras também trabalhava, mas uma vez quando a gente trabalhava acho que na escolinha lá, nós viemos de caminhão aqui em Faxinal num desfile do dia 7. (risos) O pessoal, a diretora exigiu que viesse né e a mãe trouxe os alunos aqui num caminhão.

Sobre as comemorações da pátria, a Professora Maria Aparecida relembra que todas eram realizadas pela escola, assim como dia das mães e dia dos pais. Ela conta que reuniam todas as turmas para as comemorações que ocorriam nos finais de semana, no sábado ou domingo, enfatizando; também, que todos os seus alunos sabiam cantar os hinos. A imagem a seguir mostra a comemoração de Festa Junina, que segundo a Professora Maria Aparecida, foi uma festa maior que aconteceu em um domingo:

**Figura 10:** Registro de alunos da Casa Escolar Epitácio Pessoa em Festa Junina (Década de 1960)



**Fonte:** acervo de Rivaldo Padilha.

Podemos visualizar as crianças com chapéus de palha e vestidos, simbolizando a tradição da festa. Sobre a realização de Festas Juninas, a Professora Maia relatou que inventava poesias para as crianças apresentarem:

Faziam, antes de começar as aulas tinham as oração, eles faziam com as crianças né. Era bem bonito também aquele tempo. Era bem organizado. Fazia teatro. Inclusive, hoje eu não tenho, mas ela lembra, eu era tão inteligente menina que eu fazia poesia pras crianças inventado da minha cabeça, música pra apresentar pras crianças. Eu se eu tivesse tempo e tivesse pensado que você vinha agora, eu tinha feito no caderno escrito pra você pra mim ler falando aí você gravava. Verdade, eu fazia isso daí, poesia pras crianças, inventava da minha cabeça e saia bem, bem rimado mesmo bem feito pra eles. Dia de festa junina eles se apresentavam ali que tinha uma igreja aqui embaixo né, tinha o coreto, fala o coreto onde a turma fica em cima fazendo os leilão deles, elas iam acompanhar com outros tocando violão e elas cantando as poesias.

Nesse trecho, a professora comentou a realização de orações antes do começo das aulas, deixando ver uma prática religiosa no interior da escola. Por outro lado, o relato entusiasmado da professora ao relembrar suas criações poéticas e de música, mais do que evidencia um gosto pela arte da professora Maia, deixa ver sua dedicação ao trabalho. Assim, pode-se dizer que o que acontecia no interior da escola se fazia muito pela capacidade inventiva das professoras. As condições não eram as ideais para o trabalho, mas o desejo de realização fazia ultrapassar esses limites.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas linhas expressam não o ponto final, mas sim, o encerramento de um ciclo, acompanhado de novas perspectivas.

A construção dessa narrativa foi direcionada a investigar de que forma as professoras primárias vivenciaram as transformações de um modelo de escola isolada para um modelo de escola graduada. Para tanto, o *lócus* de pesquisa foi a Casa Escolar Eptácio Pessoa e Grupo Escolar Eptácio Pessoa, localizada no Distrito de Nova Altamira, no Município de Faxinal, no Norte do Estado do Paraná, abrangendo as décadas de 1950 a 1970.

A pesquisa contou com um acervo documental sobre a educação do Município de Faxinal e sobre a instituição, o que reforça a importância da guarda e cuidado com esse acervo escolar, que nos auxilia na construção dessas narrativas históricas. Esses muitos vezes estão em locais inapropriados, sofrendo com as ocorrências do tempo e espaço.

Foi possível verificar que como modelos de escolas primárias, as isoladas foram grandes responsáveis pela escolarização da população da zona rural. O Paraná, com suas terras férteis e com a chegada de companhias colonizadoras entre as décadas de 1920 e 1930, foi visto como um atrativo, como um ótimo local para se viver. É nesse contexto de expansão que o Município de Faxinal e o Distrito de Nova Altamira são formados com uma base familiar voltada para a produção agrícola. A vinda de muitas famílias, que na época tinham uma grande quantidade de filhos, para essas novas terras cria a necessidade de instruir esses novos moradores.

A educação primária no Brasil e no Paraná, vista por meio das Mensagens Anuais de seus governantes, permitiu a construção sob uma perspectiva do contexto de escolarização da população. Foi possível identificar que a maior parte da população brasileira residia na zona rural até a década de 1960. Esse quadro muda na década de 1970 quando a população da área urbana se sobressai em relação à população da área rural. No caso do Paraná entre 1950 a 1960 a população estava concentrada na área rural.

Nesse país imenso e rural, o percentual de pessoas que não sabia ler e escrever, na década de 1950, figurava em um pouco mais de 50% e no Paraná entre

os 47%. O número existente de escolas não conseguia atender a demanda de alunos e esse fator era mais acentuado nas áreas rurais. Havia, ainda, uma grande quantidade de professores leigos trabalhando nas escolas primárias nesse período e as taxas de evasão escolar e repetência eram grandes. As escolas rurais sofreriam com a falta de estrutura e falta de professores.

Organizando esse pano de fundo sobre a educação primária no Brasil e no Paraná, foi possível compreender os modelos escolares existentes na época e se voltar para a problemática proposta para essa pesquisa, qual seja refletir sobre a percepção das professoras sobre as diferenças entre o modelo isolado da casa escolar e o modelo seriado do grupo escolar.

Ao ter contato com esses sujeitos, o quadro cético apresentado pelos dados estatísticos e pelos discursos ganhou contornos mais esperançosos ao visualizar as lutas travadas, os desafios enfrentados e as ações realizadas pelos sujeitos pela educação primária nessa região.

Cada instituição escolar tem sua particularidade e características que a fazem ter sua identidade. Por mais que conheçamos o panorama da educação primária do Estado e do País, conhecer a história dessas pequenas localidades traz elementos novos e diferentes que enriquecem a história da educação.

De certa forma, temos a história de uma escola que se confunde com a história das mulheres de uma família da comunidade de Nova Altamira, sendo que cinco (5) delas foram professoras da instituição no período selecionado para a pesquisa.

Uma questão importante de ser destacada é a ação da sociedade civil em busca de alfabetização sem esperar as ações do poder público. A escola foi fundada pelos esforços de Dona Maria de Lourdes Souza Sontag e do Sr. Fernando Sontag, que foram os responsáveis pela inserção da educação escolar em Nova Altamira.

Foi possível verificar que a Casa Escolar Eptácio Pessoa teve um funcionamento que misturou o modelo de escola isolada e o modelo de escola graduada. Na década de 1960, por exemplo, a escola inicia sua organização com classes seriadas, geralmente de 1ª série do ensino primário, juntamente com classes multisseriadas, com uma grande quantidade de alunos e uma grande variação de faixa etária (de 7 aos 16 anos em uma mesma série). Por isso, algumas professoras, ao serem questionadas acerca de como era trabalhar em um modelo de classe multisseriada, responderam que sempre trabalharam com apenas uma série na sala

de aula, mesmo que em outras salas funcionasse o modelo multisseriado. De acordo com a análise da documentação, mesmo sendo denominada como Casa Escolar Eptácio Pessoa, desde 1975 a escola não apresentava séries multisseriadas, e contava como uma organização seriada para o ensino.

As professoras que trabalharam na escola no final da década de 1960 e início da década de 1970 expuseram as dificuldades enfrentadas na época, porque; além de ensinar, limpavam a escola e faziam a merenda das crianças. Essas professoras exerciam a atividade docente como professoras leigas e mesmo com a realização do Projeto LOGOS, apenas uma delas conseguiu concluir. Elas trazem em seu depoimento um saudosismo da época em que trabalharam na escola e evidenciaram como mulheres a vivência de um paradoxo: lecionar e continuar os estudos ou cuidar do marido e dos filhos.

As fontes em que tive acesso e o relato das professoras não evidenciaram características específicas do *ensino rural*, como por exemplo, um currículo diferenciado e atividades direcionadas aos alunos campesinos. O que foi possível verificar nesse sentido, era a utilização do calendário agrícola, entre 1969 a 1972, período em que as aulas começavam em setembro ou outubro, respeitando a época de produção agrícola da localidade. Essa ação, juntamente com o incentivo das professoras, auxiliava para que os alunos não faltassem à escola devido ao trabalho na lavoura, prática corriqueira do cotidiano dos alunos.

Quando o assunto era saber como elas perceberam o processo de mudança da Casa Escolar para o Grupo Escolar, elas relatam que em termos de organização e forma de ensinar continuaram realizando da mesma forma. No entanto, elas concordaram ao afirmar que a construção do Grupo Escolar Eptácio Pessoa foi positiva, com a organização de um espaço maior em alvenaria, com a realização de mais reuniões entre as professoras e a SMECF.

Nota-se que a criação do Grupo Escolar ocorreu para a inserção do Ensino de 1º grau, com turmas de 5ª a 8ª série, devido às delimitações da LDB nº 5.692/1971, para que as crianças da comunidade pudessem dar continuidade aos estudos.

Com relação às atividades desenvolvidas pela escola destaca-se a realização de datas comemorativas, muito valorizadas pelas professoras entrevistadas, principalmente às relacionadas às datas cívicas, como dia 07 de setembro em que sempre participavam do desfile cívico. Como prática republicana, a escola continuava cumprindo seu papel de agente propagador de ideais de amor à nação e

de patriotismo, sendo práticas que estão enraizadas na cultura escolar das instituições educativas.

O tema pesquisado foi a escolha de um caminho que não estava claro no início do processo, mas que foi ao meu encontro e me possibilitou muitos conhecimentos, muitas leituras valiosas e o contato com essas mulheres e professoras que marcaram a história de uma comunidade. Encerro essa etapa com a expectativa que esse trabalho possa contribuir com a história da escola primária rural paranaense e que eu consiga continuar trilhando esse caminho como pesquisadora.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

FAXINAL. Livro-Ata de Reuniões Pedagógicas das Escolas de Faxinal. Secretaria de Educação e Cultura. 1970-1978.

FAXINAL. Livro-Ata de Registro de Matrícula. Secretaria de Educação e Cultura. 1968-1978.

FAXINAL. Livro-Ata de Exames - descrição. Secretaria de Educação e Cultura. 1960-1974.

FAXINAL. Livro-Ata de Exames com médias finais. Secretaria de Educação e Cultura. 1962-1976.

FAXINAL. Livro-Ata de Resumo Final. Secretaria de Educação e Cultura. 1968-1977.

FAXINAL. Livro-Ata de Certificado de Conclusão de Curso do Ensino Primário. Secretaria de Educação e Cultura. 1972-1977.

CARREGAL, Adélia de Campos et al. **Planejamento do Ensino Primário**. 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1967.

### Documentos Oficiais

BRASIL. Mensagem apresentada ao Congresso Nacional por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1950, pelo General Eurico Gaspar Dutra, Presidente da República. Rio de Janeiro, 1950. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1329/000002.html>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada ao Congresso Nacional por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1951, pelo Presidente da República, Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1951. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1330/000002.html>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada ao Congresso Nacional por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1952, pelo Presidente da República, Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1952. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1333/000002.html>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada ao Congresso Nacional por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1953, pelo Presidente da República, Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1953. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1331/000002.html>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada ao Congresso Nacional por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1954, pelo Presidente da República, Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1954. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1328/000002.html>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada ao Congresso Nacional por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1955, pelo Presidente da República, João Café Filho. Rio de Janeiro, 1955. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1332/000001.html>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada ao Congresso Nacional por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1956, pelo Presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira. Rio de Janeiro, 1956. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1338/000002.html>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada ao Congresso Nacional por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1957, pelo Presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira. Rio de Janeiro, 1957. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1339/000002.html>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada ao Congresso Nacional por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1958, pelo Presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira. Rio de Janeiro, 1958. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1340/000002.html>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada ao Congresso Nacional por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1959, pelo Presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira. Rio de Janeiro, 1959. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1341/000002.html>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada ao Congresso Nacional por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1960, pelo Presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira. Rio de Janeiro, 1960. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1342/000002.html>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada ao Congresso Nacional por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1961, pelo Presidente da República, Jânio Quadros. Brasília, 1961. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/mensagem-ao-congresso-nacional/mensagem-ao-congresso-nacional-janio-quadros-1961/view>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada ao Congresso Nacional por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1962, pelo Presidente da República, João Goulart. Brasília, 1962. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/mensagem-ao-congresso-nacional/mensagem-ao-congresso-nacional-joao-goulart-1962/view>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada ao Congresso Nacional por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1963, pelo Presidente da República, João Goulart. Brasília, 1963. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/mensagem-ao-congresso-nacional/mensagem-ao-congresso-nacional-joao-goulart-1963/view>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada ao Congresso Nacional por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1964, pelo Presidente da República, João Goulart. Brasília, 1964. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/mensagem-ao-congresso-nacional/mensagem-ao-congresso-nacional-joao-goulart-1964/view>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada ao Congresso Nacional por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1965, pelo Presidente da República, Humberto de Alencar Castello Branco. Brasília, 1965. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/mensagem-ao-congresso-nacional/mensagem-ao-congresso-nacional-castelo-branco-1965/view>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada ao Congresso Nacional por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1966, pelo Presidente da República, Humberto de Alencar Castello Branco. Brasília, 1966. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/mensagem-ao-congresso-nacional/mensagem-ao-congresso-nacional-castelo-branco-1966/view>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada ao Congresso Nacional por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1967, pelo Presidente da República, Humberto de Alencar Castello Branco. Brasília, 1967. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/mensagem-ao-congresso-nacional/mensagem-ao-congresso-nacional-castelo-branco-1967/view>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada ao Congresso Nacional por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1968, pelo Presidente da República, Arthur da Costa e Silva. Brasília, 1968. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/mensagem-ao-congresso-nacional/mensagem-ao-congresso-nacional-costa-e-silva-1968/view>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada ao Congresso Nacional por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1969, pelo Presidente da República, Arthur da Costa e Silva. Brasília, 1969. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/mensagem-ao-congresso-nacional/mensagem-ao-congresso-nacional-costa-e-silva-1969/view>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada ao Congresso Nacional por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1970, pelo Presidente da República, Emílio Garrastazu Médici. Brasília, 1970. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/mensagem-ao-congresso-nacional/mensagem-ao-congresso-nacional-garrastazu-medici-1970/view>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. **Lei Orgânica do Ensino Primário.** Lei n. 8.529 de 1946. Brasília, DF: MEC, 1946. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 2 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº 4.024 foi promulgada em 20 de dezembro de 1961. Brasília, DF: MEC, 1961. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº 5.692/1971. Brasília, DF: MEC, 1971. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

PARANÁ. **Anteprojeto da Lei Orgânica da Educação.** Curitiba, PR: SEED, 1949. Disponível em: <[http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/RelatoriosSecretarios/Ano\\_1949\\_MFN\\_1498.pdf](http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/RelatoriosSecretarios/Ano_1949_MFN_1498.pdf)>. Acesso em: 5 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da Sessão Legislativa Ordinária de 1950, pelo senhor Moysés Lupion, Governador do Paraná. Curitiba, 1950. Disponível em: <[http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Ano\\_1950\\_MFN\\_942.pdf](http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Ano_1950_MFN_942.pdf)>. Acesso em: 9 jun. 2017.



\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 1ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura de 1951, pelo senhor Bento Munhoz da Rocha Netto, Governador do Paraná. Curitiba, 1951. Disponível em: <[http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Ano\\_1951\\_MFN\\_944.pdf](http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Ano_1951_MFN_944.pdf)> . Acesso em: 9 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da Sessão Legislativa Ordinária de 1956, pelo senhor Moysés Lupion, Governador do Paraná. Curitiba, 1956. Disponível em: <[http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Ano\\_1956\\_MFN\\_945.pdf](http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Ano_1956_MFN_945.pdf)> . Acesso em: 9 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da Sessão Legislativa Ordinária de 1957, pelo senhor Moysés Lupion, Governador do Paraná. Curitiba, 1957. Disponível em: <[http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Mensagem\\_1957\\_Governo\\_MFN\\_946.pdf](http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Mensagem_1957_Governo_MFN_946.pdf)> . Acesso em: 9 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da Sessão Legislativa Ordinária de 1958, pelo senhor Moysés Lupion, Governador do Paraná. Curitiba, 1958. Disponível em: <[http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Mensagem\\_1958\\_Governo\\_MFN\\_947.pdf](http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Mensagem_1958_Governo_MFN_947.pdf)> . Acesso em: 9 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 3ª Sessão Ordinária da 4ª Legislatura de 1961, pelo senhor Ney Aminthas de Barros Braga, Governador do Paraná. Curitiba, 1961. Disponível em: <[http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Mensagem\\_1961\\_Governo\\_MFN\\_1663.pdf](http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Mensagem_1961_Governo_MFN_1663.pdf)> . Acesso em: 9 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 4ª Sessão Ordinária da 4ª Legislatura de 1962, pelo senhor Ney Aminthas de Barros Braga, Governador do Paraná. Curitiba, 1962. Disponível em: <[http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Mensagem\\_1962\\_Governo.pdf](http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Mensagem_1962_Governo.pdf)> Acesso em: 9 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 1ª Sessão Ordinária da 5ª Legislatura de 1963, pelo senhor Ney Aminthas de Barros Braga, Governador do Paraná. Curitiba, 1963. Disponível em: <[http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Mensagem\\_1963\\_MFN\\_1664.pdf](http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Mensagem_1963_MFN_1664.pdf)> . Acesso em: 12 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 2ª Sessão Ordinária da 5ª Legislatura de 1964, pelo senhor Ney Aminthas de Barros Braga, Governador do Paraná. Curitiba, 1964. Disponível em: <[http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Mensagem\\_1964\\_Governo\\_MFN\\_948.pdf](http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Mensagem_1964_Governo_MFN_948.pdf)> . Acesso em: 12 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 3ª Sessão Ordinária da 5ª Legislatura de 1965, pelo senhor Ney Aminthas de Barros Braga, Governador do Paraná. Curitiba, 1965. Disponível em:<[http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Mensagem\\_1965\\_MFN\\_1667.pdf](http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Mensagem_1965_MFN_1667.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 3ª Sessão Ordinária da 5ª Legislatura de 1965, pelo senhor Ney Aminthas de Barros Braga, Governador do Paraná. Curitiba, 1965. Disponível em:<[http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Mensagem\\_1965\\_MFN\\_1667.pdf](http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Mensagem_1965_MFN_1667.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 1ª Sessão Ordinária da 6ª Legislatura de 1967, pelo senhor Paulo Cruz Pimentel, Governador do Paraná. Curitiba, 1967. Disponível em:<[http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Mensagem\\_1967\\_mfn\\_1669.pdf](http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Mensagem_1967_mfn_1669.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 2ª Sessão Ordinária da 6ª Legislatura de 1968, pelo senhor Paulo Cruz Pimentel, Governador do Paraná. Curitiba, 1968. Disponível em:<[http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Mensagem\\_1968\\_mfn\\_1662.pdf](http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Mensagem_1968_mfn_1662.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da 4ª Sessão Ordinária da 6ª Legislatura de 1970, pelo senhor Paulo Cruz Pimentel, Governador do Paraná. Curitiba, 1970. Disponível em:<[http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Mensagem\\_1970\\_mfn\\_1661.pdf](http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Mensagem_1970_mfn_1661.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2017.

### **Sites pesquisados**

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Entendendo o Salário-Educação**. MEC, 2017. Disponível em:<<http://www.fnde.gov.br/financiamento/salario-educacao/sobre-o-plano-ou-programa/entendendo-o-salario-educacao>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

GOOGLE MAPS. **Mapa da cidade de Faxinal e do Distrito de Nova Altamira**. 2017. Disponível em:<<https://www.google.com.br/maps/place/Faxinal+-+PR/@-24.0032421,-51.4109353,11z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x94eb89880566ee35:0xa5f8fbfa88373e37!8m2!3d-24.0021722!4d-51.3256188>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Anuário Estatístico do Brasil**. Conselho Nacional de Estatística, 1950. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb\\_1950.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1950.pdf)>. Acesso em: 6 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Anuário Estatístico do Brasil**. Conselho Nacional de Estatística, 1955. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb\\_1955.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1955.pdf)>. Acesso em: 6 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Anuário Estatístico do Brasil**. Conselho Nacional de Estatística, 1960. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb\\_1960.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1960.pdf)>. Acesso em: 6 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Anuário Estatístico do Brasil**. Conselho Nacional de Estatística, 1965. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb\\_1965.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1965.pdf)>. Acesso em: 6 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Anuário Estatístico do Brasil**. Conselho Nacional de Estatística, 1970. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb\\_1970.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1970.pdf)>. Acesso em: 6 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Anuário Estatístico do Brasil**. Conselho Nacional de Estatística, 1978. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb\\_1978.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1978.pdf)>. Acesso em: 6 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/faxinal/panorama>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/faxinal/panorama>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas do Século XX**. Populacionais, Sociais, Políticas e Culturais. Educação. 1951-1949. Disponível em: <<https://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/educacao.html>>. Acesso em: 22 set. 2016.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas do Século XX**. Populacionais, Sociais, Políticas e Culturais. Educação. 1950-1955. Disponível

em:<<https://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/educacao.html>>. Acesso em: 22 set. 2016.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas do Século XX**. Populacionais, Sociais, Políticas e Culturais. Educação. 1960-1969. Disponível em:<<https://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/educacao.html>>. Acesso em: 22 set. 2016.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas do Século XX**. Populacionais, Sociais, Políticas e Culturais. Educação. 1970-1979. Disponível em:<<https://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-temas/educacao.html>>. Acesso em: 22 set. 2016.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2000. **Censo Demográfico**. Séries Históricas - População (1950-2010). Disponível em:<<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/educacao/9663-censo-demografico-2000.html?edicao=9859&t=series-historicas>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

INEP. **Mapa de Analfabetismo no Brasil**. 2003. Disponível em <<http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/Mapa+do+analfabetismo+no+Brasil/a53ac9ee-c0c0-4727-b216-035c65c45e1b?version=1.3>>. Acesso em: 5 ago. 2017.

MUVIFAX. **Museu Virtual de Faxinal**. 2014. Disponível em:<<http://muvifaxfaxinal.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

PARANÁ . Secretaria de Desenvolvimento Urbano do Paraná. 2017. Disponível em:<[http://www.desenvolvimentourbano.pr.gov.br/arquivos/File/Divisao\\_poliica.pdf](http://www.desenvolvimentourbano.pr.gov.br/arquivos/File/Divisao_poliica.pdf)>. Acesso em: 4 maio. 2017.

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, Mariclaudia Aparecida de. A escola consolidada como política pública de solução para educação rural no estado do Paraná. In: SEMINÁRIO ESTADUAL DE ESTUDO TERRITORIAIS, 7., 2014, Ponta Grossa. Anais... Ponta Grossa: UEPG, 2014, p. 1-15.

ANDRADE, Francielle Aparecida Garuti de; ANDRADE, Rodrigo Pinto de. Escola Isolada de Xaxim (1952): história da implantação de uma instituição escolar rural no contexto da colonização da região oeste do Paraná. IN: ANPED SUL, 10., 2014, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UDESC, 2014. p. 1-21.

ARAÚJO, José Carlos Souza Araújo; SOUZA, Rosa Fátima de; NUNES PINTO, Rubia-Mar. A Escola Primária segundo as Mensagens dos Presidentes da República e dos Governadores de São Paulo, Minas Gerais e Goiás entre 1930 e 1961: Propósitos comuns e desafios. In: SOUZA, Rosa Fátima de; PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira; LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. **História da Escola Primária no Brasil**: investigações em perspectiva comparada em âmbito nacional. Aracaju: EDISE, 2015. p. 48-101.

ARAÚJO, José Carlos Souza Araújo; VALDEMARIN, Vera Teresa; SOUZA, Rosa Fátima de. A contribuição da pesquisa em perspectiva comparada para a escrita da História da Escola Primária no Brasil: notas de um balanço crítico. In: SOUZA, Rosa Fátima de; PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira; LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. **História da Escola Primária no Brasil**: investigações em perspectiva comparada em âmbito nacional. Aracaju: EDISE, 2015. p. 27-45.

AKSENEN, Elisângela Zarpelon; MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. A Educação Rural no Paraná no início do século XX: a voz dos documentos oficiais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 9., 2017, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFP, 2017. p. 799-814.

BAREIRO, Edson. **Políticas educacionais e escolas rurais no Paraná - 1930-2005**. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência e o Ensino de Matemática) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2007.

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas. **Política de Educação no Campo**: para além de alfabetização (1952-1963). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

BARROSO, João. **Cultura, Cultura Escolar, Cultura de Escola**. 2013. Disponível em: <[https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/65262/1/u1\\_d26\\_v1\\_t06.pdf](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/65262/1/u1_d26_v1_t06.pdf)>. Acesso em: 29 nov. 2016.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Arquitetura e Espaço Escolar: reflexões acerca do processo de implantação dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903-1928). **Educar em Revista**, Curitiba, v. 17, n. 18, p. 103-141. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n18/n18a08.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2016.

BERTONHA. Vitorina Cândida Corrêa. **Da Escola Isolada ao Grupo Escolar: o processo de escolarização primária em Sarandi – PR (1953-1981)**. 2010a. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010a.

\_\_\_\_\_. Da Escola Isolada ao Grupo Escolar: o processo de escolarização primária em Sarandi – PR (1953-1981). In: ANPED SUL, 8., 2010a, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2010b, p. 1-11.

BLOCH, Marc. **Apologia da História**, ou, O ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CAMPOS, Raquel Discini de. **Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920-1940)**: representação e história. 2007. 232 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2007.

CÂNDIDO, Renata Marcílio; CATANI, Denice Bárbara. Inculcar a seriedade mediante a alegria: um estudo das comemorações escolares no campo educacional (finais do século XIX e início do XX). **Revista de História e Historiografia da Educação**, Curitiba, v.1, n. 3, set/dez. 2017. Disponível em:<  
<http://revistas.ufpr.br/rhhe/article/view/51579/33291>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

CASTRO, Elizabeth Amorim de. **Grupos Escolares de Curitiba na primeira metade do século XX**. Curitiba: Edição do Autor, 2008.

CATTELAN, Carla. **Educação rural no município de Francisco Beltrão entre 1948 a 1981**: a escola multisseriada. 2014. 249f. Dissertação, (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Francisco Beltrão, PR, 2014.

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História**: novos problemas. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. p. 17-48.

\_\_\_\_\_. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. Fazer com: usos e táticas. In: \_\_\_\_\_. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 86-104.

CORNICELLI, Elena Pericin Gomes. **História da Educação Rural de Astorga: práticas educativas e organização institucional da Escola Rural Água Astorga (1957-1980)**. 2015. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

DEL PRIORI, Mary. História do Cotidiano e da Vida Privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**: Ensaios de Teoria e Metodologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 376 – 398.

ECKSTEIN, Manuela Pires Weissbock. **In Der Schule: a cultura escolar das escolas primárias isoladas de Entre Rios, de 1951 a 1974**. 2013. 163 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade: diálogos interdisciplinares) - UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ, Curitiba, 2013.

EMER, Ivo Oss. Um pouco da história da educação no Oeste do Paraná. **Revista HISTEDBR – Online**, Campinas, v. 12, n. 45, maio. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640106/7665>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

FARIA, Thais Bento. **Em traços de modernidade: a história e a memória do Grupo Escolar “Hugo Simas” (Londrina – PR, 1937-1972)**. 2010. 188f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

\_\_\_\_\_. Escolas isoladas rurais londrinenses (PR): primeiras reflexões. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7. 2013, Cuiabá. **Anais...** Cuiabá: UFMT, 2013. p. 1-10.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República**. Passo Fundo: UPF, 2000.

FAUSTO, Bóris. **História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. 654 p.

FOULCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 288 p.

FURTADO, Alessandra Cristina; SCHELBAUER, Analete Regina; SÁ, Elizabeth Figueiredo de. Escola Primária Rural: Caminhos percorridos pelos estados de Mato Grosso e Paraná (1930 – 1961). In: SOUZA, Rosa Fátima de; PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira; LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. **História da Escola Primária no Brasil: investigações em perspectiva comparada em âmbito nacional**. Aracaju: EDISE, 2015. p. 103-146.

GALLEGO, Rita de Cassia; CÂNDIDO, Renata Marcílio. A integração de feriados, festas e comemorações cívicas no calendário das escolas primárias paulistas – uma discussão sobre seus sentidos (1890-1930). In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2006, Uberlândia. **Anais...**Uberlândia: UFU, 2006. p. 4264-4273.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LCT, 2008.

GONÇALVES, Andressa Lariani Paiva. **O Ensino Normal Regional em Cianorte-PR: da institucionalização às práticas e saberes pedagógicos (1957-1964)**. 2016. 179f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

HERVATINI, Luciana. **A Escola Normal Regional e suas práticas pedagógicas: dois retratos de um mesmo cenário no interior do Paraná.** 2011. 256 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

HUSS, Silvana Rodrigues Malheiro. **O processo de escolarização do município de Mandaguari (1949-1988).** 2012. 111f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas – SP, v. 1, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/273/281>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: \_\_\_\_\_. **História e Memória.** Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990, p. 283-289.

LIMA, Rosangela de. **História do Ensino Primário Rural em Cianorte/PR (1950-1990).** 2015. 186f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2015.

LOURO. Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORI, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil.** 10. ed. São Paulo: Contexto, 2017. p. 443-481.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de MORAES; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e Abusos da História Oral.** 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 15-25.

MACHADO, Ana Maria Netto. Pânico da folha em branco? Para entender e superar o medo de escrever. In: BIANCHETTI, Lucídio; MEKSENAS, Paulo (Org.). **Trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa.** Campinas, SP: Papyrus Educação, 2008. p. 1-19.

MAGALHÃES, Justino Pereira. **Tecendo nexos: história das instituições educativas.** Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. A História, a Memória e as Instituições Escolares: uma relação necessária. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 11, n. 1, p. 243- 256, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/17540/9764>>. Acesso em: 23 maio. 2016.



MEC-USAID. In: MINTO, Lalo Watanabe. Glossário – HISTEDBR. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_c\\_mec-usaid%20.htm#\\_ftn1](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_mec-usaid%20.htm#_ftn1)>. Acesso em: 12 nov. 2017.

NATALI, Paula Marçal. **Formação Profissional na Educação Social: subsídios a partir de experiências de Educadores Sociais Latino Americanos**. 2016. 243 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

NATH, Valdecir Antonio; SILVA, João Carlos. História e memória: a constituição histórica da rede municipal de ensino de Cascavel (1950 - 1980). In: Simpósio Nacional de Educação, 2., 2010, Cascavel. **Anais...** Cascavel: UNIOESTE, 2010. p. 1-15.

NEVES, Déborah Pádua Mello. Caderninhos da Déborah: a história do livro didático passa por aqui. **Comunicação e Educação**, São Paulo, v. 13, n.1, jan/abr. 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/45491>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

OLIVEIRA, Caroline da Silva; ARRUDA, Gilmar. Memórias e histórias de um desastre sócio-ambiental: a geada de 1975 no estado do Paraná. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 15., Curitiba. **Anais...** UFPR, Curitiba, 2016, p. 1-10.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Educação, memória e histórias de vida. **História Oral**. Rio de Janeiro, v. 8, n.1, p. 91-106, jan/jun. 2005. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=118&path%5B%5D=114>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

PADILHA, Rivadal Donizete. **Minha Terra, eu seu povo**. 2001.

PEREIRA, Aline Mikaela. **A Disciplina de História da Educação e sua apresentação nos módulos de ensino do Projeto LOGOS II: uma história a ser contada (1970 a 1980)**. 2015. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

PILOTTO, Erasmo. **A educação no Paraná: síntese sobre o ensino público elementar e médio**. Curitiba: Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1954 [Campanha de Inquéritos e Levantamentos do Ensino Médio Elementar – CILEME, Publicação n. 3].

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. **Da era das cadeiras isoladas á era dos grupos escolares na Paraíba**. Campinas, SP: Autores Associados, São Paulo: Universidade São Francisco, 2002.

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? **Educar em Revista**, Curitiba, v. 17, n. 18, p. 1-15, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n18/n18a03.pdf>>. Acesso em: 23 maio. 2016.

RITT, Cibele Introvini. **Da Escola Isolada ao Grupo Escolar Marechal Rondon de Campo Mourão, PR – 1947 a 197**. 2009. 168f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

RIBEIRO, Marlene. Educação Rural. In: CALDART, Roseli Salete et al. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 295-301.

RODRIGUES, Ronir de Fátima Gonçalves Rodrigues. **A expansão das escolas rurais no Distrito de Itaiacoca, no município de Ponta Grossa – PR (1930-1960)**. 2017. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

ROSSI, Ednéia Regina. **“Insuladas tribos: a escola primária e a forma de socialização escolar. São Paulo (1912-1920)”**. 2003. 165 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, 2003.

\_\_\_\_\_. A educação escolar primária na Primeira República (1889-1929). **Séries-Estudos**, Campo Grande: MS, v. 22, n. 45, p. 159-171, mai/ago. 2017. Disponível em: <<http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/1048/pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

SCHELBAUER, Anaete Regina. Da roça para a escola: institucionalização e expansão das escolas primárias rurais no Paraná (1930-1960). **História da Educação, Dossiê da Revista de História da Educação do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre: RS, v. 18, p. 71-91, maio/ago. 2014. Disponível em: <[http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/39687/pdf\\_22](http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/39687/pdf_22)>. Acesso em: 5 jan. 2018.

SCHELBAUER, Anaete Regina; CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. Expansão e modalidades de escola primária rural no estado do Paraná: iniciativas de governos estadual e federal de 1930-1960. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7. 2013, Cuiabá. **Anais...** Cuiabá: UFMT, 2013. p. 1-16.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de; SÁ, Elizabeth Figueiredo de; FERRO, Maria do Amparo Borges. A expansão da escola primária graduada nos Estados na Primeira República: a ação dos poderes públicos. In: SOUZA, Rosa Fátima de; SILVA, Vera Lucia Gaspar da; SÁ, Elizabeth Figueiredo de (Org.). **Por uma teoria e uma história da escola primária no Brasil: investigações comparadas sobre a Escola Graduada (1870 – 1930)**. Cuiabá: EdUFMT, 2013. p. 161-177.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da Escola Primária Graduada no estado de São Paulo, 1890-1910.** São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: ensino primário e secundário no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. Espaço da Educação e da Civilização: Origens dos Grupos Escolares no Brasil. In: SAVIANI, Dermeval et al. **O legado educacional do século XIX no Brasil.** 3.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2014a. p. 33-79.

\_\_\_\_\_. Lições da escola primária. In: SAVIANI, Dermeval et al. **O legado educacional do século XX no Brasil.** 3.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2014b. p. 103-151.

SOUZA, Rosa Fátima de; ÁVILA, Virgínia Pereira da Silva de. As disputas em torno do Ensino Primário Rural (São Paulo, 1931-1947). **História da Educação Online**, Porto Alegre, v. 18, n. 43, p. 13-32, maio/ago. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/heduc/v18n43/02.pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2017.

SOUZA, Rosa Fátima; PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira; LOPES, Antônio de Pádua Carvalho (Org.). **História da Escola Primária no Brasil: investigações em perspectiva comparada em âmbito nacional.** Aracaju: Edise, 2015.

SPERRHAKE, Renata. **O saber estatístico como dizer verdadeiro sobre a alfabetização, o analfabetismo e o alfabetismo/letramento.** 2013. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

TIBUCHESKI, Jaqueline Kugler. **Educação rural no município de Araucária/PR: de Escolas Isoladas a Escolas Consolidadas.** 2011. 181f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2011.

VALDEMARIN, Vera Teresa. Método Intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado. In: SAVIANI, Dermeval et al. **O legado educacional do século XIX no Brasil.** 3.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2014. p. 83-125.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971).** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. Anísio Teixeira, professor de professoras: um estudo sobre modelos de professor e práticas docentes (Rio de Janeiro, 1932-1935). **Revista Diálogo**

**Educacional**, Curitiba, v. 5, n.16, p. 293-314, set./dez. 2005. Disponível em:<  
<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/viewFile/8030/7784>>.  
Acesso em: 19 jan. 2018.

VINÃO FRAGO, Antônio. El espacio y el tiempo escolares como objeto histórico. Contemporaneidade e Educação. **Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada (IEC)**, Rio de Janeiro, n. 2000, p. 93-110, 2000.

\_\_\_\_\_. Espaços, usos e funções: a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). **História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 15-47.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, p. 7-47, jun. 2001. Disponível em:< <http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n33/n33a02.pdf> >. Acesso em: 29 nov. 2016.

VOLDMAN, Danièle. Definições e usos. In: FERREIRA, Marieta de MORAES; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 33-41.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. História das instituições escolares: de que se fala? In: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (Org.). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p. 13-36. (Coleção Memória da Educação).

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A ENTREVISTA A

### FICHA TÉCNICA

Tipo de entrevista: história oral; memórias

Entrevistadora: Jordana Ferreira de Faria

Pesquisa e Elaboração do roteiro: Jordana Ferreira de Faria e Ednéia Regina Rossi

Conferência da transcrição: Jordana Ferreira de Faria

Local: Faxina/PR

Data: 31/05/2017

Páginas: 09 páginas

Instituição: Universidade Estadual de Maringá – Programa de Pós-Graduação em Educação

ENTREVISTADA: **Professora Maia** – Professora da Casa Escolar Epitácio Pessoa (Década de 60/70)

Entrevista realizada para o contexto da pesquisa:

Dissertação: Mestrado em Educação

Temas: História da Educação do Paraná; História das Instituições Escolares; Memória de Professores; Escola Graduada.

#### Seu nome:

\_\_\_ Professora Maia.

#### Formação escolar:

\_\_\_ Quarta série quando eu estudei.

#### Até a quarta série.

\_\_\_ Quarta série.

#### As séries que a senhora já deu aula?

\_\_\_ Primeira série. MOBREAL pode falar também? MOBREAL também já ajudei, a noite assim, né.

#### Quantos anos a senhora trabalhou?

\_\_\_ 1 ano.

**1 ano.**

\_\_\_ Não. 2 anos. 2 anos foi é.

**E como era trabalhar, a senhora trabalhou em que ano, que a senhora começou a trabalhar na Epitácio Pessoa?**

\_\_\_ Será que eu vou lembrar? Que ano que tava ali a Dona Lourdes?

**Então, é que ela começou em 55, depois ela foi...**

\_\_\_ Ah não, eu foi mais, porque a minha menina ali tava com quanto Dete se tinha mais ou menos?

\_\_\_ **Ah, uns 7 anos (sua filha comentando ao fundo).**

\_\_\_ Uns 7 anos, agora então você faz a base dali, é que eu casei em 61, 69 por aí então...69.

**E aí como era trabalhar nessa escola? A senhora dava aula pra quantos alunos?**

\_\_\_ O primeiro ano foi 44 alunos. 44 alunos.

**E aí tinha mais professoras na escola?**

\_\_\_ Tinha. 3. 3 professoras.

**Aí tinha de 1ª à 4ª série?**

\_\_\_ **É isso. De 1ª à 4ª série.**

**Então como a senhora organizava suas aulas nessa época?**

\_\_\_ Ah, naquela época a gente dava assim um trabalho cada dia com aquelas crianças durante a semana no que, por exemplo, eles faziam os deveres que a gente tinha pra escola depois passava a lição pro outro dia, deixava pro outro dia pra eles acabarem a lição. Todos os dias eu dava o ditado, ditado é o jeito de falar né, ditando as palavras, ditando as letras, fazendo as palavrinha pra eles. E era assim todo dia.

**E a senhora estudou onde?**

\_\_\_ Estudei na Serrinha perto de Apucarana.

**E aí a senhora começou a trabalhar como, que a senhora estava falando? Foi a dona Maria de Lourdes que chamou...**

\_\_\_ É a Maria. A Lourdes Sontag lá, me arrumou esse serviço pra mim, esse trabalho né, eu tava desempregada e tava precisando de professora e naquele tempo a professora que não era formada em estudo podia dar aula. podia ajudar né e assim.

**E a senhora dava aula e como era a escola, ela era de madeira?**

\_\_\_ Madeira.

**Mas não era mais no sítio?**

\_\_\_ Não era aqui mesmo no patrimônio de Faxinalzinho.

**E como que era a escola a senhora lembra, o espaço na escola?**

\_\_\_ Era bom era grande era cercado já com balausta onde as crianças divertia durante o recreio né. E era assim.

**E tinham quantas salas?**

\_\_\_\_\_ Sala tinha, tinha 2 salas naquele tempo. 2 salas de aula. Só que tinha as professoras em vários horário né. Das 8 horas até meio dia trabalhava duas professoras e a tarde tinha mais 2 pra continuar.

**A senhora não chegou a trabalhar no ensino multisseriado? A senhora trabalhou na sala multisseriada?**

\_\_\_\_\_ Não.

**E como era a fiscalização? Vinha gente da secretaria de educação?**

\_\_\_\_\_ Vinha. Vinha uma inspetora. Sempre ela vinha, fazer uma, falava uma inspetoria. Aí vinha pra dar uma revisão pra nós sabe?! Tinha os alunos, naquele tempo já tinha vacina. As provas, nós fazia as provas no final do mês.

**E quais que eram as principais dificuldades que a senhora tinha nessa época de trabalhar na escola?**

\_\_\_\_\_ Dificuldade que teve vez da gente trabalhar e ainda precisar fazer a merenda que não tinha merendeira nos primeiros meses que a gente começou até organizar então as vezes a gente tinha que fazer até a merenda pros alunos. As dificuldades mais grande era essa.

**E a senhora falou que tinha 44 alunos numa sala só.**

\_\_\_\_\_ No primeiro ano foi que eu trabalhei.

**E a senhora preparava suas aulas e aí tinha um planejamento que vinha da secretaria de educação ou eram vocês que se organizavam, como que era?**

\_\_\_\_\_ Não, vinha pra nós. Vinha o modo pra gente fazer as aulas. Vinha sim pra gente.

**E vocês registravam já no livro de chamada ou numa ata?**

\_\_\_\_\_ Não. Livro de chamada nós tinha.

**Então nesse modelo a senhora trabalhou só um ano.**

\_\_\_\_\_ Um ano com 44 outro ano que eu alembro, que eu alembro sabe, que tem o livro lá na escola pra você confirmar mais bem. Você deve até olhar lá, mas tem o diário nosso tá tudo ali marcadinho, os alunos que eu dei aula, já não alembro nem mais o nome dos alunos, a idade deles, isso tudo eu não alembro. O primeiro ano com 44 e eu parece que trabalhei 2 anos, no outro ano já foi 36 alunos, que eu alembro, faz muito tempo né, faz pra você ver, minha menina tá com 55, ela tava com 7 anos quando eu comecei dar aula, agora você faz a base a gente esquece, estou com 72 já, como que eu posso lembrar tudo? Ai a gente esquece.

**E a senhora estudou até a 4ª série?**

\_\_\_\_\_ 4ª série, mais naquele tempo quando um aluno passava pra 2ª série ele sabia a tabuada até do 9. Você entende a tabuada o que quer dizer? Ele sabia as 4... como é que diz agora? Como é que vocês falam? Operações né?! As 4 operações ele sabia fazer, multiplicar, somar, diminuir, dividir, até o nove, pra você vê era bastante assim puxado pra gente e eles passavam bem pra segunda série, nossa, nossa boa mesmo...

**Aí tinha prova?**



\_\_\_\_ De 44 alunos me reprovou 4. Cê vê como que eu trabalhei, eu esforcei mesmo por esses alunos, sabiam ler que é uma beleza, aprendiam, porque todo, a cada dois dias ia tomar a lição, sabe? Mais ditado pra eles aprender... hoje os alunos aprende mais ler do que escrever né? Naquele tempo eles sabiam mais escrever quase do que ler. É o jeito da gente preparar as aulas daquele tempo né?! Então ditado a gente dava todo dia, ditar palavras, ditar, dar lição, fazer perguntas daquela lição que eles liam, era assim a nossa, todo dia fazer questionário.

### **E a senhora quis estudar mais? Como que era? Era muito difícil naquela época?**

\_\_\_\_ Sabe, aí ficou difícil, ficou difícil, porque nós tinha que estudar lá em Faxinal, e naquele tempo não tinha carro como hoje né, hoje tá fácil, todo mundo, cada família quase tem um carro, naquele tempo só tinha um carro que era o irmão da Sonia, marido da Sonia, Toninho Sontag, ela é a Sonia né, que você fez com ela. Então, o Toninho que levava as professoras pra ir receber, pra ir numa reunião, quando tinha uma reunião nós ia também né, era assim, era difícil, e por isso que a gente, daí o marido não aceitou que a gente tinha as crianças pequeninha, mas a vontade era de estudar, nossa, como eu tinha vontade de estudar. E o meu sonho, estou com 72 anos, tem dia que eu mexo com criança no sonho sabe, to ainda trabalhando com criança no sonho, de tanto que eu gosto. Você vê que eu estou com 72 anos e ainda sou babá de criança aqui que as mães trabalham e deixa aqui comigo tem dia. a gente tinha dom mas não pode, não teve. Inclusive vou te contar até a história minha, quando eu comecei dar aula, ainda hoje eles estavam falando, nossa a mãe era doida, não tinha horário para mandar nós pra escola tinha vez né, mas era o trabalho né. O meu menino pequeno, pequeno, hoje ele é vó também, eu levava ele e amarrava ele na carteira pra mim dar aula, as carteirona grande que vinha pros alunos, sentava bastante sabe? Não é que nem agora que tem as carteirinhas que é sentado de um a um né, naquele tempo sentava bastante numa carteira grande, aqueles bancão grande, daí eu pegava e amarrava ele ali no meio dos alunos, pra você vê, ficava amarradinho, daí a servente quando entrou trabalhar a servente pegava ele e ela também estava dando mamá pra uma criança dava mamá pra ele pra poder deixar eu mais a vontade com os alunos. Aí tinha o quadro de giz. Dava as 4 matérias da primeira série né. E daí em engraçado que a gente as vezes ficava duas professoras assim numa sala só, não sei como que nós conseguia dividir as lição pras criança conversar com os alunos é até engraçado viu.

### **Nossa! E ficavam duas séries diferentes na mesma sala?**

\_\_\_\_ É isso. Uma lousa de lá e uma lousa de cá. 1ª e 2ª série numa sala né, na outra sala 3ª e 4ª. Era assim dividido. Era assim que nós trabalhava. A escola era pequena também né. Tinha só 2 salas. Era assim o nosso trabalho.

### **E a senhora ia nas reuniões também lá em Faxinal?**

\_\_\_\_ la, participava das reuniões certinho.

### **Era a lany que era a inspetora da época?**

\_\_\_\_ Era a lany Munhoz. Não sei como que a Sonia explicou, ela deve ter explicado melhor do que eu, a gente é mais de idade também né.

### **E aí a senhora não deu mais aula?**

\_\_\_\_ Não, aí eu parei mesmo. As criança eram pequena. Você sabe, quando eu chegava em casa, esmalte eles passavam nas galinhas, nos cabrito, dava remédio pros bichinho tomar. Era tão engraçado, você precisa de ver. (risos) Não era brincadeira não a nossa vida, Deus do céu. Como nós lutava. Mas foi assim nossa vida.

### **Os filhos da senhora estudaram na Epitácio?**

\_\_\_ Estudaram. Todas elas estudaram ali.

### **Mas aí não estudou na multisseriada?**

\_\_\_ Estudaram fora você quer dizer?

### **Não é que multisseriada são várias séries numa sala só.**

\_\_\_ É sim, estudaram sim ainda. Eles pararam de estudar cedo, eles não quiseram estudar bastante. Foi assim, aí elas tiraram só até a 4ª série, ninguém quis estudar, só o Toninho tirou a 5ª série. Elas foram até a 4ª e saíram da escola ninguém quis estudar. Tinha que trabalhar né. Naquele tempo os pais levava pra roça, não deixava os filhos estudar, hoje nossa... hoje eles saem mal se eles fazem isso. Tem que estudar.

### **Vocês faziam aquelas datas comemorativas, tinha organização de apresentação?**

\_\_\_ Faziam, antes de começar as aulas tinham as oração, eles faziam com as crianças né. Era bem bonito também aquele tempo. Era bem organizado. Fazia teatro. Inclusive, hoje eu não tenho, mas ela lembra, eu era tão inteligente menina que eu fazia poesia pras crianças inventado da minha cabeça, música pra apresentar pras crianças. Eu se eu tivesse tempo e tivesse pensado que você vinha agora, eu tinha feito no caderno escrito pra você pra mim ler falando aí você gravava. Verdade, eu fazia isso daí, poesia pras crianças, inventava da minha cabeça e saia bem, bem rimado mesmo bem feito pra eles. Dia de festa junina eles se apresentavam ali que tinha uma igreja aqui embaixo né, tinha o coreto, fala o coreto onde a turma fica em cima fazendo os leilão deles, elas iam acompanhar com outros tocando violão e elas cantando as poesias. Eu era inteligente, eu tinha o dom pra estudar mesmo, mas só que naquele tempo as mulher casava parece que tinha medo dos maridos, não queria estudar também, e eles não aceitava né, eles não aceitava e a gente também não fazia o contrário. Que nem hoje né, hoje as meninas falam eu vou eu vou e vai mesmo, as mulher casada vai mesmo. Elas são assim decide e vai né a gente não a gente tinha medo de as vezes dar separação ou uma coisa e outra e não contrariava. mas o meu pensamento era de estudar mais. Aí assim...

### **E a senhora lembra como, quando a escola mudou, fez o Grupo Escolar?**

\_\_\_ Aí a gente já não tava mais participando de nada lá né, só tinha. Mas eu não alembro bem quando que foi assim mudado a escola do jeito que ela tá agora. Acho que não faz muito tempo não, mas que ela tá melhor do que ela tava ela tá né. Ali tem bastante sala agora. Hoje tá bom ali, nossa que beleza. A gente tem sentimento por não ter continuado com o estudo da gente, hoje a gente podia ser aposentada com esse trabalho meu, assim eu aposentei da roça, graças a Deus que a gente aposentou mas não foi do jeito que a gente queria, o salário é melhor né.

### **E a senhora tinha que fazer até a merenda dos alunos?**

\_\_\_ Tem, tinha dias que nós tinha que tirar as professoras, nós limpava até que arrumamos uma servente pra ajudar ali, mas nos primeiros, nos 2 meses foi assim, que não tinha ainda, e daí já foi arrumando servente ali pra nós e já melhorou mais. Merendas boas vinha lá de Faxinal pra nós, vinha a prefeitura mandava. Depois de uns 5 meses que eu tava trabalhando veio merenda. A gente tem saudade. Eu tenho saudade de mexer com os alunos e é engraçado que pegava aluno dos 7 anos, naquele tempo de 7/8 anos, talvez eu pegava aluno com 14/15 nos ele não sabia fazer o nome dele, precisa de ver e eu tinha uns par dele de alunos de 15 anos rapaz, de 15 anos e estava na primeira série já era adolescente e não sabiam nada iam junto com as criança pequena tinha criança de 7 anos 8 anos tudo misturado com aqueles de 15, 14 era assim uns par de menino de 14 anos tinha.

### **Então quem não sabia nem ler nem escrever já ia direto pra 1ª série?**

\_\_\_\_ Já ia direto para 1ª série, mesmo tendo idade diferente. Porque os pais não ponhava novo né. Não é que nem agora, que eu ponho criança aí com 3 aninhos já tá desenvolvendo no estudo. Naquele tempo não, naquele tempo era assim. e a rapaziadinha respeitavam e naquele tempo a gente ponhava, dava castigo, deixava eles de castigo, só que hoje já não tem castigo mais pros alunos.

### **O que a senhora fazia?**

\_\_\_\_ Era tudo mudado né. A gente deixava sem sair pra brincar, ficava na hora do recreio eles tinha que fazer o trabalhos deles que eles não tinha feito às vezes a gente dava os trabalhos pra eles fazer na casa e eles não faziam na casa né, então a gente segurava eles na hora do recreio pra eles fazer e não deixava ficar em branco.

### **E os alunos aprendiam bem?**

\_\_\_\_ Aprendia, aprendi bem quando eles passavam pro 2º ano, ler e negócio as continha deles tudo eles sabiam fazer matemática era em primeiro lugar. Porque eu quando estudei matemática pra mim foi em 1º lugar a melhor que teve quando eu estudei que eu gostava era matemática e até hoje, quando você tá fazendo na calculadora aí eu já fiz na cabeça. Assim na caneta pra mim fazer uma conta, vou te dizer, do jeito que eu estudei, do jeito que eu aprendi. E vocês já faz diferente. Mudou tudo né. Mudou tudo as coisas.

### **E como que era a Dona Lourdes?**

\_\_\_\_ A Dona Lourdes era a nossa professora melhor que tinha. Porque ela que servia pra dar aulas pras outras professoras né , que ela era estudada né, ela era bem estudada. Mas quando ela começou também ela não tinha muito estudo, depois ela foi continuando estudar, foi ponhando as filhas também pra ajudar, a Eny deu aula muito tempo. Qual outra que deu aula ali? A Maria Kuhl, a Sonia falou da Maria Kuhl? Então, a Maria Kuhl também tinha aluno. Naquele tempo tinha muita gente aqui nesse lugar. Não é que nem hoje, hoje tem pouco, nós vai ali e nós acha que tem muito aluno, mas naquele tempo que tinha aluno, nossa vida! É que tinha muitos morador, tinha sítio que tinha 3 4 família morando, hoje fazenda tem 1 família né, acabou aquele povão. Então tinha, eu dava aula pra esse tanto, a Maria, às vezes, Kuhl, ainda dava aula pra 1 ano também, misturado junto com o segundo, que ela trabalhava com o segundo ano. A Eny dava pra 3º e a dona Lourdes dava aula pro 4º ano, 4 série né, era dela. Era assim que nós fazia. Aí você descurpa se não saiu bem, porque... eu fiz o que eu pude.

### **A senhora trabalhou então o primeiro na primeira série e o segundo na primeira série também?**

\_\_\_\_ É na primeira série.

**Então, lá na escola eu achei um livro de capa vermelha que veio da prefeitura a senhora chegou a trabalhar com aquele livro? Um livro que tinha um monte de planejamento, um monte de...**

\_\_\_\_ Eu acho que eu não alembro não, eu sei que eu tenho o nome dos alunos, tinha a participação deles, tinha a lista de nome dos alunos.

Esse eu alembro que nós tinha.

## APÊNDICE B ENTREVISTA B

### FICHA TÉCNICA

Tipo de entrevista: história oral; memórias

Entrevistadora: Jordana Ferreira de Faria

Pesquisa e Elaboração do roteiro: Jordana Ferreira de Faria e Ednéia Regina Rossi

Conferência da transcrição: Jordana Ferreira de Faria

Local: Faxina/PR

Data: 01/06/2017

Páginas: 15 páginas

Instituição: Universidade Estadual de Maringá – Programa de Pós-Graduação em Educação

ENTREVISTADA: **ENY TEREZINHA SONTAG FERREIRA** – Professora da Casa Escolar Epitácio Pessoa/ Grupo Escolar Epitácio Pessoa (1966 – 2004)

Entrevista realizada para o contexto da pesquisa:

Dissertação: Mestrado em Educação

Temas: História da Educação do Paraná; História das Instituições Escolares; Memória de Professores; Escola Graduada.

.....

#### Nome:

\_\_\_\_ Eny Terezinha Sontag Ferreira.

#### Formação escolar quando a senhora começou trabalhar:

\_\_\_\_ 4ª série.

#### As séries que a senhora já trabalhou lá na Epitácio:

\_\_\_\_ Trabalhei com 1ª série, 4ª série, 2ª série, Pré-escolar.

#### Quantos anos a senhora trabalhou?

\_\_\_\_ 38 anos.

\_\_\_\_ O meu pai Fernando Sontag mandou construir a escolinha com madeira cerrada na cerraria do Senhor Schimith, derrubada no próprio terreno que tinha pinheiros. Construiu uma escolinha com mais ou menos 7 metros por 7. Com 17 carteiras duplas para 2 alunos sentarem, uma mesa de 1x80 metros, uma cadeira para a professora e um quadro negro. Construiu um sanitário que se dava o nome de privada, com 2 partes masculino e feminino. A limpeza da escolinha era feita no final de semana com a professora e os alunos. A escolinha ficava no meio de um gramado onde as crianças brincavam na hora do recreio. A diretora do município na época era a saudosa professora Iany de Oliveira Munhoz, que

deu o nome a escola de Epitácio Pessoa. Casa escolar né? Casa escolar Epitácio Pessoa. A escolinha foi construída na época do então primeiro prefeito de Faxinal Senhor Pedro Gonçalves da Luz, ele que nomeou a mãe Maria de Lourdes Souza Sontag como primeira professora da escola. A Casa Escolar foi fundada no ano de 1955, eu tinha 8 anos. A escola somente iniciou com alunos da 1ª série. No ano seguinte já 1º ano e 2º ano série. No 3º ano de fundação já tinha 1ª série, 2ª série e 3ª série. A escola funcionava até a 3ª série. A escolinha funcionou no sítio até o ano de 1962, ano em que meu pai comprou um sítio no outro lado da estrada que ia para Faxinalzinho e nós nos mudamos de lá. O pai tinha uma casa no Patrimônio. Essa casa se transformou em sala de aula, até a prefeitura construir uma nova escola de madeira com 2 salas de aula, aí funcionava 2 turmas de alunos pela manhã e 2 a tarde. Não sei se ficou bem certo aqui. O inspetor de Ensino de Apucarana veio visitar a escola, senhor Professor Berton e a mãe estava quase com 80 alunos. Ela falou que eu tinha na época 16 ou 17 anos, ele pediu que eu conseguisse fazer a 4ª série e começasse trabalhar pra ajudar a minha mãe.

**E como que era a escolinha lá de madeira que depois a prefeitura ajudou a construir, aí tinha 2 salas?**

\_\_\_ 2 salas, 2 salas de aula.

**E a senhora dava aula quando a senhora começou com 17, 18 anos, a senhora dava aula pra 1ª?**

\_\_\_ 1ª e 4ª série.

**1ª e 4ª série numa mesma sala?**

\_\_\_ Numa mesma sala.

**E aí quantos alunos tinham de cada série?**

\_\_\_ 1ª série tinha 6 e da 4ª série tinha 10 alunos.

**Então quanto tempo senhora trabalhou nesse modelo de multisseriado?**

\_\_\_ Eu trabalhei só um ano, só o primeiro ano. Foi em 66 né?

**Como que você organizava o seu trabalho no dia a dia da escola? Como que a senhora preparava as aulas, os materiais, como que era?**

\_\_\_ A gente tinha os livros de ensino, de matemática, de português, de história... com o material que a gente pegava na prefeitura, esqueci o nome agora, a gente preparava as aulas com esse material.

**E esses livros eram separados ou era um livro só para todas as matérias?**

\_\_\_ Depende, tinha ano... quando eu comecei trabalhar eram livros só pra todas as matérias.

**Aí a senhora recebia e passava no quadro?**

\_\_\_ Passava no quadro pras crianças copiar no caderno as matéria.

**E como que era ensinar ao mesmo tempo alunos de séries diferentes?**

\_\_\_ É um pouco complicado, porque a gente tem que trabalhar com 2 turmas né! Tinha que passar, passava às vezes tarefa no quadro pra uma turma e enquanto aqueles iam copiando, fazendo os exercícios a gente passava , ia do outro lado atender a outra turma.

**Como que era o aprendizado das crianças quando a senhora começou, quando dava aula pra 1ª e pra 4ª série?**

\_\_\_As crianças tinham muito interesse em aprender, então isso ajudava muito o professor. Eles tinham curiosidade de aprender, aprender ler, escrever.

**E aí os alunos passaram de ano, foram bem, como que foi?**

\_\_\_A 4ª série foi bem, acho que aprovou, aprovou todos. O 1º ano eu aprovei 2 alunos, dos 6, 2 foi aprovado pra 2ª série.

**Então, havia algum tipo de fiscalização, ou de orientação do trabalho que a senhora realizava? Quem que orientava vocês nessa época?**

\_\_\_Era a própria diretora do ensino, diretora do município, ela que fazia reunião com os professores, e dava as orientações, passava o planejamento de aula, calendário.

**Era a dona lany nessa época?**

\_\_\_Nessa época era a dona lany.

**Então, neste modelo multisseriado quais que foram as principais dificuldades e desafios em seu trabalho?**

\_\_\_Foram, a gente ter que trabalhar com 2 séries né. Que parece que ficava uma com dificuldade. Parece que uma a gente não dava bem conta de ensinar, de tudo né.

**Ah, então a senhora sentia que uma série ficava mais complicado. Então quando a senhora começou trabalhar, como que, qual que era a idade dos alunos?**

\_\_\_Era 7 anos, 8, 9, 10...

**Então eles estavam na série, mas eles tinham mais do que a idade....**

\_\_\_Mais do que a idade prevista pra estudar.

**Então, no ano de 78 a Casa Escolar Epitácio Pessoa, passou a se chamar Grupo Escolar Epitácio Pessoa. O que que essa alteração mudou em seu trabalho e no funcionamento da escola? Mudou alguma coisa de quando era Casa Escolar e depois quando mudou para grupo escolar, ou não teve nenhuma mudança, como que foi?**

\_\_\_A gente acha que a escola ficou mais importante com a mudança do nome, mas quanto à aprendizagem não mudou muita coisa não. Continuou.

**A senhora organizava o material da mesma forma? Planejamento?**

\_\_\_Da mesma forma.

**Planejamento da prefeitura vinha da mesma forma?**

\_\_\_Uhum...

**Ah, então não mudou muita coisa?!**

\_\_\_Não!

**Então você continuou a ensinar ao mesmo tempo vários alunos quando era grupo escolar ou não?**

\_\_\_\_ Não! Já era cada um uma série. Já tinha depois que eu, que minhas irmãs fizeram 4ª série, foi dividida as turmas. Já tinha outros professores pra ajudar.

**Aí quando era Grupo a senhora sentiu alguma dificuldade pra trabalhar porque mudou pra grupo escolar ou continuou a mesma coisa?**

\_\_\_\_ Não, não senti dificuldade não, não. Não achei que mudou muita coisa não.

**Na época a senhora entendeu a alteração de grupo escolar foi positiva ou negativa?**

\_\_\_\_ Positiva.

**Você a aprovou?**

\_\_\_\_ Aprovei, o nome eu aprovei.

**E as suas colegas da época, você tem alguma lembrança dos comentários, queixas ou elogios a organização e ao funcionamento do grupo escolar?**

\_\_\_\_ Eu não lembro se eu... não me lembro.

**E com o passar do tempo mudou de alguma forma a percepção em relação ao grupo escolar?**

\_\_\_\_ Mudou assim que depois, aqui não entra o ginásio não né.

**Não. Só o primário mesmo.**

\_\_\_\_ Não, aí não mudou muita coisa não.

**Então pelo que eu entendi mudou o nome só que continuou na mesma dinâmica.**

\_\_\_\_ É, eu acho que continuou na mesma dinâmica.

**Porque antes de construir o prédio de alvenaria, tinha a salinha de madeira.**

\_\_\_\_ Tinha a salinha de madeira.

**E aí na salinha de madeira vocês, aí a senhora também já trabalhou com cada professor uma série.**

\_\_\_\_ Isso, uhum.

**E aí a senhora trabalhou, multisseriada foi na casinha do sítio ou nessa casinha de madeira?**

\_\_\_\_ Na casinha de madeira.

**Ah, então ainda era casa escolar lá?**

\_\_\_\_ Casa escolar, uhum...

**Aí depois que mudou o prédio, que ficou grupo escolar?**

\_\_\_\_ É.

**Entendi. E como que era nessa época, aí a senhora contou que as crianças e sua mãe que limpavam a escolinha no final de semana e eles tinham merenda?**

\_\_\_\_ Não, no sítio as crianças levavam o lanche. Depois ali no Patrimônio, depois que passou pra escolinha, a escolinha de madeira, a prefeitura recebia um leite, um leite em pó, e passava pra professora e minha mãe era responsável por esse serviço, pela merenda escolar. A gente levava em casa e no início não tinha merendeira. A gente preparava um caldeirão de leite e levava de casa pra distribuir pras crianças na hora do recreio.

**E a mãe da senhora, a dona Maria de Lourdes, ela estudou, também até a 4ª série?**

\_\_\_\_ Ela tinha a 5ª, ela fez o 5º ano e depois ela começou fazer o LOGOS, mas também não conseguiu terminar. Começou fazer o LOGOS.

**E como que foi, fala um pouco mais desse projeto LOGOS, a senhora lembra em que ano a senhora começou participar?**

\_\_\_\_ Não me lembro.

**Foi na década de 70 por aí?**

\_\_\_\_ Por aí... Aí foi esse projeto LOGOS, foi o prefeito que trouxe esse... Foi o governo do Estado, ou Federal, não sei que pra ajudar os professores leigos a ter uma formação.

**Aí vocês, todas as professoras que davam aula lá na escola começaram a fazer?**

\_\_\_\_ Começaram a fazer. Todas fizeram.

**E aí vocês tinham, faziam essas comemorações, essas datas festivas...**

\_\_\_\_ Ah tinha, fazia, comemorava o dia da da... Dia do descobrimento do Brasil a gente comemorava com as crianças, dava poesia pras crianças decorar ou ler a poesia, fazer leitura né, cantava com as crianças. A minha mãe gostava muito de cantar, então ela que era a cantora da escola, que ensinava cantar. A gente cantava o hino nacional, o hino da bandeira, o hino nacional e outros hinos que ela cantava que achava importante. Ela ensinava, ela sabia cantar.

**E aí nessa época, depois passou a ter um, a merenda vinha da prefeitura?**

\_\_\_\_ Isso, da prefeitura. Aí dali uns tempos eles pagaram uma, puseram uma merendeira na escola pra preparar o leite pras crianças. Na época era só leite né, depois começou vir outros, outros, outros produtos, como vinha lá uma sementinha chamada bugor, que eu gostava, parecia feito de, de trigo, misturava no leite fazia um mingau, sabe? Ficava muito gostoso de tomar. As crianças gostavam muito.

**A senhora chegou a trabalhar com, com um livro de capa vermelha, que era escrito planejamento do ensino primário?**

\_\_\_\_ Se eu trabalhei eu não me lembro.

**Era de 1967, aí tinha até a etiqueta do Dealcides Bahls da prefeitura de Faxinal.**

\_\_\_\_ Ah sim, lembro. Lembro, trabalhei.

**Trabalhou com esse livro, e como que veio esse livro, ele veio pra todas as professoras de Faxinal e de lá também, ou como que vocês começaram a trabalhar com aquele livro?**

\_\_\_\_ Eles distribuíram aquele livro com matérias pra gente estudar, ficou na escola aquele livro, deve tá arquivado por lá.



**É eu, eu peguei ele, tirei foto. Por isso que eu sei. Que aí é de 67 sobrou um exemplar guardado lá com a Celma. E aí eu fiquei olhando lá o que era. E aí vocês...**

\_\_\_ A gente se, se, como que se diz, a gente se orientava por aquele livro, pra preparar as aulas, tinha ali já alguma coisa preparada né... A gente usou assim. Aí passava no quadro... No quadro pros alunos copiarem e estudarem né. As matérias que estudava pra prova né. Tinha prova. Todo mês tinha prova pras crianças.

**Aí vocês davam aula de todas as matérias?**

\_\_\_ É de, prova de todas as matérias.

**Até de Educação Física?**

\_\_\_ É educação física aquele tempo não falava muito, não tinha muito Educação Física ainda né. Mas eles já mandavam a gente brincar com as crianças que, brincar de roda, pular corda, já era, entrava em Educação Física né.

**Entendi. Então no começo foi só a sua família que cuidou da escola?**

\_\_\_ Foi, a diferente que entrou foi a dona Marta, ela era muito boazinha a Dona Marta. Era muito querida ela. Aí depois quando a gente começou depois a dona Marta saiu né, aí quando fechou a escolinha do rio das antas, que era escolinha que pertencia ao município de Marilândia do Sul, veio uma professora de lá que foi transferida pra nossa escola. Aí ela já não era da família e aí começou modificar já, sabe? Já começou aumentar, entrar professores de fora da família.

**Entendi. Então basicamente só mudou o nome né de casa escolar, pra grupo, mas o funcionamento dentro da escola continuou o mesmo?**

\_\_\_ Eu acho que continuou o mesmo, não tenho lembrança que mudou muita coisa não. Talvez mudou assim que a gente tinha mais, reunião assim com os professores, com a diretora né, isso acho que mudou. A gente tinha mais reuniões, reuniões mais seguidas, é. Mais orientação também daí né, isso nesse ponto mudou.

**E como que eles orientavam que vocês tinham que dar aula?**

\_\_\_ Eles faziam grupos de professores sabe assim, e passavam por exemplo um tema lá pra cada grupo, né, e a gente estudava ali e depois um apresentava o que estudou ali, outro também vinha e apresentava também, assim que eles orientava os professores.

**E aí a senhora seguia algum método de ensino?**

\_\_\_ Olha, eu, método? A gente trabalhava no começo a gente trabalhou assim, conforme nós aprendeu ler e escrever a gente trabalhou né, não tinha né, mas depois surgiu método de 1ª série, 1º ano, tinha um método de ensino. Na época em que eu trabalhei não tinha. Mas depois quando a Sonia começou trabalhar, logo já apareceu um, um, método que tinha até uns livros lá, uns livros da capa verde que eram de alfabetização. Aquilo ajudou muito os professor, tinha cartilha, a cartilha Caminho Suave que era, foi muito importante na época pra alfabetização dos alunos. Na época que a Sonia trabalhou já. Quando eu estudei era a Cartilha Ensino Rápido, depois essa cartilha desapareceu, surgiu essa Caminho Suave.

**E a sua mãe ficou quantos anos trabalhando na escola?**

\_\_\_ Ela ficou trabalhando.... ela se aposentou com 60 anos, só que ela se aposentou por, não com 60 anos deu o tempo de serviço dela, porque não sei se ela juntou,

que quando ela era solteira era trabalhou 4 anos em Cerro Azul, no município de Curitiba. Então acho que juntou aquele tempo, não sei, eu sei que ela se aposentou com 60 anos.

### **E aí ela não terminou o projeto Logos?**

\_\_\_\_ Não terminou o projeto Logos. Meu pai não gostava de ver ela estudando. Não gostava de ver ela estudando? (risos) Ele pegou e falou assim: “Eu vou te dar uma , uma vaca aí no, aí no pasto pra você, pra você parar de estudar.” (risos)

### **E ela queria continuar estudando?**

\_\_\_\_ Ela tinha vontade de, de continuar estudando... Hum...

\_\_\_\_ Ela ia bem... la bem...la! Até onde ela estudou, ela foi muito bem.

### **Então o que essa escola representa na sua vida?**

\_\_\_\_ Ah, representa muita coisa né. A gente fica lembrando de quando a gente estudou lá né, se não fosse essa escolinha lá, se não fosse essa disposição da minha mãe e do meu pai a gente não tinha estudado, porque ali não tinha escola perto pra gente ir. Tinha uma escola, mas bem mais longe. E no instante quando construiu a escolinha encheu de aluno, porque tava cheio assim de criança lá, que os pais queriam né que aprendesse a ler e escrever também, que nem meu pai não sabia ler e escrever né e assim era muita, muita gente aqui não sabia ler e escrever, mas queriam que os filhos aprendessem e eles não, então ficaram muito contentes né. Teve uma família lá que estudou todos os filhos ali.

### **E antigamente o pessoal tinha bastante filho né.**

\_\_\_\_ Tinha bastante filhos, uhum... Estudou todos os filhos ali, pôs pra estudar e não tirou da escola.

### **E a sua mãe teve essa iniciativa de fazer a escola pra vocês estudar ou porque ela queria ser professora?**

\_\_\_\_ Pra nós estudar. Não, ela disse que quando eu completei 7 anos, ela falou pro pai assim: “Olha, você vai ter que dar um jeito de construir uma escolinha aqui no sítio, porque pra mim dá aula, porque vamos deixar as crianças sem aprender?” Aí que ele tomou a iniciativa e aí conversou com o primeiro prefeito daqui de Faxinal e ele disse que se ele construísse a escolinha ele nomeava a mãe professora. E foi o prefeito aí né.

### **Ah, daí ele, a sua mãe recebia pela prefeitura daí?**

\_\_\_\_ Pela prefeitura, é. Ela trabalhou 4 anos pela prefeitura, aí no 4º ano que ela tava trabalhando, ela foi nomeada pelo Estado.

### **Aí ela dava aula também?**

\_\_\_\_ Dava aula também! Uhum... E ela sempre foi responsável pela escola, por causa dela ser professora do Estado, ela era responsável pela escola, pelos, assim, tudo que acontecia na escola ela era, era responsabilidade dela. E a comunidade queria muito bem minha mãe, nossa!! Os professores também.

### **Ah, e esses livros Débora o que que era?**

\_\_\_\_ Os livros Débora eram os livros de ensino. As professoras usavam pra ensinar os alunos. Era na época, era o livro mais moderno que tinha. Então tinha o livro de matemática, português, história, geografia, tudo num livro só. E era muito bom os livros. Eu lembro que eu resolvia os problemas que, a gente preparava aula com esses livros pra

gente dar aula. Resolvia os problemas ali, passava no caderno né, resolvia os probleminhas, tinha resposta pra gente ver quem acertou, certinho. Eles tinham resposta já.

**A senhora tem mais alguma lembrança de como que era na escola? E aí a senhora estudou lá no sítio...**

\_\_\_ Lá no sítio, uhum...

**E aí a sua mãe dava aula pra senhora?**

\_\_\_ A minha mãe dava aula pra mim.

**E pros seus irmãos também?**

\_\_\_ Pros meus irmãos também. Quando eu estudei o primeiro ano, entrou eu e o meu irmão, que é o marido da Sonia. Ele, nós, eu com 8 anos e ele com 7. E no outro ano seguinte entrou a minha irmã, a outra, a outra, a terceira irmã minha. Terceiro filho da minha mãe e assim foi indo. Aí foi indo, foi nascendo os filhos e foi... Foram crescendo e completando idade e indo pra escola. Só que a gente estudava até terceiro ano né. Aí acho que até eu fiz o 3º ano duas vezes, a mãe fez eu repetir, aquele tempo não tinha exigência que tem hoje né. Hoje não pode ficar, surgiu uma lei e hoje não, faz muito tempo, não podia ter ouvinte na escola né. Naquela época podia ter aluno ouvinte na escola. Então daí a gente pra não ficar em casa e não esquecer o que aprendeu ela mandava que repetisse e ajudava ela também de certo né. E nós ia, repetia o 3º ano.

**E a senhora lembra, o que a sua mãe usava, como que era? Vocês tinham aula todos os dias?**

\_\_\_ Todos os dias. Naquela época era aula no sábado ainda.

**Aula no sábado também.**

\_\_\_ No sábado.

\_\_\_ A gente limpava a escola no sábado depois da aula.

**E ela preparava as atividades pra vocês?**

\_\_\_ Preparava. Preparava num caderninho, ela levava num caderninho. Uhum...

**E cada um tinha um caderninho?**

\_\_\_ Cada um tinha um caderninho.

**Um material tudo?**

\_\_\_ O material era uma cartilha. Cada aluno tinha sua cartilha.

**É, e essa cartilha?**

\_\_\_ Era ensino rápido o nome dela.

**É quem que, vocês mesmo que compraram ou foi a prefeitura?**

\_\_\_ Eu não lembro se a gente comprou. Mas acho que nós compramos em... Naquele tempo era comprado o material.

**Aí ela ensinava nesse material e usava o quadro?**

\_\_\_ Usava o quadro.

**E os alunos naquela época, não tinham nenhum problema assim?**

\_\_\_ Não tinha muito problema não. Tudo quietinho as crianças né, do sítio, não tinha muito desordem não. A não ser os maior já, mais mocinho né, que as vezes ficavam lá atrás balançando a carteira lá. (risos) A mãe dizia assim, aqueles tão fazendo bagunça lá atrás.

**E quando que foi ter assim o cargo de diretora mesmo da escola?**

\_\_\_ É aí.. Foi bem depois. Foi bem depois. Eu fiquei assim responsável pela escola porque, aí por exemplo, eu vinha na prefeitura na secretaria de educação, e levava as informações pra os demais professores. Dia de reunião era tudo junto, mas se tinha alguma reunião pra mim eu vinha e passava pro demais professores.

**Ah, então não tinha assim o cargo de diretora?**

\_\_\_ Não.

**Mas a senhora era como se fosse?**

\_\_\_ Era como se fosse.

**Que aí era responsável.**

\_\_\_ Que era responsável. É.

**Aí foi ter diretora mesmo só depois que virou grupo ou não?**

\_\_\_ Diretora do primário foi depois que... não faz muito tempo que teve diretora lá, deixa eu pensar. Eu trabalhei 10 anos, 10 anos... acho que foi ter diretora do primário, faz uns... uns 15 anos que parei de trabalhar já... 25... uns 28 pra cá que foi, que foi ter eleição e foi nomeada uma diretora de 1ª a 4ª série.

**A senhora lembra quem que foi?**

\_\_\_ A primeira diretora foi nomeada foi a Terezinha Munhoz, Munhoz Ruthes.

**Ah sim.**

**A senhora lembra de mais alguma coisa de como que era trabalhar lá de 1ª a 4ª série e depois como que foi quando a senhora trabalhava com uma turma só?**

\_\_\_ Ah, uma turma só ficou mais, ficou muito mais fácil da gente trabalhar, que preparava matéria só pra uma turma né. Ficou mais prático trabalhar com as crianças individual. Fala classe individual.

**E aí vocês recebiam sempre a visita desse inspetor geral de ensino ou ele vinha só...?**

\_\_\_ Não. Ele vinha, ele veio, só lembro dele nessa época.

**Ah, quando falou pra senhora estudar.**

\_\_\_ Isso é. E depois lembro dele numa reunião que teve aqui no Érico que agora, aquela época era Ouvidor Pires Pardini a escola, então quando tinha reunião aqui dele, dos professores aqui ele vinha e veio uma vez aí. Eu lembro dele, que ele veio aqui. Na reunião geral dos professores sabe?!

**Eu acho que é isso. A Senhora respondeu tudo.**

\_\_\_É né. Lá no sítio, na escolinha do sítio, que lembro que a minha mãe, meu pai plantava abacaxi, aí lá de vez em quando a minha mãe pegava abacaxi e descascava uma baciada de abacaxi pra distribuir pras crianças e era gostoso comer abacaxi na escola (risos). E o lanche na escola era gostoso, trazia de casa né, mas eu morava pertinho da escola eu tinha que levar o meu lanche pra mim comer lá junto com os outros (risos). Porque parece que ficava mais gostosa a comida comer junto com, no grupo. Tudo junto.

**E aí vocês tinham uniforme ou o que que vocês usavam assim no dia a dia?**

\_\_\_Se não me engano era, era saia azul e blusinha branca.

**E os meninos usam o que?**

\_\_\_Calça, calça ou shorts azul e blusa branca, camisa branca. Ficou tempo sem uniforme na escola, sabe?! Muito tempo. Até que daí, aí ficou tempo sim, depois acho que a , eu não exigia uniforme pros meus alunos, sabe?! Quando eu fui trabalhar de responsável eu não exigia uniforme. Tinha esse uniforme camisa branca e calça azul. Aí depois que a Terezinha entrou, ela exigia o uniforme, aí fez camiseta com o emblema da escola né, calça, calça azul. E agora nem sei que cor que é lá, que eles estão usando lá agora. Muda a cor né, eles mudam de vez em quando.

**E vocês participavam de desfile cívico essas coisas, tinham também?**

\_\_\_Tinha, lá na quando...a minha mãe fazia quando a gente não vinha aqui em Faxinal a mãe fazia desfile na rua lá, eu lembro quando nós era criança. E tinha, e outra, as professoras também trabalhava, mas uma vez quando a gente trabalhava acho que na escolinha lá nós viemos de caminhão aqui em Faxinal num desfile do dia 7. (risos) O pessoal, a diretora exigiu que viesse né e a mãe trouxe os alunos aqui num caminhão. Então, daí... É, e eu estranhei uma coisa também que eu estranhei também quando comecei trabalhar que daí a gente não tinha experiência né. Pegar uma sala de aula sem ter experiência né, de, por exemplo, quem faz o magistério, vai pra sala de aula sabendo o que que vai fazer né. E a gente só com a experiência que a gente estudou. Então isso que, que eu achei dificuldade também. Trabalhar com 2 séries, 1ª e 4ª série, sem ter uma formação, isso dificultou também pra gente. Ensinar as crianças.

**E o projeto LOGOS era obrigado a fazer todos os professores leigos?**

\_\_\_Foram obrigado fazer. Foram obrigados fazer. Foi por conta do governo né, a gente tinha reuniões 2 vezes por mês. Cada 15 dias a gente tinha, a gente estudava em casa e vinha prestar a prova no projeto, na sala do projeto. Eu achei que foi muito gratificante a gente estudar lá no sítio também, foi muito gratificante, porque se não fosse aquela escolinha né, a gente não teria aprendido ler e escrever e ter, e não poderia ter trabalhado como nós trabalhamos, trabalhamos né, depois...

**A senhora queria ter estudado mais então?**

\_\_\_Eu tinha vontade de ter estudado mais, mas aí como a gente morava lá longe, era muito contramão né. Até uma irmã minha que fez a faculdade, a professora lone que também trabalhou nessa escola. Ela fez faculdade, a Terezinha fez na época, a Geni, mas iam pra, aquele tempo tinha só no sábado em Jandaia. Eles iam no final de semana trabalhavam até meio dia na escola, na sexta-feira, depois pegavam um, uma condução e vinham pra cidade, e posavam em Jandaia. Foi sacrificioso para elas também, bem sacrificioso. A Terezinha tinha o menino pequeno, deixava com a mãe as criança. A minha irmã deixava com a minha sobrinha mais velha, filha mais dela, mas se formaram. Não era fácil né, sair do sítio lá com chuva com frio deixar a família e ir estudar fora, mas foi bom, foi gratificante pra elas também. Que agora elas tão dando aula lá né, de 1º, 2º grau né, de 5ª a 8º do segundo grau.

**E todas as suas irmãs foram professoras na escola?**

\_\_\_\_\_ Não, foi, eu, a Eunice e a lone. A Reni fez o magistério, mas não quis trabalhar. Na época não tinha vaga também sabe?! E depois foi surgindo vaga nós não incentivamos de por ela na escola dar aula também né. Ficou trabalhando de zeladora. No começo ela não quis mesmo, ela fez concurso pra trabalhar de zeladora.

**As suas outras irmãs já são falecidas?**

\_\_\_\_\_ É duas que trabalhavam lá foram, a lone e a Eunice. Já faleceram. Faleceram nova as minhas irmãs. Aí eu tenho 2 sobrinhas que são professoras, a Adione Kaplum que trabalha aqui na cidade, trabalha na APAE e a Priscila que trabalha em Minas Gerais, foi morar pra lá e passou no concurso do Estado lá e tá trabalhando lá. Ela trabalhou, ela trabalhou em Mauá, que ela morava aqui, ela trabalhou em Mauá e trabalhou na escola Professora Elza Davantel. Depois casou, foi pra Londrina, foi morar em Paranaíba, daí deu aula em Londrina, deu aula uns 4 ou 5 anos lá em Londrina, depois que ela foi pra Minas. Aí foi pegou serviço lá. A filha da Reni também fez magistério, também não conseguiu trabalho de professora. Acho que ela não insistiu muito, tem a escolinha particular aqui também né. Dava pra ela ter procurado em escolinha particular pra dar aula. Não, ela ficou, tá trabalhando no comércio. Fez algum concurso não passou e depois desistiu. Foi trabalhar no comércio. É espero que os nossos, os nossos, a nossa entrevista aqui seja de muita valia pra você, pro teu trabalho. Fico feliz em poder te ajudar.

## APÊNDICE C ENTREVISTA C

### FICHA TÉCNICA

Tipo de entrevista: história oral; memórias

Entrevistadora: Jordana Ferreira de Faria

Pesquisa e Elaboração do roteiro: Jordana Ferreira de Faria e Ednéia Regina Rossi

Conferência da transcrição: Jordana Ferreira de Faria

Local: Faxina/PR

Data: 01/06/2017

Páginas: 18 páginas

Instituição: Universidade Estadual de Maringá – Programa de Pós-Graduação em Educação

ENTREVISTADA: **Professora Hera** – Professora da Casa Escolar Epitácio Pessoa/ Grupo Escolar Epitácio Pessoa (1973 – até os dias atuais)

Entrevista realizada para o contexto da pesquisa:

Dissertação: Mestrado em Educação

Temas: História da Educação do Paraná; História das Instituições Escolares; Memória de Professores; Escola Graduada.

.....

\_\_\_\_\_ Bom, a minha formação eu fiz o 3º grau, eu fiz Geografia e tenho graduação, é pós graduação, 4 pós graduação. E, eu já trabalhei bastante, comecei trabalhar em 73, ainda tô trabalhando né. É em 73 a escola já, ela era muito, eu não trabalhei com todas as séries, quem trabalhava era a minha sogra a Dona Maria de Lourdes, e pra ela foi muito difícil, mas ela conciliou, ela deu um jeito, porque ela tinha muitos filhos e ela teve que iniciar na escolinha justamente pra que os filhos dela continuassem, tivessem como estudar.

\_\_\_\_\_ Porque ela veio de, veio de Curitiba e aqui era só um deserto não tinha escola, não tinha nada. Eles moravam no sítio né, e daí era escola multisseriada, o primeiro ano só ficou primeira série mesmo, aí no segundo já era 2ª e 1ª, no terceiro ano aí 1ª, 2ª e 3º ano e ela sempre trabalhando com todas as turmas. Difícil mas ela conseguiu. Trabalhou durante 7 anos lá no sítio e depois mudaram aqui, foi quando compraram uma casinha que daí chamava-se a Casa Escolar Epitácio Pessoa.

#### **E como que era quando ela começou lá no sítio?**

\_\_\_\_\_ Como que era?

#### **Que a senhora falou que ele construiu as carteiras...**

\_\_\_\_\_ É eles construíram, o marido dela tirou as, a madeira de lá, mandou cerrar na serraria em Faxinal e fez construiu a casa, construiu as carteiras tudo com material deles e daí ela começou trabalhar. E ela, era difícil, ela trabalhava até a parte da manhã ela fazia o serviço, eles tinham gente pra comer na casa, que ela trabalhava, tinha empregados né pra

ajudar no trabalho e depois ela ia trabalhar na escola. Era muito sacrificado pra ela, ela sofreu bastante, mas fez isso e ajudou a comunidade daqui, porque se não fosse assim, todos iam ficar analfabeto né. Aí ela ajudou. Depois que ela trabalhou lá 7 anos, aí ela veio aqui pro Patrimônio. E aqui tinha uma casa que continuou assim, que aí no ano de 62 que eles vieram do sítio. E aí foi quando eu entrei estudar, eu entrei estudei minha 1ª série foi no ano de 62 e eu estudei com ela e a turma toda. Quando eu passei do 1º pro 2º e o 3º ano, quando eu já estava no 3º ano era muito aluno, não cabia mais nessas, nessas salas. Aí o que que ela fez, como não tinha nenhuma outra professora pra trabalhar, ela dividiu assim: um dia trabalhava o 1º e o 2º ano, no outro dia o 3º ano. Então assim, o 3º ano estudava 2 vezes na semana, e o 2º e o 1º três vezes na semana, mas a gente estudou e aprendeu bem. Era muito bom, ela era ótima professora, ela , ela era uma pessoa bem responsável, a gente, era incrível até contar, mas a gente estudava a gente fazia comemoração do dia 7 de setembro, tinha educação física aos sábados, porque naquele tempo tinha aula nos sábados, ela dava educação física, ela dava artes, ensinava fazer trabalhos manuais na escola, tudo isso a gente teve.

### **E a alimentação como que era?**

\_\_\_\_\_ Nos primeiros anos não tinha nada a gente trazia de casa. Mas depois já no, quando mudou daí, que daí mudou da escolinha ali que veio daí o 4ª ano, aí já no 4º ano já mudou, foi feito uma outra escola, uma escolinha pequena também, mas daí já de, era de madeira a escola, ainda a primeira escolinha era de madeira, mas já maior, aí daí teve, foi no ano de 65 tinha, começou a merenda, aí ela, fazia a merenda lá na casa dela e trazia, as crianças dela que traziam um pegando de um lado de uma chaleira, uma enorme de uma chaleira, colocava a merenda ali dentro e quando era qualquer, uma merenda, assim que era só líquida, aí vinha numa chaleira, se não era um caldeirão e eles colocavam assim uma vara e cada um pegava de um lado e traziam lá do sítio que é uns 2km de distância daqui. Aí ela... e foi assim que a gente se virou, uma merenda gostosa, os alunos todos aprendiam muito bem, todo mundo gostava de estudar né e a escolinha foi assim quando eu estudei. E a multiseriada mesmo foi até esse ano de, que eu parei de estudar foi 62, três, quatro, 64. Daí acabou a multiseriada e aí já foi dividido aí arrumaram mais professores e quando eu entrei em 73 aí já não tinha mesmo.

### **Já não tinha mais?**

\_\_\_\_\_ Então eu não, não lembro de, eu não trabalhei assim, mas ela trabalhou e não era difícil, porque ela dava um jeito né, ela dividiu essa turma, era difícil pros alunos né que ficaram, tiveram um pouco menos aula, mas sempre, mas ela deu um jeito.

### **Então, vamos falar um pouco de como era o trabalho da senhora na escola, a senhora falou que começou em 73 e aí como que a senhora organizava, preparava as aulas? A senhora começou em que turma?**

\_\_\_\_\_ Eu comecei numa 1ª série com 40 alunos e eu, eu organizei a minha aula, a primeira vez foi uma professora que já trabalhava, que era a lone, filha da Dona Lourdes e ela que me ajudou é assim preparar as aulas, as primeiras aulas. E ela me ensinou como que preparava, aí a partir dali eu mesmo preparava. E ela ficou comigo na sala acho que uns 3 dias, porque até então eu não tinha feito nada que eu, eu imitava a minha primeira professora. Eu trabalhando no primeiro ano, eu lembro que eu fazia igualzinho a professora tinha feito e eu gostava. Tinha a maior vontade de trabalhar, desde pequenininha tinha vontade de ser professora. Eu já sonhava em ser professora. Aí eu sempre fazia o que eu podia e neste ano que foi o 1º ano que eu trabalhei a 1ª série eu lembro que teve exame na escola e não ficou nenhum aluno, todos passaram. Então eu trabalhei e fiz tudo que era possível aquele ano, porque eu tinha muito medo que eu não conseguisse dar conta né, então eu trabalhei mesmo e dei conta. Aí sempre teve, tinha, era a Dona Lourdes Farias que vinha aqui orientava logo, depois foi ela e ela sempre falava assim pra gente: "Olha,



professor tem que dar conta daquilo que ele tem que ensinar pro aluno, a forma como ele vai ensinar não é tão importante, ele tem que se apegar no que ele deve trabalhar e o aluno tem que saber no final do ano". Até porque tinha o exame né, então tinha que, a criança tinha que saber tudo pra fazer o exame. Então foi assim, sempre tinha alguém orientando ou a gente ia lá em Faxinal daqui, não tinha aqui ninguém que orientasse, mas lá tinha e a gente ia lá. Direto lá.

**E quando a senhora começou trabalhar, a senhora já tinha alguma formação mais específica ou era apenas... o que era?**

\_\_\_\_\_ Olha, na verdade, este primeiro ano que eu trabalhei eu tinha o terminado o 4º ano. Eu fiz o 4º ano e entrei trabalhar, porque não tinha professora pra ajudar. E a professora que tinha antes ela tinha mudado daqui, então não tinha mesmo, eu entrei, mas daí já o... tinha o prefeito, o prefeito era o Dr. Moacir nessa vez, nesta época e ele fez os professores estudarem, ele organizou lá um estudo lá que era eu acho que o nome era o Projeto LOGOS e eu fiz. Aí dali logo já foi fazer a faculdade e sempre fui me aperfeiçoando, porque eu não queria parar. Quando eu comecei muita gente daqui começou e olha ninguém conseguiu continuar, eu continuei.

**Então como que era trabalhar na Casa Escolar e depois no Grupo Escolar?**

\_\_\_\_\_ Olha, não mudou muita coisa, melhorou porque daí a gente tinha mais espaço né, melhorou bastante né, mas e, a diferença quase que não tinha assim os alunos mesmo eles aprendiam da mesma forma, sempre tinha alguns que tinha dificuldade pra aprender, mas não dependia da, eu acho assim, da Casa, né?! Eu acho que dependia não.

**A senhora acha que essa mudança de Casa Escolar pra Grupo Escolar foi bom pra vocês, foi bom pros alunos?**

\_\_\_\_\_ É, você quer dizer, por exemplo, antes era tudo multisseriado junto e depois... ah... foi muito bom, muito bom.

\_\_\_\_\_ Não que fosse muito difícil dar aula junto, mas é, mais foi bem melhor né. Porque a professora mesmo tinha mais, mais tempo pra ensinar aquela turma né. Eu trabalhei o primeira série, depois eu, eu fiquei 18 anos trabalhando primeira série, depois trabalhei segunda série, depois terceira, depois a quarta e trabalhei todas as séries. E.. e eu acho assim que a mudança ajudou muito, sempre pra melhor né a mudança.

**E na dinâmica do funcionamento da escola, o que que mudou ou continuou a mesma coisa, mudou as salas, mudou a arquitetura escolar, depois quem que era diretor, ou a secretaria vinha mais vezes pra cá?**

\_\_\_\_\_ Eles vinham de lá, porque aqui olha nem lembro quando que teve a primeira diretora né, deixa eu ver se for em 90, 82 parece...mais ainda acho, acho que foi em 85 por aí que teve a primeira diretora.

**O cargo mesmo de diretor, mas quem cuidava mesmo era a Dona Maria de Lourdes que tomava conta de tudo?**

\_\_\_\_\_ Ela, ela tomava. Ela ficava, ela era professora, mas ela cuidava.

**E secretaria era lá em Faxinal mesmo?**

\_\_\_\_\_ Secretaria era lá a gente ia lá fazer livro de chamada e fazer o planejamento, era sempre lá. Só lá mesmo e aqui a gente, eu na minha opinião quase que não mudou sabe, só pra melhor, mas não teve assim uma grande mudança.

**De estrutura mesmo? Por que aí mesmo tendo nome de Casa Escolar eles, já tinha o ensino seriado?**

\_\_\_\_\_ Já tinha, então era, foi assim a diferença não foi muito.

**E como que a senhora preparava as aulas, assim depois, vocês tinham, já vinha um planejamento da secretaria de educação ou vocês que entravam e planejava junto as professoras, como que era?**

\_\_\_\_\_ Olha, vinha o planejamento assim do currículo já o conteúdo que era pra gente dar. Esse vinha de lá, aí a gente que, que preparava as aulas conforme, teve muitas é, devido aqui ser escola do campo, teve época que, que o, assim, mudou o calendário, era diferente do da cidade né. Tinha isso também, mudou o calendário e aí a gente trabalhava mais conforme o que era necessário no campo né, o que os alunos precisavam aprender, foi dessa forma, uns tempos. Depois mudou de novo, que tava sempre mudando, mas a gente acompanhou toda a mudança a gente ia, eu participei de todos os encontros que teve, eu nunca faltava, eu sempre ia, se era preciso fazer alguma coisa pra melhorar, pra mudar eu tava lá. E todo o pessoal daqui também, então ninguém ficou assim pra trás, de falar assim, não, aquela escolinha é, é uma escolinha fraca, não, a gente sempre acompanhou e fez tudo que era pra fazer.

**E a Dona Maria de Lourdes, a senhora sabe dizer se ela, o que que ela estudou, se ela fez algum tipo de curso depois, esse projeto?**

\_\_\_\_\_ Ela fez, ela também tinha feito até a quarta série lá onde ela, não, até a quinta série. Ela veio de Curitiba ela fez até 5ª série, daí aqui ela fez, ela estudou um livro que chamava admissão, daí ela fez aquele e foi fazer a prova, era tipo uma... fez uma prova pra ver se passava, aí passou que foi quando ela foi nomeada daí professora estadual. Que antes ela trabalhava pela prefeitura, aí ela foi nomeada professora estadual, depois que ela estudou isso daí, que não sei bem o que que é, mas é admissão que eles falam.

**Entendi.**

\_\_\_\_\_ Aí depois ela começou também, quando o Dr. Moacir quis que os professores estudassem, ela também começou fazer o LOGOS e tava no finalzinho já, mas aí ela aposentou e parou de fazer o estudo né, mas ela estudou também.

**Ah sim, então o projeto LOGOS foi então a chance de vocês darem continuidade na carreira. E como era esse projeto LOGOS? Quem que era responsável?**

\_\_\_\_\_ Foi ótimo. Responsável, era lá em Faxinal. A gente estudava em casa os livros todos que eram muitos livros e era ótimo esse projeto, e a gente ia lá em Faxinal, tinha a pessoa que comandava lá, era a Helena Sales. Depois da Helena Sales tinha a Doralice, que eu não lembro o sobrenome. Que ela foi embora pro Mato Grosso, que ela era professora de didática e a Dona Lourdes ela era monitora que cuidava de tudo, a dona Lourdes não, a Helena Sales e a Sebastiana Sales, as duas, e elas comandavam, muito bem, foi ótimo né. Esse projeto muita gente começou, pouca gente terminou. Porque era bem complicado, depois foi tendo outros, mais *relax*, mas o primeiro foi complicado, difícil.

**E quanto tempo durou esse projeto?**

\_\_\_\_\_ Acho que 3 anos.

**Aí como que era, vocês era toda a semana tinha aula, tinha que fazer planejamento, como que era?**

\_\_\_\_\_ É, a gente, mais ou menos igual aquele que tem agora lá, porque a gente ia toda semana fazer prova e a prova valia 80, se não tirasse 80 tinha que estudar novamente

os livros, é por isso que eu acho que era muito bom, porque você aprendia o que tinha no livro, estudava até aprender e ia lá e se não conseguia alcançar os 80, pode voltar e estudar de novo que você não passou. Aí a gente estudava novamente e tinha até a 3ª pós, aí a gente ia fazer a 1ª, não passou, a 2ª não passou, na 3ª tinha que passar. Se não passasse tinha que abandonar. Foi por isso que muita gente começou e pouca gente terminou. Então era bem difícil né, mas a Dona Lourdes ela não aconteceu isso, ela saiu um pouco antes, mas ela tava quase ni finalzinho. Foi, durou 3 anos né, ela não faltava nem um ano pra terminar quando ela saiu.

**E aqui na escola ela trabalhou quantos anos, a senhora sabe dizer?**

\_\_\_\_\_ Olha...eu acho que ela se aposentou com, ela passou dos 25, trabalhar. Acho quem, trabalhou com, ela se aposentou com 30 anos de serviço. 30 anos. Ela gostava muito de trabalhar, ela era ótima professora e ela tinha amor, sabe?! Daí ela..

**Silêncio...**

**E a senhora, agora fala alguma lembrança que a senhora tenha da escola, alguma coisa que a senhora guarda na memória de alguma coisa antiga...**

\_\_\_\_\_ Coisa boa? Coisas assim muito... que a gente, eu sou acostumada assim, se eu guardo na cabeça é porque foi muito bom ou muito ruim. Porque é foi mais ou menos a gente nunca lembra né.

**O que a senhora sentir a vontade de compartilhar comigo.**

**(Pensando)**

\_\_\_\_\_ Da, na escola, eu não sei né. Porque tem uma coisa que eu num esqueço de contar que todo mundo que foi quando eu terminei a terceira série, que era a escolinha multisseriada, que eu estudava duas vezes por semana só né, por ser muito grande o número de alunos e a escola muito pequena também né. Se não fosse isso, dava. Aí eu terminei o terceiro ano e aí quando foi ter o quarto ano que mudou para escola nova daí, que ainda é de madeira, duas salas maiores, mas ainda, é, ia ser sozinha daí. Tinha uma professora do quarto ano, do terceiro e eu não lembro, mas acho que o primeiro e o segundo ia ser junto ainda. Mas aí meu pai falou assim: Não, agora você não precisa mais estudar, porque você já fez o terceiro ano e já está de bom tamanho e aí não precisa mais estudar. Aí isso me magoou. Eu sofri muito. Chorei, fiquei triste, mas pensei no momento que ia voltar ao estudo. Eu não vou parar. Mas eu quis falar pro meu pai, porque ele queria que eu parasse, que eu era a mais velha da turma e eu tinha que ficar pra ajudar a cuidar dos irmãos. Aí, a minha mãe teve dez filhos e eu era a mais velha, então eu precisava ajudar. Aí eu fiquei boa, aí eu pensei: bom, no próximo ano a minha irmã sai, que ela ia fazer o quarto ano e eu entro. Beleza. Meu pai não mandou ainda. Depois, uma outra irmã saiu, terminou o quarto ano, saiu. Também, não mandou ainda, e eu esperando que ele mandasse, que eu era muito obediente ao meu pai e a minha mãe. Aí, mais uma terminou o quarto ano, saiu e meu pai não mandou estudar. Aí eu falei pra minha mãe: Ó mãe, eu quero estudar. A senhora pergunta pra ele se eu posso entrar, que se ele falar que eu não posso, eu vou ficar muito chateada. Aí ela perguntou e ele falou que podia. Foi que daí eu voltei pra escola. Daí eu voltei, terminei o quarto ano e logo comecei a trabalhar.

**(Nessa fala a professora ficou muito emocionada)**

**Nossa, então que legal, porque, então essa escola tem uma grande representação na vida da senhora, porque a senhora se alfabetizou aqui, foi uma das primeiras professoras, continua, sua filha trabalha aqui. Então fala um pouco, como que era estudar nessa escola, como foi ser uma das primeiras professoras e como é ta até**

**hoje aqui vendo os frutos do trabalho da senhora, que nunca desistiu do sonho né, de ser professora.**

\_\_\_\_\_ Verdade. Olha, é uma satisfação. Eu amo a escola, amo todo mundo que eu trabalhei, a minha filha que seguiu o meu exemplo, ela também tem o maior prazer em ser professora e eu ainda li num trabalho dela que ela fez uma vez, que ela tinha o maior orgulho da mãe dela e ela nem sabe que eu li o trabalho dela. Mas eu li e ela falou. Eu até nem pensava que era tão importante, sabe. Depois que eu li o trabalho dela que eu achei. Mas eu falei, assim, não tenho mesmo como... Eu sinto muita coisa boa dentro de mim por essa escola, sabe. Também a minha sogra era professora, as minhas cunhadas eram todas professoras né e meu pai sempre falando sobre professora. Eu tinha um orgulho de ser professora e das professoras. Eu sempre acho assim que, professora é aquela que realmente faz a diferença, ensina e ajuda uma comunidade. Porque sem ajuda às vezes a comunidade não vai pra frente. Então eu acho a coisa mais linda do mundo, amo isso e gostaria de viver muito pra me ver, mas não sei né, isso daí não depende da gente né. Mas tomara que continue assim. Que a nossa escola vá, é, ta indo, não ta indo muito bem, mas pode ser que melhore né, porque agora ta dando uma... Todos os lugares tão reclamando né da escola, que os alunos não estão levando a sério. Mas tomara que eles... Eu tenho conversado com os meus aluninhos do terceiro ano sabe, falando a importância da gente aprender pra depois ensinar, porque isso não pode parar, não pode. O ensino tem que continuar, a escola tem que ser a primeira coisa né, na formação do ser humano e pra que melhore tudo. É a base né.

**Agora eu lembrei de uma coisa. E materiais? Como que vocês faziam? Os pais compravam, a prefeitura ajudava ou era a professora que comprava? Como que vocês faziam quando a senhora estudou?**

\_\_\_\_\_ Quando eu estudei, eram os pais que compravam. Tudo que os professores pediam a gente dava um jeito. Todo mundo dava um jeito de comprar. E a gente não tinha livros como tem hoje, livros pra todo mundo. Aí tem livro e só não estuda quem não quiser. Aquele tempo não tinha livros, a gente comprava os livros, caderno, lápis e todo mundo dava um jeito. Todo mundo queria saber, aprender e todo mundo não ficava dependendo de ninguém. E depois, com o passar do tempo, teve uma época que eu lembro que, daí eu era professora, que o pessoal começou a doar livros, doar caderno, a prefeitura... Aí eu acredito que os pais começaram a se acomodar. Isso aí foi uma acomodação. Mas isso aí é culpa de quem começou a fazer isso né, porque... Não era falta. Quando a gente quer mesmo uma coisa a gente consegue, não fica na fiúza dos outros. Quando o pessoal começou a falar: "não vou estudar porque não tenho material", é uma desculpa pra não estudar, na minha opinião. E material, assim... muito material parece que não era tão necessário né. Ela usa o quadro, o giz e os livros mesmo que era comprado, cartilhas, naquele tempo tinha cartilhas e hoje não tem.

**Caminho Suave?**

\_\_\_\_\_ Caminho Suave. Eu aprendi na Caminho Suave, também nos primeiros anos que eu alfabetizei também foi na Caminho Suave. Ótima cartilha na minha opinião. Aquela é a melhor que tem, criança que estuda nela não fica com aquelas falhas de letras, que não sabe nem mais escrever. Essa é a minha opinião.

**Como que era ser professora na década de 70 e ser professora agora? Mudou o jeito que as pessoas te viam, a profissão do professor na sua opinião? Era muito valorizado ou não era muito valorizado? Como que era?**

\_\_\_\_\_ Olha, mudou muito. Naquela época a gente era mais valorizada. Mas também a gente era mais valorizada porque a gente fazia mais trabalho, a gente dava mais... Assim... eu acho que a gente dava mais importância pra ensinar os alunos. A gente era

importante e a gente mostrava o porquê que a gente era importante. E hoje em dia parece que o pessoal tá meio desanimado né, não tá mais com aquela garra que tinha antigamente. Aí parece que hoje mudou muito né. Hoje em dia quando a gente quer trabalhar com os alunos, quanto mais facilidade menos interesse. A gente tava discutindo esses dias, falando “o que que aconteceu? Por que?” Mas é isso né, a tecnologia que entrou e aí parece que a gente já não sabe mais nada né. Pelo menos é o que a turma pensa, os alunos mesmo né. Parece que eles não dão mais importância pro professor porque agora tem... eles podem puxar ali... tem tudo. Pra que professor né? Não é verdade que tava parecendo que não há nem a necessidade de professor mais? Mas só que na alfabetização é muito importante. Porque você pode ver aí, que se alfabetizar no computador não tem como. E um aluno que não é bem alfabetizado, ele vai sofrer pelo resto da vida. Então eu acho assim que o computador vem atrapalhar nessa parte né. Em vez de ajudar, ele tá atrapalhando.

**A senhora comentou sobre datas comemorativas que vocês faziam. Como que era na época em que a senhora estudou o que tinha de comemoração? Sempre tinha ou eram só algumas datas?**

\_\_\_\_\_ Todas as datas comemorativas era trabalhada. Tinha música em cima né. Olha, o descobrimento do Brasil, o dia do Tiradentes, era muito importante. A professora, nossa, como ela falava sobre isso. Como ela deu importância pras pessoas que lutaram para que o nosso país ficasse livre né. Então ela deu muita importância. Era o dia do descobrimento do Brasil muito importante, o dia da escravidão, 13 de maio né. A gente comemorava todas as datas. Muito comemorado por ela. Ensinava música sobre isso, fazia apresentação, teatro, assim sabe. Ela era ótima nisso daí. Nunca deixou passar nenhuma data. Deixa eu ver qual que é a outra data que ela ... ah. Sete de Setembro a gente fazia o desfile aqui na rua, eu lembro disso quando eu estudava.

**E como que foi quando eles decidiram mudar para grupo escolar e construíram daí novo prédio em 78? A senhora lembra de como que foi?**

\_\_\_\_\_ Olha, aumentou muitos os alunos e não tinha mais jeito de estudar em uma sala muito pequena, aí eles fizeram essas duas salas que era ainda de madeira, depois disso eu acho que foi... também passou a ter de quinta a oitava. Aí teve que fazer porque daí foram quatro salas, tinha muito aluno e eles só tinham estudado até a quarta série mas aí não saíram da escola, aí tinha muita gente.

**Que já tinha terminado né? Aí precisou fazer... é esse prédio que é agora?**

\_\_\_\_\_ É esse prédio que é agora, menos uma sala e essa parte aqui tinha quatro salas só e daí deu uma chuva muito grande que destelhou tudo, acabou quase com a escola e quando eles foram fazer a reforma aí já aumentaram mais uma sala né e daí é o que é hoje. Mas devido colocar de quinta a oitava aqui né, que foi um esforço eu acho que foi a Lourdes Farias que se esforçou para fazer isso. Daí foi aumentado e feito de material então essa escola não é tão velha é bem nova ainda antes a gente estudava e trabalhou sempre na escolinha de madeira, que eu até ia trazer uma foto para você ver mas aí eu não achei foto. A Daiane esqueceu de deixar num lugar...

**A senhora acha que o nome “grupo escolar”, ele queria dizer alguma coisa ou continuou a mesma coisa de casa escolar? Ou só mudou o nome?**

\_\_\_\_\_ Olha, eu acredito... Essa pergunta eu até pensei quando eu tava relendo esses dias lá, porque né “Casa escolar”? Eu imagino que era “casa” porque era numa casa, a primeira escola foi feita uma casa. Era uma pessoa que morava lá, com a família, tinha todos os cômodos da casa, aí foi só tirado as paredes. A escola era ali naquela casa, por isso que foi chamado de casa. E depois grupo... (pensando) grupo escolar, aí seria porque tipo, tinha mais professores, torna um grupo né, de professores. E antes era uma professora só. Imagino que seja isso. Mas eu não tenho certeza. Porque grupo era maior né e hoje já é

escola. Mudou o nome várias vezes. Agora essa pergunta eu creio que só a dona Lourdes só... e ela já não está mais no nosso meio.

**E as colegas da época? Você tem lembranças dos comentários, queixas e elogios a organização do funcionamento do grupo escolar? Que elas falavam sobre? Como que era o dia a dia de você no grupo escolar?**

\_\_\_\_\_ Era normal, não tinha assim... o pessoal achava que tudo era normal daquele jeito e hoje em dia que o povo é mais crítico e qualquer coisa já começa a falar né. Discutir, querer mudar, ou falar que não é certo isso, que não é aquilo. Na época eu acredito que a gente sempre fez tudo certo e não tinha reclamação, não tinha. Todo mundo... a dona Lourdes que era a que dava o comando, se era pra ir em faxinal ela vinha e dava o recado né, quem dava o recado era ela e a gente sempre fez tudo o que era pra fazer e tudo transcorria normalmente, não tinha segredo. Eu achava que aquele tempo era muito bom né, sempre foi muito bom aquele tempo. Só a dificuldade de ter que estudar, eu já era casada, já tinha meus filhos. Mas isso aí a gente sempre entendeu que era assim mesmo.

**E a senhora sabe dizer por que escolheram Epitácio Pessoa pra escola?**

\_\_\_\_\_ Olha, isso daí eu acho que foi uma pessoa que trabalhava lá na prefeitura, que aí a dona Lourdes foi lá pra ver que nome. Ela tava escolhendo um nome e aí esse senhor, que eu não sei te dizer quem é, mas trabalhava lá na prefeitura ele foi quem deu a ideia de por o nome Epitácio Pessoa. O Epitácio Pessoa foi um ex-presidente né. Aí tinha o porquê que ele queria que pusesse esse nome, mas eu não to lembrada. Não me lembro mesmo.

**A senhora falou dos exames que tinha final do ano. Aí quem que aplicava esses exames? Como que era?**

\_\_\_\_\_ Havia os professores, o pessoal do departamento de educação lá de Faxinal. Ou às vezes eles também passavam em uma outra escola, vinha um professor de outra escola e vinha fazer na outra escola. Todas as escolas tinham, tinha esse exame. Eu mesma nunca fui em outra escola fazer, mas vinha professor de outra escola aqui e juntamente com o pessoal, com a secretária, com a diretora do departamento, que naquele tempo chamava de diretora, hoje é secretária. Elas que vinham aplicar, a professora nem ficava na sala. Eu não lembro quando que acabou, mas não faz tanto tempo assim. Eu lembro bem da turminha minha que foi a última vez que fizeram o exame. E foi a Lourdes Farias que veio aplicar esse último exame que teve, daí mudou. Eu achava bom, eu preferia que fosse daquele jeito. Eu gostava, nunca achei ruim não.

**E porque que não teve mais exame? Por que mudou pra Grupo escolar?**

\_\_\_\_\_ Não, não é. Porque foi uma reviravolta que fizeram no ensino mesmo, porque lá em Faxinal também tinha exame e nunca teve. Então são essas mudanças que há no ensino né, aí tiraram. Acredito que eram alguns professores que reclamava né, reclamação de alguns professores que achavam que aquilo era muito difícil, tipo... Sei lá né... Sempre teve reclamação, o pessoal sempre arruma uma desculpa pra tudo e daí reclamava. Eu gostava muito, eu fazia a minha parte e depois é uma coisa, o aluno passou, beleza. Não passou, a gente fez o que pode e hoje em dia tem aquele negócio, deixa o aluno passar sem saber, empurrou. Naquele tempo não era assim, ele passou porque ele realmente tinha que passar. Sou a favor de: aluno não aprendeu, ele tem que ficar mais um ano pra tentar ver se aprende. Se ele passar sem saber, do primeiro ano pro segundo, ele nunca mais vai alcançar. Ele pode até aprender um pouco, mas nunca mais vai ser a mesma coisa.

**E a senhora falou que quando a senhora tinha educação física aos sábados, que era a própria Maria de Lourdes que dava. E depois, quando a senhora trabalhou como**

**professora, a senhora que dava aula de educação física e as outras aulas ou vinha algum outro professor?**

\_\_\_\_\_ Não, a gente mesmo. A gente tinha todas as disciplinas e a gente trabalhava um dia da semana a educação física e as outras também, artes né... Era assim, tudo misturado... Como é que fala? até esqueci a palavra. Tinha um nome pra isso... Esqueci.

**Vocês faziam o que nessas aulas de educação física?**

\_\_\_\_\_ A gente ensinava mais ou menos assim, mais alongamento né, relaxamento e alguma coisa mais simples, porque a gente sempre soube que não pode ficar trabalhando coisa muito pesada com criança. Então a gente fazia mais essa parte de psicomotricidade, que naquela época era outro nome. Mas era a mesma coisa, a gente trabalhava isso, trabalhava... Com a dona Lourdes mesmo eu nunca vou esquecer que ela tinha aquela de pular... distância né... A gente pulava, tinha cabo de guerra e outra que era de altura também. Então eram essas três coisas que eu nunca vou esquecer que a gente fazia. E a gente gostava muito das aulas de educação física porque a gente saía da sala e ia na rua fazer sabe, a escolinha na rua lá mesmo, então ficava no meio da rua fazendo educação física.

**Então quer dizer que era uma escola isolada, era um escola multisseriada, só que até um ano só. Mesmo tendo o nome de Casa Escolar, a escola já tinha uma professora para cada série?**

\_\_\_\_\_ Não. Quando era Casa Escolar era só a dona Lourdes mesmo. Só quando mudou para Grupo escolar que já tinha daí a professora do quarto ano, que foi bem no ano que eu tinha terminado o terceiro ano, então foi dois, três, quatro, 64 que ainda era multiseriado, daí 65 já... aí que foi pra Grupo escolar.

**Então ficou Grupo Escolar mesmo não tendo essa construção que tem hoje?**

\_\_\_\_\_ Mesmo não tendo já era Grupo Escolar. E lá, enquanto era multisseriado era Casa Escolar.

**Então... Acho que é isso. A senhora quer falar mais alguma coisa que a dona Maria de Lourdes contava, alguma coisa que ela te falou... como que era?**

\_\_\_\_\_ Olha, o que eu sei né, da escolinha quando era no sítio, que os alunos que iam daqui né, iam e se reuniam em um grupo né, que o sítio era uns dois quilômetros né, mais eu acho, uns dois km e meio mais ou menos. Aí a criançada ia e no meio do caminho brigava, ficavam brigando e dava trabalho, os pais reclamava, mas aí não tinha o que fazer, porque eram eles que iam lá né, eles é que tinham que aprender que não podia ficar brigando, jogando... Eles pegavam sementes na beira de estrada e ficavam jogando um no outro e aqueles que jogavam mais o outro coitado ficava lá no meio do tiroteio de sementes, na época tinha aquelas mamona na beira de estrada e eles jogavam mamona, abóbora, você conhece? Tem espinho, eles jogavam nos outros. Aí ela disse que era bem difícil, aí quando mudou pra cá na vila ficou muito melhor, os pais tavam querendo que mudasse também, por causa das brigas dos alunos na estrada, que isso tem mesmo.

**A ideia de criar a escola partiu da dona Maria de Lourdes mesmo?**

\_\_\_\_\_ É, ela que.. partiu dela. Porque aqui não tinha escola, os filhos dela crescendo, e ela tinha dez filhos, aí ela falou: como que meus filhos vão ficar tudo analfabeto? E é porque ela também tinha vindo de uma cidade grande, porque os daqui, nem estava aí. Porque os moradores daqui estavam tranquilos sabe, e nem pensavam nessa possibilidade de que poderia ter uma escola aqui. Aí ela teve essa ideia, o marido ajudou e os dois construíram a casa, e daí com a ajuda da prefeitura, porque a prefeitura

que pagava ela no início e daí fez tudo que era preciso fazer pra abrir a escola sabe? Foi conversar com o prefeito, daí ele permitiu e ajudou no que fosse possível e deu tudo certo, graças a Deus.

### **Pausa.**

\_\_\_\_\_ Essa época quando mudou né aqui pro grupo que foi quando o pai tirou eu da escola e eu fiquei muito triste, porque eu ia estudar em escola nova, aí não pude. Mas dali três anos eu vim. E eu acho interessante que dos meus irmãos, eu fui a única que estudei, que era a mais velha... Os outros que podiam ter estudado tranqüilo, não ligaram de estudar. Eu não sei.. eu acho que foi por causa disso, só porque meu pai não queria que eu terminasse que eu fiz questão de terminar. A gente é teimosa mesmo né.

### **Mas valeu a pena né?**

\_\_\_\_\_ Valeu, nossa. Eu dou graças a Deus. Essa parte aqui é a aprendizagem dos alunos, essa aqui é, já foi respondido né? É... Tudo normal.. Que o que importa é a gente querer, quando a gente quer, vou te falar uma coisa viu, se você quiser, pois você consegue, de uma forma ou de outra. A gente nunca pode desistir. Porque dá tudo certo no final, sempre tem uma luz no fim do túnel. A gente encontra dificuldades né, mas dá um jeito, passa tudo por cima e deixa pra trás.

### **E os alunos? Qual é sentimento em relação a eles?**

\_\_\_\_\_ Olha, seu gosto muito das crianças e eu tenho... Assim, eu vejo hoje... teve uma época que eu achava que os alunos não dava valor pra gente. Mas eu vejo assim, que eu faço a minha parte e só pra melhorar eles, eles ficaram bons devido a gente viver em uma comunidade e todo mundo vivendo bem, aprendendo bem, sendo bem inteligente, a comunidade caminhando bem, tudo vai bem. Não adianta eu ter as minhas coisas, eu viver bem se os outros estão vivendo mal, então eu faço a minha parte. Se eles não reconhecer, não tem problema, deus sabe, deus me conhece. Eu sempre faço assim, sem pensar em receber, eu só faço a minha parte, não importa se eu vou receber bem. Eu não quero receber não, mas não importa que eles não dêem valor. E é isso né, as crianças que eu vejo que tem potencial, que eu conversava, queria que eles aprendessem pra ser profissional bom, eles desistiram e eu fiquei muito triste sabe, muito triste. Mas a gente não pode fazer nada né, depende deles.

### **E a senhora fez a graduação quando, de geografia?**

\_\_\_\_\_ Geografia eu terminei em 92 (\*telefone tocando\* não era pra ta ligando essa hora aqui, né?) O que é que você perguntou?

### **A senhora fez a graduação em 90 e..?**

\_\_\_\_\_ É, foi que eu terminei em 92, dali pra lá eu fiz mais pós-graduação. Eu fiz quatro pós. Sempre pra ver é... Porque daí os alunos foram ficando mais preguiçosos, mais desligados né, a partir dessa... a partir do 2002... Eu percebi a mudanças das crianças pra estudar, pra aprender, principalmente de quinta a oitava. Eu ficava desesperada, ficava pensando: o que ta acontecendo? Eu que não sei mais trabalhar? aí eu fui fazer as pós. Fiz psicopedagogia, pra poder entender melhor os alunos, fiz a de... Aquela... Uma eu já fazia tempo que eu terminei, terminei a faculdade e já fiz didática, eu fiz didática. Depois eu fiz Escola do Campo e mais uma outra que é pra entender a mente das crianças mesmo, que é aquela da Mônica... como que é aquela?



Saúde Mental?

\_\_\_\_\_ É, da saúde da cabeça mesmo. E eu fiz essa pra poder entender, porque eu tava ficando muito preocupada. Aí eu vi que realmente tinha uma mudança no comportamento da criança mesmo de hoje, não é... Sei lá o que que acontece né... Mas a criança de hoje é diferente da criança daquele tempo né, muito, mas muito diferente né. Então a gente que trabalhou naquele tempo e trabalha hoje, vê mudança no comportamento da pessoa né, enquanto que naquele tempo era muito mais fácil colocar alguma coisa na cabeça da criança, ela gostava de estudar. Hoje ela não interessa mais e isso desde a primeira série, eu percebo desde a primeira série. Então, eu fui fazer essas pós pra poder entender e hoje eu entendo melhor. Foi bom pra mim, porque eu tava ficando até doente, o que ta acontecendo? Aí eu vi que realmente a mudança no comportamento da criança daquele tempo pra esse e a gente tem que se adaptar, pra poder continuar trabalhando certo, não pode desistir. Porque hoje eles precisam mais da gente do que naquela época, porque hoje a gente está com muita dificuldade. Naquela época a gente tinha em 100 alunos, um que tinha dificuldade e hoje é quase ao contrário gente, pensa numa coisa difícil de trabalhar hoje em dia, de entender porque ta acontecendo isso né. Você vai ser professora?

**Uhum, já sou né.**

\_\_\_\_\_ Você já trabalha?

**Não, eu já trabalhei.**

\_\_\_\_\_ Então, você tem feito seus estágios e tem visto como que é a criançada. Eu conversando coma turma um dia desses eles falaram assim: bom, hoje em dia ta difícil né, mas o pessoal já é desse tempo, então eles não vão entender melhor a gente que acha difícil porque naquele tempo era diferente e a gente quer que continue. E os tempos mudaram, então não tem como ser... Eu sinto muito porque eu acho que mudaram pra pior.

**É mesmo.**

**Risos**

\_\_\_\_\_ Tem mais alguma coisa será? É só isso do aprendizado dos alunos mesmo... É isso aí o que eu disse, na minha opinião. Pode ser que ninguém mais ache isso né, cada um tem seu pensamento né.

**É, achei interessante a parte quando a senhora estudou na escola multisseriada. Fala mais um pouquinho mais especificamente, que tinha dois dias de aula e depois era outra série?**

\_\_\_\_\_ É, segunda era o primeiro e o segundo ano, terça era o terceiro ano que estudava, quarta, o primeiro e segundo, na quinta, o terceiro e na sexta o primeiro e segundo. Portanto, o terceiro antes só tinha dois dias de aula e isso era permitido devido a não ter espaço e nem professora, só tinha uma professora. Daí não tinha espaço, não tinha como ela por mais alunos dentro da sala. Isso lembro que foi um ano assim. Daí que o prefeito veio, veio até assistir a professora trabalhando, viu e falou: não, vamos mudar. Daí que construíram a escola, eu acho que foi o... nessa época quem construiu o grupo escolar foi o... (pensando) esqueci o nome do prefeito... Alcides... Dealcides (não entendi o sobrenome)... viu e achou...

**E construiu daí a casinha de madeira só que aí com duas salas?**

\_\_\_\_\_ Isso. Com duas salas grandes, que daí mudou pra Grupo Escolar. Aí não era mais casa escolar eu acho. Não... Não era. Em 78 que ele fez isso. Foi bem isso mesmo, que eu comecei a trabalhar em 73. Essa época mudou pra... Mas não ta certo não...

**Então, eu também não to entendendo. Porque no PPP da escola ta que em 78 mudou pra Grupo Escolar com a construção de um novo prédio.**

\_\_\_\_\_ Então de certo o prédio velho, que era de madeira, ainda era casa escolar.

**E foi o Dr. Moacir que deu a autorização pra construção do grupo.**

\_\_\_\_\_ Dr. Moacir?

**Uhum.**

\_\_\_\_\_ É que eu lembro que aqui começou em 65, então foi a reforma então... Já foi a de madeira, o de material que foi em 78, porque foi em 65 que passou pra cá, não era mais aquela casa de família lá que foi comprada. Mas sim sala própria pra escola né, que foi em 65 que foi feito, então essa nem consta lá, já mudou pro... é... e esse aqui aconteceu mesmo daí, daí foi feito de material, e o tamanho que é hoje é por causa da chuva que deu, eu não lembro que ano que foi. E daí então, e foi nesse ano de 78 que fizeram a de material né, que a outra ainda de madeira, mas essa acho que nem tem o registro... Será que tem?

**Não, dessa não.**

\_\_\_\_\_ Onde você leu isso?

**Eu achei nos documentos da secretaria de educação a autorização dele, aí eu tirei foto e por isso que eu vi.**

\_\_\_\_\_ Foi no ano de 78?

**78.**

\_\_\_\_\_ Hmm. Mas a Casa Escolar que foi o "Cide" foi essa de 65, foi essa a primeira que passou da casinha que tinha lá pra cá, essa é a do Cide. Que ele era primeiro, antes do Dr. Moacir, então essa aqui de 78 que foi a do Dr. Moacir. Primeiro foi o Cide, o primeiro, depois do Pedro né, da Luz. Primeiro que foi é o Pedro que nomeou a dona Lourdes pra trabalhar, daí foi Cide, saí foi o seu Ismael, daí foi o Cide de novo, daí o seu Ismael, pra depois o Dr. Moacir. Então de certo ele já passou, aquela primeira era Casa Escolar. Isso aí de Casa Escolar e grupo escolar que é meio complicado sabe, é meio confuso né. Mas isso aí não vai ter importância né.

**Pausa**

\_\_\_\_\_ Acho que é só isso mesmo né? Aqui tem essa pergunta: você continuou ensinando vários alunos né. Sempre tem muito aluno, hoje que não tem, hoje tem pouco aluno. O terceiro ano mesmo tem muito pouco aluno, naquele tempo era escola cheia. Teve época que era duas turmas de primeira série e hoje dá o que vê. Mas é... isso aí é coisa que acontece mesmo porque naquela época, todo lugar, o sítio tinha mais gente. Hoje é na cidade que tem mais gente. Aqui tem a pergunta: na época você entendeu a alteração para grupo escolar como positiva ou negativa? Positiva né... Positiva. Aqui se você aprovou, claro, foi aprovado, todo mundo queria né.

**Pausa**

\_\_\_\_\_ Na época os alunos eram muito mais assim... Não era igual hoje, que as crianças não se incomoda mais de estudar, todo mundo entrava pra sala, ninguém matava

aula, todo mundo tinha um compromisso né. Também voltavam pra casa e iam trabalhar às vezes né, estudava de manhã e trabalhava. Hoje eles não tem compromisso nenhum, eles não precisam fazer nada, então porque eles tem que se matar pra estudar né? Pensa se não mudou pra pior né, a aprendizagem mudou pra pior, agora a escola mudou pra melhor, com a construção do grupo, mas a aprendizagem, vou te falar viu.

**Verdade.**

\_\_\_\_\_ Acho que ta bom, se eu falar mais aqui é perigoso eu falar demais.

## APÊNDICE D ENTREVISTA D

### FICHA TÉCNICA

Tipo de entrevista: história oral; memórias

Entrevistadora: Jordana Ferreira de Faria

Pesquisa e Elaboração do roteiro: Jordana Ferreira de Faria e Ednéia Regina Rossi

Conferência da transcrição: Jordana Ferreira de Faria

Local: Faxina/PR

Data: 01/06/2017

Páginas: 5 páginas

Instituição: Universidade Estadual de Maringá – Programa de Pós-Graduação em Educação

ENTREVISTADA: **MARIA APARECIDA KUHL** – Professora da Casa Escolar Epitácio Pessoa/ Grupo Escolar Epitácio Pessoa (1966-1971)

Entrevista realizada para o contexto da pesquisa:

Dissertação: Mestrado em Educação

Temas: História da Educação do Paraná; História das Instituições Escolares; Memória de Professores; Escola Graduada.

\_\_\_\_Olá Jordana. Tudo bem com você? Aqui conosco está tudo bem, graças a Deus. É o seguinte: Meu nome é Maria Aparecida de Abreu, que na época quando eu iniciei lá era Maria Aparecida Kuhl. Aí então, em 71 eu casei, e o meu sobrenome Kuhl, saiu, e tive o sobrenome de casada que é do meu esposo Luis de Abreu. Realmente eu iniciei é...é...trabalhando lá no 66 e fui até a ano 70, se eu não me engano, aí fui transferida pra a escola lá do sítio do... do falecido meu sogro, Manuel Paulino de Abreu. Que é onde eu lecionei até 74, se eu não me engano. É. Minha escolaridade é 1º grau. Sabe? Porque aí eu vim embora onde eu terminei o restante dos estudos, mas lá era 1º grau.

**Dona Maria nos arquivos eu encontrei o registro do nome da senhora como professora até 1971, tá certo? Então, é que aqui eu encontrei a senhora geralmente trabalhou com a 1ª série. Quando a senhora começou a trabalhar na Casa Escolar, a senhora tinha quantos anos e qual que era a sua formação escolar naquela época?**

\_\_\_\_Na época, eu iniciei com 16 anos de idade e a minha formação que eu tinha quando eu iniciei era o primário apenas, depois que eu fui fazer o, continuar o estudo do primeiro grau, e terminei aqui.

**Ah, que bacana. Quando a senhora começou a trabalhar na casa escolar Epitácio Pessoa, a senhora chegou a trabalhar em classe multisseriada? Que é uma turma constando várias séries diferentes?**

\_\_\_\_\_ O seguinte, é, na época quando eu iniciei em 66, eu iniciei com o primeiro ano, ou primeira série digamos assim, e era de, de classe como na época eles falavam, a classe A, B e C. Certo? Só o primeiro ano. Isso eu lecionei até, realmente, você falou que eu não tinha certeza não lembrava mais de 70 a 71, eu, eu fui transferida em 71, depois que eu casei, pra outra escola. Certo?

**Ah, então geralmente a senhora só trabalhou com a primeira série, não tinha outras séries na classe?**

\_\_\_\_\_ Realmente na Epitácio eu trabalhei só com a 1ª série, mas muitas vezes eu ajudava, ajudava a falecida Dona Lourdes Sontag a trabalhar de 1ª a 4ª série. Ajudando ela, certo? E na outra escola sim eu trabalhei de, com a 1ª, 2ª, 3ª e 4ª.

**Então a senhora trabalhava só com a 1ª série, mas as outras professoras trabalhavam com a série multisseriada, né?! Não tinha assim só uma professora para cada série? Era uma professora para outras séries também?**

\_\_\_\_\_ Era, quando eu entrei, era apenas a Dona Lourdes, tinha a professora Marta que ela até mora em Faxinalzinho, e eu fui substituir uma professora que eu não lembro o nome dela, que foi transferida, se eu não me engano, pra Apucarana. Aí, a Dona Lourdes estava sozinha, então eu comecei a trabalhar e acho que dois ou três anos depois, eu ajudava ela, porque ela tinha muitos alunos, então, eu dava aula pros meu alunos, dava tarefa e ia ajudar ela na, nas atividades das outras turmas com ela. Da 1ª a 4ª série.

**Como que a senhora organizava as suas aulas?**

\_\_\_\_\_ Seguindo o programa que eles passavam nós mensalmente, certo? É... que sempre... é... na época existia, não sei como que é hoje, mas nós tinha o programa do mês, então você seguia aquilo e eu ainda fazia, é... diário de todas as aulas que eu passava pros alunos, desde a classe A até a C. Tudo! Tudo! Tudo! Diversificado, além do mais, no programa não tinha pra que a gente ensinasse, é, desenho e nem caligrafia. E isso eu coloquei por conta própria. E até, até fui elogiada pela caligrafia que meus alunos obtiveram lá. Que inclusive tenho alunos que hoje já são casados, que tem uma caligrafia muito linda, que fui eu que ensinei. Certo?

**E como que era a escola quando a senhora começou trabalhar? Já era no Patrimônio de Faxinalzinho? Não era mais no sítio da Dona Lourdes?**

\_\_\_\_\_ Não era mais no sítio dela, mas sim, é... ao lado do campo de futebol, que onde hoje é o colégio, né?! Mas na época era aquela escola de madeira duas salas de aula apenas e tinha um varandinha apenas na frente da sala da dona Lourdes. Era simples, sabe?! Aí anos depois, aí que fizeram, um puxado no lado assim nos fundos da escola pra fazer uma cantina, pra merenda pros alunos. Em Faxinalzinho isso foi. Realmente.

**E no começo, vocês tinham que fazer tudo: preparar as aulas, limpar a escola, fazer a merenda? Como que era o dia a dia de vocês?**

\_\_\_\_\_ Realmente, cada turma tirava um dia pra fazer a faxina na escola. E... não tinha merenda, então cada um levava sua merenda, quem podia, porque na época, poucos podiam né. Mas, aí com o passar do tempo a gente foi conversando com a secretaria da educação, pra que eles ajudassem pra que fosse conseguido fazer esse puxado pra ter a cantina e merenda pros alunos. Aí a gente batalhou em cima disso e conseguimos.

**E nessa estrutura de madeira eles tinham um banheiro adequado, como que era?**

\_\_\_\_Na época não existia nada, sabe?! Aí de tanto a gente batalhar porque, ou... eu sempre fui meio "crica" (risos), então falava: precisamos disso, precisamos... porque do lado dos fundos era só mato, a criançada ia pro mato. Eu falava: - Mas isso não existe?! - Até que também a gente conseguiu uma patente, simples, lá fora, como se chamava na época "casinha". Certo?

**A senhora falou já um pouquinho, mas como que era a fiscalização, vocês tinham orientação do trabalho? E o programa, como que era organizado? Já vinha pronto pra vocês? Como que era essa parte assim da Inspeção de Ensino?**

**A senhora chegou a trabalhar com aquele livro vermelho de Planejamento do Ensino Primário?**

\_\_\_\_Então, desde que eu entrei a trabalhar lá, era sempre, nós tínhamos reunião mensal na secretaria né, em Faxinal, e aonde eles davam todos os programas né?! E todo o trabalho pra gente seguir. E quem era a Inspectora ou Secretária era a do Iany de Oliveira, se eu não me...não me...esquecei, mas acho que era de Oliveira. Certo?

\_\_\_\_Sim, Jordana. Cheguei a trabalhar com esse livro e com outros que daí eles também é, mandaram a gente comprar. Porque nós comprava e eles mandavam. E eu trabalhei muito nisso daí. Eu tinha todos eles. Até quando eu vim embora tinha muito tempo guardado, certo? Mas aí quando a gente foi fazer, reformar a nossa casa, os pedreiros queimaram sem a minha ordem.

**Então na verdade a escola era por responsabilidade do município. Quem pagava vocês era o município, não era o Estado?**

\_\_\_\_É. Realmente eu era de trabalhava pelo município e a responsabilidade era deles não pelo Estado.

**Nos arquivos eu vi que vocês seguiam o calendário agrícola tipo P. A senhora sabe ou lembra como que era, esse calendário agrícola, tipo P, que vocês tinham que seguir?**

\_\_\_\_Era o calendário que você seguia de segunda a sexta-feira, só que daí, eu ainda concluí o sábado de manhã, trabalhava com eles no sábado de manhã, que era o dia em que eu fazia um sábado desenho, só aula disso, fazia é...criava muitas histórias com eles, fazendo trabalhos sobre isso e no próximo sábado então eu fazia caligrafia. Sempre trabalhando e fazendo perguntas com eles. E na horta, essas coisas, a gente daí começou bem depois.

**Então esse calendário escolar, seguindo o calendário agrícola tipo P, então não seria que vocês seguiam é, o que estava sendo plantado na época em Faxinalzinho? E aí por isso que vocês tinham as férias diferentes? Será que seria isso?**

\_\_\_\_É, na época quando eu iniciei até não lembro que ano foi, que daí, nós não seguia esse calendário, pelo seguinte: porque a escola não tinha cercado, então não tinha nem como nós seguir esse calendário. Porque a comunidade na época era bem pobre e o povo não conseguia ajudar e o município não ajudava também pra cercar para que a gente seguisse o calendário agrícola. E porque tinha muita criação solta também, então era mais ou menos, eu não lembro certo o ano que daí eles procuraram fazer cerca, onde daí nós demos seguimento é...com o calendário agrícola, fazendo horta e plantando tudo que se é plantado na região. Certo? Jardim essas coisas...tá?

**Então, como a senhora foi transferida em 1971, a senhora não acompanhou essa mudança de Casa Escolar para Grupo Escolar que foi em 78. Só que nos arquivos eu verifiquei que em muitos, em muitas atas, assim de matrícula está escrito "Casa**

**Escolar" Epitácio Pessoa, outros já está só "Escola" Epitácio Pessoa, mas como que vocês identificavam, identificavam como Casa Escolar mesmo? Ou era só a Escola? Em 68 eu vi que estava "Escola Integrada", a senhora lembra porque seria Escola Integrada?**

\_\_\_\_\_Deixa eu pensar....

Eu não me recordo muito bem, mais desse tempos, mas o que eu lembro, mais ou menos, que eles viviam é...até a gente ficava é...nervoso com eles, porque eles viviam mudando as situações da escola e isso deixava a Dona Lourdes muito, muito brava, nervosa, porque uma hora era escola integrada, depois era casa escolar, depois era escola, mas teria que ter uma definição e até que enfim eles colocaram Escola Epitácio Pessoa, no final. Só que eu não lembro o ano.

Viu Jordana, a Escola Integrada, que eles falavam, era multisseriada. Que era o Grupo Escolar, que a gente teimava com eles pra eles definissem corretamente o que a gente teria que passar pros alunos. Eles ficavam mudando cada pouco um a coisa diferente da outra, né?!

**Ah, certo. Entendi.**

**E mesmo a senhora trabalhando só com a primeira série, as outras professoras trabalhavam daí com séries multisseriadas? E como que foi, porque aí no começo era só a Dona Lourdes, daí chegou a senhora, a professora Marta, a Eny, aí foram outras professoras...e aí como que era, vocês davam aula, é...duas turmas, duas professoras numa sala só, porque só tinha duas salinhas na escola, né?! E como que vocês organizavam, assim, pra dar certo com as salas de aula?**

\_\_\_\_\_Então, quando eu entrei era só a Dona Lourdes e essa professora, e daí, e a Marta. Só que daí era umas turmas pela manhã e outras a tarde. Aí quando eu fui substituir essa professora que foi embora, aí eu fiquei sempre trabalhando a tarde. A Dona Lourdes vinha pela manhã e aí onde que a Eny entrou pra ajudar ela. Só que é...2º ano, 3º ano e 4º ano eram poucos alunos, certo? Aí quando eu entrei, no primeiro ano que eu comecei a trabalhar, eu tive, se eu não me engano, se eu não lembro bem se 47 alunos ou 57. Só primeiro ano e assim foi aumento. Aí foi aumentando as outras turmas com mais alunos, né?! Aí então, no final, não lembro que ano, que a Eunice, filha dela, também entrou a trabalhar, que trabalhava com 4º ano.

**Mas a senhora chegou a dar aula numa sala de aula com a sua turma e na mesma sala outra turma, de outra professora?**

\_\_\_\_\_Não, cada um tinha a sua sala, que era só duas salas né. Então a tarde eu ficava com a sala onde a Dona Lourdes trabalhava, que é essa salinha que você, que você tem a foto ali da escola onde tem a varandinha na frente e a Marta ficava na outra.

**E vocês faziam datas comemorativas, tinha comemoração de dia das mães, semana da pátria, essa coisas? Como que vocês faziam?**

\_\_\_\_\_Lembrei Jordana, que de manhã, a Dona Lourdes, eles dividiam as turmas dela, dela e da Eny, e davam juntas e a Eunice na outra sala, 4º ano.

Sim, fazia. Nós se reunia, aí então reunia todas as turmas, é...todas as datas...dia das mães, dos pais, é, as datas comemorativas da, da, da, da pátria,é, todas né?! E... fazia no sábado, depois do almoço, daí. E sempre a gente ensinava, né?! Os cantos...Daí nós reunia, que nem eu a tarde, era eu e a Marta, nós reunia a turma e ensinava os hinos Eu ensinei tudo. Tudo! E todos eles sabiam, e de manhã a Dona Lourdes fazia a mesma coisa. Pra nós aí fazer todas as comemorações nas datas certas, mas aí era todos juntos reunidos, no sábado a tarde. Como você viu uma festinha que foi feito, que foi tirado as fotos ali, esse, essa maior foi num domingo.

**E a senhora gostaria de ter estudado mais, de ter feito mais, algum tipo, alguma outra formação, nessa época, quando a senhora começou a trabalhar lá na escola?**

\_\_\_\_\_ Logo que eu comecei a trabalhar, eu não, não estudei, eu comecei a estudar.... é... acho que foi em 68, 69, eu não lembro mais. Nós fazia aquele curso, que... não era, era parecido o supletivo, que eu nem lembro o nome agora. E eu estava fazendo até que a gente veio embora, aí não pude terminar lá, aí eu vim entrei e terminei aqui com o supletivo. E daí, eu comecei o 2º grau, depois aqui, e aí fiquei grávida da Kátia, daí eu tive que parar, porque aí ela já veio com o problema da paralisia, então, daí parei de trabalhar e de estudar. Mas a minha, a minha vocação, quer dizer, não é vocação, o... que eu desejava de ser, na época, meu sonho era estudar Direito, mas não consegui, porque eu preferi deixar de tudo e cuidar dela.

**Ah, que legal. Se a senhora tiver mais alguma lembrança, de como era trabalhar na Casa Escolar Epitácio Pessoa nessa época, alguma coisa que a senhora lembra que aconteceu de diferente na escola, a senhora pode ficar a vontade pra contar:**

\_\_\_\_\_ Ó Jordana, que eu lembro, que assim, pra mim, é, é, é uma coisa de grande importância que ficou marcado e isso marca até hoje, com os alunos que eu tive que até temos primos que moram em Faxinalzinho, é o que marcou muito eles, porque eles não tinham, não era feito e isso não constava no programa, que eu já te falei que era a caligrafia, mas é, como eu te disse, eu fazia também desenhos, eu fazia, é cartazes e eu nunca me esqueço que eu fazia cartazes pro dia das mães e dos pais, formando como se fosse uma casinha, um janela e ensinava eles fazerem pra dar presente pros pais. Então eu era muito criativa e ensinava eles, e aí os outros foram aprendendo, e as outras professoras vinham e falavam pra mim: -Mas como que você faz isso?- Eu disse: -Isso é criatividade da gente-, então eles foram pegando o jeito e foram também fazendo, mas fui eu que comecei e tem uma passagem que aconteceu com a Dona Iany que não lembro que ano foi, que foi feito prova final, que na época, eles diziam exame final, foi reunido todas as turmas, da da manhã e da tarde e ela dividiu numa sala só pra fazer o exame final de todos. Então daí ela dividiu de cada professora, duas filas de carteira de assim sucessivamente. Aí ela ficou olhando aluno por aluno e aí veio e falou pra Dona Lourdes: - Puxa vida! Mas que crianças que tem uma caligrafia linda, aquela turma ali, foi você que ensinou?- Daí ele disse não, não fui eu, foi a Maria, a Maria Aparecida. -Mas não pode, eu achei que era você-. Daí um dos meus alunos disse: - Não senhora, é a Dona Maria que ensinou nós e nós sabemos fazer direitinho, por isso nós temos a letra bonita. - Foi o menino que falou pra ela. Ai a Dona Lourdes confirmou - Não, é a Maria que ensina -. Porque um dia eu estava ensinando no sábado, ela foi lá constatar que eu estava dando aula, que estava fora do programa. Eu disse: - Eu venho, não me custa nada, sei que eu não recebo isso, mas o quero ensinar eles-. E ela não queria que eu fizesse isso. Eu disse -Eu vou fazer porque eles gostam e porque é bom ter uma caligrafia melhor e mais bonita. Eu disse:-Se agora a senhora faça o favor, olha a caligrafia dos meus alunos e olha a dos outros, porque eles seguem corretamente o programa de vocês que deixa muito a desejar. E eu acrescento, então por isso que elas estão começando igual, aonde que daí ela deixou. E por ali, por esse caminho, Jordana, a escola começou a desenvolver, a desencadear aquilo que tava parado, certo?!

**Nossa, que legal, então a senhora mobilizou as outras professoras a começarem a ensinar desenho e caligrafia. Que legal. Dona Maria, eu acho que é isso, tá?! Eu agradeço muito a senhora por ter colaborado com o meu trabalho, dando o seu depoimento, falando sobre a sua vivência como professora na Casa Escolar, tudo que a senhora viveu e pode ter certeza que ficará registrado por meio do meu trabalho, além de estar registrado na memória de muitas pessoas, ficará registrado no meu trabalho a sua contribuição pra educação de Faxinalzinho.**



\_\_\_\_\_ Obrigada Jordana, que Deus abençoe muito você, que você seja feliz no teu TCC e toda a sua caminhada e espero que eu tenha contribuído naquilo que eu me lembrei, né?! Tudo de bom pra você, espero que você possa aproveitar o pouco que eu pude passar pra você que eu me lembro. Deus abençoe você, tudo de bom!  
Pra mim é uma honra, uma alegria, uma felicidade, poder te ajudar e eu torço por você, peço a Deus, e a Katia também torce por você, peço a Deus que abençoe você e que você seja muito feliz no teu estudo, no teu trabalho, na tua formação como educadora, certo? Que seja muito feliz mesmo! Eu fico feliz e muito honrada.

APÊNDICE E ATAS DE REUNIÕES PEDAGÓGICAS DAS ESCOLAS DE FAXINAL (1970-1978)

<b>Data da reunião</b>	<b>Participantes<sup>58</sup></b>	<b>Assuntos<sup>59</sup></b>
29 de Outubro de 1970	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Supervisora da C.N.A.E. <sup>60</sup> - Professores - Serventes	Dias letivos; Dia do professor; Calendário agrícola; Incentivo de criação da A.P.P. ao menos nas casas escolares <sup>61</sup> . Que Cruzmaltina e Altamira sirvam de exemplo, pois já funciona a associação nessas casas escolares.
Não consta		
27 de Novembro de 1970	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Supervisora da C.N.A.E. - Professores Estaduais - Professores Municipais - Serventes	Ano letivo de 1971 (De acordo com o calendário agrícola – início em setembro e término em junho de 1971); Férias natalinas (18/12 a 06/01/1971); 14 de dezembro – aniversário de Faxinal; 19 de dezembro – dia do Paraná; Recolhimento do Resumo mensal; Distribuição do Programa bimestral; O Calendário escolar utilizado é o agrícola tipo P; Provas bimestrais; Exames finais; Deveres dos professores; Merenda escolar; Alimentação; Higiene.
Câmara Municipal		
07 de Janeiro de 1971	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Supervisora da C.N.A.E. - Professores - Serventes	Leitura da ata anterior; Distribuição do programa bimestral; Prova bimestral de acordo com o calendário agrícola tipo P; Exames finais; Merenda escolar; Higiene. Trabalhar muito e com entusiasmo para podermos elevar o nome de Faxinal. “Eduquemos estas crianças que estão sob a nossa responsabilidade”. Incentivo aos professores e merendeiras para que atendam as crianças com carinho e dedicação.
Câmara Municipal		

<sup>58</sup> Os nomes dos participantes constam no quadro da mesma forma em que aparecem nas atas de reuniões pedagógicas.

<sup>59</sup> Os assuntos foram sistematizados de acordo com a leitura e análise das atas de reuniões pedagógicas da Inspeção Municipal de Ensino de Faxinal.

<sup>60</sup> C.N.A.E. = Campanha Nacional de Alimentação Escolar.

<sup>61</sup> A.P.P. = Associação de Pais e Professores.

15 de Fevereiro de 1971	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores	Criação da A.P.P.; Entrega de alimentos pela C.N.A.E.; Participação do prefeito do município para que todas as unidades escolares recebam a merenda.
Não consta		
27 de Março de 1971		Dias letivos; Feriados; Provas bimestrais; Semana da Alimentação; Alimentos protetores; Hábitos saudáveis; 10 mandamentos da saúde; Higiene pessoal e nas habitações; O escolar protegendo a saúde; Cada casa de aluno plantar uma horta; Notas; Homenagem às mães.
Inspetoria Auxiliar de Ensino	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores	
30 de Abril de 1971		Livros de chamada; Diários de lições; Provas bimestrais; Dias letivos; Feriados; Data da próxima reunião; Exames nas escolas e casas escolares; Data de término do ano letivo; Férias; Organização da relação das escolas e examinadoras para a realização dos exames.
Inspetoria Auxiliar de Ensino	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores	
15 de Setembro de 1971		Deveres dos professores; Responsabilidades dos professores e o êxito dos alunos que depende dos mesmos; Professores devem dar bons exemplos a seus alunos; Dias letivos; Feriados; Programa anual; Higiene pessoal; higiene na habitação; higiene na escola; Alimentação escolar; Semana da Alimentação.
Inspetoria Auxiliar de Ensino	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Supervisora da C.N.A.E. - Professores	
27 de Outubro de 1971		Dias letivos; Dia da Proclamação da República; Higiene e ordem nas escolas; Professor deve dar bons exemplos; O professor é o espelho do aluno; Uso de guarda-pó para todos os professores; Alimentos; Campanha sobre alimentação; Prova bimestral; Próxima reunião.
Inspetoria Auxiliar de Ensino	Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Supervisora da C.N.A.E. - Professores	
30 de Outubro de 1971		Reunião das Serventes; Responsabilidade das serventes;
Inspetoria Auxiliar de Ensino	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município	

Inspetoria Auxiliar de Ensino	Município - Serventes	Preparação dos alimentos; Limpeza e cuidado com as crianças no pátio.
26 de Novembro de 1971	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Supervisora da C.N.A.E. - Professores	Dias letivos; Férias natalinas; Provas bimestrais; Resumo mensal; Cada professor recebe as questões formuladas e possui o programa; Frequência do professor; Visita da Inspetoria em todas as escolas até o final do ano; Merenda escolar; Higiene; Alimentação; Folhas de movimento da merenda escolar; Data da próxima reunião (trazer resumo, livros de chamada encapados e diários de lições).
Inspetoria Auxiliar de Ensino		
15 de Dezembro de 1971	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Supervisora da C.N.A.E. - Professores - Serventes	Leitura da ata anterior; Deveres dos professores; Pontualidade; Uso do guarda-pó; Higiene da sala de aula e dos alunos; Cuidados com o material escolar; Horta escolar na casa do aluno e na escola; Plantação de árvores frutíferas; Alimentação; Higiene no preparo dos alimentos; Preparo da horta; Desejo de Feliz Natal e Próspero Ano Novo.
Inspetoria Auxiliar de Ensino		
30 de Junho de 1972	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores	Leitura da ata anterior; Ata nos livros; Incentivo a todos os professores a tirar a Carteira profissional e sanitária; Férias.
Inspetoria Auxiliar de Ensino		
24 de Novembro de 1972	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores	Provas bimestrais; Matrícula inicial dos alunos; Data da próxima reunião; Material escolar; Os professores devem ensinar os alunos a amar a Deus e ao próximo; Número de alunos; Data da próxima reunião.
Não consta		
31 de Agosto de 1973	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores - Serventes	Reunião das serventes: Higiene nas escolas; Cuidados com o preparo da merenda; Horário; Pontualidade; Carinho com os escolares; Responsabilidade das serventes.
Não consta		
31 de Agosto de 1973	- Inspetora Auxiliar de Ensino do	Leitura da ata anterior; Resumo mensal;

Não consta	Município - Professores - Serventes	Livro de chamada; Provas bimestrais; Alimentação escolar; Higiene; Dia 7 de setembro.
20 de Setembro de 1973	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores - Supervisora da C.N.A.E.	PROCARTA <sup>62</sup> ; Campanha Nacional da Alimentação Escolar; Higiene do aluno; da casa do aluno e da escola; Pontualidade de professor e aluno; Reunião mensal na Inspetoria Auxiliar de Ensino; Resumos estatísticos; Dia da criança; Dia do professor.
Inspetoria Auxiliar de Ensino		
7 de Dezembro de 1973	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores	Leitura da ata anterior; Resultado dos exames; Classes de 4ª série somente em casas escolares e grupos escolares; Como fazer o ditado para os alunos; Ensinar problemas matemáticos com ilustrações; Identificar a matéria que o aluno tem mais dificuldade e ensiná-la; Festa do dia do município (fazer cartaz convidando a população); Período de férias; Matriculas; Próxima reunião.
Não consta		
1973 <sup>63</sup>	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores	Leitura da ata anterior; Resumo mensal para o dia 20 de cada mês; Livro de chamada; Aperfeiçoamento de professores; Data dos exames finais.
Inspetoria Auxiliar de Ensino		
30 de Janeiro de 1974	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores	Dificuldades dos alunos identificadas por meio dos exames; Matricula; Resumo final; Comparecimento às reuniões; Qualquer dificuldade recorrer à inspetoria; Preenchimento de boletins; Dificuldades das matérias durante o ano; Organização do diário de aula.
Colégio São Domingos		
15 de Março de 1974	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores	Assunto Federal: padronização do uso do uniforme no Brasil; Exigência do uniforme para os alunos iniciantes; Problemas dos professores em cada bairro; Livros didáticos adotados de acordo com a série; Entrega de boletins e calendários; Transferência de aluno; Posse do novo Presidente do Brasil Ernesto
Inspetoria Auxiliar de Ensino		

<sup>62</sup> O PROCARTA – Programa da Carta Escolar - foi um programa cujo objetivo era a realização de pesquisas sobre dados escolares desenvolvidos nos anos de 1974/1975 (PEREIRA, 2015, p. 44).

<sup>63</sup> Esta reunião consta apenas como sendo do ano de 1973.

		Geisel; Data da próxima reunião.
10 de Maio de 1974	Inspetoria Auxiliar de Ensino - Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores - Serventes	Resumo mensal; Uso do guarda-pó para professores e serventes; Uso do uniforme; Limpeza em sala de aula; Higiene; Alimentação; Provas mensais; Dia de reunião (entrega de livro de chamada e diário de lição); Data da próxima reunião.
28 de Junho de 1974	Inspetoria Auxiliar de Ensino - Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores	Entrega de livros de chamada; Diário de lições e provas bimestrais para serem vistas; Uso de guarda-pó e uniforme; Modelo de requerimento para cancelamento de descontos; Resumo mensal (quem não mandar ficará sem pagamento); Transferência de alunos; Novo programa para alimentação escolar; Hortas; Data da próxima reunião.
31 de Julho de 1974	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores	(Ata datilografada) Estatísticas devem ser feitas de acordo com o livro de chamada; Frequência de alunos na época de colheita; Seguir as questões dos livros que serão adotados- questões de prova; Transferência dos alunos; Data da próxima reunião.
Não consta		
30 de Agosto de 1974	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores - Supervisora da C.N.A.E.	Provas (deverão ser enviadas ao departamento corrigidas e assinadas); Método de tabelas; Os professores surpreenderam com a participação na reunião apesar do mal tempo; Semana da Comunidade (inauguração de hortas escolares; A.P.P.; cursos práticos; palestras; entrevistas; debates e minicongressos); Merenda escolar; Relatório das atividades da Semana da Comunidade.
11 de Outubro de 1974	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores - Supervisora da C.N.A.E.	Solicitação aos professores do número de alunos que farão os exames finais para que as provas fossem mimeografadas; Documentos dos alunos que concluirão o ensino primário; Preparação e mentalização dos alunos para os exames finais; Resumos feitos de acordo com os livros de chamada; Não transferir alunos no mês de outubro; As provas só serão devolvidas depois de

		revisadas e assinadas pela Inspeção; Provas bimestrais; Dia da criança, Distribuição da merenda escolar.
07 de Novembro de 1974	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores - Supervisora da C.N.A.E.	Relação nominal dos alunos (os que foram transferidos, os que abandonaram e os frequentes); Documentos dos alunos que concluirão o ensino primário; Chamada dos alunos em idade escolar; Entrega da ata dos exames para o preenchimento; Data do exame final; Merenda escolar; Data da próxima reunião.
Inspetoria Auxiliar de Ensino		
05 de Dezembro de 1974	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores	Exames finais; Entrega de boletins; Matrícula para o ano letivo de 1975; Contrato; boletins de frequência; Índice de exames; Boa apresentação da professora na escola com seus alunos; Leitura; Escrita; Limpeza; Entrega das atas escolares; Nome dos alunos presentes em outubro de novembro.
Câmara Municipal		
27 de Janeiro de 1975	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Diretor Geral de Ensino - Professores da 1ª série	Problemas existentes nas escolas; Levantamento do material de cada escola; Distribuição do material necessário para o ano letivo; Distribuição e explicação dos programas para o bimestre; Data de início das aulas; Próxima reunião; Preenchimento dos boletins.
Grupo Escolar Ouidor Pires Pardiniho		
27 de Janeiro de 1975	- Inspetora Municipal - Diretor Geral de Ensino - Professores da 1ª série	(Ata datilografada) Recontrato para os professores e contrato para os professores novos; Problemas de cada escola; Levantamento do material de cada escola; Distribuição do material necessário ao ano letivo; Orientação aos professores novos das escolas que só tem 1º ano; Documentação dos professores; Distribuição e explicação do programa do bimestre; preenchimento de boletins; Data da próxima reunião; Data de início das aulas.
Grupo Escolar Ouidor Pires Pardiniho		
06 de Março de 1975	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores	Horário escolar (4 horas e para as escolas com 3 períodos 3 horas e 15 minutos); Distribuição de calendários, Folhetos sobre o currículo e programas; Uso do uniforme escolar; Adesão de uma Kombi pela Inspeção Auxiliar de Ensino;
Câmara Municipal		

		Problemas nas escolas; Próxima reunião e entrega do programa para o 1º bimestre.
06 de Março de 1975	Inspetoria Auxiliar de Ensino - Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores	Horário escolar (4 horas e para as escolas com 3 períodos 3 horas e 15 minutos); Distribuição de calendários, Folhetos sobre o currículo e programas; Uso do uniforme escolar; Adesão de um Kombi pela Inspetoria Auxiliar de Ensino; Problemas nas escolas; Próxima reunião e entrega do programa para o 1º bimestre.
05 de Março de 1975	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Serventes	Reunião com as serventes: Deveres das serventes; Não chegar atrasado ou sair antes do horário; Não ocupar-se de trabalhos estranhos no horário de trabalho; Não interferir no trabalho dos professores.
Não consta		
08 de Abril de 1975	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores - Serventes	Entrega e discussão do programa bimestral; Entrega das questões de provas bimestrais a serem aplicadas; A escola; As serventes; Visitas às escolas; Feriado.
Escola Normal		
08 de Maio de 1975	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores - Supervisora da C.N.A.E.	Problemas de cada escola; Levantamento do material existente e necessidades de cada escola; Distribuição e explicação dos programas para o bimestre; Leitura de Resolução da SEED nº 29/75; Merenda escolar.
Escola Normal		
04 de Junho de 1975	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município	Recolhimento e orientação sobre as provas bimestrais; Transferência de notas para o boletim; A inspetoria deve estar ciente das transferências dos alunos; Professores que começaram a trabalhar em março não terão férias; Data da próxima reunião; Data do curso de merenda escolar; A partir desta reunião o funcionamento da inspetoria será à tarde (12h às 18h).
Sala do Legislativo Municipal		
06 de Junho de 1975	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores - Serventes	Programa bimestral; Correção de provas; Transferência de alunos; preenchimento do boletim sem rasuras; Todos os alunos devem receber o boletim; Higiene na sala de aula; Pontualidade para professores e alunos; Tratar os escolares com carinho; Cardápio e higiene na alimentação escolar.
Inspetoria Auxiliar de Ensino		



14 de Agosto de 1975	Câmara Municipal	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores	Responsabilidade dos professores pelo movimento de sua escola; Uniforme de alunos e professores; Limpeza da classe; Métodos de caligrafia; Visita às escolas pela Inspetoria; Dia 7 de setembro.
26 de Setembro de 1975	Câmara Municipal	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores	Responsabilidade dos professores; Higiene na escola; Visita às escolas; Dia da criança; Dia do professor; Data da próxima reunião.
15 de Dezembro de 1975	Inspetoria Auxiliar de Ensino	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores	Resultados dos exames (aprovação de 70% dos alunos); Descanso para os professores trabalharem com coragem e amor no próximo ano Desejo de Feliz Natal e Próspero Ano Novo.
15 de Janeiro de 1976	Prefeitura Municipal	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores	Horário de trabalho das escolas que funcionam um ou dois períodos; Uniformes; Matrículas; Resumos; Associação de Pais e Mestres; Data do curso de treinamento (onde serão tratados os assuntos para o ano letivo).
18 de Março de 1976	Prefeitura Municipal	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores - Serventes	Aproveitamento do aluno em todos os sentidos, como também do professor; Tudo deve girar em torno da criança; "A nossa criança precisa de amor"; Boletins e sua importância; Transferências de alunos; Material em convênio com a INL; Conservação do material; Necessidade de amor para com as crianças; Documentações; Preparação dos alimentos.
13 de Maio de 1976	Inspetoria Auxiliar de Ensino	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Supervisora da C.N.A.E. - Professores	Orientação geral dos boletins; Resumo; Provas; Bilhetes; Reclamações; Horário de trabalho; Transferências; A.P.P.; Higiene pessoal; Higiene da sala de aula; Hortas e árvores frutíferas; Alimentação variada.
30 de Agosto de 1976	Câmara Municipal	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Supervisora da	Provas bimestrais; Semana da Comunidade; Programa de Alimentação Escolar; Relatório sobre a Semana da Alimentação;

	C.N.A.E. - Professores - Serventes	Cotas para a alimentação escolar; Semana da Pátria; Desfile Cívico; Uniforme dos alunos.
31 de Outubro de 1976	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores	Chamada escolar para o perímetro rural; Data dos exames nas escolas e examinadoras; Boletins; Revisões de conteúdos.
Câmara Municipal		
04 de Novembro de 1976	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Autoridades Municipais - Professores - Supervisora da C.N.A.E.	Retrospectiva do ano letivo; Ata final; Fechamento de boletins; Chamada; Livro de chamada; Dias letivos; Supervisora da merenda escolar e funcionárias da Inspeção na contagem de dados e explicações.
Churrascaria São Paulo		
08 de Novembro de 1976	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município Professores da zona rural	Na reunião anterior choveu muito e os professores não compareceram. Foram tratados dos mesmos assuntos.
Não consta		
15 de Dezembro de 1976	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores - Serventes	Aprovação do ano em curso; Entrega e orientação do calendário escolar; Comentários sobre o ano que se finda; Escala de férias das serventes das casas escolares; Desejo de um Santo Natal e Ano Novo.
Inspetoria Auxiliar de Ensino		
03 de Fevereiro de 1977	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores	Início das aulas; Calendário escolar; Matrícula; Resumo mensal; Comparecimento às reuniões; Preenchimento de boletins; Problemas de cada escola; Levantamento do material de cada escola; Distribuição e explicação do programa; Data da próxima reunião.
Inspetoria Auxiliar de Ensino		
01 de Abril de 1977	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores e Serventes das Escolas Estaduais Rurais	Calendário escolar de acordo com a Inspeção Regional de Ensino; Obrigatório comparecimento às reuniões; Preenchimento de boletins; Criação da A.P.P. Nas escolas; educação alimentar; Data da próxima reunião.
Inspetoria Auxiliar de Ensino		
20 de Abril de 1977	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores e serventes dos Grupos Escolares e Escolas Estaduais	Entrega das provas bimestrais para aplicação; Preenchimento do boletim e histórico do aluno; Vantagens das aulas planejadas; Higiene na merenda escolar; Deveres das serventes; Provas trimestrais.
Não consta		

	Rurais	
20 de Maio de 1977	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores e Serventes das Escolas Estaduais Rurais	Leitura da ata anterior; Circular nº 08/77 – edital de chamamento; Provas bimestrais; Fichas individuais dos alunos; Educação alimentar; Deveres das serventes; Data da próxima reunião.
Escola Normal		
20 de Junho de 1977	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores e Serventes das Escolas Estaduais Rurais	Leitura da ata anterior; Leitura do Ofício nº 11/77 sobre o Serviço Militar; Distribuição de exemplares do ensino militar e do Estatuto do Magistério; Distribuição e explicação dos livros de chamada; Higiene; Data das provas; Data da próxima reunião.
Escola Normal		
01 de Agosto de 1977	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores - Serventes	Leitura da ata anterior; Leitura das circulares recebidas; Declaração ou atestado de vaga; Dia da ave; Distribuição do programa para o segundo bimestre; Campanha de mudas florestais; Deveres das serventes; Data da próxima reunião.
Não consta		
02 de Setembro de 1977	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores	Leitura da ata anterior; Leitura de Ofícios recebidos; Comentário sobre a reunião realizada na Inspeção Regional de Ensino sobre o B.F.; Professoras da 4ª série – trazer fotocópia da certidão de nascimento de seus alunos; Após os exames finais fazer uma lista com o nome dos alunos reprovados e ausentes.
Não consta		
19 de Setembro de 1977	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores - Supervisora do MOBREAL	Datas comemorativas dos meses de outubro (dia da árvore; início da primavera; dia do funcionalismo público; dia do aviador; semana da comunidade; dia da ave; dia da criança; dia do professor; Entrega das provas do 3º bimestre para aplicação; “Hora do Lazer”; Deveres das serventes; Data da próxima reunião; Convite às pessoas alfabetizadas a participarem dos cursos do MOBREAL.
Inspetoria Auxiliar de Ensino		
28 de Fevereiro de 1978	- Inspetora Auxiliar de Ensino do Município - Professores - Supervisora da C.N.A.E.	Calendário escolar; Dias letivos; Leitura das circulares recebidas; Programa de Educação Alimentar; Higiene na escola e no lar.
Inspetoria Auxiliar de Ensino		

**Fonte:** Quadro sistematizado pela autora de acordo com o Livro-Ata de Reuniões Pedagógicas (1970-1987) /Secretaria Municipal de Educação de Faxinal

## **ANEXOS**

## ANEXO A ORAÇÃO DA MESTRA DE GABRIELA MISTRAL

## A ORAÇÃO DA MESTRA

GABRIELA MISTRAL

Senhor! Tu que ensinaste, perdoa que eu ensine; que tenha o nome de mestra, que tiveste sôbre a Terra.

Concede-me que minha escola seja meu único amor e que nem mesmo a chama da beleza possa roubar-lhe minha ternura de todos os instantes.

Mestre, faze em mim duradouro o fervor, e transitório o desencanto. Arranca de mim este impuro desejo de justiça que ainda me perturba — a mesquinha insinuação de protesto que se eleva de mim quando me ferem. Que não me doa a incompreensão nem me entristeça o esquecimento daquelas que ensinei.

Concede-me que eu seja mais mãe que as próprias mães, para poder amar e defender, também, o que não é carne de minha carne. Que eu chegue a fazer de uma de minhas meninas o meu verso perfeito, e nela eu Te deixe minha mais penetrante melodia, gravada para quando meus lábios não mais cantem. Mostra-me ser possível a prática de teu Evangelho em nosso tempo, para que eu não renuncie ao combate de todos os dias e de tôdas as horas por êle.

Faze descer sôbre minha escola democrática o resplendor que pairava sôbre tua ciranda de meninos descalços.

Faze-me forte, mesmo no meu desvalimento de mulher, e de mulher pobre; faze com que eu despreze todo poder que não seja puro, tôda pressão que não tua vontade ardençe sôbre minha vida.

Amigo, acompanha-me! Sustém-me! Muitas vezes, sômente a Ti terei a meu lado. Ainda que minha doutrina seja mais casta e mais candente minha verdade — não contarei com os que se ocupam de coisas mundanas; mas Tu, então, me apertarás contra teu peito, que tanto conheceu de solidão e de samparo. E em teu olhar, sômente, é que buscarei a doçura das aprovações.

Dá-me singeleza e dá-me profundidade; livra-me de ser complicada ou banal em minha lição de cada dia.

Concede-me que eu levante os olhos de meu peito ferido, ao entrar de manhã em minha escola, e que não carregue à mesa de trabalho minhas pequenas preocupações materiais, e as mesquinhas dores de tôdas as horas.

Torna leve minha mão quando eu castigue, e faze-a ainda mais suave em meu afago. Que eu repreenda sofrendo, para saberem que corriji, amando!

Permite-me que faça de espírito a minha escola de tijolos, e que a chama de meu entusiasmo envolva seu átrio e sua sala desguarnecida. Sirva meu coração mais de coluna e seja minha vontade mais ouro que as colunas e o ouro das escolas ricas.

E, ao fim, recorda-me, de tua palidez na tela de Velázquez, que ensinar e amar intensamente sôbre a Terra — é chegar ao dia derradeiro com a lança, de Longinos cravada no peito, lado a lado!

\* Longinos — Legionário romano que lanceou Cristo crucificado.